

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

JOSÉ DANIEL DA SILVA

**“FESTAS BÔAS” DE CARUARU-PE:
DA CONCEIÇÃO À CAPITAL DO FORRÓ (1950-1985)**

RECIFE, 2010

JOSÉ DANIEL DA SILVA

**“FESTAS BÔAS” DE CARUARU-PE:
DA CONCEIÇÃO À CAPITAL DO FORRÓ (1950-1985)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História do Norte e Nordeste.

Orientador: Prof. Dr. Severino Vicente da Silva

RECIFE, 2010

Silva, José Daniel da

**“Festas boas” de Caruaru-PE : da Conceição à capital do
forró(1950-1985) / José Daniel da Silva. -- Recife: O Autor, 2010.**

162 folhas, il., fig.

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
CFCCH. História, 2010.**

Inclui bibliografia e anexos.

**1. História. 2. Festas populares. 3. Festa junina. 4. Carnaval. I.
Título.**

981.34

CDU (2. ed.)

UFPE

981

CDD (22. ed.)

BCFCH2010/112



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO ALUNO JOSÉ DANIEL DA SILVA

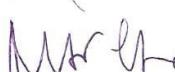
Às 9h30min. do dia 13 (treze) de agosto de 2010 (dois mil e dez), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora para o julgamento da defesa de Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno **José Daniel da Silva** intitulada "**'FESTAS BÓAS' DE CARUARU-PE: DA CONCEIÇÃO À CAPITAL DO FORRÓ (1950-1985)**", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "**APROVADO**", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Severino Vicente da Silva (orientador), Antonio Paulo de Moraes Rezende e Maria Angela de Faria Grillo. A validade deste grau de Mestre está condicionada à entrega da versão final da dissertação no prazo de até 90 (noventa) dias, a contar a partir da presente data, conforme o parágrafo 2º (segundo) do artigo 44 (quarenta e quatro) da resolução Nº 10/2008, de 17 (dezessete) de julho de 2008 (dois mil e oito). Assinam, a presente ata os professores supracitados, o Coordenador, Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, e a Secretaria da Pós-graduação em História, Sandra Regina Albuquerque, para os devidos efeitos legais.

Recife, 13 de agosto de 2010


Prof. Dr. Severino Vicente da Silva


Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende


Prof. Dr. Maria Angela de Faria Grillo


Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho


Sandra Regina Albuquerque

Aos meus pais, Dona Áurea e Seu Biu de Calu, por todo amor e ensinamentos transmitidos durante uma vida inteira de luta, companheirismo e vitórias.

Aos meus irmãos Lourdes, Israel, Evani, Da Paz, Aurecí e Pedro, pela parceria nesta longa estrada que a vida proporciona.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Biu Vicente, pela receptividade e amizade.

AGRADECIMENTOS

Durante o percurso de meus estudos na Pós-Graduação, contei com a valorosa ajuda de diversas pessoas, algumas mais próximas, outras menos, mas, todas, de forma significativa, contribuíram para minha empreitada.

Meu agradecimento inicial vai para meu orientador, o Prof. Dr. Severino Vicente da Silva, que com sua sapiênciia e paciênciia, indicou-me caminhos teóricos e metodológicos para a pesquisa. Tenho, também, agradecimentos especiais aos professores do Departamento de História que ministraram algumas das disciplinas que cursei, inclusive como aluno especial: Antônio Paulo Rezende, Marc Hoffnagell, Tânya Brandão, Durval Muniz, Antônio Montenegro e Sílvia Cortez, bem como a Sandra e os demais funcionários da Secretaria do Programa de Pós-Graduação e do CFCH. Agradecimento enorme aos meus companheiros de turma: muitas saudades eu sentirei, em especial, de Patrícia, Lydiane, Iris, Emanuelle, Viviane, Janine, Hugo, Rogério, Mateus, João, Dimas, Cláudio, dentre outros. A Iranílson Buriti e Elizabeth Christina Lima, da UFCG, pela receptividade e respeito. Ao CNPq, agradeço pelo valioso auxílio através da bolsa de estudos, que em muito ajudou na aquisição de materiais e custeio das viagens Caruaru-Recife-Caruaru.

Daqui de Caruaru, devo muito às cobranças, auxílios e companheirismo de Josué Euzébio, Adilson Filho, Jaílson Pereira, Rosário Silva, Veridiano Santos, Gilvano Vasconcelos, Maurício Soares, , Ricardo, André Gustavo, Adjair Alves,bem como ao pessoal da graduação na Fafica: Mayrielle, Guilherme, Jorge, Maysa, Eraldo, Salete, Synara, Mércia. Complemento com os meus companheiros de trabalho da Favip:Candice, Robson, Júlio, Valdecy, Marconi, Magno, Marilene, Socorro, Victor, Fátima, Marjony, Mauricélia, Roberto, Djalma, Graça, Valdonílson, Taciano e demais professores e funcionários.

Tive, também, o auxílio e compreensão dos companheiros de trabalho do Colégio Diocesano, dentre eles Carminha e Leonardo (pelo incentivo e correções), Dilma, Valderez, Augusta, Kleison Duque, Ana Patrícia, Monsenhor Olivaldo, Aleir, Gilva, Mário Menezes (in memorian), Cacilda, Wêdja, Amélia, Giovana, Kleber, Rogério, Margaret, Euda, Marco Aurélio, Ilka, Menelau, Maria Alves, Adriana, Paulo Davi, Eraldo, Luciano, João Luís, Adimário, Beto, Jaílson, André, Cláudia, Joel, Diva, Suely, NevinhaTabosa, Nevinha Andrade. Um agradecimento especial, no colégio, para meus amigos Monica Pereira, Nilton

Augusto, Ynah Souza, Natanael “Paulista”, Gabriel Faustino, Carlos Soares, JonhCleidson, Marcelo Bezerra.

Agradeço aos funcionários do Jornal Vanguarda, da Biblioteca Pública Estadual, ao Arquivo Público Municipal, do Ceped-Fafica pela atenção e disponibilidade em conceder informações. Agradeço aos amigos virtuais José Torres Bezerra e Giácomo Mastroianni, NealdoZaidan, Ivan Galvão, Heleninho Torres, Anastácio Rodrigues e Gustavo “Madruga”, pelas informações repassadas. Agradeço as preciosas informações concedidas nas entrevistas realizadas com José Almeida, João Luís, Ivan Bulhões, Souza Pepeu (in memorian), Amaro Silva (in memorian), Severino Antônio, Helena Vasconcelos e Bernadete Silva. A Hérlon Cavalcanti pelas informações e materiais, a Hélder Vasconcelos (in memorian) pelo acervo musical, a Carlos Sá e família Lira pelos acervos iconográficos. A Alberes, pelas transcrições.

Nestes tempos todos, a torcida de amigos de outras datas e outros locais foi bastante perceptível: para começar, minhas “protetoras” Renata e Jéssica Mendes, Maryelly, Priscila Gondim, Débora Sobral, Andressa Leal, Ayanne Sobral e Handressa. Muita força me veio de Cássia (Rita) e Italy Martins, Allan, Aymée e Pollyne Medeiros, Laís Carvalho, Andresa Tabosa,Danielle Marinho, Patrícia Freitas, Edmário, Cintia Carvalho, Lane Costa, Sahira Bonfim, Syonara Azevedo, Luciana Neves,Jucy Barros, Isabel, Lu, Cida Professora, Antônio Roque, Flávio Carvalho, Darlane, Rogério e Bela, Edvan, George e Cleber, Francis, Kim e Rony, Zeca e Helena, Clécio Jayron, Moisés, Ricardo Cantarelli, Almir, Santhana, Patrícia Duarte, Rogério Florêncio, Renata Paulina, Aurinha Espíndola, Tânia, Neide, Edivalda, Luzinete, Antônio Cláudio, Pe. Sivonaldo,Pe. Everaldo e a galera do “Nosso Sport.com”. No velho e bom Bairro do Salgado, o companheirismo, amizade e alegria de Laércio, Alexandre, Cleiton, Nílson e Mônica, Lucivaldo e Lucilene, Anderson e Paula, Paulo, Reginaldo, André Feliciano, dentre outros. Agradeço, também, aos meus alunos.

Agradeço o total e essencial apoio dado pelos meus familiares Lourdes, Armando, Thiago, Diego, Denise, Israel, Neide, Elton, Eduardo, Bruno, Evani, Da Paz, Giva, Filipe, Lucas, Aurecí, Raquel, Débora, Pedro, Eugênia, Fernanda, Anninha e, PRINCIPALMENTE, aos meus pais Áurea e Biu, minhas forças. A vocês, todo o meu amor e respeito.

E a Deus, por toda a força e alegria de viver...

*“És caroara, aru, arara
Estás presente onde estou
Caruaru azul palavra
Agreste aceso mon amour*

*Cabeça e membros dos bonecos
Que a mão no barro recriou
A fantasia gênio e crua
Que a mão e a massa vão moldar*

*Quisera os gregos, os chineses e romanos
Terem nos olhos o que temos por aqui
O sol nas frutas
A lúa quase nua
O surreal na palavra dos poetas
Projetando um novo carnaval”*

(“*Caruaru Azul Palavra*”, Carlos Fernando)

RESUMO

Este trabalho reflete sobre três festas caruaruenses e os elementos que levaram a cidade a transformá-las durante os anos 1950 a 1980. Reflete, também, sobre o que levou a sociedade caruaruense a eleger os festejos juninos como seus eventos festivos mais importantes. A cidade de Caruaru passou por grandes mudanças históricas nessa época, acompanhando as modificações brasileiras, fazendo com que diversas de suas práticas fossem reelaboradas e ressignificadas, dentre elas as festivas. Caruaru possuía, até os anos 60, duas festas principais, consideradas tradicionais pela população: “Festa do Comércio” e “Carnaval”. Ambas eram antigas e costumavam movimentar grande parte da população, que se envolvia na brincadeira dos festejos e na sua organização. Seus momentos de maior visibilidade para a cidade foram os anos 50, nos quais houve altos investimentos econômicos em estrutura e propaganda. Após esta data, paulatinamente, estas duas festividades foram sendo diminuídas em sua feitura e significação para a população, acompanhando as mudanças da cidade, tendo suas últimas edições ocorrido nos anos 1990. Por sua vez, houve a ressignificação das festas juninas, transformadas em “festas da cidade”. As festas de São João caruaruenses foram transformadas em atrativo turístico, sendo das mais conhecidas do Brasil. Sua construção como “marca” da cidade remete aos anos 60 e 70, a partir da ação da população, da mídia, dos poderes públicos (níveis municipal, estadual e federal) e das músicas de forró em homenagem a caruaru. Atração turística, a festa junina era vista e mostrada como folclórica, tradicional, sendo a cidade denominada de “Capital do Forró” ou “Maior e Melhor São João do Mundo”, fazendo parte das festas com apelo de “espetacularização”, seguindo a tendência das festas capitalistas das últimas décadas.

Palavras-chave: Festas. Caruaru. Carnaval. Festa do Comércio. Festas Juninas.

ABSTRACT

This paper reflects on three festivals in Caruaru and the factors that led the city to have them changed from the 1950s to 1980s. It also reflects on what made society choose Saint John's Festival as its most important one. The city of Caruaru underwent major historical changes during that time, following changes all over Brazil, causing several of their practices to be overhauled and have new meanings, including the festivities. There were two main festivals in Caruaru until the 1960s, and they were part of people's traditions: "The Commerce Festival" and "Carnival". Both were from long ago and used to involve a great part of the population, which took part in the celebrations and their organization. The time when they were more visible for the city was in the 1950s when there were great investments in their structure and advertisement. After that period, these two festivals were gradually being reduced in its infrastructure and meaning to the people, following the changes of the city, being held for the last times in the 1990s. On the other hand, there was a redefinition of Saint John's festival which was considered "the town's festivity." Such festival in Caruaru was turned into touristic attraction, becoming one of the most famous in Brazil. Its construction as a "brand" of the city goes back to the 60s and 70s, with the help from the population, the media, government (municipal, state and federal) and from the kind of music called forró whose lyrics mentioned Caruaru. Tourist attraction, Saint John's festival was seen and shown as part of folklore and tradition, and the city was dubbed "Capital of Forró" or as "The Biggest and The Best Saint John's in the World", becoming part of the celebrations with an appeal for a "spectacle", following the trend of the capitalist parties in the last decades.

Key-words: Festivals. Caruaru. Carnival. Commerce Festival. Saint John's Festival

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÕES	DESCRIÇÃO	PÁGINA
FIGURA01:	Panfleto de divulgação da “Boxwell& Cia”, 1937	28
FIGURA02:	Panfleto comemorativo da chegada do 1º Bispo a Caruaru, 1949	58
FIGURA03:	Festa do Comércio de 1958	60
FIGURA04:	Festa do Comércio de 1967	66
FIGURA05:	Festa do Riachão e Guararapes, final dos anos 50	69
FIGURA06:	Festa religiosa de Nossa Senhora da Conceição, 2009	74
FIGURA07:	Carnaval na Av. Rio Branco, década de 1920	82
FIGURA08:	Corso na Rua Vigário Freire, década de 1920	83
FIGURA09:	“Motoristas em Folia”, Carnaval de 1944	84
FIGURA10:	Corso na Rua da Matriz, década de 1950	87
FIGURA11:	Corso na Rua da Matriz, década de 1950	88
FIGURA12:	Carro Alegórico/Trio Elétrico, Carnaval de 1966	92
FIGURA13:	São João na Rua 3 de Maio, década de 1970	134
FIGURA14:	Palhoção do Petrópolis, década de 1970	136
FIGURA15:	São João na Rua 3 de Maio, década de 1980	138
FIGURA16:	Troféus conquistados pela família Lira, organizadora das festas na Rua 3 de Maio	138
FIGURA17:	Segunda capa interna do encarte do CD “Caruaru – Capital do Forró” (Paris, França, 1995).	153

LISTA DE TABELAS

TABELAS	DESCRIÇÃO	PÁGINA
TABELA 01:	População por Domicílio – Brasil: 1940 – 2000	24
TABELA 02:	População por Domicílio – Caruaru: 1920 – 1970	25
TABELA 03:	População Urbana Brasileira (em percentuais): 1940 – 1980	25
TABELA 04:	População Urbana de Caruaru (simulação): 1940 – 1970	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SIGLA	Descrição
ACC	Associação Comercial de Caruaru
ACI	Associação Caruaruense de Imprensa
CDL	Clube de Diretores (Dirigentes) Lojistas
CELPE	Companhia de Eletricidade de Pernambuco
CMCL	Cooperativa de Melhoramentos de Caruaru
CNTUR	Conselho Nacional do Turismo
CRAM	Centro Regional de Administração Municipal
EMBRATUR	Empresa Brasileira do Turismo
EMPETUR	Empresa Pernambucana de Turismo
GTDRA	Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento da Região Agreste
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
R.I.T.A.	Assistência Técnica Rural e Industrial
SANBRA	Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
SUDENE	Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	SOBRE CARUARU E FESTAS: PRIMEIRAS PALAVRAS	23
1.1	Caruaru: Um Primeiro Olhar	23
1.2	Festas e Tradições	34
1.2.1	Sobre Festas	34
1.2.2	Brasil: o “País das Festas”	38
1.2.3	As Festas de Caruaru: Tradições, Renovação e Espetacularização	39
2	PRIMEIRAS TRADIÇÕES FESTIVAS CARUARUENSES: A FESTA DO COMÉRCIO E O CARNAVAL	48
2.1	A Festa do Comércio	48
2.1.1	Dos Tempos de Zé Rodrigues à Festa “despejada” (1800 – 1995)	48
2.1.1.1	Nos Tempos de Zé Rodrigues: O Começo da Tradição	52
2.1.1.2	Entre 1900 e 1950: Da “Conceição” Para o “Comércio”	55
2.1.1.3	A Festa nos Anos 50: Nos Tempos do “Brilhantismo”	63
2.1.1.4	As Ressignificações da Festa: o “Adeus” do “Comércio” e a Permanência da “Conceição”	67
2.2	O Carnaval	75
2.2.1	Do “Sacudir Flores” à Busca de “Outros Carnavais”	75
2.2.1.1	Sobre Festas Carnavalescas	76
2.2.1.2	Os Reinados de Momo em Caruaru: Primeiras Décadas do Século XX	81
2.2.1.3	O Carnaval Caruaruense nos anos 50: Quiçá o Melhor do Estado	86
2.2.1.4	A Ressignificação das Festas de Carnaval Caruaruenses: Foliões Saem de Cena em Busca de “Outros Carnavais”	92
3	FESTAS JUNINAS EM CARUARU-PE	101

3.1	Do São João na Roça à Capital do Forró	101
3.2	São João Antigo: Festas Privadas e Festas Rurais	106
3.2.1	Festas Sanjoanescas	106
3.2.2	São João na Roça	109
3.3	A Capital do Forró	115
3.3.1	As Festas Urbanas de Caruaru: Forró, Quadrilhas Matutas e São João na Rua	115
3.3.2	O São João como Festa Urbana: as Festas Juninas de Rua (1962-1985) – “Não mudei meu São João, quem mudou foi a cidade”	122
3.3.2.1	São João de Rua: Festa do Povo, Festa de Todos	123
3.3.2.2	Os Concursos de Quadrilhas e a “Rua de São João”	125
3.3.2.3	“As Rádios de lá saem pelas ruas”	129
3.3.3	“Forró em Caruaru”: “É por isso que Caruaru é a Capital do Forró”	134
3.3.4	Capital do Forró X Capital do São João	154
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	157

REFERÊNCIAS

ANEXOS

INTRODUÇÃO

A escrita da História é uma empresa fascinante. Construí-la, a partir de vestígios do passado, dá a sensação, ao historiador, de estar vivendo momentos de detetive, como lembra Ginzburg (1990). Livros, jornais, fotografias, músicas: o passado, assim como uma mensagem colocada em uma garrafa e jogada ao mar, é revisto pela História, não em sua totalidade, mas, através da versão feita pelo historiador. Os registros do passado falam do passado, porém, repercutem no presente, a partir dos questionamentos do presente. Este espaço entre o passado e a Historiografia é ocupado pelo historiador, que age no hoje: “Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural” (CERTEAU, 2007, p. 66). A História não é o passado, mas, um discurso sobre este (JENKINS, 2007): ela é versão, pautada nas escolhas do historiador e nas fontes disponíveis, que também podem já ser escolhas. Como descreve Jenkins (2007), o passado é como uma paisagem, mas, o olhar sobre a mesma é, no nosso caso, do historiador.

A paisagem que será descrita está em Pernambuco, numa cidade do interior, Caruaru, entre os anos de 50 e 85. O foco são as suas festas, as “*festas bôas*”¹, mas, a partir delas, é possível observar quais os caminhos percorridos pela cidade. Cidade esta entendida enquanto grupo de indivíduos heterogêneos, com práticas cotidianas distintas, com os procedimentos indicados por Certeau (1994, p. 115): “Uma sociedade seria composta de certas práticas exorbitadas, organizadoras de suas instituições normativas, e de outras práticas, sem-número, que ficaram ‘menores’, sempre, no entanto presentes, embora não organizadoras de um discurso [...]”.

A partir das festas, pretende-se falar das mudanças pelas quais a cidade de Caruaru passou. Estudar as festas, hoje, é algo possível devido à abrangência de temas advindos da história cultural², nas últimas décadas. Os objetos de pesquisa, na produção historiográfica, tornaram-se variados e frutíferos. Além de seus próprios objetos, abordagens e problemas, a História buscou subsídios e inquietações, principalmente na Sociologia, Antropologia, Psicologia, Geografia, dentre outras áreas do saber, para melhor compreender os caminhos trilhados pelas sociedades³. Dentre estes novos objetos, destacam-se os bens culturais e, em

¹ Indicação retirada de trecho do jornal Vanguarda: “Caruaru, podemos dizer, é a cidade das *festas bôas*, dado o apurado gosto de seus habitantes” (VANGUARDA, 2 de julho de 1933, grifo nosso). A partir deste grifo,

² Sobre a História Cultural, ver Burke (1992; 2000), Hunt (2001) e Pesavento (2003).

³ Sobre estas novas abordagens, ver Vainfas (1997) que aponta os estudos de Le Goff, e Burke (1992).

especial, as festas. Diversos teóricos das mais variadas áreas têm buscado estudar as festas pela sua importância e implicações na vida cotidiana das sociedades⁴. Festejar não é opor-se ao cotidiano, mas, sim, viver, nele, algo de diferente.

As festas estão presentes no mundo inteiro desde os tempos mais remotos. No Brasil, a riqueza de festividades faz com que este seja visto como um “país de pouca seriedade” (AMARAL, 1998). Herdeiro de diversas culturas distintas, este país realiza festividades diariamente: basta observar o calendário turístico brasileiro para se encontrar eventos festivos ligados às religiões, agricultura, pecuária, comércio, indústria, turismo, serviços, moda, etc. Nem todas estas festas, no entanto, são nacionais: existem as celebrações que envolvem o país inteiro, mas, também as festividades e feriados estaduais e municipais (AMARAL, 1998; DA MATTIA, 2006).

Como o Brasil vivenciou grandes transformações nos últimos 60 anos, suas festas também mudaram tanto as nacionais quanto as estaduais e municipais (BURKE, 2000; LIMA, 2002; CHIANCA, 2006): algumas desapareceram, outras foram criadas e muitas foram readaptadas segundo a nova realidade social, econômica e cultural do país. Tradições foram descartadas e inventadas (HOBSBAWN e RANGER, 1997). Na atualidade, as práticas festivas estão caminhando para a “espetacularização”, fruto das exigências com o lazer, a diversão, o turismo e a mentalidade capitalista contemporânea (DEBORD, 1997). Neste contexto, da festa-espetáculo, a festa maior de Caruaru, a junina, é um tema que desperta questionamentos e gera debates.

Quando comecei a pesquisar as festas juninas de Caruaru, minha pretensão era tratar das festas de rua, que teriam ocorrido até os anos 80 e contribuído para o surgimento de um conjunto de mensagens que ligavam Caruaru ao forró e ao São João. Intrigava o fato de Caruaru ter, hoje, um formato de festa junina centralizado, voltado para a atividade turística, havendo a impressão de que a população era apenas mais um elemento passivo neste modelo, diferentemente de suas ações no formato de São João de Rua, feito anteriormente entre as décadas de 1960 e 1980. Muitos são os relatos dados pela população com idade superior a 30 anos de que estas festas de hoje são “descaracterizadas” e que o “verdadeiro” festejo junino de Caruaru estava no passado.

Iniciando esta pesquisa, minha primeira de cunho acadêmico, ao ter contato com as fontes e bibliografias específicas, resolvi ampliar, em alguns anos, o meu período de estudo

⁴ Alguns deles são debatidos neste trabalho.

(inicialmente era de 1965 a 1980), para buscar compreender mais sobre o momento em que as festas juninas de rua, tão famosas, estariam começando a ser realizadas. Pesquisando nos arquivos dos jornais, nos anos iniciais da década de 1960, não encontrei as festas juninas, mas encontrei outras festas que a cidade realizava e que tinham sido extintas nos anos 90: a Festa do Comércio e o Carnaval. Fiquei surpreso e alegre: o silêncio sobre as festas juninas era um indício de que as festividades de rua, meu tema, teriam se iniciado mais à frente, em meados da década. Mas, a surpresa e a alegria maiores vieram pela descoberta de uma nova possibilidade de pesquisa: porque não pesquisar as três festas juntas? Isto se constituiria de um grande desafio, afinal, de uma única festividade, agora seriam três. Mas, tudo dependeria do recorte feito e do que se queria descobrir com a pesquisa.

Ao procurar mais registros jornalísticos, desta feita nos anos 50, continuei sem muitos relatos juninos, mas consegui perceber a euforia da população ao tratar da Festa do Comércio e do Carnaval. Nos anos 70 e 80, no entanto, as festas juninas eram completamente noticiadas, inclusive em jornais e revistas de circulação estadual e nacional, não se dando o mesmo com as festas de Momo e de fim de ano.

Assim, comecei a refletir sobre os seguintes pontos: as três festas, Festa do Comércio, Carnaval e Festa Junina, existiram, simultaneamente, entre as décadas de 1960 e 1990, porém, a partir de 1995, só restou o São João, que, anteriormente a 1960, era uma celebração de caráter familiar, privado, não se constituindo de uma festa da cidade. Festa do Comércio e Carnaval, por outro lado, tinham comemoração bastante antiga em Caruaru, sendo narradas como tradicionais e históricas, desde as primeiras décadas do século. As fontes históricas (livros, jornais, fotografias, etc.), então, indicavam que, enquanto uma festa crescia e se consolidava, a junina, as outras decaíam. Neste sentido, optando por fazer este percurso histórico das três festas, nosso problema inicial passou a ser: que motivos levaram a população de Caruaru a diminuir o sentido cultural de duas festas tradicionais e construir outra festa que passou a ser vista como “pertencente” à cidade?

A Festa do Comércio, que ocorria entre os dias 24 de dezembro e 1º de janeiro, era considerada a mais importante do lugar. Textos jornalísticos da época, bem como outros textos de memórias e livros de história de Caruaru indicam esta preferência. Suas origens estavam fincadas no final do século XVIII, com a festa em homenagem à padroeira da fazenda, “Nossa Senhora da Conceição”, surgindo assim a “Festa da Conceição”, nos tempos em que Caruaru sequer era uma vila. O nome “Festa do Comércio” foi criado somente em

1933, pelo Jornal Vanguarda⁵, para homenagear os seus patrocinadores principais, os comerciantes. A festa celebrava a santa, mas, havia a parte profana: barracas, carrosséis, danças, apresentações artísticas diversas, etc., tudo patrocinado pelas elites.

O Carnaval caruaruense, por sua vez, está presente nos relatos históricos desde o começo do século XX: músicas, fotografias e textos memorialísticos, bem como textos de história de Caruaru também atestam o quanto o Carnaval era festejado e considerado antigo e tradicional pela população: a existência de diversas fotografias do período carnavalesco nas décadas de 1920 e 1930 dá a ideia desta importância, pois, como indica Cardoso (1997, p. 407), o uso de uma imagem do passado mostra o que “a sociedade queria perenizar de si mesma para o futuro”.

Sobre as festas juninas, no entanto, a situação era bastante diferente: encontram-se relatos sobre sua celebração antes dos anos 60, como um evento particular, privado⁶, familiar: eram festas de comunidades rurais, de famílias, de clubes sociais, mas não era uma “festa da cidade”. A apropriação das festas juninas, por toda a população, só é percebida com a passagem dos anos 60 e 70: é uma tradição que foi sendo construída, inventada com o passar das décadas. Em menos de duas décadas, nos anos 80, num sintoma das mudanças, encontramos a frase: “Já é Carnaval na terra do forró” (entenda-se “forró”, neste caso, como “festa junina”, posto que Caruaru recebera o nome, através da música, de “Capital do Forró”).

Decidi, então, delimitar a pesquisa da seguinte maneira: o tema passou a ser as três festas principais de Caruaru: Festa do Comércio, Carnaval e Festas Juninas, entre as décadas de 1950 e 1985. A escolha deste período se deve ao fato de, nele, ser possível perceber o apogeu e a decadência das duas primeiras festas e o surgimento e construção da última, no seu formato urbano, o São João de rua. Resolvi não trabalhar com o período posterior a 1985 por dois motivos: em primeiro lugar, os elementos que levaram à diminuição do significado/interesse das festas de fim de ano e de carnaval estão localizados no período delimitado, bem como o surgimento e a formatação do São João de rua; em segundo lugar, as festas juninas pós-1985 fazem parte de uma terceira fase das festividades do ciclo junino caruaruense, as festas-espetáculo, os mega-eventos, e precisam ser vistas separadamente, pelas suas particularidades histórico-culturais. Vemos esta terceira fase como uma possibilidade extremamente rica para ser realizada em outro momento.

⁵ Os exemplares dos dias 10 e 17 de dezembro de 1933 trazem as primeiras menções à Festa do “Comércio”. Ver anexos E e F.

⁶ Sobre os “espaços privados”, ver Certeau et al (1996, p. 203 a 207).

Desta maneira, na atual pesquisa, pretende-se debater as seguintes questões: quais eram os formatos das festas de Carnaval e de fim de ano e o como elas são narradas, até os anos 60, para a população? Que motivos levaram aos seus processos de diminuição de importância sócio-cultural? Por que as festas juninas “na roça” não são narradas como tão significativas para a população como as Festas do Comércio e o Carnaval? Como foram construídas e quais as repercussões das festas juninas de rua, a partir dos anos 60 e 70? Como se criou a associação da cidade de Caruaru com o forró e as festas juninas?

Ao buscar respostas para estes questionamentos, pretende-se contribuir com a Historiografia de Caruaru na análise de alguns dos seus bens culturais mais conhecidos. É insípiente a produção sobre as festas da cidade, o que torna este trabalho inovador. Outrossim, as festas caruaruenses são visualizadas, em grande parte, sob a ótica do folclore, fazendo com que se imagine, popularmente, a “descaracterização” das verdadeiras festividades. Com esta pesquisa, busca-se trazer um novo olhar sobre as “marcas identitárias” criadas sobre as festas juninas e seus imaginários (“capital do forró”, “melhor e maior São João do mundo”, etc). Ao repensar a História da cidade, ao indagar como foi construída, busca-se trazer um novo olhar às suas comemorações: as ideias de “verdade”, de “tradição”, de preservação/conservação precisam ser questionadas a partir das indagações do presente.

Para a realização da pesquisa, foram percorridos diversos caminhos⁷. Um deles se deu em arquivos públicos e particulares, com jornais⁸, revistas, catálogos, etc. Em especial, podemos citar o Jornal “Vanguarda”, que conta com todos os exemplares desde a sua fundação, em 1932, até os dias atuais. Focamos na coleta de dados dos meses de janeiro e fevereiro (Carnaval), junho (festas juninas) e dezembro (Festa do Comércio) entre os anos de 1955 e 1985. Em alguns casos, consultaram-semeses anteriores ou posteriores aos meses das festas, somados a alguns números deste semanário das décadas de 30 e 40. No jornal “A Defesa”, a pesquisa realizou-se em alguns exemplares dos anos 30, 40, 60 e 80⁹. Na Biblioteca Pública Estadual, no Recife, foi feita consulta em todos os exemplares diários do mês de junho dos anos de 1975 a 1980, do “Jornal do Comércio”, de Pernambuco, e do

⁷ Citando Fustel de Coulanges, Ciro Flamarión Cardoso afirma: “Onde o homem passou e deixou marca de sua vida e inteligência, aí está a História. *Qualquer tipo de marca*”. (CARDOSO, 1997, p. 401, grifo do autor). Le Goff (1998), por sua vez, afirma que a “história nova” ampliou a gama de documentos para os mais diversos tipos, não apenas os escritos.

⁸ Sobre o uso de textos jornalísticos como fontes históricas, ver Nascimento (1986-1994), Barbosa (2007) Tânia de Luca (2006)

⁹ Este semanário funcionou entre os anos 1930 e 1985, mas não restam muitos exemplares em arquivo. Os que foram pesquisados se encontram no Centro de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – Fafica.

“Diário de Pernambuco”, bem como alguns exemplares da revista caruaruense “Aru”, que circulou nos anos 40 e 50. No Colégio Diocesano, encontram-se o “Documentário Ilustrado do Primeiro Centenário da Cidade de Caruaru” e alguns exemplares da revista “Caruaru Hoje”. Além disto, em acervos de particulares, consultaram-se exemplares das revistas “Caruaru Hoje”, “Continente Multicultural” e “Veja”. Todas as notícias e artigos considerados importantes para a pesquisa foram fotografados e catalogados por período.

Alguns textos de História, memória e Literatura de Caruaru também foram consultados, dentre os quais citamos os autores Nelson Barbalho, Agnaldo Fagundes, Josué Euzébio Ferreira, José Veridiano dos Santos, Maria do Rosário Silva, Humberto França, Odete Souza, Ramos Vasconcelos, Limeira Tejo, José Severino do Carmo, Mário Fonseca. Já sobre festas e folguedos, usaram-se textos de História, Sociologia e Antropologia: Mello Moraes, Roberto da Matta, Patrícia Araújo, Rita Araújo, Rita Amaral, Mikail Bakhtin, José Ricardo Barreto, Judite Botafogo, Peter Burke, Luís da Câmara Cascudo, Elizabeth Lima, Luciana Chianca, Roberto Moura e Renato Ortiz.

Por se tratar de um período histórico recente, refletimos que seria de grande contribuição a coleta de fontes orais, pelo alargamento de informações que ela possibilita (FERREIRA & AMADO, 1998): “A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (ALBERTI, p. 155, 2006). Assim, foram realizadas entrevistas com indivíduos que viveram em Caruaru, no período de nosso interesse, ligados à mídia, à política ou que tivessem participado destas festividades. Destaque para o jornalista Souza Pepeu, os radialistas José Almeida e Ivan Bulhões e o empresário João Luís, todos ligados à organização das festas, e os moradores da cidade Helena Vasconcelos, Amaro Silva, Severino Silva e Bernadete Silva. Informações, via e-mail, foram adquiridas com José Torres Bezerra e Giácomo Mastroianni.

Nos documentos iconográficos¹⁰, foram consultados os arquivos da família Lira¹¹, de Carlos Sá e da revista Caruaru Hoje. Vale salientar que não foram localizados registros fotográficos sobre festas juninas anteriores aos anos 60, mas, é abundante a produção de

¹⁰Sobre a relação entre história e fotografia, ver Kossoy (2001): ele aponta para a importância da fotografia (e outros documentos não escritos) como registros que podem ser lidos e usados na escrita da História.

fotografias sobre a Festa do Comércio e Carnaval, principalmente nas décadas de 1920 a 1960 e do São João a partir dos anos 70¹². Sobre isto, afirma um teórico:

É indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ela traz à tona. Um passado que revela, através do olhar fotográfico, um tempo e um espaço que fazem sentido. [...] A imagem fotográfica compreendida como documento revela aspectos da vida material de um determinado tempo do passado de que a mais detalhada descrição verbal não daria conta. [...] As *imagens têm a importância de revelar [...] aquilo que, no passado, a sociedade queria perenizar de si mesma para o futuro.* (CARDOSO, 1997, p. 406, grifo nosso).

Por fim, pela relação entre Caruaru e o forró e suas repercussões, havia a necessidade de investigar a produção musical sobre Caruaru, maior que mil composições, pois a mesma ajudou a formular o discurso de cidade junina, de cidade de forró, principalmente a partir dos anos 70. Então, averiguou-se parte desta produção musical¹³, através de algumas músicas e artistas nos acervos de Hélder Cavalcanti, Hérlon Cavalcanti, Roberto da Modinha, bem como meu acervo pessoal de forró. Houve consultas, também, nos sites “Forró em Vinil” e “Luiz Lua Gonzaga”, além de reportagens sobre a relação de Caruaru com as músicas¹⁴.

Com relação aos capítulos, este trabalho está dividido da seguinte maneira: no primeiro capítulo, foi feita uma contextualização da cidade de Caruaru no período estudado e um debate sobre algumas questões ligadas às festas a partir de teóricos da História, Sociologia e Antropologia.

O segundo capítulo trata das duas primeiras festas consideradas tradicionais por Caruaru, a Festa do Comércio e o Carnaval: nele, busca-se mostrar o quão antigas e importantes elas eram para a cidade, como elas movimentavam a população, bem como os seus momentos de apogeu e de decadência.

No terceiro capítulo, o tema é o São João: de um festejo que não era narrado pela cidade, a festa transformou-se numa das maiores marcas de Caruaru, a partir dos anos 60 e 70, a partir de uma congregação de elementos, dentre eles a ação da população, dos meios de

¹¹ Esta família, composta por seis irmãs, organizava as festas na rua 3 de Maio

¹² Situação semelhante encontra-se nos textos memorialísticos: praticamente não se fala de festas juninas antes dos anos 60, mas são várias as narrativas das outras festividades.

¹³ Sobre a importância da música como fonte histórica, ver Napolitano (2002; 2006).

¹⁴ Algumas reportagens foram publicadas a partir das pesquisas feitas por Emanuel Leite e José Teles, que serão relatadas no capítulo sobre as festas juninas.

comunicação, dos empresários e dos poderes públicos, bem como as contribuições da música como formadora da associação dos nomes Caruaru, forró e São João.

CAPÍTULO 1

1 SOBRE CARUARU E FESTAS: PRIMEIRAS PALAVRAS

*“Caruaru do meu Bom Jesus do Monte
Pra quem vive tão distante por conta do destino
Aí Caruaru, do meu tempo de menino”*

*Ainda me lembro das festanças da Matriz
Das noitadas de retreta e do velho chafariz
Dos roletes de cana-caiana, cocada de coco, amendoim
Da burrica, das bolas de couro
Dos banhos de açude que não saem de mim*

Da rua Preta o Farrapo,

*Lagoa da Porta e o Vassoural
Das noites de São João, quadrilhas, Natal e Carnaval*

Caruaru das serestas e das canções

Da Rua 10 de Novembro e de tantas tradições”

(“Caruaru do Passado”, José Pereira)

1.1 Caruaru: um primeiro olhar

Nas décadas de 1950 a 1980, verificaram-se, em Caruaru, várias transformações históricas que eram um retrato das mudanças pelas quais vinha passando o Brasil da época. Em meados do século XX, a sociedade brasileira vivia um momento ímpar: a política de industrialização de Vargas e o desenvolvimentismo de JK colocavam o Brasil, finalmente, no capitalismo industrial. Nos anos 60, a “2ª Revolução Industrial Brasileira”, no período militar, acelerava ainda mais o processo de industrialização e urbanização do país (GIAMBIAGI, 2005). O Brasil destas décadas seguia o ritmo do capitalismo internacional. Hobsbawm (1999) afirma que a economia capitalista nunca havia crescido tanto, em tão pouco tempo e em lugares tão diferentes, até mesmo no bloco socialista e no “Terceiro Mundo”. Sobre a economia do Brasil desta época, escreveu um economista:

“Nesse período, a economia brasileira não somente cresceu, mas também modificou-se. Durante o século XX, o Brasil passou por uma transformação estrutural, alterando substancialmente tanto sua base produtiva quanto as

condições de vida da população. Até aproximadamente a década de 30, o país era considerado um país agroexportador, ou seja, era um país eminentemente agrícola, sua população estava concentrada na zona rural e a produção nacional dependia fortemente da agricultura destinada ao mercado externo, sobretudo da produção e das exportações de café. A partir de meados do século XX, reverte-se este “modelo” econômico por meio da chamada industrialização por substituição de importações. Essa transformação, além de promover a industrialização de nossa economia, implicou também uma forte urbanização do país”. (GREMAUD, 2004, p. 27).

O processo de industrialização iniciado por Vargas, nos seus 15 anos de governo¹⁵, continuado nos anos 50, no governo de Juscelino Kubitscheck¹⁶, e nos anos 1960, nos governos militares, gerou modificações também na esfera demográfica. A população brasileira estava em franco crescimento e mudava de uma região a outra em busca de melhorias nas condições de vida: as regiões de maior movimentação econômica terminavam por receber um índice maior de migrantes¹⁷. Com os movimentos de êxodo rural e as migrações internas, esta população tornava-se mais urbana e concentrada em certas cidades ou regiões principais. Mostrando dados do IBGE, Gremaud (2004) aponta um crescimento populacional nacional que subiu de 41 milhões de habitantes, em 1940, para 93 milhões de habitantes em 1970. Este crescimento populacional, somado às mudanças econômicas, principalmente a industrialização do país, gerou um grande movimento de êxodo rural, como percebemos nesses números: o percentual de população urbana, em 1940, era de 31,24 %; já em 1970, este percentual havia aumentado para 55,92%, como pode ser visto na tabela a seguir:

¹⁵ Governo Vargas: 1930 a 1945 e 1951 a 1954.

¹⁶ Governo JK: 1956-1960.

¹⁷ Em 1949, na Revista Arú, nº 4, outubro/dezembro, há um texto de Jayme Menezes tratando da questão das migrações no Brasil.

TABELA 1: POPULAÇÃO POR DOMICÍLIO. BRASIL: 1940-2000 (em mil habitantes)

Ano	População Total	População urbana (%)		População rural (%)	
		Mil hab.	%	Mil hab.	%
1940	41.236	12.880	31,24	28.356	68,76
1950	51.944	18.783	36,16	33.161	63,84
1960	70.191	31.303	44,67	38.768	55,33
1970	93.139	52.085	55,92	41.054	44,08
1980	119.002	80.436	67,59	39.566	32,41
1990	146.825	110.991	75,47	35.834	24,53
2000	169.544	137.670	81,20	31.874	18,80

Fonte: Gremaud (2004, p. 28)

Além do êxodo rural, ocorria no Brasil neste período um processo de migração interna que deslocou grandes contingentes de população de uma região para outra, em busca de melhorias de condições de vida e emprego. Era muito comum, por exemplo, a saída de grandes quantidades de nordestinos e mineiros para São Paulo e Rio de Janeiro (GREMAUD, 2004, p. 45), mas, também, do interior dos estados da Federação para as capitais, bem como de cidades menores para as cidades-pólo das micro-regiões dos estados. O desenvolvimento industrial foi um dos fatores do crescimento da oferta de emprego urbano, atraindo populações rurais e de pequenos municípios (CANO, 2002, p. 138). Noutras regiões, no entanto, dadas as suas potencialidades econômicas, era o desenvolvimento do comércio e dos serviços que atraía as populações migrantes. Caruaru enquadra-se neste segundo grupo, dadas as suas práticas econômicas mais ligadas ao setor comercial, bem como sua localização e facilidades de acesso¹⁸.

Em Caruaru, os dados demográficos do período, seguindo a tendência brasileira de crescimento, eram os seguintes:

¹⁸Caruaru já era ligada a várias regiões por duas rodovias federais, BRs 232 e 104, surgidas, respectivamente, nas décadas de 1950 e 1960, mais uma rodovia estadual e uma estrada de ferro de controle federal, que funcionava desde 1895.

TABELA 2: POPULAÇÃO DE CARUARU EM NÚMERO DE HABITANTES

ANO	POPULAÇÃO OFICIAL
1920	61.636
1940	73.455
1950	102.877
1960	105.135
1970	142.653

Fonte: Escritório do IBGE em Caruaru/PE.

Como pode ser percebido, há um crescimento populacional mais acentuado entre as décadas de 1940 e 1950 e, principalmente, no período de 1940 a 1970. Estes números seguem a tendência brasileira de crescimento demográfico do período, que, segundo o IBGE apud Gremaud (2004), mostram uma população brasileira de 41 milhões em 1940, 51 milhões em 1950 e 93 milhões em 1970. No que diz respeito aos níveis de crescimento da população urbana brasileira do mesmo período, seguem os números:

TABELA 3: POPULAÇÃO URBANA BRASILEIRA 1940-1980 (em %)

ANO	BRASIL	NORDESTE
1940	31,24	23,4
1950	36,16	26,4
1960	44,67	34,2
1970	55,92	41,0
1980	67,59	50,4

Fonte: dados extraídos em Gremaud (2004) e Andrade (1987)

Mesmo sabendo que estes percentuais se constituem de médias e que, portanto, nem todos os estados, microrregiões estaduais e cidades teriam a mesma taxa percentual, eles são importantes para fazermos as seguintes estimativas populacionais de Caruaru, levando em conta o crescimento de acordo com as médias brasileira e nordestina supra-citadas:

TABELA 4: POPULAÇÃO URBANA DE CARUARU¹⁹

ANO	Caruaru na média brasileira	Caruaru na média nordestina
1940	22.948	17.189
1950	37.200	27.160
1960	46.963	35.956
1970	79.703	58.488

Simulação a partir de dados do IBGE coletados em ANDRADE (1987), GREMAUD (2004) e Escritório do IBGE em Caruaru.

Ao analisarmos a tabela 4, percebemos que a população urbana de Caruaru teria sofrido um aumento, entre os anos 40 a 70, de mais de 56 mil habitantes, seguindo a média brasileira, e de mais de 41 mil habitantes na média nordestina. Isto representaria uma considerável transformação social, com o crescimento do espaço urbano, o surgimento de novos bairros e ruas, maior movimentação econômica e, principalmente, o surgimento de novos atores sociais. Estes atores, dentro do contexto de uma nova realidade socioeconômica, também gerariam uma nova realidade para os seus elementos cotidianos, no nosso estudo específico, os lúdicos. Vale lembrar, também, que a cidade, além da população urbana e rural, atraía os habitantes de várias outras cidades da região Agreste do estado, bem como até de outras regiões e de outros estados do Nordeste, devido ao seu comércio, sua indústria, seus hospitais, faculdades, faculdades e opções de lazer (FERREIRA, 2002; SANTOS, 2006). A cidade, que já sentia certo surto de crescimento urbano-comercial, vê este processo ampliado nos anos 60.

Estes avanços econômicos e mudanças geográficas brasileiras da época, refletidos em Caruaru, traziam consequências em outras áreas: os elementos culturais brasileiros, por exemplo, mais ligados ao mundo rural, ao chegarem aos espaços urbanos, sofriam mudanças, permutando caracteres com o novo ambiente ou criando novas tradições. As cidades e regiões receptoras dos migrantes, ao receber deles os seus elementos culturais, modificavam os seus, reelaborando-os de acordo com a nova realidade socioeconômica e cultural. Estas transformações culturais geraram diversos debates em nível nacional e local: havia, por exemplo, o desejo de alguns intelectuais brasileiros de descobrir e proteger uma “cultura nacional autêntica e legítima”, para que não houvesse a perda da “brasilidade”

¹⁹ O escritório do IBGE em Caruaru não possuía os números de população urbana e rural na cidade entre os anos de 1920 a 1990, o que gerou a necessidade desta simulação, para fins de análise.

(NAPOLITANO, 2002). Em Caruaru, perceberemos estas transformações nas suas festas, relacionadas, marcadamente, com as suas mudanças econômicas e sociais: as festas tradicionais da cidade, Carnaval e Festa de Fim de Ano, cuja organização, financiamento e controle estavam nas mãos das elites, as chamadas “classes conservadoras”²⁰, ligadas à economia das décadas anteriores (algodão, couro, comércio), começaram a declinar, ocorrendo o crescimento das festas juninas, cujo protagonismo se percebia na população como um todo, nessa população que vivia a nova realidade histórica.



Panfleto da “Boxwell& Cia”, comércio e indústria de algodão e derivados, 1937 (Acervo Carlos Sá).

A economia da cidade nos anos 60 também mudava, seguindo os ritmos da economia nacional. Desde o século anterior, Caruaru já era um importante entreposto comercial, dentre outras coisas, por sua posição geográfica, sendo significativo, também, na economia algodoeira: este produto teve grande papel na economia nordestina²¹ durante a primeira metade do século XX, e Caruaru cresceu na sua esteira²². A economia algodoeira, principalmente a do tipo herbáceo, foi uma das mais importantes da região Nordeste, chegando a ser a única que conseguia fazer certa frente à cultura da cana-de-açúcar entre os

²⁰ Sobre este tema, ver Ferreira (2002), páginas 43 a 48. A expressão “classes conservadóras” era usada para designar os membros dos grupos economicamente abastados da cidade, freqüentadores de clubes sociais e atuantes na política municipal. A expressão foi utilizada principalmente na década de 1950.

²¹ Sobre o algodão no Nordeste e em Pernambuco, ver também Prado Jr. (1999) e Andrade (1998). Sobre a economia de Caruaru nos anos 1960, ver Ferreira (2002).

²² Ver Ilustração nº 8: corso carnavalesco na década de 1920: os automóveis eram fruto da economia do algodão. Sobre o algodão, ver narrativas de Tejo (2008).

anos 1750 e 1940 (ANDRADE, 1998), sendo o Agreste seu principal espaço de produção. Na cidade de Caruaru, formou-se um dos mais importantes complexos algodoeiros do Nordeste, a Boxwell& Companhia (ver Ilustração nº 1) e a Sociedade Algodeira do Nordeste Brasileiro – SANBRA (FERREIRA, 2002). A produção do algodão beneficiava Caruaru, dentre outras coisas, porque movimentava economicamente pessoas de alto poder aquisitivo, mas, também, pequenos agricultores de subsistência, estes últimos produzindo em suas roças e vendendo nos armazéns dos primeiros, além ação econômica dos proprietários das “bolandeiras”, máquinas descarocadoras de algodão²³. Parte desta produção era mandada para a Inglaterra, pela estrada de ferro da Companhia inglesa “Great Western” de Caruaru até o Porto do Recife e, de lá, por navios. Do algodão, aproveitava-se, também, a semente, da qual se retirava o óleo. Nos anos 20 e 30 e décadas posteriores, no entanto, ocorreu a decadência da economia algodoeira devido à crise do capitalismo mundial, à praga da lagarta rosada e à expansão dos algodoais paulistas (ANDRADE, 1998), fazendo com que a economia caruaruense ligada ao algodão sofresse declínio, levando os seus empreendedores à diminuição de seu poder econômico. Além do algodão e do comércio (lojas do Centro e feira livre), havia outras atividades econômicas bastante importantes para Caruaru²⁴, tais como a curtição de couro e a produção de barbantes e sacos de fibras vegetais. Estas atividades também sofreram problemas econômicos e decaíram nos anos 50 e 60, aumentando a crise dos setores sociais mais tradicionais²⁵.

Nos anos 60, entretanto, com as preocupações do governo federal com o Nordeste²⁶, veio a ação da SUDENE e do projeto “RITA”²⁷, com a instalação de um conjunto maior de

²³ Manuel Correia de Andrade (1998), por estes motivos, cita o algodão como uma “cultura mais democrática” que outras da região Nordeste. Em Caruaru, na Revista Arú, outubro/dezembro de 1949, encontra-se: “A civilização do algodão (...) não é exclusivamente representada pelos homens ricos, porque o trabalhador das caatingas não vive somente para o seu patrão, como sucede com o trabalhador da cana de açúcar. Ele também faz o seu roçado e planta o algodão. Dêle é que tira os meios para fazer uma roupinha para a festa de Natal, seu chapéu de massa e, às vezes, sua gravata.” (Cavalcanti dos Santos, p. 18)

²⁴ Nas décadas iniciais do século XX, Caruaru tinha grande movimentação econômica na criação de gado, bem como em insipientes indústrias, dentre elas a da fibra do caroá, que servia para a fabricação de cordas e outros utensílios, mais o sisal, milho, café e couro (SANTOS, 2006, p. 26). Um estudo interessante sobre este tema é feito por Ferreira (2002), nas páginas 43 a 48.

²⁵ Essa informação é importante, pois, eram, também, os empresários ligados ao algodão e outras atividades que financiavam, de suas rendas individuais, as festas carnavalescas e de fim de ano, em Caruaru. O “Curtume Souza & Irmãos”, por exemplo, sofreu o golpe da morte de seus dois principais sócios: Pedro e Inácio de Souza (MARQUES, 2006).

²⁶ Caruaru foi alvo de interesse por parte do governo de Juscelino. No Plano Diretor da SUDENE, por exemplo, foi liberada uma verba para o abastecimento d’água na cidade, a construção de um colégio e a pavimentação das ruas. Parlamentares conseguiram verbas para serem investidos na agricultura, educação e desporto. No Plano Nacional de Viação dos governos militares, houve a liberação de verbas para a construção da BR 104, que tinha

indústrias, não só nesta cidade como, também, nas cidades vizinhas, ampliando a atração de migrantes para a região. Em Caruaru, esforços por desenvolvimento econômico também eram feitos: a Cooperativa de Melhoramentos de Caruaru Ltda (CMCL), que cuidava da rede elétrica da cidade, por exemplo, foi vendida à Celpe (Companhia de Eletricidade de Pernambuco), para que esta pudesse prover o suporte necessário ao crescimento urbano e industrial do município no fornecimento de energia. O prefeito Drayton Nejaim (1965-1968), por sua vez, buscava realizar trabalhos na estruturação da eletrificação rural. Em 1966, formou-se o GTDRA (Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento da Região do Agreste) que viabilizou a formulação de um convênio para financiamento agrícola pelo “City Bank” e criou-se o Centro Regional de Administração Municipal, CRAM, que realizou um seminário, em dezembro de 1967, com 26 prefeitos da região, sobre a administração pública e o desenvolvimento econômico do Agreste. Na política partidária, Caruaru possuía indivíduos que eram ligados a políticos influentes do Recife, de Pernambuco e da esfera federal. Personalidades como Miguel Arraes, Pelópidas Silveira, JK, João Goulart eram articuladas com políticos oriundos da cidade de Caruaru, o que facilitava as intermediações de verbas e de serviços públicos (SANTOS, 2006). Caruaru estava a “caminho do progresso” (SILVA; FILHO, 2006).

Nas comunicações, Caruaru recebia a estruturação devida para as necessidades da época: o serviço de telefonia surgiu com as comemorações do centenário da cidade, em 1957. Já havia o serviço de correios do governo federal. Entre 1951 e 1965, a cidade foi beneficiada pela criação de três emissoras de rádio AM, Difusora, Cultura e Liberdade, que ajudavam a mandar o nome de Caruaru para uma vasta região, dada a potência das comunicadoras (SANTANA, 2009). Havia dois semanários com relativa estabilidade de funcionamento: desde a década de 1930, funcionavam os jornais “Vanguarda” e “A Defesa”, este último de orientação católica. Na educação, duas faculdades foram criadas na passagem da década de 1950 para a seguinte (FERREIRA, 2002; SANTOS, 2006).

por função a integração e circulação de mercadorias e passageiros em áreas a 130 quilômetros do litoral nordestino, beneficiando, no sentido Norte-Sul, a zona salineira do Rio Grande do Norte, em Macau e Seridó, Campina Grande (PB), Caruaru (PE), União dos Palmares (AL). Ela seria ligada à BR 101 em Atalaia, Alagoas.

²⁷ R.I.T.A. era a sigla, em inglês, para o projeto de Assistência Técnica Rural Industrial organizado pelos EUA e instalado em diversas cidades nordestinas, dentre elas, Caruaru. Pelo projeto, que não previa o envio de dinheiro, seria dado ajuda técnica, consultoria, através da análise das potencialidades da região e capacitação de empreendedores e mão-de-obra, para a instalação de indústrias de pequeno e médio porte na cidade de Caruaru e outras circunvizinhas.

Estes elementos locais, juntamente com as mudanças econômicas brasileiras, transformaram a estrutura de Caruaru a partir dos anos 1960²⁸. O crescimento da população e da cidade, a dinâmica da economia nacional e local, os projetos de ajuda econômica (projeto R.I.T.A., SUDENE), a influência dos políticos da cidade, faziam de Caruaru a cidade mais importante para a região Agreste. Os bairros antigos cresciam e surgiam novos conjuntos habitacionais. Os espaços urbanos ainda desabitados passavam a ser ocupados pelas novas famílias que surgiam dos próprios filhos da cidade e dos “forasteiros”. A construção das rodovias federais e estaduais, bem como suas ampliações, aliadas ao crescimento do transporte rodoviário na região, gerava uma maior interação entre Caruaru e as outras cidades, principalmente a capital de Pernambuco. As relações sociais internas se modificavam através dos elementos cotidianos. Nas festas, por exemplo, podemos perceber a presença de pessoas das camadas sociais de menor poder aquisitivo atuando na sua organização e feitura: bailes carnavalescos populares, festas de bairro com os mesmos elementos da Festa do Comércio e as festas juninas de rua.

Por fim, retomando a temática da industrialização e do crescimento populacional do país, há que se colocar, ainda, o debate acerca do lazer e do turismo, tão caro, segundo certos autores²⁹, às sociedades industrializadas. O Brasil estava se industrializando, os trabalhadores, com uma legislação trabalhista em seu favor, precisavam de momentos de descanso, lazer e férias e o turismo poderia propiciar estes benefícios, além de ser uma atividade econômica de grandes possibilidades de geração de renda e emprego (CASTRO, 2002; DIAS, 2003). Além disto, os governos militares (1964-1985) estavam preocupados com a segurança e integração do território nacional e, assim, resolveram incentivar o lazer através do turismo, com prioridade para o turismo cultural (ORTIZ, 2001).

²⁸Já em 1949, Mário Sette reclamava que a cidade havia mudado demais com relação à Caruaru que ele conhecia dos anos 20: A cidade cresceu de mais. Perdeu seu encanto, o seu pitoresco das cidadezinhas do interior. Não mais o ar de uma grande família abrangendo toda a sociedade local. A população acompanhou-a em seus passos degigantes. Tornou-se heterogênea, complexa, quase anônima. Em compensação, ruas e avenidas magníficas com excelente calçamento, maior números de praças ajardinadas, maior número de bairros novos e periféricos ostentando verdadeiros desfiles de modernos estilos arquitetônicos, sede de bispado, grandes fábricas, importante praça comercial, estradas pavimentadas para o Recife, sem falar nos cinemas, nos clubes recreativos, na liga de futebol, nos estabelecimentos de ensino, na imprensa, na radio-difusora, na elite da cultura, nos hospitais e casas de saúde, etc. (SETTE, Mário In “Documento Ilustrado do Primeiro Centenário da Cidade de Caruaru, 1857 – 1957”, 1957 – texto adaptado por Hilton Sette)

²⁹Marcelino (2006), apontando alguns teóricos, indica que o lazer passou a ser uma preocupação maior a partir da Europa pós-industrial, estando, no Brasil, vinculado ao processo de urbanização e crescimento das cidades, no contexto da nossa industrialização dos anos 50 em diante. Almeida e Gutierrez (2005, p. 37) aponta que, no Brasil, “vamos encontrar um lazer típico do início da industrialização, ilustrado pela passagem entre o lazer como manifestação popular e comunitária e o lazer como mercadoria de consumo disponível no mercado”.

Em 1966, através do Decreto-Lei 55, de 18 de novembro, o Governo Federal criou o Conselho Nacional de Turismo – CNTUR e a Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR: “O Conselho tinha a incumbência maior de normatização da atividade turística em todo o território nacional. À EMBRATUR foi delegada a competência de execução de toda a política nacional de turismo traçada justamente pelo CNTUR.” (FERNANDES; COELHO, 2002, p. 67). Uma pesquisadora, sobre o Turismo, afirma: “Para fomentar e promover o desenvolvimento desse setor nascente no Brasil o governo brasileiro divulgou, de forma maciça, os resultados positivos da economia europeia obtidos através da atividade turística” (VICENTE, T., 2008, p. 54). A intenção do governo era propiciar o desenvolvimento desta atividade econômica, gerando emprego e renda, usando-a, também, como fator de integração nacional. É notável, neste período, por exemplo, a preocupação do Estado autoritário com a construção de rodovias³⁰ e os financiamentos para aquisição de automóveis.

Para acompanhar as políticas públicas do turismo federal, na esfera estadual, foram criadas as empresas de turismo estaduais, dentre elas a Empresa de Turismo de Pernambuco – EMPETUR, em 1967, ligada à Secretaria de Indústria e Comércio. As entidades de turismo estaduais deveriam, por sua vez, incentivar a formação de agências municipais de turismo (VICENTE, T., 2008). Em Caruaru, no entanto, já encontramos um “Departamento de Turismo” em 1966, transformado, nos anos 80, em “Fundação de Cultura e Turismo de Caruaru”. Foi este órgão municipal que, juntamente com o “Departamento de Educação”, fomentou os concursos de quadrilhas nos anos 60 e 70 e que viabilizou a realização das festas momescas do mesmo período.

A principal área escolhida para a exploração do turismo, como dito, foi a área cultural (ORTIZ, 2001). Associada à organização federal do turismo, surgiu a preocupação do Estado nacional com as questões culturais. A ação do Estado deveria ser incentivadora da atividade cultural, principalmente, das manifestações regionais, como forma de mostrar o Brasil para o próprio Brasil: era preciso fazer o país ser conhecido, para poder integrá-lo. Para garantir esta “Ideologia de Segurança Nacional”, o Estado militar percebia “a importância de atuar junto às esferas culturais”(ORTIZ, 2001, p. 116), optando-se por uma ação efetiva do Estado na área

³⁰ Uma das rodovias federais que transpassam Caruaru, a BR 104, é obra deste período histórico.

cultural³¹. Ortiz (2001) indica que, com o crescimento da economia nacional, o brasileiro passou, também, a consumir bens simbólicos, ou seja, bens culturais. O turismo era uma porta para este consumo, principalmente com as facilidades que se concretizavam naquele momento: linhas de crédito para consumo de automóveis, investimentos em rodovias federais, direito trabalhista de férias, financiamentos de imóveis pelo Sistema Nacional de Habitação, divulgação através de emissoras de TV, jornais, revistas, agências de viagens, etc.

Caruaru, à época, já possuía visibilidade cultural nacional graças à Feira de Caruaru³² e ao Mestre Vitalino, sua arte e seguidores. A feira da cidade aglutinava uma série de artistas que eram associados à “cultura popular”³³. Possuía duas festas famosas, Carnaval e Festa do Comércio, e uma em ascensão, os festejos juninos. Era, também, como vimos, uma importante cidade em termos econômicos e localização geográfica. Isto fazia dela uma cidade com potencialidades turísticas dentro de um contexto de cidades medianas (em termos populacionais e econômicos): Ortiz (2006) afirma que, numa sociedade como o Brasil, a concentração de renda estava nos grandes centros urbanos, o que fomentava o turismo nestes espaços, entretanto, pelas dimensões territoriais brasileiras, nas quais já havia, nos anos 1960, mais de vinte estados, alguns territórios e um distrito federal, bem como quase cinco mil municípios, seria provável surgirem centros regionais e estaduais não tão grandes quanto as capitais, mas, importantes suficientemente para o desenvolvimento de suas localidades, o que era o caso de Caruaru. No Nordeste, por exemplo, Manoel Correia de Andrade (1987) aponta para cidades importantes para os respectivos estados e região, independentes de serem as capitais ou cidades interioranas³⁴: cidades com mais de 500 mil habitantes (Recife, Salvador, Fortaleza, Natal e São Luís); cidades com mais de 200 mil habitantes (João Pessoa, Teresina, Aracaju, Maceió e mais Campina Grande, Feira de Santana, Olinda, Imperatriz e Jaboatão); cidades entre 50 mil e 200 mil habitantes (Parnaíba, Sobral, Crato, Juazeiro do Norte, Mossoró, Caruaru, Juazeiro, Petrolina) (ANDRADE, 1987, p. 50 a 55).

³¹ Além da ação incentivadora, o Estado autoritário também cultivava uma ação coibidora e vigilante de certos artistas que pudessem atrapalhar a estabilidade política nacional, segundo a mentalidade do governo (ORTIZ, 2001). Não é nossa intenção realizar este debate.

³² A Feira de Caruaru tornou-se bastante famosa devido à música homônima de Onildo Almeida gravada por Luiz Gonzaga em 1957. Nos anos 1970, o multi-artista Gilberto Gil dava seguidas declarações na imprensa de que gostava muito de ir à Feira de Caruaru.

³³ A visão que se tinha sobre “cultura popular” era semelhante à noção de “folklore”, “raiz”. Um relato sobre estes debates pode ser visto em Napolitano (2002). Não é nossa intenção fazer um debate sobre este conceito.

³⁴ Apesar de serem dados dos anos 80, estes nos dão elementos para raciocinarmos que, em algumas destas cidades, dentre elas, Caruaru, poderia existir pólos não somente econômicos, mas, também, educacionais, administrativos e, de nosso interesse maior, culturais.

1.2 Festas e Tradições

Nessa seção, pretendemos debater, a partir de alguns teóricos, como as festas são significativas para as civilizações e como elas se modificam e modificam os seus sentidos, de acordo com cada povo e cada período histórico. Como veremos adiante, as festas caruaruenses se modificaram a partir de elementos externos e internos, o que levou a população a mudar seus significados com relação às mesmas: a “tradição” foi usada nas três festas, em momentos distintos, o que faz com que seja necessária uma reflexão sobre esta expressão. Há, também, a questão das novas lógicas da sociedade capitalista, a caminho da espetacularização, ponto que trataremos adiante.

1.2.1 Sobre Festas

A antropóloga Rita Amaral (1998) afirma que quem primeiro pensou numa definição, em tempos recentes, para “festa”, foi Sigmund Freud: “um festival é um excesso permitido, ou melhor, obrigatório, a ruptura solene de uma proibição” (FREUD apud AMARAL, 1998, p. 37). Já Isambert (apud AMARAL, 1998, p. 40), define a festa como “celebração simbólica de um objeto (evento, homem ou deus, fenômeno natural, etc.) num tempo consagrado a uma multiplicidade de atividades coletivas de função expressiva”. Rita Amaral (1998) atesta que a festa é o lugar da transgressão consentida da ordem, é o lugar da ruptura, do extraordinário. Por uns instantes, a festa reinventa a sociedade que a criou. A festa, simultânea ao cotidiano, comemora o nascimento, a colheita, o rito de passagem, o casamento, a morte, a guerra, a independência, as “identidades”.

Para Durkheim(apud AMARAL, 1998), as festas têm como características a superação das distâncias entre os indivíduos, a produção de um estado de “efervescência coletiva” e a transgressão das normas coletivas. Sobre a “efervescência”, Durkheim afirma que a mesma “muda as condições da atividade psíquica. As energias vitais são superexcitadas, as paixões mais vivas, as sensações mais fortes” (DURKHEIM apud AMARAL, 1998, p. 28). Os indivíduos, ao frequentaram o espaço da festa, mudam seus modos de agir e de pensar, momentaneamente, agindo sob impulso de influências externas, como a música, a dança, a

bebida, os comportamentos dos outros, e internas, as suas emoções, sensações, concepções religiosas, etc.

A festa é um evento necessariamente coletivo: o envolvimento do grupo é essencial para o seu acontecimento. As festas têm grande poder aglutinador, posto que, momentaneamente, integram grupos sociais antes separados pelos mais diversos motivos. É “um momento de espera, de expectativa de um mundo ‘outro’, de um espaço e de um tempo diferentes do cotidiano” (ARAÚJO, 2008, p. 37). Durante as festas, pode haver uma destruição das diferenças entre os indivíduos, através de atos e de simbolismos (AMARAL, 1998). Nos atos, percebe-se o uso do recurso da violência e do conflito. Nos simbolismos, aparece o sacrifício, o holocausto. No sacrifício, não necessariamente haverá a morte de uma vítima: a destruição pode ser de bens simbólicos e materiais, demonstrando que a festa tem um “preço”.

As festas não são uma fuga do cotidiano, mas, um evento contíguo a este. Diferem dele devido à amplitude e densidade que possuem (AMARAL, 1998). A relação entre festa e cotidiano não é de oposição, subversão ou desordem, mas, de diferença: “festejo não é um momento especial fora do universo cultural cotidiano, contudo instaura uma diferença no cotidiano, promovendo também uma multiplicidade de possibilidades” (ARAÚJO, 2008, p. 37). Da Matta (2006) fala sobre os eventos sociais como pertencendo a dois pólos: o “formal” e o “informal”. Neste último, estariam as festas, fundadas na idéia de espontaneidade, na despersonalização e na “quarentena” da hierarquia. Neste sentido, a passagem dos acontecimentos cotidianos para o “extra-ordinário” traria transformações no comportamento, nas relações, no trabalho, criando condições para que eles sejam percebidos como especiais. Ainda para o mesmo autor, “as festas, então, são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores considerados altamente positivos” (DA MATTÀ, 2006, p. 52).

A festa tem o seu lado “rebelde”: algumas delas, simbolicamente, questionam autoridades, hierarquias e modelos sociais, num ritual de inversão³⁵. No Carnaval, por exemplo, veste-se um “pobre” de realeza. Mudam-se os papéis sociais de homens e mulheres. Há a mistura de grupos sociais, fazendo os indivíduos se “perderem” na multidão. Reproduzem lendas e mitos de um passado atemporal, através de fantasias e alegorias.

³⁵Para Da Matta apud Amaral (1998, p. 53), os rituais podem ser divididos em três grupos: de separação ou reforço (onde uma situação ambígua torna-se claramente marcada); de inversão (onde há quebra dos papéis rotineiros) e de neutralização (combinação dos anteriores).

Mesmo sendo coletivas, o sentido das festas não é igual para todos os povos e todas as pessoas de um lugar. Inclusive, nas festas, a criatividade e as alternativas criadas indicam que os grupos sociais, simbolicamente, estão demonstrando suas estratégias de organização, de luta pelo poder. Entendendo as festas contemporâneas como bens simbólicos dentro do capitalismo, portanto bens consumíveis, vemos que a assimilação dos que festejam não se dá de forma passiva, mas, como afirma Certeau (1994), as pessoas “anônimas”, os “ordinários”, vivenciam as festas reelaborando os seus significados, a partir das suas estratégias do cotidiano.

Mas, na festa, também há lugar para a manutenção da “ordem”. A divisão hierárquica e social pode ser percebida nos lugares onde uma mesma festa é comemorada: um cordão de isolamento pode significar proteção, mas, também, segregação. Um camarote pode ser uma forma de dar melhor visibilidade, mas, também, demonstrar quem tem mais poder econômico e político. Um desfile militar, onde a ordem e a sincronia são essenciais, podem indicar as relações de poder. (DA MATTA, 2006).

Christine de Alencar Chaves(2003), que pesquisou sobre a relação entre política partidária e festas, aponta para o caráter simbólico das festividades: as mesmas devem ser vistas como um “mundo de referências” no interior do sistema de representações sociais. Inclusive, a festa possibilita que “o lugar” das pessoas seja ocupado: os nativos e os “forasteiros” tecem uma relação de “poder” entre os que são “donos da tradição” e os que são “portadores das mudanças”. São feitas, assim, trocas culturais e trocas econômicas entre os “de casa” e os “visitantes”.

Para Mary Del Priore (apud AMARAL, 1998), as festas brasileiras podem ser agrupadas em, ao menos, duas grandes categorias: as festas promovidas pelo Estado e pela Igreja e as festas do povo. Porém, durante o período colonial e, até mesmo, imperial, devido às questões próprias da formação brasileira, o povo organizava festas religiosas, dando-lhes um sentido que mesclava, num mesmo evento, o “sagrado” e o “profano”, sendo o primeiro ligado às questões religiosas e o segundo aos comportamentos não religiosos,a saber a comida, a bebida, a dança,etc (DEL PRIORE apud AMARAL, 1998). No período medieval europeu, esta distinção (sagrado x profano) não era vista, como indica Mello Moraes (1999), surgindo, apenas, a partir do mundo moderno, no período da Reforma. Portugal, no entanto, trouxe para o Brasil uma herança diferente desta que se formava na Europa moderna, o que

ajudou a forjar as festas brasileiras com este formato singular indicado por Del Priore, de mesclagem dos elementos “sagrados” e “profanos”.

Rita Araújo (1996), sobre as festas brasileiras da Colônia e do Império, demonstra que, nelas, a comemoração com bebidas, danças, festas, desfiles era um complemento da celebração religiosa, sem que houvesse uma relação de dualidade, mas, sim de complementariedade, até mesmo pelas condições sociais da época, que não favoreciam muitas formas de encontro social entre os habitantes do Brasil. A autora aponta para a festa como “ambigüidade”: ela refere-se a um objeto sagrado ou sacralizado, mas, tem necessidade de comportamentos profanos, como exemplo, as celebrações do Candomblé, em cuja festa se louvam orixás ou iniciação, tendo preocupações com comida, bebida, decoração, etc. (AMARAL, 1998, p. 38). Seria até mesmo difícil separar o profano do sagrado, pois, um estaria dentro do outro. Nos bailes pastoris, por exemplo, apesar da “presença” dos santos, os reis magos e os pastores saudavam o Divino Menino com temas e títulos profanos como “Baile da Aguardente”, “Baile da Patuscada”, etc.

Certos autores, principalmente os folcloristas, defendem que as festas, de forma geral, estão se acabando³⁶. Em seus argumentos, as tradições populares estão se perdendo com a industrialização e a urbanização³⁷. Mas, Rita Amaral (1998), na realidade brasileira, o que ocorreu foi a mudança de sentido e de formato nas festas. Enquanto umas, de fato, sumiram porque não faziam mais sentido para a população, outras sofreram modificações³⁸. Em algumas delas houve, até mesmo, um enriquecimento de seus ritos, símbolos, amplitudes, etc.: é o caso do Carnaval, do Círio de Nazaré e do São João nordestino. Umas foram reinventadas de acordo com as novas condições de vida resultantes dos novos contextos econômicos e sociais. Noutras, ainda, fragmentaram-se em diferentes formas de festejar. E, outras, ainda, desapareceram em alguns lugares, fortalecendo-se em outros, que passaram a atrair mais e

³⁶Lipovetsky (2007) indica que muitos acreditavam que as festas estavam perdendo seu espaço na sociedade capitalista. No entanto, o autor verifica que as mesmas não apenas ganharam mais espaço como sofreram transformações simbólicas.

³⁷Este debate é percebido nos jornais caruaruenses com relação à Festa do Comércio e o Carnaval, durante os anos 60 e com relação ao São João de Rua, nos anos 80. Um exemplo disto seria o autor caruaruense Agnaldo Fagundes (1983)

³⁸Novamente vemos o exemplo caruaruense: a Festa do Comércio (a partir dos anos 1930), por exemplo, que começou como celebração religiosa de Nossa Senhora da Conceição, que ainda existe, era fruto de um momento histórico no qual as relações de poder estavam bem definidas e as “classes conservadoras”, os ricos, tinham o monopólio sobre a sua organização e feitura. O Carnaval, apesar de ser uma festa universal, como atestam alguns autores, era patrocinado, em Caruaru, por empresários que, ou por perderem o estímulo, diminuírem as possibilidades econômicas, dentre outras, não continuaram investindo no período momesco, deixando os investimentos para a prefeitura do município, fazendo com que este declinasse até o estágio final nos anos 90. Já os festejos juninos, readaptaram-se e tornaram-se, de festas na roça em festas urbanas.

mais festejadores. No caso caruaruense, o São João é um exemplo de festa que foi re-elaborada, reinventada, adaptada à nova realidade da população e do mercado. A Festa do Comércio, diversão natalina, foi sendo substituída pelas ceias familiares e por viagens. E o Carnaval da cidade perdeu espaço para os concorrentes carnavalescos litorâneos ou da capital de Pernambuco.

1.2.2 Brasil: o “País das Festas”

As festas se constituem como um importante meio para o conhecimento das sociedades que as realizam. Contudo, as análises feitas pelos observadores podem ser tanto quanto precipitadas ou equivocadas. Rita Amaral (1998) debate sobre a construção, para os estrangeiros, da ideia do Brasil como o “*país das festas*”. A análise feita pelos mesmos aponta para a alienação, displicência e tendência do brasileiro ao descaso com a lei e a ordem. O Brasil seria “um país às avessas”, despreocupado: no exterior, somos o “país do carnaval e do futebol” (AMARAL, 1998). Para Rita Amaral (1998), as festas se constituem de uma linguagem, sendo a linguagem favorita dos brasileiros. Além disto, através das festas, desde os tempos coloniais até hoje, são construídas várias sociabilidades, os grupos se organizam e terminam por crescer, inclusive, economicamente.

É preciso que se raciocine, no entanto, que as festas são construídas e vividas de diferentes modos por cada grupo social e, até mesmo, por cada indivíduo, em cada lugar e período histórico. A tradição festiva no Brasil é antiga: Tinhorão (2000) afirma terem ocorrido festas no Brasil desde os primeiros dias da chegada dos portugueses³⁹. Ao observar o calendário brasileiro, de fato, temos muitas festas. Porém, como indica Da Matta (2006), as festas enquanto rituais podem ser vistas como “ritos nacionais” ou como reuniões localizadas, ou seja, existem festas que estão presentes em todo o território, como o Carnaval, o Natal, a Semana Santa, o Dia da Independência, e outras que são localizadas em regiões ou cidades. As indicações da existência de feriados nacionais, estaduais e municipais já seriam um indício desta questão. Se levarmos em conta cada cidade, ela vai ter os seus feriados locais, mais os feriados estaduais e os nacionais, portanto, variando a ocorrência dos mesmos de lugar para

³⁹ Tinhorão (2000), sobre as festas brasileiras da Colônia e do Império, aponta para as festas oficiais (Cavalcadas, séc. XVII), festas de irmandades (Recife, Minas Gerais). Num dos capítulos, trata do Carnaval no século XIX.

lugar⁴⁰. No Brasil, festeja-se muito, mas, não necessariamente todas as regiões ao mesmo tempo.

No capitalismo, de um bem simbólico, de um momento de celebração, as festas foram transformadas em um ótimo negócio⁴¹. As grandes transformações nas festas brasileiras das últimas décadas podem ser notadas, principalmente, a partir do interesse do Estado autoritário, dos empresários e da população, em atividades turísticas. As festas juninas de Caruaru e Campina Grande⁴², o Carnaval do Rio de Janeiro, Recife e Salvador, a festa de rodeio de Barretos-SP, a Festa do Boi de Parintins e a Oktoberfest seriam grandes exemplos disto. Mas, quem está na festa? Quem vai a estas festas? O turista, movido por diversos objetivos, o habitante da cidade, movido pelo lazer e pelo trabalho, o político, pretendendo “capital eleitoral” com a festa, enfim, várias pessoas estão envolvidas, cada uma com seu objetivo, cada uma com seu significado. Dentro destas mudanças, Caruaru viu suas festas serem transformadas, sendo estas modificações um fruto das questões internas e externas, gerando, dentre outras coisas, o discurso de “tradição”.

1.2.3 As Festas de Caruaru: Tradições, Renovações e Espetacularização

Quando se fala em São João de Caruaru, nos dias atuais, constantemente usa-se a expressão “tradição” como legitimadora da festa, mesmo que os festejos juninos de hoje em nada se pareçam com o “São João na roça” até os anos 1960 ou o “São João de rua” até os anos 1980, ou seja: as festas do ciclo junino da Caruaru contemporânea são completamente diferentes dos seus dois primeiros formatos. Noutros momentos, outras festas ocupavam este posto de “tradições festivas” caruaruenses. Entender as festas caruaruenses se constitui de um elemento bastante significativo para a compreensão da história da cidade, principalmente no nosso período de estudo, 1950 a 1985, pelas mudanças que elas sofreram. A análise destas

⁴⁰ Os quatro feriados municipais de Caruaru, atualmente, são: 18 de maio, dia da emancipação do município; 24 de junho, dia de São João; 29 de junho, dia de São Pedro; 15 de setembro, dia da Padroeira de Caruaru, Nossa Senhora das Dores. Fica de fora, por exemplo, o dia do “Corpo de Deus”, que é feriado em diversas cidades e estados brasileiros.

⁴¹ Expressam esta opinião Lipovetsky (2007) e Burke (2000)

⁴² “O(s) maior(es) São João do Mundo” é o título de reportagem escrita por Carla Conte e presente na revista “Gol Linhas Aéreas Inteligentes”, número 99, junho de 2010, p. 94 a 102, cujo conteúdo trata das festas juninas de Caruaru e Campina Grande: nota-se o tom tradicionalista do texto e a defesa destas festas como grandes roteiros turísticos.

mudanças nas festas, num primeiro olhar, pode ser feita a partir do conceito de “tradição”⁴³, pensado por Hobsbawm e Ranger (1997). Mas, também, a partir dos debates em torno da espetacularização da vida e da lógica do hiperconsumo, defendidas, respectivamente, por Guy Debord (1997) e Gilles Lipovetsky (2007).

Como indicado, durante o período histórico de nosso estudo, a cidade possuía três festas principais⁴⁴: Festa do Comércio, Carnaval e Festas Juninas. Numa primeira parte deste tempo histórico, entre 1950 e 1965, as festas de fim de ano (Comércio) e as carnavalescas ocupavam um papel mais destacado para a população caruaruense, eram vistas como mais tradicionais, por serem mais antigas, mas, também, porque o seu formato remetia a uma elite caruaruense que as patrocinava, organizava e as utilizava como fator de status social. O próprio nome “Festa do Comércio” foi dado, nos anos 30⁴⁵, pelo controle majoritário da organização da “Festa de Nossa Senhora da Conceição” por parte dos comerciantes e empresários caruaruenses. Já num segundo momento, entre 1965 e 1985, há uma transformação na tradição festiva de Caruaru: as festas juninas passam a ocupar papel de destaque para a população, que, pouco a pouco, foi relegando o Carnaval e a “Festa de Ano” a um segundo plano, até a não realização total destas duas nos anos 1990. Percebe-se claramente nas fontes encontradas uma mudança no discurso das festas: enquanto as festas carnavalescas e de fim de ano fazem uma trilha descendente, as festas juninas começam a aparecer como nova tradição festiva, a partir de elementos diversos que serão mostrados adiante.

Na Festa do Comércio, os custos com os rituais religiosos e as atrações de rua eram pagos pelos empresários ligados aos setores comercial, industrial, pecuarista e agrícola⁴⁶, que se organizavam, também, nos clubes sociais da cidade, com intensa vida festiva nas suas

⁴³ Os dois historiadores entendem que as “tradições” de cada sociedade podem receber este nome por serem, de fato, antigas, mas, também, por serem “inventadas”. E todas as vezes que a sociedade sofre mudanças drásticas, as “tradições” são reordenadas, adaptando-se aos novos tempos ou, simplesmente, são descartadas, surgindo novas “tradições”, as “tradições inventadas”. Em muitos casos, “se inventam tradições não porque os velhos costumes não estejam mais disponíveis nem sejam viáveis, mas porque eles deliberadamente não são usados, nem adaptados” (HOBSBAWM & RANGER, 1997, p. 16). Como será mostrado no trabalho, Caruaru estava sofrendo diversas mudanças econômicas, sociais e políticas, o que gerou a reorganização das suas “tradições” festivas.

⁴⁴ Localizamos diversas festas de menor abrangência ou significado para a cidade, geralmente localizadas em bairros ou paróquias: “Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro”, “Festa do Rosário”, “Festa de São Francisco”, “Festa de São Pedro”, “Festa de Nossa Senhora das Dores”, “Festa do Riachão-Guararapes”, “Festa das Flores”, etc.

⁴⁵ Quem criou esta denominação, nos anos 30, foi o Jornal Vanguarda.

⁴⁶ Ano a ano, formavam-se comissões de pessoas abastadas economicamente para a coleta dos recursos necessários à organização da festa.

sedes⁴⁷. Nesta festa de fim de ano, cada clube social organizava sua barraca na praça Coronel João Guilherme, reproduzindo o “espaço” da sua respectiva sede. Famílias ricas, moradoras dos lugares “nobres” da cidade à época, levavam cadeiras para se sentarem às calçadas e observarem o movimento do “quem-me-quer” (footing) das garotas e rapazes das elites. Havia os espaços “elitizados” e os espaços destinados para os pobres, nas regiões mais afastadas da festa. Havia clara distinção social a partir do espaço físico que se ocupava, do que era vestido e do que era consumido. O povo pobre estava lá, na festa, presente, mas, tinha o seu lugar determinado, distinto de onde ficavam os filhos das “nobres” famílias. Evidentemente que esta população pobre vivenciava a festa à sua maneira, com seus signos particulares, mas, as narrativas sobre estas festas colocavam esta camada social como secundária⁴⁸, dando total primazia às elites sociais e econômicas da cidade.

No Carnaval, por sua vez, apesar da intensa participação popular, os clubes carnavalescos, os blocos, os ranchos e os bailes nos clubes sociais se constituíam de outros momentos de convivência e ostentação das elites locais. Até mesmo as agremiações populares, como as escolas de samba, as troças, os maracatus, cambindase caboclinhos dos bairros pobres da cidade saíam com grandes contribuições do empresariado caruaruense⁴⁹, como era o caso, por exemplo, do bloco “Sou Eu O Teu Amor”, do folião “Cacho-de-Coco”. Vale salientar que as contribuições destes empresários se davam enquanto indivíduos, membros das “classes conservadoras” e não como empreendedores, donos de marcas comerciais a serem mostradas, como passou a ser feito a partir dos anos 60. Carnaval e Festa do Comércio ocorriam, neste sentido, até esta década, a partir da ação patrocinadora das elites de Caruaru.

As festas juninas de rua, que transformaram as celebrações juninas da cidade, fazem parte de um momento de transformações da sociedade caruaruense, que refletem as modificações brasileiras, que ocorreram por diversos fatores, dentre eles as mudanças

⁴⁷ Entre os anos 30 e 60, as narrativas sobre estes clubes sociais, no que diz respeito às festas, são bastante ricas e variadas. As principais datas do ano, Carnaval, festas juninas e Natal, eram celebradas com um grande entusiasmo, e narradas com detalhes de nomes e lugares nas colunas sociais dos semanários caruaruenses. A partir de meados dos anos 60, no entanto, percebe-se uma relativa decadência destes espaços, tanto que os mesmos já não existem mais a partir dos anos 80, a não ser como imóveis locados para festas e não mais como uma sede de encontros sociais das elites. Os nomes dos clubes sociais serão indicados no decorrer dos textos.

⁴⁸ Em vários textos encontramos clara menção aos espaços dos pobres nas festas de Natal, tais como em Souza (2005) e França (2007), bem como nos relatos dos jornais do período que vai até 1960.

⁴⁹ Noutros momentos, percebe-se clara dependência dos foliões das agremiações mais pobres por financiamento vindo da Prefeitura. Em vários anos, sem esta contribuição ou dos empresários, algumas agremiações simplesmente não saíam no Carnaval.

econômicas, sociais e culturais⁵⁰, transformações baseadas nas mudanças geradas pelo sistema capitalista. A festa da roça virou a festa da rua⁵¹. A população da cidade estava maior e mais urbana que nas décadas anteriores e tinha recebido grandes contingentes de migrantes de outras regiões que não possuíam relação com as “festas tradicionais da cidade”, mas, que, também, queriam participar dos eventos festivos. Os novos financiadores das festas dos anos 60, por sua vez, eram empresas que queriam vincular sua contribuição à imagem de sua marca empresarial⁵². Havia, também, a ação das empresas do sistema “S” (SESC/SESI) na viabilização das festas para os trabalhadores, bem no contexto da industrialização. Outrossim, com a ação das emissoras de rádio e seus respectivos comunicadores⁵³, o incentivo para a festa gerava, na população, o desejo de brincar a festa junina de forma mais efetiva, até mesmo porque os investimentos seriam bem menores: cotas para ornamentação das ruas, marcação de quadrilhas, organização de palhoças, etc.

Caruaru estava, portanto, transformando suas tradições festivas, criando novos significados para uma festa antiga, o São João, e deixando de lado outras festas que estavam perdendo os seus simbolismos culturais. As “tradições”, segundo alguns autores, são reivindicadas pelas sociedades, de forma geral, e pelos grupos sociais, em particular, para identificar e legitimar: remeter-se a uma “tradição” dá a ideia de se chegar a um tempo distante, fundador de uma realidade social⁵⁴. Ao analisarmos os registros históricos da cidade, principalmente jornalísticos, podemos perceber que expressões ligadas a “tradição” estão sempre presentes no que diz respeito a estes eventos festivos, ora como um legitimador (“Caruaru sempre fez a Festa da Conceição”), ora como um criador de identidade (“Caruaru tem a tradição de ser uma cidade de boas festas”), dependendo, no entanto, de qual fosse o

⁵⁰ Nacionalmente, este era o momento da industrialização brasileira, a sua “chegada ao capitalismo” (ORTIZ, 2006). Em termos locais, falência de certos setores (decadência da agricultura e da indústria ligada ao algodão, ao couro e à fibra da caroá) e transformações de outros (comércio) fizeram com que as relações econômicas e de poder se modificassem (SANTOS, 2006; MARQUES, 2006).

⁵¹ E, da rua, depois, tornou-se do “espetáculo”.

⁵² Coca-Cola, Fanta, Ron Bacardi, pilhas Eveready, etc. Nesta época, encontrava-se em grande crescimento a mídia televisiva no Brasil, com emissoras instaladas no Recife e interessadas numa programação local de Pernambuco, como veremos adiante.

⁵³ Também havia estímulos de empresas da mídia, do comércio, da indústria e dos serviços nas festas carnavalescas, mas, isto se deu no momento em que outras possibilidades eram oferecidas aos brincantes, tais como a ida aos Carnavais no Recife, Olinda e Vitória de Santo Antão, bem como as brincadeiras no litoral. Claras reclamações sobre isto são encontradas em França (2007) referentes ao final da década de 1960.

⁵⁴ Gerd Bornheim (1987) defende que a tradição é algo que se quer “perene e eterno”, sem rupturas, “imperturbavelmente ela mesma na medida em que afasta qualquer possibilidade de ruptura” (BORNHEIM et alii, 1987, p. 15). Segundo o mesmo autor, a tradição pode ser vista como uma “vontade de tradição”: “querer-se tradição, e ela se quer tão totalmente tradição que se pretende eterna, determinando não apenas o passado e o presente, mas o próprio futuro, porquanto tudo pode ser previsto...” (BORNHEIM et al, 1987, p. 18)

momento histórico: como veremos adiante, entre os anos 1950 e 1960, a hegemonia festiva era do período momesco e da festa de Natal; a partir de meados dos anos 1960, aparecem, com destaque, as festas juninas e começam a desaparecer as narrativas e os interesses sobre as festas primeiras.

As duas primeiras festas parecem ser tradicionais no sentido de antigas⁵⁵, enquanto que o São João, apesar de também ser antigo, mas, não tão significativo à época, foi inventado como tradição a partir dos anos 60/70. Deste período em diante, criou-se, “inventou-se” uma associação entre “Caruaru”, “São João” e “Forró”. Segundo Hobsbawm e Ranger (1997),

“Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas. Tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM & RANGER, 1997, p. 11).

Para Hobsbawm e Ranger (1997), as tradições possuem uma função simbólica, ligando as pessoas a um passado com o qual as mesmas querem se identificar. No entanto, este passado tem que ser significativo para estas pessoas, representativo de algo coletivo. Neste sentido, no momento em que a cidade de Caruaru começou a sofrer maiores transformações sociais e econômicas, nos anos 1960, as tradições festivas também sofriam este mesmo processo. Qual era a ligação da nova população urbana de Caruaru com as festas tradicionais? Qual era a ligação desta mesma população com as festas juninas que ela passava a realizar, estimulada pela mídia, governo e empresários?

O carnaval era uma festa do país inteiro (DA MATTA, 2006), mas, em Caruaru, era financiada por um grupo pequeno, as elites econômicas e políticas. A festa de fim de ano era um evento local e representava, em primeiro lugar, uma tradição que vinha desde os tempos de “Zé Rodrigues” (século XIX) e, em segundo, a pujança dos comerciantes e empresários do

⁵⁵ Hobsbawm e Ranger (1997) analisam as tradições como algo que pode, de fato, ser antigo, mas, também, como algo que foi inventado, construído e institucionalizado. Este parece ser o caso das festas caruaruenses, em cada um dos seus períodos históricos: desde fins do século XVIII havia a “Festa da Conceição”, também chamada de “Festa de Zé Rodrigues”, que passou a ser conhecida, nos anos 30, como “Festa do Comércio” ou “Festa de Ano” (na verdade, “Festa de Fim de Ano” ou “Festa de Natal e Ano Novo”); o Carnaval caruaruense também é bastante antigo (assim como em várias outras cidades brasileiras), tendo seu registro mais antigo, segundo Souza Pepeu, no ano de 1904; já o São João de Caruaru, como em várias outras cidades do Nordeste e do Brasil, era celebrado desde o início do século (e por que não pensar em desde o século XIX, dada a prática dos festejos em várias regiões do país, desde o período colonial? Podemos apenas supor, posto que não temos fontes históricas comprovadoras), mas, passou até os anos 60 sendo comemorado, contudo, sem ser destacado pela população (isto pode ser percebido em jornais e livros de memórias, com será indicado adiante). Somente a partir desta década é que se torna “uma tradição”.

município (anos 1930), com o nome de “Festa do Comércio”. O São João, que até o começo dos anos 1960, apesar de prática antiga, se constituía de uma festa familiar, particular, não tendo a dimensão das outras festas, não era narrado como tradição, mas, passou a sê-lo a partir desta década. A cidade de Caruaru transformava-se e, por isto, modificava, também, a sua forma de festejar⁵⁶. E como afirma Bornheim (1987), as tradições só podem ser compreendidas dentro de um conjunto de valores de uma sociedade, que, ao se transformar, transformam seu conjunto de valores.

Assim, analisamos que houve uma mudança nas bases sociais, econômicas e políticas, o que levou a mudanças nas tradições: a nova tradição natalina de Caruaru tornou-se, a partir dos anos 70, a ser a celebração familiar, a ceia de Natal, tão estimulada na mídia pelas empresas produtoras de mercadorias do período (panetones, árvores de natal, promoções do comércio local, etc)⁵⁷. No período momesco, a população começou a migrar para outras cidades que realizavam maiores investimentos no Carnaval: é perceptível, por exemplo, o aumento dos relatos nos jornais, nos anos 1970, das viagens de caruaruenses para o Recife, Olinda, Vitória de Santo Antão, litoral pernambucano, paraibano e alagoano e, mais recentemente, para Bezerros (PE), Pesqueira (PE) e Salvador (BA).

David Cannadine(1997) nos indica que a tradição dá a idéia de que algo existe desde tempos remotos, legitimando-o, portanto, de que “sempre foi assim”. Para este teórico, um mesmo texto ou ritual pode sofrer alterações do seu significado dependendo do contexto. Em Caruaru, Festa do Comércio e Carnaval eram um exemplo disto, mas, desapareceram. Hoje, o nome Caruaru e os festejos juninos são completamente associados, o que se constitui de uma construção recente, porém, indicadora da nova tradição: criou-se a ideia de que “sempre” houve festas juninas⁵⁸. Criou-se o mito de que todo caruaruense festeja o “São João” e sabe dançar forró. Criou-se o ambiente junino: arraial, palhoça, ornamentação com bandeirolas, balões, fogueira, fogos de artifício, etc. Criou-se o mito de que festejos juninos só podem ser

⁵⁶ Afiram os teóricos, sobre esta questão: “[...] provavelmente, não há lugar nem tempo investigado pelos historiadores onde não haja ocorrido a ‘invenção’ de tradições neste sentido. Contudo, espera-se que ela ocorra com mais freqüência quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói padrões sociais para os quais as ‘velhas’ tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas” (HOBSBAWM & RANGER, 1997, p. 12).

⁵⁷ Nas décadas de 1930 a 1950, poucas são as vezes, por exemplo, que apareceu a figura do “Papai Noel”, que tornou-se elemento constante a partir dos anos 1960.

⁵⁸ O que é faz sentido, se pensarmos que a população a festeja desde tempos remotos; o que não faz sentido se raciocinarmos que este “sempre” está ligado aos festejos nos moldes que se forjaram nos anos 1970 em diante.

animados com forró⁵⁹. Nas festas de 2009, por exemplo, a frase utilizada como slogan oficial dos festejos juninos foi “Caruaru – Capital do Forró: a Tradição de Maior e Melhor São João do Brasil”.

Entretanto, a partir da década de 80 aos dias atuais, mesmo com a utilização do discurso de tradição, o formato da festa foi completamente modificado, organizado dentro da lógica da economia capitalista que entende que tudo é mercadoria, tudo deve gerar a possibilidade de movimentação econômica e tudo é espetáculo. A tradição é, apenas, mais um discurso, que esconde por trás de sua força, os interesses dos donos dos poderes públicos e dos empresários, bem como os gostos e desejos da população da cidade e dos turistas.

Este modelo de festa junina caruaruense atual, espetacularizado, que não se constitui de nosso objeto de estudo, é uma frutífera possibilidade de pesquisa. Ele é a continuação das festas de rua dos anos 70, sendo organizado e funcionando a partir das novas concepções surgidas na sociedade capitalista do final do século passado⁶⁰: festa de grandes proporções, com enorme quantidade de pessoas em seu recinto; grande apelo mercadológico, com patrocínio de grandes marcas que associam seus produtos ao evento, às vezes condicionando-lhe o consumo, como é o caso de bebidas alcoólicas e refrigerantes; campanhas midiáticas de divulgação do evento nos principais meios de comunicação, bem como a elaboração de materiais de divulgação para distribuição em órgãos e agências de turismo oficiais e particulares; grande apelo feito através de modernos equipamentos de som, luz, predominância de cores, marcas e slogans.

Carnaval caruaruense e Festa do Comércio, por sua vez, não conseguiram se sustentar diante da concorrência de outras possibilidades de comemoração: as festas carnavalescas de outras cidades assumiram, também, este formato espetacularizado. No Recife, por exemplo, o super bloco carnavalesco “Galo da Madrugada”, com suas centenas de milhares de foliões, já nos anos 80, era um atrativo pesado se comparado às agremiações caruaruenses que já não possuíam condições econômicas de se sustentar financeiramente. Em Salvador, Bahia, o investimento na criação de um estilo, o “axé”, e na empresa turística fizeram de seu Carnaval um dos mais conhecidos e visitados do Brasil. O Rio de Janeiro vivenciava este movimento de espetacularização desde os anos 1970 (BURKE, 2000). No período natalino, a Festa do

⁵⁹ Sobre o forró, inclusive, há polêmica sobre o que teria originado este nome. Viriam as expressões “forrobodó” ou “for all” com suas possíveis criadoras. (CASCUDO, 1999)

⁶⁰ Observa-se o mesmo fenômeno em outras festas brasileiras, inclusive as juninas, como é o caso de Campina Grande (LIMA, 2002). Canclini (1983) identifica algo semelhante em festas e artesanato de origem indígena no México dos anos 1970.

Comércio era cheia de pessoas e carente de significados: a parte religiosa era pouco atrativa e os carrosséis poderiam ser encontrados em qualquer festa durante o ano inteiro. Mesmo sendo divulgada em alguns jornais pernambucanos, ela não possuía um atrativo em especial que pudesse ser utilizado como marca turística, além de se constituir num tremendo obstáculo para o péssimo traçado urbano do Centro de Caruaru, atrapalhando o trânsito. Observando-se as atrações que eram levadas à festa de fim de ano, elas se confundiam com as que se apresentavam no período junino, ou seja: São João, através do forró, tinha engolido a Festa do Comércio⁶¹.

Podemos compreender que, não apenas as festas caruaruenses estavam mudando, mas, também, as festas de outras regiões, que terminavam por influenciar no destino dos turistas de outras cidades e dos próprios caruaruenses. Estas festas, a caminho da espetacularização, entre os anos 70 e 80, podem ser vistas a partir de alguns teóricos que tratam da lógica capitalista internacional dos últimos quarenta anos: Debord (1997), Bruckner (2002) e Lipovetsky (2007).

Debord (1997, p. 13) nos seus comentários publicados em 1967, afirma que a economia capitalista havia transformado tudo em espetáculo: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (grifo do autor). As festas, antes bens simbólicos, foram transformadas, também, em mercadorias turísticas, passando a ser mostradas, através da publicidade e propaganda como um produto de consumo de divertimento, uma “mercadoria-fetiche”. A festa-ritual virou uma festa-lazer. Nessa sociedade capitalista recente, sociedade de ampliação do consumo, do lazer, a festa pode ser vista como um espaço construído para a alegria. Não há espaço para a tristeza, há um “dever de felicidade”⁶², pois, no capitalismo, a felicidade, pensa-se, “pode ser comprada, monetarizada” (BRUCKNER, 2002, p. 17). Lipovetsky (2007) defende a idéia de que a sociedade capitalista vive uma fase de hiperconsumo⁶³. Com relação as festas, ele afirma que

⁶¹ Em 1978, 1980, 1984 e 1985, encontramos, como principais atrações das festas natalinas, cantores de forró da cidade e região, algo que não era muito comum, se observarmos nas décadas anteriores nas quais as atrações eram ligadas ao bolero (Waldeck Soriano, Agnaldo Timóteo) ou outros ritmos populares (Reginaldo Rossi, Renato e Seus Blue Caps, The Fevers, Leonardo).

⁶² “Por dever de felicidade eu entendo, pois, a ideologia própria da segunda metade do século XX, que obriga a que tudo seja avaliado pelo ângulo do prazer e da contrariedade, intimidação à euforia que expõe à vergonha e ao mal-estar os que não aderirem a ela” (BRUCKNER, 2002, p. 16).

⁶³ Lipovetsky (2007, p. 11) divide o capitalismo em três fases: o nascimento dos mercados de massa, a sociedade de consumo de massa e a sociedade do hiperconsumo. Indica que, nesta terceira fase, “[...] a nova orientação capitalista leva a sociedade ao caminho da estimulação perpétua da demanda, da mercantilização e da

as mesmas têm muito mais de diversão do que do próprio fenômeno celebrado, tem mais de hedonização do presente do que de recordação do passado: “Por toda parte, as festas são dominadas pela lógica dos lazeres, dos espetáculos e do consumo: a festa tradicional ou memorial foi substituída pela festa consumista ou frívola centrada no presente” (LIPOVETSKY, 2007, p. 253). O apelo é de “tradição”, mas a lógica é mercantil: “[...] espetáculos musicais, animações de rua, fogos de artifício, trajes de época, barracas de objetos antigos, comércios e artesanato” (LIPOVETSKY, 2007, p. 252).

Assim, ao observar as festas caruaruenses, percebemos este movimento de mudança das tradições, com o abandono de algumas e o surgimento de outras, bem como a adequação destas novas tradições festivas à lógica econômica do turismo e do lazer no capitalismo recente. A partir dos anos 70 e 80, muitos dos discursos continuam a defender a tradição, como é o caso da festa junina caruaruense, mas o formato é de “modernização”. As outras duas festas da cidade, por sua vez, sem terem sofrido o mesmo movimento evolutivo, sucumbiram diante das questões externas e internas e da carência simbólica para a população.

multiplicação indefinida das necessidades: o capitalismo de consumo tomou o lugar das economias de produção”.

CAPÍTULO 2

2 PRIMEIRAS TRADIÇÕES FESTIVAS CARUARUENSES: A FESTA DO COMÉRCIO E O CARNAVAL

*“Deus vos salve Virgem, Filha de Deus Pai!
Deus vos salve Virgem, Mãe de Deus Filho!
Deus vos salve Virgem,*

*Esposa do Dívino Espírito Santo!
Deus vos salve Virgem, Templo*

e Sacrário da Santíssima Trindade!”

(“Ofício da Imaculada Conceição”, fragmento)

Neste capítulo, trataremos do percurso das festividades tidas como tradicionais para a cidade de Caruaru até meados dos anos 60. A Festa do Comércio, surgida como Festa da Conceição, no final do século XVIII, era a mais tradicional, dentre outras coisas, por ser a mais antiga e, também, por ser específica de Caruaru, uma religiosa, uma festa de padroeira. Havia, também, o fato de “pertencer ao comércio”, num momento específico da história da cidade. O Carnaval, apesar de festa “universal”, celebrada em todos os lugares, em Caruaru era um evento que gerava grandes expectativas e repercussões sociais, culturais e políticas. Porém, no momento em que a sociedade sofreu várias mudanças e as praias litorâneas e o carnaval do Recife, de Vitória de Santo Antão e de Olinda, começaram a fazer-lhe uma maior concorrência.

2.1 A Festa do Comércio

2.1.1 Dos Tempos de Zé Rodrigues à Festa “despejada” (1800 – 1995)

Recebendo a denominação de “Festa do Comércio” somente nos anos 1930, esta tradicional festa caruaruense começou sua história como Festa da Conceição, no final do

século XVIII. O começo da história de Caruaru está intimamente ligado à capela de Nossa Senhora da Conceição e ao que ela proporcionava em termos sociais, econômicos e culturais. Por ser a mais antiga festa da cidade, era vista, até os anos 1960, como a maior tradição festiva de Caruaru. Sua origem é religiosa, porém, seu apogeu, entre 1930 e 1960, é uma prova da influência e poder econômico dos comerciantes e outros empresários de Caruaru⁶⁴. Por sua vez, a diminuição de sua importância e a não realização demonstram as mudanças pelas quais passava a cidade, numa ambientação de influências nacionais e locais.

As origens da festa religiosa de Nossa Senhora da Conceição, na Caruaru dos tempos de José Rodrigues, séculos XVIII e XIX, estão colocadas dentro da lógica cultural brasileira do período: a nossa colonização, de predominância católica, influenciava nas nossas festividades. A relação sempre forte entre Igreja e Estado Português e, depois, Estado Imperial Brasileiro, gerando o sistema de Padroado, lançou as bases, dentre outras coisas, de nosso calendário festivo. Além disto, pelas condições sociais e econômicas da época, principalmente os elementos demográficos, esta festa tornava-se de grande importância para os encontros sociais dos habitantes da região.

A cidade de Caruaru⁶⁵, no início do povoamento da região Agreste de Pernambuco, teve seu vilarejo formado a partir da fazenda de José Rodrigues de Jesus (ou José Rodrigues da Cruz, 1756-1820), tendo como um dos seus pontos centrais a capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. A capela, cuja padroeira homenageada gerou a primeira festa tradicional da cidade, foi construída a partir de 1781, pelo casal Rodrigues de Jesus, com autorização do Bispo de Olinda, Dom Tomás da Encarnação Costa Lima (BARBALHO, vol9, p. 97).

A Festa da Conceição, tendo sua origem religiosa, não excluía a parte “profana” da festa: na época, como comum, dadas as condições histórico-culturais do Brasil, as festas do calendário eclesiástico eram celebradas religiosamente, mas, também, com rituais mundanos. Apesar de ser, nestes tempos, uma festa sem grande repercussão fora da região, a Festa da Conceição cumpria o seu papel de agregar as pessoas da localidade, oferecendo possibilidades de contato social, acordos econômicos, políticos e produções culturais. Mello Moraes Filho (1999), que trata de algumas festas e tradições populares do Brasil, no século XIX aponta

⁶⁴ Não apenas os comerciantes patrocinavam a festa, mas eles se constituíam do grupo principal a custear suas despesas do ritual religioso e da parte profana.

⁶⁵ A cidade teve sua emancipação política em 18 de maio de 1857. O povoamento ostensivo da região data do século XVII, porém, a mesma já era utilizada como área de passagem de gado indo do litoral ao sertão e vice-versa, desde tempos remotos.

que é perceptível e significativa a quantidade de festas católicas⁶⁶ nas quais havia comidas, bebidas, danças, músicas, cavalhadas, competições, foguetório, música e cantoria, “folias”, café, “bandeiras”, “carros com máscaras”, etc. Para Rita Amaral “as festas parecem oscilar mesmo entre dois pólos: a cerimônia (como forma exterior e regular de um culto) e a festividade (como demonstração de alegria e regozijo)”. (AMARAL: 1998, p. 38).

Nas celebrações populares da época, a não-divisão do sagrado e do profano, tem uma explicação peculiar: Rita Araújo, sobre a Igreja Católica no período colonial e imperial brasileiro, destaca que “a igreja católica [...] adquiriu características próprias, bem diferentes daquelas que configuravam suas congêneres européias no mesmo período” (ARAÚJO, 1996, p. 64): havia uma dificuldade da Igreja, oficialmente, estar presente em todos os espaços. A população, então, tinha práticas religiosas que eram livres da presença ostensiva do clero, valorizando elementos que se convencionaram chamar de “religiosidade popular”. Crenças, por exemplo, nos poderes mágicos dos santos, nas intervenções amorosas de alguns santos casamenteiros, cultos à fertilidade da natureza e das mulheres, além de histórias herdadas da mentalidade medieval, algumas retiradas dos ditos “evangelhos apócrifos”⁶⁷. Nas casas, a existência dos oratórios era freqüente. Autos de fé, “bandeiras do divino”, “folias de reis”, celebrações religiosas nas capelas ou em quaisquer outros lugares se transformavam em um espaço de socialização da fé:

“Na fase que antecedeu o movimento de romanização, a exteriorização do culto e a expansão da devoção eram aspectos extremamente valorizados pelo catolicismo [...] Festas, procissões, romarias, santas missões e novenas constituíram-se em ocasiões privilegiadas para os fiéis manifestarem pública e coletivamente a fé e a devoção.

Para explicar e ensinar os mistérios da fé, recorreram freqüentemente ao uso de imagens, à representação teatral de cenas bíblicas e de passagens da vida de Cristo ou de santos católicos, relembraram as lutas entre mouros e cristãos. Sempre que possível, as manifestações religiosas deveriam ser ilustradas e apresentadas espetacularmente; eram projetadas para penetrar fundo na alma e no coração dos fiéis e destinadas a arrancar-lhes

⁶⁶Dentre as festividades citadas por Mello Moraes (1999), podemos destacar festas populares (mas com apelo religioso ou concomitante a festa religiosa, como o “Ano-Bom”, o Carnaval, a Festa do Divino, o Natal, a Véspera de Reis, a Véspera de São João, Reisados e Cheganças) e as festas religiosas propriamente ditas (tais como as missões, Corpus Christi, Quinta-Feira Santa, Sexta-Feira da Paixão, Finados, etc). Rita Amaral (1998) também cita várias festas católicas brasileiras, dentre elas, as Festas de Nossa Senhora Achiropita (São Paulo), Festa do Círio de Nazaré (Belém-PA) e, até mesmo, o “Boi-Bumbá de Parintins”, festa junina em Tupinambarama (AM). Em Câmara Cascudo (2001), encontram-se as descrições para as festas de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora dos Remédios, Santa Cruz, Santa Rita, São Benedito, São Pedro etc.

⁶⁷ Não aceitos pela Igreja Católica e Igrejas Reformadas.

sentimentos de dor e de pranto, provocar-lhes a piedade divina e rememorar o pecado original e a expulsão do paraíso.” (ARAÚJO, 1996, p. 65)

Assim como outras festas brasileiras do período colonial e imperial, a “Festa da Conceição”, em Caruaru, também servia como elemento social aglutinador. Neste sentido,a

“vida cultural brasileira foi bastante movimentada e as comemorações festivas marcaram indelevelmente o contato entre as pessoas. As festas, fossem religiosas, cívicas, domésticas ou carnavalescas, marcavam o calendário social e permitiam que o distanciamento e a formalidade da vida social brasileira fossem rompidos” (ARAÚJO, 2008, p. 36).

As festas religiosas eram momentos de encontro: as missas, os batizados, as novenas, tornavam-se, também, motivos para as pessoas colocarem as novidades em dia, falarem de agricultura, de pecuária, realizarem negócios comerciais, chamarem amigos para apadrinhamento dos filhos, acertarem casamentos dos filhos, cantarem, dançarem. Além da “reza”, as pessoas “não se descuidaram de aspectos mais amenos da existência humana e programaram celebrações que proporcionavam descontração e geravam o riso, a diversão e a alegria entre os devotos e mesmo entre os incréus” (ARAÚJO, 1996, p. 65).

Não se fazia distinção entre o “sagrado” e o “profano”, como já havia na Europa “reformada”. Rita Araújo (1996), por exemplo, relata o espanto de um comerciante francês, Tonellare, que, na Bahia, em 1817, presenciou uma celebração religiosa:

“nesses festejos, impressionou-lhe particularmente a convivência harmoniosa entre o sagrado e o profano, e o quanto lhe pareceu inexistir a separação entre um domínio e outro para os habitantes locais. *Esta singular mistura do profano e do sagrado só era notada pelos estrangeiros, observou o viajante*”.(ARAÚJO, 1996, p. 66,grifo nosso).

O fato de só ser notada pelos estrangeiros denota a idéia de que, para os nativos, era algo normal o entrelaçamento das coisas religiosas com as comemorações “mundanas”. “O sagrado e o profano, da forma como vieram a ser definidos pelo movimento reformista, imiscuíam-se numa mesma atmosfera, numa aura comum de espirituosidade, que reuniam o lúdico ao solene, a devoção ao divertimento, o sério ao burlesco, o respeito à irreverência.” (ARAÚJO, 1996, p. 80).

A Festa da Conceição foi marcada por estes elementos históricos desde a sua criação até o início do século XX. A partir de então, mais e mais ela foi diminuindo a sua importância religiosa, aumentando-se o seu aspecto profano. Na primeira metade do século XX, como veremos, a festa passou a ser narrada muito mais no que diz respeito ao “comércio” do que à

“Conceição”, até que, por volta dos anos 60, iniciou-se um maior desinteresse social pela festa de rua.

2.1.1.1 Nos Tempos de Zé Rodrigues: O Começo da Tradição

José Rodrigues de Jesus é um importante personagem da História de Caruaru, porém entendido de formas diversas⁶⁸: uns defendem sua figura como o fundador de Caruaru, como é o caso do Padre Zacarias Lino Tavares (SANTOS, 2006); outros, como Josué Euzébio Ferreira, indicam que o mesmo propiciou as condições iniciais de crescimento da fazenda e, portanto, futura cidade de Caruaru, porém, o legítimo fundador da de Caruaru seria Simão Rodrigues de Sá (FERREIRA, 2001, p. 102)⁶⁹. Independente, contudo, de qual tenha sido o papel principal de José Rodrigues de Jesus (se fundador ou facilitador), foi de sua iniciativa a construção da Capela em honra de Nossa Senhora da Conceição:

DE CURRAL A METRÓPOLE DO AGreste

Na Fazenda do Major José Rodrigues de Jesus, a capela sob invocação de Nossa Senhora da Conceição depressa ficou pronta. De pedra e cal, com uma torre, de frente virada para o poente, a nova igreja começou a receber as imagens, os ornatos, os objetos de uso sagrado. A espôsa do fazendeiro, d. Maria do Rosário, cuidava do altar. Uma rendeira, ali moradora, tecêra a linda toalha. Do Recife, vieram jarros de porcelana e palmas de flôres. E mais tapetes, cortinas, castiçais, a custódia dourada... Tudo pronto. Só faltava a festa da primeira missa.

Esta foi realmente bonita. Enfeitara-se todo o páteo da Fazenda. Vieram vaqueiros, habitantes do lugar, gente da vizinhança, famílias com suas roupas novas. Tocava uma orquestra de pífanos e de bombos. O Sr. Vigário dos Bezerros chegara, a cavalo, trazendo o seu sacristão. Foguetes e música. O gado espalhado nas caatingas se assustava com tanto barulho.” (MÁRIO SETTE in DOCUMENTO ILUSTRADO DO PRIMEIRO CENTENÁRIO DA CIDADE DE CARUARU, 1857 – 1957, p. 55)

Os historiadores colocam sua construção como datada de 1781⁷⁰, com referências escritas também no ano de 1786. Ao redor da capela, ficava a sede da fazenda. Em plena passagem do século XVIII para o XIX, com uma população pequena, a fazenda de José Rodrigues e a Capela tinham um importante papel: muito da vida social funcionava na

⁶⁸ Uma análise sobre esta questão pode ser vista em SANTOS (2006).

⁶⁹ Não é intenção deste trabalho debater sobre esta questão.

⁷⁰ Sobre estas datas, conferir Barbalho (1983); Ferreira (2001).

cercania: além das missas, novenas, casamentos e batizados que se davam no lugar, o espaço servia também como forma de contato social da população da região, fossem agricultores agregados ou fazendeiros.

Havia, ainda, o fato de Caruaru se localizar numa área de passagem do gado, sendo um ponto estratégico para os transeuntes e para os habitantes da região:

“... No chamado LUGAR DO KALALU ou LUGAR DO KALULU, entre os povoados do Jacaré e da Taquara, em pleno caminho das boiadas, estrada central de Pernambuco a ligar a praça do Recife ao Sertão do Carinhanha” (BARBALHO, vol 9, p. 94, destaque do autor).

Na fazenda, havia a prática da hospedagem e alimentação para os que iam e vinham trazendo gado e outras mercadorias de uma parte a outra da capitania, depois província. Outro aspecto significativo desta fazenda, em termos de socialização, era a realização de uma pequena feira semanal, defronte à Capela da Conceição, principalmente, nos dias de Missa e batizado. O serviço religioso da região, incluindo as celebrações da Festa da Conceição, dependia do Curato de Bezerros: por ordem de Dom Tomás da Encarnação, o Padre Manuel Clemente dos Santos daria a bênção e prestaria toda assistência religiosa do lugar, posto que a Fazenda Caruaru ficava na Freguesia de São José dos Bezerros.

Indivíduo devoto, narrado em Nelson Barbalho como “piedoso e caridoso”, José Rodrigues de Jesus costumava fazer festividades religiosas em sua capela:

“Nela se promoviam durante o ano algumas festividades, algumas de caráter bem solene, como a da Imaculada Conceição, a 8 de dezembro, com novena, e a do fim do ano desde o dia de Natal, a 25 de dezembro, até 1 de janeiro.

Tiveram início, sem dúvida, desde esta época, as tão faladas festas natalinas que Caruaru vem realizando, mantendo uma tradição mais que secular.

Eram festas de sentido puramente religioso em comemoração ao magno acontecimento da Cristandade, o nascimento de Nossa Senhor Jesus Cristo.

Indebitamente, já lá vão anos, o comércio local tomou a si a responsabilidade desta festa, apelidando-a de Festa do Comércio, mas a tradição exata é a que deveria manter-se – a de Festas Natalinas” (BARBALHO, vol 9, p. 124 e 125).

Sobre as festas dedicadas à “Senhora da Conceição”, em Caruaru, organizadas por José Rodrigues (daí serem também chamadas de “festa de Zé Rodrigues”), escreveu Nelson Barbalho:

“[José Rodrigues de Jesus] organiza mais um festejo natalino, dedicado a Nossa Senhora da Conceição, padroeira do lugar, em cuja capela, no interior, desenvolve-se um novenário bastante concorrido e, na parte externa, são levados a efeito os entretenimentos profanos muito a gosto do povo em geral, com zabumba⁷¹, foguetório, comedorias e bebedorias vendidas em toldas armadas na Rua da Frente, cavalhadas, reisados, bumba-meу-boi etc.” (BARBALHO, 1983, vol 10, p. 216).

Os relatos mais antigos conhecidos sobre esta festa, segundo Nelson Barbalho (Vol9 e Vol 10, 1983), datam de 1800: “nas derradeiras horas do ano (1800), na Povoação de Caruru, em frente à Capela de N. S. da Conceição, realiza-se pela primeira vez a ‘festa de José Rodrigues’”. (BARBALHO, 1983, vol9, p. 274). Acreditamos, no entanto, que a festa já tenha se dado antes desta data, posto que a capela foi construída a partir de 1781 e, segundo Hermógenes Viana⁷², começou a funcionar como templo religioso em 05 de outubro de 1782, o que torna plausível a ocorrência de celebrações as mais variadas.

Após a morte do fazendeiro José Rodrigues, em 1820, as festividades natalinas continuaram a ocorrer, sendo chamadas, entretanto, de “Festa de Caruru”. Eram organizadas pelo curato de Bezerros e pelos habitantes do vilarejo. Em 1848, com a construção da Igreja de Nossa Senhora das Dores, a vida religiosa católica no vilarejo passou a vivenciar a disputa entre a “irmadade da Conceição” e a “irmadade das Dores”. Esta última igreja, inclusive, tornou-se a sede da primeira paróquia de Caruaru, o que gerou descontentamento dos devotos da Conceição, templo mais antigo e cuja irmandade pretendia exercer maior influência religiosa no vilarejo⁷³. Em meados do século XIX e, até mesmo, no século XX, passariam a chamar a festividade de “Festa da Mãe de Deus”, tornando-se depois a “Festa da Conceição”⁷⁴. Já no século XX, especificadamente em 1933, o Jornal Vanguarda criou a expressão “Festa do Comércio”, o que terminou por agradar aos financiadores da festa, os comerciantes da cidade de Caruaru, bem como demonstrar sua força (SANTOS, 2006). Este nome perdurou até a sua última edição, em 1995. Hoje, somente há a festa religiosa, a Festa da Conceição.

⁷¹ “Zabumba”, “Esquenta-mulher”, “carapeba”, “quebra-resguardo” é o mesmo que “Banda de Pífano”, composta por músicos que tocam instrumentos de percussão acompanhando uma flauta de bambu ou taboca, chamada “pífano” ou “pife”. (CASCUDO, 2001)

⁷² Conferir “Documento Ilustrado do Primeiro Centenário da Cidade de Caruaru, 1857 – 1957”, p. 31.

⁷³ Sobre esta questão, ver a pesquisa de Bezerra (2005).

⁷⁴ É possível que a proclamação do “Dogma da Imaculada Conceição”, feito pelo Papa Pio IX, em 08 de dezembro de 1854, na bula “Ineffabilis Deus” tenha influenciado na reutilização do nome.

2.1.1.2 Entre 1900 e 1950: Da “Conceição” Para o “Comércio”

Como já citado anteriormente, muito importante era o comércio para a cidade de Caruaru. Desde os tempos de povoamento da fazenda, nos séculos XVIII e XIX, havia uma feira semanal, na qual moradores da região e caixeiros viajantes negociavam seus produtos. José Rodrigues de Jesus permitia que se construíssem casas na rua defronte à capela da Conceição e muitas destas casas terminaram por se transformar em estabelecimentos comerciais, que abasteciam não somente a própria vila, depois cidade, mas, também, as regiões vizinhas.

Nos anos iniciais do século XX, assim como em outras regiões do interior de Pernambuco, Caruaru teve grande crescimento econômico, ligado, sobretudo, às atividades agropecuárias, principalmente, o cultivo do algodão e da fibra de caroá. O algodão era produzido, também, por pequenos produtores rurais, em muitos casos, agricultores de subsistência, que complementavam sua manutenção econômica com a venda de sua produção algodoeira, geralmente pequena, nos armazéns do centro da cidade. Na época, a ferrovia havia chegado na cidade de Caruaru no ano de 1895. A integração das áreas interioranas à capital do estado se dava de forma mais rápida.

Mesmo com estas insipientes transformações, alguns elementos, em Caruaru, continuavam sem mudanças mais significativas. Um deles era a religião. De maioria católica⁷⁵, a população continuava a realizar várias festas religiosas, tais como a de “São Sebastião”, “Nossa Senhora das Dores”, “Nossa Senhora do Rosário” e, de maior significação, a “Festa da Conceição”⁷⁶. Nos anos 1930, não se tinha muita noção de como e quando ela havia começado a ser celebrada. E, como no século anterior, a festa religiosa se dava concomitante à festa profana, sem que houvesse, no entanto, a distinção entre uma e outra: celebrar a Virgem da Conceição significava organizar os ceremoniais na parte interna, como missa, novena, procissão, mas, também, na parte externa da Capela: barracas dos clubes sociais, cadeiras colocadas ao longo da Rua da Frente, onde rapazes e moças desfilavam para os mais velhos e flertavam entre si, procurando um “bom partido”. Em 32, um jornalzinho de

⁷⁵ Inclusive com certos arroubos de intolerância contra protestantes, chamados pejorativamente de “bodes”, como exemplifica FRANÇA (2007, p. 75 a 77)

⁷⁶ Em parte, a festa da Conceição envolvia maior movimentação por ser organizada por uma irmandade religiosa que era considerada mais tradicional e influente politicamente do que a irmandade de Nossa Senhora das Dores. Sobre este tema ver a pesquisa de Fonseca (1973) sobre a História da Diocese de Caruaru.

“brincadeira”, “O Repórter”, escolheria a “Rainha do Footing” (NASCIMENTO, 1994, p. 353 e 354).

Na década de 1930, a festa religiosa começou a perder espaço para a festa “profana”, tendo na criação de um novo nome, uma evidência desta realidade: a denominação “Festa do Comércio” surgiu no ano de 1933. Num semanário de dezembro deste ano, lia-se a seguinte reclamação, numa manchete de capa:

“A FESTA DO COMERCIO

Já estamos em pleno mês de dezembro e os snrs. comerciantes ainda não se resolveram a ativar os preparativos para a festa da conceição. Não podemos compreender Caruaru sem realizar a sua tradicional festa religiosa, organizada pelo laborioso comercio desta cidade que tomou o encargo de todos os anos, festejar a Virgem da Conceição. O presidente da Comissão Central é atualmente o snr. José Galindo de Souza. Cumpre a ele, pois, movimentar-se, convidando os demais companheiros, para assim não passar desapercebida a conhecida festa novenária que o comercio e povo de Caruaru comemoram todos os anos com desusado brilhantismo.

Fica aqui o nosso incentivo e a nossa lembrança.” (Vanguarda, 10 de dezembro de 1933, p. 1)

Neste pequeno texto, podemos perceber alguns elementos significativos do período: em primeiro lugar, ao nomear de “Festa do Comércio” à celebração religiosa, o semanário estava demonstrando uma responsabilidade que a cidade havia delegado a este grupo, os comerciantes e outros empresários, dada a sua força econômica e social. Por outro lado, ao fazer esta reclamação (sobre o atraso em prepará-la) em 10 de dezembro, quando a festa era realizada em 24 de dezembro, portanto, uma data bastante próxima, demonstra-se que ela não era tão “tradicional” quanto o seria duas décadas depois (no ano seguinte, em 1934, houve a mesma demora e reclamação; nos anos 50, no entanto, a escolha da comissão se dava em novembro e, até mesmo, em outubro, havendo casos de comentários sobre a eleição da comissão já no mês de agosto). Outro aspecto a ser considerado é que a festa à qual o jornal se referia que não estava pronta era a da parte externa, ou seja, a profana (por mais gastos que houvesse na parte religiosa, o que não era o caso, a demora nas decisões seria contestada à Igreja e não ao comércio), o que demonstra que celebrar a Virgem da Conceição, necessariamente, precisava dos dois eventos, vivenciados como um só. Um quarto elemento: o dia da “Imaculada Conceição” é celebrado, oficialmente, pela Igreja Católica, em 08 de dezembro, enquanto que, em Caruaru, as festividades se davam no final do mês. (Isto levaria a

uma polêmica futura com o Bispo Diocesano, D. Paulo Hipólito de Souza Libório, no final dos anos 1940, que trataremos adiante).

Ainda com relação à nomeação da “Festa do Comércio”, a mesma se deu graças à ação do “Jornal Vanguarda”. Aliás, sobre este jornal, o mesmo foi um importante instrumento de “defesa das tradições” da cidade, dentre outras coisas, devido à sua estabilidade: foi este semanário que, anualmente, noticiou as festas caruaruenses, seja conclamando às suas organizações, seja reclamando da decadência. Surgido em 1º de maio de 1932, o “Vanguarda” circula até os dias atuais. Nascimento (1994) fez um estudo sobre os jornais do estado, tratando dos de Caruaru no Volume XI da “História da Imprensa de Pernambuco”. Em sua pesquisa, demonstrou que a maioria dos jornais caruaruenses teve vida efêmera⁷⁷ ou passou por diversas mudanças de direção, proprietário e, até mesmo, nome, sem contar com os períodos sem circulação de algumas das “folhas”. O primeiro jornal de Caruaru foi “O Vigia”, que circulou entre 1899 e 1901. Substituindo-o, veio “O Caruaruense” (1901-1919). Paralelo ao “Vanguarda”, havia “A Defesa”, órgão do “Círculo Católico”⁷⁸ (NASCIMENTO, 1994).

No término dos anos 40, a festa de fim de ano passou por grande entrevero envolvendo convicções opostas da Igreja Católica e dos comerciantes⁷⁹. Em 1948, Caruaru havia sido transformada em Diocese, cuja sede era a “Matriz de Nossa Senhora das Dores”. Seu primeiro bispo foi D. Paulo Hipólito de Souza Libório, chegando à cidade no ano seguinte. Morando em Caruaru, a partir dele, a cidade possuía uma presença maior do poder da Igreja, o bispo, que, dentre outras coisas, pensava em organizar a liturgia e a doutrina católica, que, para seu espanto, privilegiavam a festa da Conceição, em detrimento da Festa de “Nossa Senhora das Dores”, a padroeira diocesana, em 15 de setembro. Deve-se salientar que a Igreja das Dores, àquela altura, já era, também, centenária⁸⁰.

⁷⁷ Informação semelhante pode ser encontrada em Santos e Ferreira (2008), p. 92 a 100.

⁷⁸ O Círculo Operário de Caruaru, fundado em 1938, era um fruto da “Doutrina Social da Igreja”. O jornal “A Defesa” circulou até a metade dos anos 80.

⁷⁹ A celeuma entre empresários e Igreja contrastava com a participação dos mesmos na vida religiosa: muitos deles estiveram presentes na comissão que, em 1944, foi formada para ajudar na organização da fundação da Diocese de Caruaru, dentre eles José Victor de Albuquerque, João Elísio Florêncio e Lourinaldo Fontes. (FONSECA, 1973).

⁸⁰ A inauguração da Igreja de Nossa Senhora das Dores, primeira paróquia de Caruaru, data de 1848.



Figura 2: Panfleto comemorativo da chegada do 1º Bispo de Caruaru, D. Paulo Libório, 1949.

Sobre a “Festa da Conceição”, D. Paulo Hipólito pretendia apelidá-la de “Festa de Ação de Graças”, no que não teve êxito, dado o desagrado da população e dos comerciantes

(seus financiadores). Aborrecido, o bispo pensou em acabar com a festa⁸¹, em 1950, “chegando ao absurdo de não permitir sequer que a Igreja da Conceição abrisse suas portas para a tradicional novena natalina” (BARBALHO, Vol. 10, 1983, p. 31), além de definir que ela seria celebrada entre o final de novembro, tendo a culminância em 08 de dezembro, o dia correto determinado pela Igreja como comemoração do “Dogma da Imaculada Conceição”.

Contudo, isto só aumentou o choque com a Associação Comercial de Caruaru, que, também resolveu não realizar a festa externa. Segundo Santos (2006), desde as primeiras décadas do século XX, os comerciantes já se constituíam num grande grupo de pressão sobre o cotidiano da cidade, dado o peso do comércio na sua economia. A própria denominação “Festa do Comércio” já seria uma demonstração desta força. Assim, do choque do clero com os comerciantes, houve uma pequena separação entre as festas “religiosa” e a “profana” (organizada, em 1949, sem ajuda da Associação Comercial), que se realizaram em datas separadas, voltando a ter data conjugada nos anos 50.

Num artigo publicado no início de dezembro de 1949, Henrique de Figueiredo dá um pouco o tom desta questão, defendendo a postura do bispo de colocar a data da festa no seu dia escolhido pela Igreja: “Não se pode admitir (...) que uma data seja transferida, sem motivo de relevante força maior, somente para satisfazer *certos interesses* (grifo nosso), e de ordem puramente extranha à Igreja” (VANGUARDA, 04 de dezembro de 1949, p. 1). O autor continua o texto indicando que, ao se celebrar no final do mês, o dia correto fica despercebido. Além do mais, a festa em homenagem à Imaculada Conceição era “profanada” com barracas de bebidas, jogatina, danças e outras demonstrações de desrespeito, dentre elas, a presença de “mulheres de moral duvidosa” (FONSECA, 1973, p. 107). Com a mudança,

Nossa Senhora da Conceição receberá de seus devotos um culto verdadeiramente sincero e ungido de piedade cristã”, afirmou Henrique de Figueiredo. E que o “[...] comércio organize sua festa sem nenhum cunho religioso, [com] suas barracas de prendinhas, com os seus dancings ao ar livre, as mezinhas poderão ser servidas de ‘Wuisk King’ e ‘VermuthSêco’ e o jogo ser organizado em tôdas as suas modalidades (VANGUARDA, 04 de dezembro de 1949, p. 1).

⁸¹ Esta questão religiosa trazia em si, também, a rivalidade existente, desde o século XIX, entre a irmandade da Conceição e a irmandade das Dores, que reproduzia a disputa pelo poder político da cidade entre os conservadores-escravocratas e os comerciantes e profissionais liberais (também escravocratas). Sobre este tema, ver Ferreira (2001, p. 111 a 115)

Mesmo ocorrendo a festa⁸², alguns anônimos não se furtaram de promover suas opiniões:

“Durante os dias de Festa, circulou duas vezes o pasquim ‘O Ditador’ (grifo nosso⁸³) com duas caricaturas insultuosas a alguns membros da Comissão e críticas à atuação do Sr. Bispo que, segundo eles, queria acabar com a Festa do Comércio, transformando em pura festa de devoção, etc” (FONSECA, 1973, p. 110).

No ano de 1950, a festa religiosa em homenagem à Nossa Senhora da Conceição ocorreu entre 29 de novembro e 08 de dezembro. Já a “Festa do Comércio” continuou com suas datas anteriores: 24 de dezembro a 1º de janeiro (VANGUARDA, 10 de dezembro de 1950).



Figura 3: Festa do Comércio – 1958 (acervo pessoal Carlos Sá)

Como se pode perceber, a partir desta celeuma entre Igreja e comerciantes é que a idéia de “sagrado” e “profano” passa a ser percebida na “Festa da Conceição”. Daqui por diante, apesar das citações de que a festa era em honra da “Virgem da Conceição”, a mesma será, anualmente, denominada, apenas, de “Festa do Comércio”, ocorrendo no final de

⁸² As duas edições da festa, em 1949 e 1950, não contaram com grande presença de público. Fonseca (1973) defende que a diminuição da importância, ao menos momentânea, da parte sacra da festa seja a causa da baixa frequência: “A frequencia popular e das elites foi pequena, o que mostrava certa prevalência da influência clerical” (FONSECA, 1973, p. 110).

⁸³ Note-se a expressão “Ditador” associada à pessoa do bispo diocesano, Dom Paulo Hipólito.

dezembro. A festa, então, entrará num período de grande mobilização social e política, até boa parte dos anos 1950, e de diminuição dos significados culturais, do final desta década em diante. Este fato histórico, contudo, não se deu “por decreto”: ano-a-ano percebe-se, ao acompanhar os informativos locais (principalmente “Vanguarda” e “A Defesa”) e alguns textos de memórias de indivíduos da cidade, que a festa não vai tendo a mesma repercussão dos períodos anteriores, a mesma significação social. Para isto, concorrem alguns fatos, já indicados anteriormente: crescimento da cidade e surgimento de uma nova realidade social, problemas econômicos nacionais e municipais, mudança na mentalidade administrativa e nos interesses dos comerciantes, mudança de sentido da festa.

2.1.1.3 A Festa nos Anos 50: Nos Tempos do “Brilhantismo”

Nos anos 50, a Festa do Comércio viveu os seus melhores dias, apesar das reclamações no “Jornal Vanguarda” de que “essa festa de tanto renome, de tanta tradição, não vem se revestindo de esplendor e do entusiasmo dos tempos de Manoel de Freitas, José Trigueiro, Godofredo de Medeiros, João Cursino e Napoleão Teixeira...” (VANGUARDA, 11 de dezembro de 1955, p. 11). Esta festa movimentava, social e financeiramente, a cidade e a região, posto que era um momento de encontro social e consumo dos produtos do comércio local. Em termos de vestuários, por exemplo, era prática comum a compra da “roupa da festa” (entenda-se festa de Natal e Ano Novo), muito mais do que a “roupa de São João” (tão propagada nos anos 70 pelos comerciantes). Os comerciantes sabiam que a cidade receberia pessoas de diversas outras cidades, até mesmo da capital do estado, fossem em visita a parentes, fossem de férias, numa insipiente atividade turística. Portanto, eles se constituíam no grupo que mais contribuía para que a festa acontecesse e no grupo que mais recebia os seus dividendos⁸⁴, através das vendas do comércio, além dos louros da ostentação social de haver contribuído com a festa, posto que as informações eram divulgadas nos jornais. Era, portanto, uma festa que extrapolava interesses meramente econômicos. Para traçarmos um parâmetro, observemos as seguintes informações:

⁸⁴Canclini (1983) indica esta questão entre as festas populares por ele estudadas no México: os ricos são os que mais contribuem, mas, também, os que mais recebem, pois, controlam a venda dos produtos durante os dias de festa.

- a) O salário-mínimo, em 1956, passou a ser de Cr\$ 3.800,00, pelo decreto 39.604/56 do Governo Federal. Em 28 de outubro de 1956, o jornal Vanguarda noticiava que já havia doações de 32 empresas e indivíduos da cidade, sendo cinco deles em doações de Cr\$ 500,00, dez no valor de Cr\$ 2.000,00, 10 entre Cr\$ 3.000,00 e 5.000,00, seis de Cr\$ 10.000,00 a 25.000,00, e, até mesmo, uma de Cr\$ 50.000,00, ou seja, já havia vários contribuintes doando quantias similares ou bem superiores ao valor do salário-mínimo.
- b) Dentre os doadores estavam José Victor de Albuquerque, Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S/A, Victor & Lins, Alves de Brito Tecidos, Vila Nova & Filhos e vários outros indivíduos e empresas, ligadas, principalmente, à venda de mercadorias relacionadas ao período: camisarias, sapatarias, mercadinhos, chapelarias, etc.

As doações feitas pelos comerciantes e outros empresários desta relação são, apenas, um começo de coleta. Nos informativos deste próprio jornal, no ano seguinte, aparece o balanço da festa, demonstrando um valor bastante considerável, maior do que os mais de duzentos mil cruzeiros angariados até esta data.

E como eram as festas? Como se davam as “Festas do Comércio” de Caruaru? O primeiro passo era a escolha da Comissão Organizadora⁸⁵. Escolhidos os membros das comissões organizadoras, os mesmos visitavam os comerciantes e os industriais da cidade, que faziam suas doações, como apontado acima. A escolha da comissão envolvia questões que iam da ordem social e econômica à política e à religiosa. Disputas entre grupos rivais eram levadas em conta na hora das indicações. Membros da esfera política, do judiciário, do eclesiástico, do comércio, enfim, elementos de todos os setores elitistas da sociedade eram envolvidos nesta empresa⁸⁶.

Em dezembro chegava o momento mágico: a instalação da estrutura e dos equipamentos da festa. Gambiaras de lâmpadas eram penduradas de um lado a outro da rua 15 de Novembro, Sete de Setembro e Praça Cel João Guilherme pelo eletricista Manoel Teixeira⁸⁷. A igreja da Conceição era ornamentada com lâmpadas “pisca-pisca” multicoloridas. As lojas de roupas e calçados aumentavam as suas vendas, bem como as de

⁸⁵ Em boa parte dos casos, eram comerciantes, industriais ou profissionais liberais de sucesso econômico, mas, também, filhos ou netos ou outros parentes de antigos organizadores e financiadores de décadas anteriores.

⁸⁶ Nestes tempos, repetem-se nomes tais como os de Galvão Cavalcanti, Luiz Portela, João Elísio, Celso Rodrigues, José e Pedro Victor de Albuquerque, Juiz Lyra e César, Clóvis Cursino, Manoel Teixeira, Manoel Torres Galindo, Pergantino Holanda, padre Zacarias Lino Tavares e os bispos D. Paulo Hipólito Libório e D. Augusto de Carvalho.

⁸⁷ Por mais de 40 anos, Manoel Teixeira prestou este serviço à cidade. Tanto iluminava as paredes da Igreja da Conceição quanto o restante da “Rua da Frente”, dependendo da quantidade de capital disponível.

chapéu e tecido. A Feira de Caruaru, que funcionava nas mesmas ruas da festa, ainda não tão famosa quanto em 1957⁸⁸, aumentava suas vendas dos mesmos produtos (tecidos, calçados) a preços mais convidativos e populares

A cidade possuía, na zona urbana, em meados da década de 1950, pouco mais de 52 mil habitantes⁸⁹. Havia os bairros “granfinos”, como o Centro, o “Bairro Novo” (Maurício de Nassau), algumas partes do nascente Petrópolis e o “Rosário Velho”. Distantes do Centro, os bairros “pobres”: Alto da Balança, Cedro, Riachão, Salgado, Vassoural, Santa Rosa. Além da população urbana, os habitantes dos sítios e fazendas, bem como de outras cidades, engrossavam as filas dos que vinham para a “Festa do Comércio”. O falatório era grande: como será a festa? Como será tua roupa nova? Que costureira ou alfaiate as costurou? O corte é bonito?

O comércio da cidade se movimentava bastante devido às festas de fim de ano, assim como a feira de tecidos e calçados. Segundo Helena Vasconcelos⁹⁰,

“O comércio na véspera de Natal e véspera de Ano Novo só fechava depois de meia-noite pra você que não teve tempo de comprar o sapato ia na última hora, porque na época tinha armário, chamava miudezas, né? [...] na época não se comprava roupa pronta. Era muito difícil. Aí tinha os armários que vendiam tudo. Vendiam tudo, afinal de contas. Presente de aniversário, pra Natal. Então o comércio só fechava depois de meia-noite. Quem Trabalhava nessas lojas de sapato e miudeza, trabalhava até meia-noite, véspera de natal e véspera de ano novo.” (HELENA VASCONCELOS, relato adquirido através de entrevista).

Outro caruaruense, Severino Antônio da Silva, sobre a Festa do Comércio, falou:

As festas... olha, um detalhe engracado é que dá uma impressão que, naquele tempo, o ano demorava mais a passar⁹¹. Como eu disse antes, com o roçadinho da gente, a gente lucrava o feijão, chamado feijão de arranca. Cada um da gente, os irmãos, tinha aquele feijão e a mamona – que alguns chamavam de azeite, aquilo ali era da gente, dos irmãos. Agora, o milho, a fava era pra ajudar na casa. E, a gente, com o dinheiro do feijão que a gente vendia, comprava as tradicionais roupas da festa. A minha mãe comprava as roupas nossas, os calçados. Comprava tudo porque a gente só ia pegar em dinheiro, novamente, no outro ano. Então, tinha uma costureira no [bairro do] Cedro, chamada Maria de Dandão, que fazia as nossas roupas. Eu tinha uma raiva muito grande, de umas calças que, hoje, a gente vê muito comum nos jovens, mas naquele tempo, a gente chamava de “meia coronha”. A calça nem era lá embaixo no tornozelo e nem era acima do joelho. Era uma calça que ficava no meio da canela, e, eu vestia aquelas calças com muita raiva.

⁸⁸ A gravação da música “Feira de Caruaru” (Onildo Almeida), por Luiz Gonzaga, somente se deu em 1957.

⁸⁹ Conferir Documentário Ilustrado do Primeiro Centenário de Caruaru 1857 – 1957, p. 01.

⁹⁰ Entrevista concedida em 03 de março de 2009.

⁹¹ A demora da passagem do tempo, nesta narrativa, pode nos remeter à espera pela grande festa de fim de ano.

Mas, a gente sempre escutava as brincadeiras das pessoas e ficava com uma raiva medonha. Então, a gente, minha mãe vinha pra feira e, os que ficavam em casa, um ficava “tocaíando”, ora, com uns quatro ou cinco quilômetros, mas, um ficava na janela esperando pra avisar se ela viesse, os outros ficavam desfilando dentro de casa com aquela roupa. Quando terminava o desfile, a gente guardava elas novamente. Sempre a gente fazia isso, quase todo sábado. Minha mãe vinha pra feira com um dos meus irmãos mais velhos, e o que ficava ia desfilar com os outros. Então, era muito gostoso, mas a gente, como pobre, vivia feliz porque a gente tinha uma união muito boa entre a família. Eram cinco irmãos e uma irmã. (SEVERINO ANTÔNIO DA SILVA, informação obtida através de entrevista)

A partir do dia 24 de dezembro, realizava-se, dentro da capela, a parte religiosa, com novenas, missas e sermões. Havia anos em que se montava uma lapinha dentro da capela. Do lado de fora, mais um pouco da parte religiosa, com missa campal, à meia noite do primeiro dia do novo ano, celebrada pelo bispo, além de procissão do Santíssimo Sacramento. Na parte externa, a luz da iluminação feérica combinava com a luz da alegria dos festeiros. Barracas dos clubes sociais e das paróquias do Centro da cidade eram montadas. Havia grandes e concorridas apresentações das orquestras “Comercial” e “Euterpe”. Prendas, jogos, fogos de artifício, parques de diversões. Havia a “maçã do amor”, caramelada por doces e desejos de beijo proibidos dos apaixonados. No palco armado defronte a capela, teatro de variedades, músicos, cantores, pastoril do Pe. Zacarias e do Monsenhor Bernardino⁹².

Sobre o Pastoril, falou Helena Pereira de Vasconcelos:

“Eram meninas como hoje, de vermelho e azul e a Diana. Mas não tinha aquela história de um palhaço no meio como hoje a gente vê, né? Tinha o vermelho, o azul, a Diana e um velho. Dizia “O velho chegou agora pra animar o pastoril” mas aí a sociedade ia pra perto pra disputar, dar dinheiro, gastar dinheiro. O seu, se você gosta de do vermelho, o seu partido, seu lado vermelho, você gastava muito dinheiro pra ver o vermelho ganhar.” (HELENA PEREIRA DE VASCONCELOS, informação obtida através de entrevista).

Em algumas narrativas de memórias⁹³, percebe-se um tom elitista dos que frequentavam a festa na parte frontal à “Conceição”: era o espaço das “pessoas de posses”, dos clubes sociais:

“Enquanto os ricos ostentavam suas roupas e calçados luxuosos, os pobres contentavam-se com seus trajes humildes. Era a felicidade da “roupa nova”. O pobre se satisfaz com pouco!...

As tradicionais barracas de comidas típicas freqüentadas pelos afortunados contradiziam-se com a presença daqueles que sentados no meio fio das

⁹² Um estudo sobre o pastoril pode ser encontrado em Borba Filho (2007)

⁹³ Dentre elas podemos citar Souza (2005), França (2007) e algumas das entrevistas realizadas.

calçadas ou em pé junto a uma pequena barraca saboreavam um simples picolé, doce, bolinho, pipoca ou refrigerante... Mas todos eles eram felizes!” (SOUZA, 2005, p. 47/48)

Não havia o costume da ceia de Natal. As famílias iam para a “Missa do Galo” e para a “Festa”. Iam a pé mesmo, pois, quem morava nos bairros centrais já estava próximo ao local do evento e os que habitavam os bairros distantes eram pobres e não tinham automóvel. No máximo, alguns iam de ônibus, no do Salgado, do São Francisco ou do Cedro, ou outros bairros, nos seus horários pouco regulares. No “Ano Novo”, a “rompida de ano” se dava também, para muitos, na festa. Segundo Souza Pepeu⁹⁴, em Caruaru ocorria, na passagem de um ano a outro, algo que somente havia em Paris: desligamento da rede elétrica da cidade⁹⁵. Assim que os ponteiros zeravam, chegando à meia noite, a cidade ficava às escuras. Um minuto de silêncio. Um minuto de expectativas. Todos juntos, num sentimento em comum. Chorava-se o ano findo. Chorava-se a alegria do novo. Chorava-se as tristezas do ano que se foi. Ria-se do porvir. Ao completar do primeiro minuto do ano, luzes acesas e os desejos de “bom ano” para todos. Girândolas no Morro Bom Jesus. De todos os lugares da cidade, se olhava para o centro, para o monte. E os que estavam na “Festa”, também se cumprimentavam calorosamente. Chegava, então, a hora da Missa com o Bispo. Primeiro foi D. Paulo. De 1959 em diante, D. Augusto Carvalho.

Esta festa era o grande evento do lugar, com milhares de pessoas vivenciando suas atrações religiosas e profanas. Porém, a cidade crescia. A cidade era um “pára-raio” regional. E com o crescimento da cidade, como visto nas tabelas anteriores, a Festa do Comércio precisava se readequar à nova realidade histórica. A ela, vinham pessoas de diversos lugares. Segundo Santos (2006),

“dados do IBGE nos mostram uma população de 100 mil pessoas, das quais perto de 50 mil vivendo na faixa urbana, pelo censo de 1950. Mas sabemos que nos dias de feira, festas e atividades culturais, religiosas e políticas diversas, as ruas se enchiam de milhares de pessoas que visitavam a cidade para operações comerciais de compra, venda e troca, como ainda paraparticipar das festas de natal, comícios e outras atividades sociais, o que aumentava sobremaneira esse número.” (SANTOS, 2006, p. 32)

⁹⁴ Informação obtida através de entrevista concedida em 15/05/2009. Nessa afirmação há um certo exagero, posto que outras cidades de Pernambuco também tinham esta prática, a exemplo de Pesqueira.

⁹⁵ Nesta época, controlada pela Companhia de Melhoramentos de Caruaru Ltda.



Figura 4: Festa do Comércio – 1967 (acervo pessoal Carlos Sá)

Além de todas estas atrações locais, anoaano, a partir de 1956, a festa passou a receber artistas famosos⁹⁶, geralmente oriundos do mundo do rádio: Luiz Gonzaga era presença constante, principalmente pela amizade que tinha com Onildo Almeida e José Almeida. Depois, Cauby Peixoto, Núbia Lafayete, Ângela Maria. Na onda do bolero, houve o concurso “A Voz do Nordeste”⁹⁷, que premiaria a mais bela voz, dentre os concorrentes. Julie Joe, “rainha do rádio de 1957” foi a grande atração do ano. Tudo custeado a partir das doações feitas pelos diversos empresários caruaruenses. Os poderes públicos não tinham esta “responsabilidade”⁹⁸: a festa era, afinal, “do Comércio”.

A festa era um dos dois maiores eventos da cidade, juntamente com o Carnaval. Ambas eram narradas nos jornais como “tradicionais”, “melhores do interior”, “comparadas às melhores do Nordeste”, “mais importante do interior do Estado”. Mas, a partir dos anos 1960, percebe-se uma onda constante, ano a ano, de reclamações com a forma como passou a ser conduzida: a festa estava perdendo o seu “brilhantismo” e a sua tradição.

⁹⁶ Patrocinados pelos empresários caruaruenses.

⁹⁷ Napolitano (2002) afirma que esta era uma “febre” da época: escolha dos “reis” e “rainhas” do rádio.

⁹⁸ Somente em 1957 é que esta lógica sofreu mudanças, com as festas do centenário da cidade influenciando na organização da Festa do Comércio: o poder público municipal começou a custear algumas despesas das festividades.

2.1.1.4 As Ressignificações da Festa: o “Adeus” do “Comércio” e a Permanência da “Conceição”

Prenunciavam-se os anos 60. Os tempos narrados como áureos da festa de fim de ano estavam passando. Os anos finais da década de 1950 traziam consigo a inflação “juscelinista” e a crise de algumas atividades econômicas da cidade⁹⁹, em contrapartida ao crescimento da economia industrial e a urbanização da nação brasileira. Nos ventos das “Festas do Centenário”, as festas de 1957 e 1958 ainda conseguiram ser empolgantes. Em 1960, após a escolha do comendador José Victor de Albuquerque como presidente da festa, fez-se, na cidade, uma grande solicitação para que ele pudesse trazer de volta as glórias dos tempos anteriores¹⁰⁰. Afirmou-se, inclusive, que a festa do ano anterior não teria tido o “brilhantismo” esperado. À esta altura, quase não se usava a expressão “Festa da Conceição”.

Em 1961, o fantasma da inflação continuava rondando o Brasil. Em manchete de jornal, a seguinte notícia: “Piru a conto de réis neste natal inflacionado – 61” (VANGUARDA, 10 de dezembro de 1961). O texto fala do “monstro” que o presidente Vargas, já em 1945, tentava resolver, mas, nem ele, nem ninguém conseguia. Faltava dinheiro no bolso da população. Sobrava carestia.

Como em todos os anos, logo em outubro se escolheu o presidente e demais membros das comissões organizadoras da festa. A Associação Comercial de Caruaru, ainda demonstrando interesse no evento, indicou para a presidência Pedro de Oliveira Melo e, para outros cargos, figuras já conhecidas como Arlindo Porto, Geraldo Xavier, José Victor de Albuquerque, Lourinaldo Fontes, José Almeida, Pe. Zacarias Tavares, Bertino Silva, etc. Era um “time” experiente, acostumado com as festas de outros anos. Mas, a falta de dinheiro falou mais alto. As festas foram pouco noticiadas na imprensa, o que se constitui de um indício de seu insucesso, dadas as grandes narrativas encontradas em outros tempos. Apesar disto, a festa continuava como uma marca da cidade, o que a tornava o alvo de observações e preocupações sociais.

Em 1963, pensou-se numa grande festa, uma festa para sua “redenção”. Grandes preparativos foram feitos desde o mês de novembro, para fazer jus à “tradição da Festa do

⁹⁹ Conferir em Santos (2006)

¹⁰⁰ Na época, foi realizado o concurso “A Voz do Nordeste”. Nestes tempos, era comum haver concursos de “rei” ou “rainha” do rádio, como aponta Napolitano (2002).

Comércio”!: já havia se passado trinta anos desde que o “Vanguarda” a denominou desta maneira. De tanto que se programou e se proclamou, a cidade se encheu de expectativas, demonstradas nos jornais, nas emissoras de rádio, nas conversas de rua, nas saídas das missas, nos botequins. Na chefia da organização, Manoel Dias. As comissões prepararam uma grande novidade: um presépio gigante a céu aberto! A feira livre, a famosa “Feira de Caruaru”, que funcionava no mesmo lugar da festa, seria transferida durante os dias da comemoração. A Comissão de Propaganda pensava em divulgação da festa com “jingles” no rádio, “slides” na TV e cartazes por várias cidades, inclusive na capital do estado, o Recife! O jornalista Antônio Miranda escrevia, nas páginas dos jornais: “Festa é Turismo para Caruaru!”. Vários caruaruenses residentes em outras cidades passariam as festas, em Caruaru, com os familiares. Viriam atrações de peso como Jairo Aguiar, Cauby Peixoto e Paulo Molin! Aida Maria, artista do rádio cearense, seria presença marcante! Do rádio e televisão pernambucanos viriam Penha Maria, Neide Maria, Nelson Silva, Nair Silva, Zé do Gato, Célio Roberto, Creuza de Barros, Déa Soares, Voleide Dantas, Luiz Carlos, Aguinaldo Batista, Emanuel Rodrigues, Lurdinha Aimoré, Linda Maria e Jailton Rangel.

De novo, haveria pastoril. Iluminação feérica, barracas, carrosséis, jogos, tudo para revestir a festa do mesmo “brilhantismo” dos tempos áureos. “Haveria até duas ‘rodas-gigantes’”!

Mas, então, a frustração: eis que surge, sem aviso, sem convite, uma visitante inesperada: a CHUVA! A chuva acabou com os planos! Caíram grandes chuvas sobre a cidade. Nem festa, nem desfile de roupa nova, nem barracas de clubes sociais, nem roda-gigante, nem artistas, nem teatrinho, nem turismo, nem nada. A chuva. A chuva acabou com a festa!

As chuvas, que caíram sobre a cidade desde o dia 24 de dezembro, data do início, impediram que a mesma acontecesse normalmente. Só nos últimos dias, na passagem do ano, é que houve espaço para o seu funcionamento. O próprio “Vanguarda” ironizava a realidade: “a festa deu com os burros n’água!”. Prejuízos enormes: comidas, bebidas e especiarias encomendadas pelos donos das barracas precisavam ser pagas. Os artistas contratados, no Sul e no Recife, deveriam ser pagos, mesmo sem se apresentarem. Francisco Freire, um dos organizadores, lamentava os prejuízos, mas, reconhecia o benefício da chuva para a agricultura... Todo o dinheiro, que já não era muito, angariado pelos comerciantes, em doações, tinha “se diluído” com a água.

Além destes tantos problemas, a festa estava perdendo seu “brilho”, o seu significado para a cidade. Cidade crescendo, bairros crescendo, bairros surgindo, ruas surgindo, aumento de população: eram os novos atores sociais, os “anônimos”, os não-frequentadores dos clubes sociais e suas barracas. Surgiam eventos concorrentes nos bairros populares (Festas no Riachão, São Francisco, Salgado). Alternativas de diversão. Os “populares” buscavam criar seus espaços de convivência e sociabilidade. Em 1964, Henrique de Figueiredo¹⁰¹ questionava as “festas de rua”¹⁰² de dois bairros periféricos da cidade e reclamava de um de seus organizadores, porque havia pago muito pouco às “pastorinhas”. Nos “Guararapes” (bairro também conhecido por “Riachão”), havia a “Festa do Julião”. No Salgado, a “Festa da Flores”, na Rua Tupy, e, depois, na Rua Barão de Caruaru. “Não eram dedicadas a nenhum santo, nem mártir, nem qualquer coisa que o valesse”. O autor perguntava, em tom de ironia, se não seria de algum santo ioruba (os bairros possuem grande população afro-descendente). Guardadas as devidas proporções financeiras e de espaço, era o “mesmo esquema” da “Festa do Comércio”: palco, pastoril, roda-gigante, artistas, barracas de comidas e bebidas, jogos, “laça-laça”, sinuca e “totó”.



Figura 5: Festa do Riachão e Guararapes, final da década de 1950: apresentações no palco principal. (Acervo pessoal José Torres Bezerra)

Em 1964, a mídia reclamava que a “Festa do Comércio” não teve o mesmo “brilhantismo”: palavra tão usada pelas “folhas da cidade” na década anterior, “brilhantismo” parece sumir dos adjetivos da festa de fim de ano, em meados dos anos sessenta. A atração

¹⁰¹ Vanguarda, 29 de novembro de 1964, p. 3.

¹⁰² Estas duas se davam antes da “Festa do Comércio”, entre novembro e dezembro.

máxima de 64 ficou por conta das pastorinhas. Cantores vieram do Recife, mas não tão famosos quanto os que deveriam ter vindo em 1963. As luzes da “iluminação feérica” deste ano não piscavam. Mais uma vez, a crise econômica foi apontada como a causadora das dificuldades. Em 1965, nada de artistas de fora, somente o pastoril. Nada de iluminação feérica na rua, só na Capela. Novamente, faltava dinheiro. O presidente da festa, Nivaldo Freitas, afirmou: “Embora não se neguem a contribuir, muitos comerciantes participam de maneira modesta” (VANGUARDA, 12 de dezembro de 1965, p. 1). Esta parcimônia nas contribuições, na realidade, refletia um aspecto já indicado: mudança na lógica do patrocínio e desinteresse dos antigos patrocinadores individuais. Em tempos de mídia televisiva, radiofônica e impressa, as empresas queriam mostrar suas marcas de forma profissional. Agências de publicidade começavam a produzir campanhas a partir do gosto e das posses do cliente.

A festa não acabaria por ai, por estes anos, mas, iriadiminuindo a importância, o seu significado das décadas anteriores. A partir de então, a sua feição se modificava: continuava sendo uma atração para a cidade, mas, seus espaços iam sendo ocupados por novas gerações, novas músicas, novas relações sociais. Os carrosséis ainda fariam a alegria das crianças e dos casais de namorados durante mais algumas décadas. Porém, pouco a pouco, a quantidade da população circulando na festa ia impedindo as cadeiras das famílias “granfinas” de serem colocadas na rua principal, para o “footing” de rapazes e moças. As áreas dos “pobres” iam subindo a rua, misturando-se ao restante da festa. Outras vias do Centro passaram a ser utilizadas para assimilar tamanha multidão. A festa era tomada por uma multidão que buscava lazer e diversão e não tinha relação com a “tradição” tão proclamada pelos jornais e pelos empresários.

Os antigos patrocinadores, enquanto indivíduos, já não tinham dinheiro disponível para tamanho evento. Talvez, até, nem mais fosse interessante para eles patrociná-lo. Alguns deles, membros das “classes conservadóras”, mais ligados à tradição da organização da festa, estavam morrendo. Seus herdeiros não investiam o mesmo que eles na festa. Outros a viam com novos olhos: os comerciantes, preocupados com a crise e com os lucros, começavam a se organizar em conjunto, através do Clube de Diretores Lojistas e da Associação Comercial de Caruaru, fazendo promoções de prêmios para os compradores do comércio da cidade: vales, brindes, cupons eram dados aos consumidores, incentivando a movimentação comercial. Os novos patrocinadores que apareciam, agora, eram empresas e queriam algo em troca:fazer a festa, para eles, bancá-la, significava ter retorno de capital. Emissoras de rádio AM, TV,

jornais. Empresas de bebidas alcoólicas e refrigerantes. A Coca-cola acabou com a gengibirra!¹⁰³

Mas, não era a falta de dinheiro, apenas. A cidade crescia, recebia novos indivíduos, com novas relações. Suas festas também mudaram. Outras festas surgiram, outras possibilidades: turismo no litoral, visita a amigos em outras cidades, circulando pelas rodovias federais. “Quem mudou foi a cidade”¹⁰⁴...

Durante o restante da década de 1960, percebe-se a mesma dificuldade para realização da festa: o “comércio” da cidade (entenda-se esta expressão como a classe dos comerciantes) começava a “fugir” de suas responsabilidades (a festa era denominada “do Comércio”!), transferindo-as para empresas de maior porte¹⁰⁵: a festa, controlada pelos comerciantes desde os anos 30, apresentava-se uma missão difícil para os empresários enquanto indivíduos. Em 1968, a principal atração da festa se deu com patrocínio da Cia Antártica Paulista e de Brasileiro Bebidas Ltda, numa parceria que envolvia as rádios Cultura de Caruaru e Olinda: concurso “A mais Bela Voz do Nordeste do Brasil”, realizado entre 24 e 24 de dezembro.

Nos anos 70 e 80, as mesmas reclamações de falta de patrocínio, aliadas aos problemas econômicos brasileiros, levaram ao desinteresse paulatino pela “Festa do Comércio” por parte de seus antigos organizadores. Entretanto, se os comerciantes não demonstravam motivação para organizar a festa, não aceitavam a sua não realização: seria perda de circulação econômica para a cidade. Vale salientar que a mesma não recebia nenhum incentivo da EMPETUR, mesmo sendo considerada, pelos caruaruenses, como uma fonte de turismo. Em 1971, o jornal Vanguarda, que foi o criador da denominação do evento de “Festa do Comércio” e era um de seus maiores incentivadores, deu como notícia, no dia do seu início, uma curtíssima e decepcionada nota:

FESTA DO COMÉRCIO

Tem início, hoje, a tradicional Festa do Comércio, quando a comissão encarregada de promover os festejos, tudo fez para que tivéssemos uma grande festa de fim de ano. Assim, convencionamos com a comissão, fazer festa de fim de ano em Caruaru, é preciso sacrifício, amor e dedicação pelas coisas boas da terra. (VANGUARDA, 25 de dezembro de 1971, p. 1).

¹⁰³ Gengibirra ou jinjibirra era uma espécie de refresco caseiro feito com frutas e com leves porções de gengibre.

¹⁰⁴ “São João antigo” (Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 78 RPM, 1957). Esta frase é influenciada pela ideia constante no “Soneto de Natal”, de Machado de Assis: “Mudaria o Natal ou mudei eu?”.

¹⁰⁵ Mais uma vez indico a mudança de lógica do patrocínio: de um financiador individual, passou-se para um patrocinador-empresa.

Já em 1978, no discurso de abertura da festa, o prefeito de Caruaru, DraytonNejaim, reclamava:

“[...] O comerciante de Caruaru, esgotado de tantas e tantas pessoas pedirem colaboração para outras festas [as de bairros] e também terem colaborado em um ano político, estavam e estão, talvez, esgotados, nas suas finanças para ajudarem, como gostariam de ajudar, esta referida festa. Saio de minha modesta [sic] para dizer que apesar da festa não ser da Prefeitura [é a Festa do Comércio!] foi a Prefeitura que mais ajudou direta e indiretamente com a festa [...].” (VANGUARDA, 31 de dezembro de 1978, p. 5)

Agnaldo Fagundes Bezerra¹⁰⁶, num dos seus livros de memórias, tinha esta opinião da festa:

A Festa do Comércio cambaleia. Caminha a trancos e barrancos. Está morre não morre. Não há doutor que salve, nem meizinha que a cure [...]. Não se pode, honestamente, culpar seus dirigentes pelo fracasso que vem experimentando [...]. Se há culpados, culpe-se o próprio tempo, que não vem dando mais condições para ninguém se divertir [...]. A inflação vai acabando com a festa do pessoal [...]. (BEZERRA, 1980, p. 63).

Em 1980, a Festa do Comércio foi “abandonada” pelos comerciantes da Associação Comercial de Caruaru, presidida por Manoel Torres Galindo, gerando clima de suspense e apreensão:

“Naquele ano, [a Associação] resolveu não mais se envolver com a festa. Por isso, em lugar de um presidente, foi formada uma comissão composta de quatro grandes comerciantes [...].

O grupo pretendia transferir a localização da Festa, da Praça Coronel João Guilherme, para a Rua da Matriz, Avenida Manoel de Freitas e Agamenon Magalhães. Só que DraytonNejaim o prefeito da cidade não comprou a ideia da mudança de local.

Criou-se o impasse. E, faltando três meses para o Natal, a comissão renunciou, deixando os comerciantes apavorados pela possível não realização de tão importante efeméride e causa do aumento das vendas do comércio e do fluxo de turistas [...] A Câmara de Dirigentes Lojistas-CDL, presidida por Gilberto Bezerra e sempre preocupada com os maiores interesses do comércio lojista resolveu procurar uma alternativa.

A solução encontrada foi convidar Zezinho [José Severino do Carmo] para assumir tamanha responsabilidade [...]

Em meio às conversas [Zezinho] ouviu do Prefeito do Município: “Renuncie, meu amigo. Aquilo é um ‘balaio de gatos’. Eu coloco as três

¹⁰⁶ Três anos depois, o mesmo autor também reclama da descaracterização das festas juninas caruaruenses, defendendo as festas na roça em vez das festas de rua, que eram a tônica dos anos 70 e 80.

rádios (Cultura, Difusora e Liberdade) à sua disposição e lhe dou todo apoio.” (CARMO, 2007, p. 146)

A festa de 81 realizou-se com enormes dificuldades, chegando-se a cogitar, no começo de dezembro, que a mesma não ocorreria. Nessa edição, o evento não tinha atrações de fora¹⁰⁷ e, dentre as reclamações, encontra-se: “[...] O que existe na festa é muito jogo, barracas de prendas, parque de diversões e outras coisas mais, já conhecidas.” (VANGUARDA, 25 de dezembro de 1981, p. 1). Em 1982, para que a festa fosse realizada, precisou-se de recursos advindos de um show pago pelo público, realizado no estádio de futebol da cidade, com atrações do “Cassino do Chacrinha”. Em 1983, a mídia escrita reclamava de uma festa que “não foi animada como se esperava” (VANGUARDA, 01 de janeiro de 1984). Nesta decadência, caminhou a Festa do Comércio durante os anos 1980 e 1990.

A última edição da “Festa do Comércio”, com este nome, se deu em 1995. Em 1992, com a transferência da “Feira Livre”, no mesmo espaço onde se realizava a Festa do Comércio, no Centro, para o “Parque 18 de Maio”, a “Rua da Frente” da Conceição¹⁰⁸ ganhou uma praça, o que ocupava o lugar do evento. A festa, “despejada”, ainda foi localizada no “Campo de Monta”¹⁰⁹, sem sucesso, e, depois, no Pátio de Eventos. Não resistiu. A esta altura, a festa era, somente, um conjunto de carrosséis que, em qualquer parte do ano, também “freqüentavam” a cidade. Não havia mais o “sacramento da festa”, a tradição. No ano seguinte, 1996, não ocorreu¹¹⁰.

Da antiga Festa do Comércio, hoje, só memórias, registros escritos e fotografias, geralmente de pessoas de 30 anos de idade ou mais. A festa religiosa de “Nossa Senhora da Conceição”, por sua vez, ainda acontece anualmente, com o novenário terminando no dia 08 de dezembro. A festa que havia sido criada para celebrar a santa voltou para a santa! A parte “profana”, no entanto, foi ressignificada: as pessoas celebram o Natal através de confraternizações de empresas, de escolas, trocas de presentes, ceias familiares, etc. A confraternização anterior, ocorrida na “Festa do Comércio”, foi levada para ambientes fechados, onde as pessoas se conhecem e se reconhecem melhor.

¹⁰⁷ Quem começou a animar as festas de fim de ano foram as caravanas dos forrozeiros de Ivan Bulhões, bem como outros forrozeiros da região: Savinho do Acordeon, Fabiana, Josere, etc. Caruaru, por estas épocas, era a “Capital do Forró” e a população vivenciava o forró mesmo num período não junino.

¹⁰⁸ Praça Coronel João Guilherme

¹⁰⁹ Espaço campal localizado próximo à feira de Artesanato, no Centro.

¹¹⁰ Coincidemente, as festas de bairro que seguiam o mesmo formato e a mesma forma de arrecadação que a Festa do Comércio também foram desaparecendo ao longo dos anos 1990, não havendo nenhuma delas na atualidade. Durante vários momentos do ano, os espaços do Pátio de Eventos Luiz Lua Gonzaga e da antiga estação ferroviária são locais onde se colocam diversos brinquedos (carrosséis).



Figura 6:Festa de Nossa Senhora da Conceição – 2009. (Foto: José Daniel da Silva)

2.2 O Carnaval

2.2.1 Do “Sacudir Flores” à Busca de “Outros Carnavais”

O Carnaval de Caruaru¹¹¹ era uma festa de grande movimentação social da cidade e teve seus melhores dias nas mesmas décadas que a “Festa do Comércio”, até os anos 1960, dentre outras coisas, porque o grande financiamento das duas se dava pelos mesmos grupos, as elites econômicas caruaruenses, que tinham nestas festas mais um elemento de demonstração de status social e econômico¹¹². Além disto, Caruaru, assim como outras cidades do interior, não possuía tantas facilidades de traslado para outras regiões¹¹³, favorecendo, com isto, as brincadeiras. O controle das elites sobre o Carnaval da cidade não excluía a participação popular, bastante significativa, mas, havia uma maior responsabilidade das elites em custear os festejos de Momo¹¹⁴, o que as fazia se apropriar dos mesmos. No momento em que as elites diminuíram as suas contribuições¹¹⁵, ou a Prefeitura Municipal diminuiu a sua ação, a organização popular de agremiações carnavalescas começou a sucumbir.

Os relatos encontrados sobre a festa momesca de Caruaru, até os anos 60, seguem, em parte, os mesmos caminhos do Carnaval em outras regiões do país. Havia bailes de clubes sociais, como os que se davam nas capitais, desde meados do século anterior, bem como as festas de rua, no centro da cidade, com desfiles de blocos, ranchos, troças, dentre outros. O “mela-mela” lembrava o Entrudo. As máscaras e fantasias mostravam a influência dos Carnavais à moda francesa e italiana. A música era o frevo, apesar da presença de outros

¹¹¹ Na realidade, a população de hoje também festeja o Carnaval, porém, não existe um “Carnaval Oficial de Caruaru” como outrora: a maioria das iniciativas são de particulares, sendo exceções nos dois últimos anos a saída dos blocos “Mulher de Todos os Dias”, “Acorda Caruaru” e “Pé-de-Galo” (na verdade, uma aglomeração de pessoas, pois o bloco não sai).

¹¹² Festas religiosas e festas de rua eram organizadas, lideradas e financiadas basicamente pelos mesmos grupos, variando os indivíduos conforme a escolha das comissões.

¹¹³ A construção de rodovias federais, que facilitaram este traslado, somente se deu a partir dos anos 1950: primeiro, a rodovia que hoje recebe a denominação de BR 232, que parte do Recife para o sertão pernambucano, depois a BR 104, que vem de Alagoas e segue para a Paraíba.

¹¹⁴ Nos dados encontrados, há relatos de anos nos quais, por falta de patrocínio, várias agremiações não desfilavam no Carnaval.

¹¹⁵ Esta ideia é percebida nos jornais consultados da década de 1960 a 1980, bem como está presente na entrevista concedida por Severino de Souza Pepeu e no texto memorialístico de França (2007).

ritmos¹¹⁶. Os foliões famosos eram os mesmos que frequentavam as barracas dos clubes sociais na festa de fim de ano.

O Carnaval de Caruaru pode ser examinado como uma festa nacional, posto que diversas regiões a festejam simultaneamente, mas, também, como uma festa local, bastante forte, devido ao fato de que, enquanto a cidade possuía menos contato com outras regiões, por questões ligadas à dificuldade de transportes e ausência da mídia local. Com o aumento dos contatos, com a abertura da cidade, esta festa foi sendo substituída por celebrações em outros ambientes.

Antes de tratarmos, exclusivamente, do período momesco caruaruense, buscaremos comentar alguns elementos das festas de Carnaval em outras regiões e períodos.

2.2.1.1 Sobre Festas Carnavalescas

O Carnaval é um conjunto de festividades que existe desde o mundo antigo, sendo encontrado em diversos povos e períodos¹¹⁷. Desde o mundo europeu antigo, mesmo antes de Cristo, já se localizam festejos que, segundo os pesquisadores, teriam originado as festas carnavalescas. Para Da Matta (2006, 2006, p. 54)

“o tempo do carnaval é marcado pelo relacionamento entre Deus e os homens, tendo, por isso mesmo, um sentido universalista e transcendente. Assim, o começo do carnaval perde-se no tempo – estando ligado a toda a humanidade, do mesmo modo que pensar no tempo do carnaval é pensar em termos de categorias abrangentes como o pecado, a morte, a salvação, a mortificação da carne, o sexo e o seu abuso ou continência.”

No Brasil, o Carnaval é uma presença constante no ano inteiro, através, por exemplo, das músicas carnavalescas (BURKE, 2000). Apresentado como uma grande especialidade brasileira (criou-se para o Brasil o codinome de “País do Carnaval”), está presente em obras artísticas tais como o cinema (“Orfeu Negro”, Marcel Carné) e a literatura (Carnaval, de

¹¹⁶ O frevo estava presente em Caruaru a partir das participações de recifenses, mas, também, através da influência das rádios da capital pernambucana. Em Caruaru, compositores de outros ritmos se aventuravam no frevo e conseguiam algumas vitórias, como foi o caso da premiação, em 1952, dos compositores Cordovil Dantas e Florêncio Júnior. Em 1953, novamente concorriam no concurso de frevos da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife os caruaruenses Cordovil Dantas, Luiz Queiroga e Onildo Almeida.

¹¹⁷ Mello Moraes (1999) o coloca ligado às “Saturnalias”, às festas dos “Querubins egípcios”, “Bacanais gregas”, “Festa dos Inocentes” e “dos Loucos”. Segundo este autor, estava associada às mais “altas civilizações” e aos povos “selvagens”.

Manuel Bandeira e Carnaval carioca, de Mário de Andrade e O país do Carnaval, de Jorge Amado). Na música, há um sem-número de composições¹¹⁸.

Para Patrícia Araújo (2008), o “Carnaval” faz parte do grupo das chamadas “festas carnavalescas”, dentro de um grupo maior, o das chamadas festas populares: “Carnavalesco pode ser definido como um conjunto de festividades caracterizado por seu espírito burlesco, cômico, grotesco, lúdico, satírico, cuja finalidade e sentido último era o riso” (ARAÚJO, 2008, p. 26). Tanto o Carnaval propriamente dito quanto as festas carnavalescas se constituem como um período de transgressão, uma “transgressão consentida”, no qual a ordem social, a ordem cultural, a ordem política é transformada pelo excesso, pela extravagância, pela inversão de papéis, dentre eles, os de gênero (homens vestidos de mulheres e vice-versa, com diminuição do machismo). É um período “estabelecedor e restabelecedor” de significação ao mundo social (BAKHTIN, 2008). Robert Darnton (1986) vê o tempo de carnaval como o momento da hilaridade, da sexualidade, do transpasse de fronteiras sociais, mesmo sabendo que o período subsequente, a Quaresma, novamente trará a ordem, a submissão e a seriedade.

Por ter existido desde antes do Cristianismo, e ser muito popular, foi assimilado e re-significado por esta religião, dentre outras coisas, num processo de “válvula de escape” do corpo e dos desejos, antes das abstinências quaresmais. Contudo, esta festa não pode ser vista como tendo um único significado para todas as civilizações e períodos históricos, pois, cada povo, em cada tempo, constrói culturalmente os seus simbolismos a partir do que vive, pensa, sente, acredita. Não se pode, por exemplo, comparar o Carnaval dos anos 1930, em Caruaru, com o do século XXI do Recife, o de Veneza moderna ou o medieval da Europa cristã.

Na Europa, o Carnaval e os outros festejos carnavalescos se davam em diversos momentos do ano: “Tomando-se como ponto de partida o Concílio de Nicéia, em 325, que fixou a Páscoa no domingo que se segue ao décimo quarto dia de lua, surgida na época do equinócio da primavera” (ARAÚJO, 2008, p. 27), várias datas seriam comemoradas no ano, antes e depois da Páscoa, sendo considerado o dia 2 de fevereiro como a primeira data possível para o Carnaval. Outros “carnavais” se dariam, por exemplo, na “Festa dos Bobos” e

¹¹⁸ Burke (2000) cita Chico Buarque e Gilberto Gil como compositores de músicas ligadas ao Carnaval. Na obra destes, vemos sambas, mas, também, frevos, como é o caso de Gilberto Gil e Caetano Veloso no período da “Tropicália” e alguns anos seguintes. Além destes, praticamente todos os cantores de renome da MPB dos anos 1960 a 1980 gravaram algum samba ou frevo.

na “Festa dos Inocentes”¹¹⁹. Para Da Matta (2006, p. 54), o Carnaval independe de datas fixase

“exatamente por ser definido como um tempo de licença e abuso, conduz de modo aberto à focalização de valores (...) cristãos. A cronologia do carnaval é, assim, uma cronologia cósmica, diretamente relacionada à divindade e a ações que levam à conjunção ou disjunção com os deuses”.

Mello Moraes (1999) afirma que o Carnaval variava de data entre as sociedades antigas, localizando-se entre o primeiro dia do ano e o último dia antes da “Quarta-feira de Cinzas”. Mas, sua visão é de “Carnaval” como a festa que se dá nos dias imediatamente anteriores à Quaresma, o que contrasta com a visão de Araújo (2008), que fala, por exemplo, de uma festa portuguesa na mesma data, o “Entrudo”.

No Medievo, a Igreja, que assimilou o Carnaval ao Cristianismo, querendo, no entanto, discipliná-lo, condenava certas práticas, até mesmo entre seus membros: São João Crisóstomo condenava os debouches e as mascaradas dentro das igrejas; Inocêncio III reclamava da participação dos clérigos:

“Dão-se algumas vezes nas igrejas espetáculos e divertimentos de teatro, e não somente introduzem nesses espetáculos e nesses divertimentos monstros mascarados, mas anda em certas festas os diáconos, os padres e os subdiáconos permitem-se a liberdade de fazer toda a casta de loucuras e palhaçadas” (MELLO MORAES, 1999, p. 29).

Bakhtin (2008) aponta para as festas populares como espaços de abolição provisória de todas as relações hierárquicas. Nas festas carnavalescas, segundo o conceito de Patrícia Araújo (2008), haveria o contato de todos os grupos de pessoas, antes separados por condição, fortuna, profissão, idade, família, etc. Para Da Matta (2006, p. 63),

“os costumes carnavalescos ajudam a criar um mundo de mediação, encontro e compensação moral. Engendram um campo social cosmopolita e universal, polissêmico por excelência. Há um lugar para todos os seres, tipos, personagens, categorias e grupos; para todos os valores. [...] Neste sentido, o mundo do carnaval é o mundo da conjunção, da licença e do joking; vale dizer, o mundo da metáfora.”.

Neste contexto, por exemplo, as máscaras e fantasias, além de alegoria, teriam uma função especial: encobrir as identidades das pessoas. O mundo do Carnaval é o mundo da fantasia, no qual homem “vira” mulher e vice-versa, “bandido” dança com “xerife”, “caveira”

¹¹⁹ Festa dos Bobos (festejo em que um bispo ou abade dos bobos era escolhido, dançava na igreja e nas ruas, ocorriam procissão e uma missa simulada quando, então, usavam-se máscaras, roupas de mulheres, cantavam-se cantigas obscenas) e a Festa dos Inocentes (doze dias de comemorações pelo nascimento do filho de Deus). (Araújo, 2008, p. 27)

com “princesa”, pobre “vira” nobre. No Brasil, “chama a atenção [...] a inversão constituída entre o desfilante (um pobre, geralmente negro ou mulato) e a figura que ele representa no desfile (um nobre, um rei, uma figura mitológica)” (DA MATTÀ, 2006, p. 58). Em Bakhtin (2008), percebemos o caráter simbólico de contestação social: sobre parte da obra de Rabelais, o teórico afirma que o “despedaçar”, injuriar, espancar o “rei”, pelo povo, teria o sentido do “destronar” a autoridade real. O rei é comparado ao bufão e o bufão é rei.

No que diz respeito aos excessos, às extravagâncias, o Carnaval não é festa comedida: o enfoque na fartura de comida e exagero de bebida, até a embriaguez, é sintomático disto. Também é sintomática a abertura sexual do período. Para Peter Burke(apud ARAÚJO, 2008), inclusive, nas festas populares do período moderno, três temas seriam preponderantes durante o Carnaval: comida, sexo e violência, sendo a comida o mais evidente. É, de fato, uma “festa da carne”, onde os sentidos humanos devem ser plenamente supridos. Araújo (2008) fala dos “dias gordos” do Carnaval: a expressão “gordo” pode vir em oposição à “magreza” da abstinência quaresmal, mas, muito provavelmente, está mais ligada ao “desregramento, excessos e extravagâncias” consentidas: é, mesmo, a abundância do comer, do beber, das relações sexuais. Em Portugal, nos dias de “Entrudo”¹²⁰, “a lei era a fartura de comida e de bons vinhos, degustados em banquetes armados em longas mesas no quintal das casas” (ARAÚJO, 2008, p. 32).

Em análise sobre algumas celebrações, Da Matta (2006) defende o Carnaval (e, também, o Dia da Independência ou Dia da Pátria) como uma festividade que tem o sentido de ritual nacional¹²¹. Um ritual nacional, segundo o autor, tem o poder de agregar toda a sociedade, com a coletividade “parando” ou mudando radicalmente suas atividades, geralmente, num feriado ou no “esquecimento” ou transformação do trabalho. No ritual nacional, há a orientação para a construção e cristalização de uma identidade nacional, diferentemente dos rituais regionais, que implicam em menor sintonia, afetando, apenas, certas regiões, segmentos, classes, grupos e categorias sociais¹²².

¹²⁰ Festa carnavalesca portuguesa, que se dava no período imediatamente anterior à Quaresma.

¹²¹ Da Matta tece comparações entre o Carnaval e o Dia da Pátria como rituais nacionais enquanto que as festas de santos seriam rituais locais. Aqui, não é nossa intenção debater sobre o “Dia da Pátria”.

¹²² Neste grupo último, no caso caruaruense, estariam colocadas a “Festa do Comércio” de Caruaru (ou “Festa da Conceição”) e as festas de São João, ambos celebrações de santos (apesar da grande abrangência das festas juninas).

O Carnaval brasileiro tem suas raízes deitadas na Europa, com o acréscimo dos elementos dos outros povos que colonizaram o país (tais como africanos e nativos indígenas). A palavra Carnaval era conhecida em Portugal, porém, mais usada em regiões como França e Itália. Em Portugal, os dias que antecediam a “quarta-feira de cinzas” eram comemorados “correndo-se desordenadamente de um lado para outro, atirando-se ovos, líquidos de toda espécie e farinha” (ARAÚJO, 2008, p. 28). Os lusitanos denominavam esta celebração de “Entrudo”¹²³. Esta festa era tida como atrasada, medieval, “grosseira, desabrida festança popular”, onde, na Lisboa dos séculos XVIII e XIX,

“além da água e da farinha, o escritor português Pinto de Carvalho, (...) diz ser comum ainda o uso de ovos, pós de goma e uma variedade de instrumentos para se ‘atacar’: cabacinhos de cera com água, tubos de vidro, papelinhos, laranjas, luvas de areia ‘destinada a cair de chofre’, barro, fogareiros e tachos” (ARAÚJO, 2008, p. 31).

Sobre o “Entrudo”, afirma Silva (2008, p. 39):

“Esta festa [o Entrudo] que deu origem aos nossos carnavais de hoje é bastante citada, ela ocorria principalmente nas cidades, nos aglomerados urbanos. [...] No Brasil, essa forma de brincar – que consistia num folguedo alegre mas violento – já pode ser notada em meados do século XVI, persistindo, com esse nome, até as primeiras décadas do século XX. O Entrudo é apenas a forma que essas brincadeiras adquiriram a partir de finais do século XVIII. A brincadeira não se resumia a uma única forma. Havia, na verdade, várias maneiras de brincar o entrudo e elas foram modificadas de acordo com o local e com os grupos sociais envolvidos.

A partir de meados do século XIX, em vários lugares do Brasil, buscou-se transformar as festas carnavalescas anteriores à Quaresma, trocando o Entrudo pelo Carnaval¹²⁴, alegando o atraso cultural do primeiro. O Carnaval teria um sentido de “modernidade”, associando-o ao que havia de melhor na Europa, como os “Carnavais da Itália e da França”. Nestes tempos, buscou-se trabalhar a imagem do Carnaval como algo das tradições mais ricas da Europa, denegrindo a imagem do Entrudo, do qual o Brasil era seguidor por causa do “atraso, falta de progresso material e cultural”. Para Patrícia Araújo (2008, p. 140), “a suposta adoção de costumes carnavalescos europeus parecia cumprir um duplo objetivo: inseria a sociedade brasileira na cultura européia, não-portuguesa, e na civilização ocidental”, construindo uma sociedade de cultura civilizada e moderna.

¹²³ Entrudo vem do latim “introitus”, do qual derivou “ontroydo/entroydo/entruido”, cujo significado seria entrada, começo, princípio. (CUNHA apud ARAÚJO, 2008, p. 28)

¹²⁴ Mello Moraes (1999) aponta que, no Rio de Janeiro, esta passagem se deu a partir de 1854, apesar da presença do entrudo no Nordeste ainda no século XX; em Ouro Preto, a partir de 1840 (ARAÚJO, 2008); no Recife, em meados do século XIX (ARAÚJO, 1996).

As festas carnavalescas brasileiras do final do século XIX já eram, em sua maioria, na forma de “Carnaval”, mesmo mantendo alguns resquícios de Entrudo, apesar da ação pública no sentido da sua extinção. Na Capital Federal da época, o Rio de Janeiro, de grande contingente de população de origem estrangeira, a “importação de um costume estrangeiro havia de ser aplaudida” (ARAÚJO, 2008, p. 115). Bailes de mascarados já são encontrados no Rio de Janeiro entre 1846 e 1868, bem como desfiles de carros com mascarados (MELLO MORAES, 1999): este autor relata, ainda, a “perdição no langor morno da beleza aristocrata” e o “roçar dos corpos” nos bailes da Rua do Conde e no Largo do Rocio. Havia o uso de bandas marciais, carros, desfiles, fantasias de figuras conhecidas do mundo inteiro como os mandarins, os xeques, os cavaleiros medievais. Até mesmo “Dom Quixote” aparecia em forma de fantasia.

Em Pernambuco, alguns autores indicam festas carnavalescas, antes do século XX, em regiões como Recife e Olinda, tais como Mello Moraes (1999), Rita Araújo (1996) e Rita Amaral (1998). Em Caruaru, os relatos carnavalescos são encontrados em textos jornalísticos e memorialísticos. Sobre as festas carnavalescas da cidade, trataremos neste próximo tópico.

2.2.1.2 Os Reinados de Momo em Caruaru: Primeiras Décadas do Século XX

Os festejos carnavalescos da cidade são claramente observáveis nas primeiras décadas do século XX e se constituíam de uma festatradicional no sentido de antiga. As celebrações carnavalescas, anualmente, eram narrados em diversos meios¹²⁵, principalmente os jornalísticos, desde as primeiras semanas de janeiro. Podemos cogitar, no entanto, que ele já estava presente em Caruaru no século XIX: esta festa já era celebrada na capital do estado de Pernambuco, o Recife¹²⁶, cidade ligada a Caruaru pela linha férrea e atividades econômicas, além de se constituir de um “rito nacional” (DA MATTA, 2006).

Segundo o jornalista e ex-vereador caruaruense Severino de Souza Pepeu (informação adquirida em entrevista), os primeiros relatos sobre o Carnaval da cidade datam de 1904. Em

¹²⁵ Revista Caruaru Hoje cita festas de Carnaval em 1904. Jornal Vanguarda narra festas a partir dos anos 1930. Revista Aru aponta carnavales na passagem dos anos 1940 para os anos 1950.

¹²⁶ Araújo (1996); Araújo (2008); Câmara Cascudo (1999).

entrevista com dona Zina Florêncio¹²⁷, o jornalista conseguiu, inclusive, os versos de uma marchinha carnavalesca cantada naquele ano:

Vamos partir Sacudindo flores
Adeus terrinha Santa Caruaru dos meus amores (bis)
Sai o sol, saem as estrelas Sai a lua a clarear
Sai a nossa turma boa Dando viva ao Carnaval”

“Mestre Tota” (Antônio Evangelista de Paula), folião famoso da primeira metade do século XX, em Caruaru, numa entrevista dada a Arnaldo Carvalho¹²⁸, em 1957, falou dos carnavais dos primeiros anos do século, nos quais as brincadeiras terminavam cedo, seis e meia da noite, pois, a iluminação era de lampião. Ainda não havia, em Caruaru, a “dança do frevo”. Saíam em festa, usando calça branca, blusa de marinheiro, chapéu e sapato da mesma cor. Era o “Bloco dos Marujos”. Para “Mestre Tota”, era tudo muito simples, muito ordeiro. Em fotografias dos anos de 1924 e 1928¹²⁹, mostram-se os animados carnavais, no centro da cidade: na rua da Matriz, Praça Henrique Pinto e rua Vigário Freire, veem-se pessoas observando a festa, foliões fantasiados e muitos automóveis.



Figura 7:Carnaval na Av. Rio Branco, década de 1920 (acervo pessoal Carlos Sá)

¹²⁷ Citada na revista “Caruaru Hoje”, p. 07, ano 9, nº 52, 2009.

¹²⁸ Vanguarda, 18 de maio de 1957.

¹²⁹ Estas fotografias podem ser encontradas no “Documento Ilustrado do Primeiro Centenário da Cidade de Caruaru, 1857 – 1957”

O Carnaval em Caruaru passou a ter grandes movimentações no segundo terço do século XX. Entre os anos de 1930 e 1960, por exemplo, é muito mais comum encontrar referências jornalísticas sobre as festas momescas do que sobre as juninas, que se constituem no grande destaque atual da cidade¹³⁰. A forte atividade econômica do município possibilitava as contribuições feitas pelos empresários: eram eles que financiavam as agremiações e as festas dos clubes sociais, em muitos dos casos, através das rivalidades advindas da política ou das atividades econômicas.

Na década de 1930, além dos foliões que brincavam espontaneamente, sem estarem em um grupo organizado, havia alguns blocos e outras agremiações carnavalescas que eram noticiadas com bastante frequência durante as festas de Momo: eram os blocos “Abanadores”, “Bela União”, “Coração Melodioso”, “Batutas de Caruaru”, “Bloco dos Periquitos”, “Cachorro do Homem do Miúdo”, “Independentes”, bem como os clubes “Vassouras” e “Toureiros”. Nesta década, a população da cidade contava com seis dezenas de milhares de habitantes, morando, em sua maioria, na zona rural (a média brasileira de urbanização do período era entre 20% e 25% da população), o que significaria, em termos caruaruenses, numa população entre doze e quinze mil habitantes.

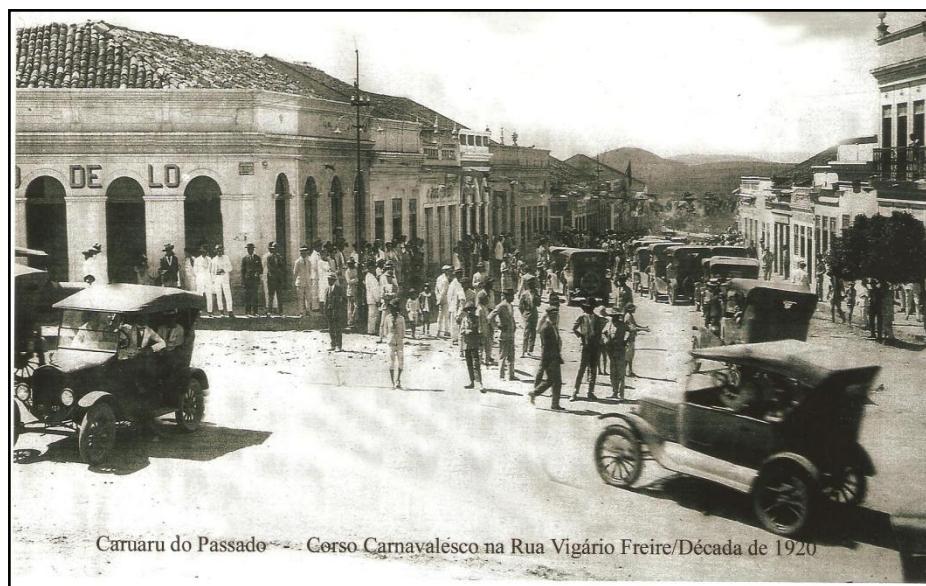


Figura 8: Corso na década de 1920: observar a quantidade de automóveis na Rua Vigário Freire. Era o resultado da economia ligada ao algodão em Caruaru. (acervo pessoal Carlos Sá).

¹³⁰ Sobre as fotografias, na nossa pesquisa encontramos um dado significativo: abundância de fotografias, até os anos 1960, das festas carnavalescas e festas de fim de ano de Caruaru e a total ausência das festas juninas. A partir dos anos 1970, no entanto, os registros fotográficos sobre as festas juninas começam a se tornar freqüentes, o que nos indica a importância que estes festejos passaram a ter para a cidade. Sobre o uso de fotografias como fonte historiográfica, ver Cardoso (1997).

As brincadeiras carnavalescas de rua ocorriam no centro da cidade¹³¹, principalmente na Rua da Matriz. Em Caruaru, havia resquícios do “Entrudo”, comemoração carnavalesca de herança portuguesa¹³². Brincada no restante do Brasil até meados do século XIX, perdurando mais algumas décadas no Nordeste, era percebida, ainda, nas festas carnavalescas caruaruenses: pó de arroz, farinha, água, substâncias mal-cheirosas ou perfumes eram jogados nos foliões, pelos próprios foliões. Patrícia Araújo (2008), sobre as festas carnavalescas em Minas Gerais, no século XIX, fala das propagandas dos comerciantes sobre os produtos usados no Carnaval, indicando que os mesmos aumentavam em quantidade, o que demonstra a sua procura. Em Caruaru, neste sentido, uma propaganda é sintomática desta prática:

“Chegou o Carnaval! Este ano, podemos brincar a vontade, ‘foliões’, porque ha na cidade lança perfume em grande quantidade e de todas as marcas pelos melhores preços...” (VANGUARDA, 19 de fevereiro de 1933).

O “lança” era vendido em diversos estabelecimentos. Na época, o comércio da cidade já era destacado dentre as cidades do interior pernambucano. Na “Casa Libaneza”, havia vários tipos de “fazendas” (tecidos) para fantasias dos brincantes. Outras lojas vendiam “confeti”, serpentina, cosméticos em geral.



Figura 9: Agremiação carnavalesca “Motoristas em Folia” – Carnaval de 1944 (acervo pessoal Carlos Sá)

¹³¹ Segundo Da Matta (2006), o centro da cidade, as praças, as principais ruas são os locais de preferência para a comemoração do Carnaval: do lugar desumano da exploração do trabalho, torna-se o ponto de encontro, o espaço “igualador”.

¹³² ARAÚJO (2008)

Na década de 30, os relatos dão a entender que a foliamomesca era mais masculina do que feminina. Fruto do conservadorismo e machismo da época, encontram-se, em jornais, os seguintes textos:

“Quando uma sogra danada
Quer fazer do genro brêdo,
Se deixa ela amarrada
E cae no frêvo sem mês.”

(VANGUARDA, 26 de fevereiro de 1932, p. 3)

“CARNAVAL

Azeita as pernas negrada! Que a folia este ano em Caruaru vai ser uma coisa de outro... mundo!... quem tiver sua mulher ciumenta amarre a ‘bichinha’ no pé da cama e caia no frevo gostoso...” (VANGUARDA, 14 de janeiro de 1934)

“É hoje, minha gente que os maridos caem no frevo e se esquecem de que são casados, os noivos enganam as noivas, os namorados abandonam as suas ‘pequenas’ e a reconciliação só se fará na quarta-feira de cinzas quando estiver tudo de ‘cara’ enjoada”... (VANGUARDA, 03 de março de 1935).

N'A Defesa, jornal do “Círculo Operário Católico de Caruaru”, incentivava-se a seriedade. Cacilda Santos, colaboradora da folha, questionava se é necessário a um católico brincar o carnaval: “O Carnaval dá-me alegria real e duradoura? Tenho direito de usar da alma que pertence a Deus para ofendê-lo?” (A DEFESA, 24 de fevereiro de 1935, p. 1).

Assim como nos festejos juninos desta década de 1930, os clubes sociais (“Central”, “Cassino”, “Esporte”) também promoviam bailes(além das chamadas “matinées”, “manhãs-de-sol” e “soirées”) para as elites locais. Nestes, no entanto, o Carnaval, diferentemente do São João¹³³, já possuía seu ritmo/música definidos: o frevo e as marchas carnavalescas, executados pelas orquestras (jazzbands). Além das festas nos clubes, os blocos, troças, maracatus, escolas de samba,etc, animavam as ruas do centro da cidade.

¹³³ Debate interessante sobre a falta de um ritmo/música característico dos festejos juninos é feito por Chianca (2001).

Os brinquedos carnavalescos de maior fama do período (anos 30) eram financiados pelas elites da cidade¹³⁴. Os patrocinadores do Carnaval eram, por exemplo, os mesmos anunciantes do “Jornal Vanguarda” e do jornal “A Defesa”. Blocos, troças, escolas de samba e outras brincadeiras faziam a festa dos foliões e espectadores com recursos doados por comerciantes que, também foliões, concorriam com seus animados blocos: Silva Filho, Gustavo Freitas, Luiz Pessoa, Arthur Emídio eram alguns dos mais assíduos carnavalescos. Sobre este aspecto, inclusive, há um detalhe a ser observado: as festas de Momo e a “Festa do Comércio” recebiam financiamento das elites, enquanto que o São João era comemorado de forma mais tímida, com iniciativa dos mais variados grupos sociais, porém, sem um espaço centralizado de aglomeração como eram as outras duas festas (o Carnaval na Rua da Matriz e a Festa do Comércio na rua defronte à Igreja da Conceição).

2.2.1.3 O Carnaval Caruaruense na Década de 50: Quiçá o Melhor do Estado!

Na década de 1950, o Carnaval, assim como a festa de fim de ano, continuava bastante significativo para a cidade, dentre outras coisas, pela rivalidade que se criou entre as agremiações representativas do grupo econômico mais tradicional, dos habitantes da Rua da Matriz, e dos grupos de empresários do Bairro Novo. Caruaru prosseguia organizando clubes carnavalescos, blocos, troças, maracatus,etc, bem como os já famosos bailes de clube social. Havia desfiles de corso pela Rua da Matriz e Avenida Rio Branco¹³⁵, contando com empolgada assistência popular: a Rua da Matriz, uma das principais do Centro, (nela, estavam a Igreja da Matriz, o Palácio Episcopal e, anteriormente, a Prefeitura, bem como as residências dos indivíduos mais ricos da cidade), se enchia de foliões, ricos e pobres, ávidos por ver as beldades femininas passeando nos automóveis, bem como pelo ritmo contagiente do frevo e outros atrativos carnavalescos. Apesar do foco de folia ser neste logradouro, havia festividades espalhadas por toda a cidade. E as agremiações carnavalescas, dos mais variados bairros, vinham desfilando, desde seus lugares de origem, até o espaço principal. Lá, os “excessos permitidos” no Carnaval ocorriam de mãos dadas aos costumes rígidos da época.

¹³⁴ Neste período, Caruaru vivia o apogeu da produção de algodão, bem como já conhecia uma grande movimentação comercial. Observar fotografia do corso na década de 1920.

¹³⁵ Segundo dados da época, havia cerca de mil automóveis registrados na cidade, além dos que vinham de outras regiões e circulavam pelas ruas da cidade, em dias comuns, perfazendo um número estimado de mil e quinhentos veículos (Documento Ilustrado do Primeiro Centenário da Cidade de Caruaru 1857 – 1957, p. 3).

Poucas brigas, poucas prisões, poucas “alterações” da ordem, apesar das provocações dos banhos d’água e do talco. Os rapazes, quando queriam cortejar uma moça, colocavam “lança-perfume” no pescoço da mesma.



Figura 10: Corso na Rua da Matriz, década de 1950 (acervo Carlos Sá)

Figuras folclóricas “apareciam” nos dias de festejo: eram eles o “Vereador Bode Cheiroso”, o “Zé Pereira” e o “Rei Momo”, a grande autoridade do Carnaval. A escolha da “Rainha do Carnaval” era feita a partir das garotas representantes dos ranchos, blocos e clubes. O rei, como de praxe, era o melhor capacitado para a “monarquia”, mas, também, o mais “rechonchudo”. Ambos, Rei e Rainha, eram esperados no centro da cidade, vindos de trem (que tomavam na estação do povoado de Gonçalves Ferreira, distante nove quilômetros da cidade no sentido Recife-Caruaru) ou de automóvel (vindo pela Avenida José Rodrigues de Jesus, acesso principal da cidade, ligada à BR 232). As principais agremiações carnavalescas nesta época eram os ranchos da “Rua da Matriz” e do “Bairro Novo” e os blocos “Sapateiros em Folia”, “Motoristas em Folia” e “Vassourinhas”. Sobre este último, inclusive, a notícia de que o mesmo não desfilaria em 1956 causou grande alarde popular: as alegações da diretoria do clube foram as “dificuldades que têm encontrado, de ano para ano, na aquisição de numerário para fazer face as despesas” (VANGUARDA, 01 de janeiro de 1956).

As “autoridades do Carnaval”, Rei e Rainha, chegavam na sexta-feira, último dia da semana pré-carnavalesca, ou no sábado. Havia muito samba, mas, prevalecia o frevo como música carnavalesca. Músicas “importadas” do Recife e composições de caruaruenses animavam os bailes de clubes e apresentações em espaço aberto¹³⁶. Nos jornais, as letras eram publicadas em dias anteriores, para que houvesse tempo de os foliões as aprenderem.



Figura 11: Corso na Rua da Matriz, final da década de 1950 (acervo Carlos Sá)

Em meados desta década de 1950, apesar dos problemas econômicos nacionais, dentre eles a inflação, Caruaru incrementou seu Carnaval, criando a “Semana Pré-Carnavalesca”. Assim como nos dias de folia momesca propriamente ditos (na época, sábado a terça-feira), a “Semana Pré” era organizada e custeada pela sociedade civil, contando com certo apoio público municipal¹³⁷, mesmo que fosse, apenas, com a infra-estrutura necessária. Os blocos, troças, escolas de samba, maracatus etc., faziam suas apresentações custeando as despesas através de doações angariadas entre os empresários locais¹³⁸, principalmente os comerciantes,

¹³⁶ Caruaru já possuía grandes compositores de frevo, tais como Cordovil Dantas, Onildo Almeida e Florêncio Jr, alguns destes com premiações em concursos de frevo no Recife.

¹³⁷ Em 1956, houve a contribuição de quinze mil cruzeiros feita pela Prefeitura Municipal.

¹³⁸ Sobre esta prática, foi dito: “Chegava Cacho de Coco – José Romão da Silva, ia de porta em porta, quem colaborava, ele fazia reverência [...]. Ele e a mulher na frente, as pastorinhas atrás, era um frevo de bloco. Esse era sensacional. Ele arrecadava dinheiro das pessoas, às quais, ele reverenciava no dia de carnaval. Ia defronte, passava dois a três minutos tocando, depois ia a outra casa. Descia. Ele circulava em Caruaru, numa velocidade!” (SEVERINO DE SOUZA PEPEU, informação adquirida através de entrevista).

mas, também, de políticos. Para o desfile do “Rancho do Bairro Novo”, por exemplo, houve uma suposta doação de vinte mil cruzeiros feita pelo deputado Adelmar da Costa Carvalho.

Os “ranchos” da cidade levavam para o desfile não apenas a disputa carnavalesca, mas, também, social: eles representavam as elites mais antigas (Rua da Matriz), ligadas ao crescimento do começo do século, e as novas (Bairro Novo), mais representativas dos novos ricos, numa disputa, também, pelo poder político de Caruaru. Prudencianodi Lemos, sobre esta disputa, pedia o fim das “animosidades” entre as duas agremiações: “Essa animosidade é um mal e dos mais graves... É tanta gravidade que os registros criminais estão assinalados com os desatinos, os exageros, os erros dos desníveis educacionais e sociais...” (VANGUARDA, 03 de março de 1957, p. 2). Nesta década, já se percebe, de forma bem constante, a presença de mulheres nos eventos carnavalescos: o “Rancho da Rua da Matriz”, por exemplo, tinha como organizadoras Deborah Leão, Lia Lacerda, Iraci Arruda, Alaíde Valença. Pelo “Rancho do Bairro Novo”, atuavam as “senhoras” Armando da Fonte, Gerardo Frota, Ramos Vasconcelos e Abel Menezes, dentre outras¹³⁹.

Nos bailes dos clubes sociais, muita alegria era demonstrada através do passo, cerveja, talco e lança-perfume. Havia as “*manhãs-de-sol*”, as “*matinées*” e as “*soirées*”, como nos anos 1930. As orquestras “Comercial-Jazz” e a “Euterpe-Jazz” eram contratadas para diversos bailes, em todos os dias de folia. As duas também eram encarregadas de animar as apresentações dos clubes da cidade (Motoristas, Vassourinha, Sapateiros). Como eram três clubes e duas orquestras, o que “sobrava”, tinha que contratar uma orquestra em outra cidade (em alguns anos, isto gerou a não participação de um dos clubes). Ao final das festas do último dia, a “Terça-Feira Gorda”, os brincantes saíam dos clubes sociais e se encontravam no centro da cidade, cada um seguindo seu estandarte¹⁴⁰.

Nas ruas, os resquícios do Entrudo português ainda se faziam presentes: baldes d’água jogados nos transeuntes, fossem foliões ou não, mãos pintadas com batom (que seriam passadas nos rostos dos desavisados), “pó-de-arroz”, etc, e muita disposição, regada a cerveja, caipirinha, batida ou cachaça com limão. Dentre os foliões “populares”, os mais famosos eram “Caboré do Boi Bandeirantes”, “Zé de Donzinha”, “Cacho-de-coco” e suas pastoras,

¹³⁹ Mesmo com as participações femininas, note-se a denominação dada para as mulheres do “Rancho do Bairro Novo”.

¹⁴⁰ Figuras como Fernando Lyra e João Lyra Neto, Rui Rosal, Chico e Valdênio Porto, Djalma Cintra, dentre outros, destacavam-se, nas narrativas dos jornais, na “festança” da despedida: eram os jovens empresários que estavam assumindo diversos empreendimentos caruaruenses e começavam a ser mostrados como “novas lideranças”. (FRANÇA, 2007)

“Zé Tatu”, “Vovô” e “Zé de Inês”. “Maria Boi Brabo”, uma dançarina da Rua 10 de Novembro, arrasava durante os dias de folia (FRANÇA, 2007). Destes, “Cacho-de-coco” era dos mais bem queridos. Saía pedindo doações aos comerciantes e outros empresários de Caruaru, anotando-as num “livro de ouro” (BEZERRA, 1980), para tecer as fantasias do seu bloco, o “Sou Eu Teu Amor”. Já usava “cordão de isolamento”, separando suas pastorinhas, a orquestra, ele e a esposa, dos outros foliões, para que não houvesse “atrapalhos”. Atleta, fazia o percurso do desfile numa velocidade espantosa, o que inspirou Carlos Fernando e Alceu Valença na composição do frevo “Sou Eu o Teu Amor”, gravada, dentre outros, por Jackson do Pandeiro e Carlos Fernando:

“Lá vem lá vem o bloco
Cadê o bloco já passou
Lá vem lá vem o bloco

Mas, cadê o bloco já passou

É um bloco veloz feito um raio
Chamado Sou Eu Teu Amor (bis)

Viu, por onde ele passa
Sacode alegria a vapor
Limão com cachaça
E a onda do frevo esquentou

Lá vem Lá vem o bloco
É um bloco que chega
É um bloco que passa
É um raio que rompe a traça
E a massa espanta a dor

Lá vem
Lá vem um bloco

Chamado Sou Eu Teu Amor”

Além das festas de rua e de clube social, os rapazes costumavam festejar o Carnaval também nas áreas de “casas de recurso¹⁴¹”: durante o período momesco, o que antes eram apenas diversões semanais “noturnas”, tornavam-se mais constantes, em plena luz do dia. “Matança”, “Night Club” e “Mocós” eram alguns destes espaços “alternativos”.

De forma significativa, apontamos, em 1956, como comprovação da importância das festas carnavalescas da cidade, a presença do governador do Estado, Oswaldo Cordeiro de Farias, para a abertura da “III Semana Pré”, junto com o prefeito de Caruaru, Sisenando

¹⁴¹ Denominação para prostíbulos.

Guilherme. Noutros anos, houve a presença do prefeito do Recife, Miguel Arraes. Toda esta movimentação, ano a ano, gerava, entre os caruaruenses, a idéia de que a cidade possuía o melhor carnaval do interior¹⁴²:

“O CARNAVAL DE CARUARU CONSIDERADO O MELHOR DO ESTADO:

Sete carros alegóricos abrilhantaram os festejos de momo – pessoas vindas do Recife, do Rio e de inúmeras cidades pernambucanas ficaram deslumbradas com o nosso carnaval externo e interno. Caruaru deve orgulhar-se em ter oferecido à Pernambuco e ao Brasil, no ano de 1956, o melhor e mais animado Carnaval já registrado em todo o território pernambucano...” (VANGUARDA, 19 de fevereiro de 1956).

Apesar de toda esta movimentação carnavalesca, bem como na “Festa do Comércio”, os jornais da cidade noticiavam, nos exemplares antecedentes a estas comemorações, o período de crise pelo qual passava o Brasil. A inflação já era um “monstro” que atemorizava a população desde o Governo Vargas, momento em que mesma passou a ser verificada com mais frequência¹⁴³. Nos anos 50, JK, com a construção de Brasília, ampliou-se este processo inflacionário, que era sentido em todas as regiões brasileiras. Caruaru, neste contexto, além do crescimento econômico, vivenciava o crescimento populacional, como se percebe nos números anteriores (conferir tabela nº 2). Desta forma, fazer festa na cidade estava ficando mais difícil pela necessidade de maiores recursos financeiros.

Contudo, a proximidade das grandes celebrações do Centenário da Cidade¹⁴⁴, em 1957, influenciou sobremaneira na organização das festividades outras. Entre os anos de 1956 e 1958, mesmo com os problemas econômicos e as questões internas, houve um reforço no espírito festivo da população de Caruaru. Depois disto, no entanto, a partir de 1959, as festas consideradas tradicionais, no sentido de “antigas”, vão perdendo a sua força diante das novas realidades sociais, econômicas e culturais, abrindo espaço para uma nova “grande” festa, o São João.

¹⁴² Sobre esta impressão dos caruaruenses sobre seu próprio Carnaval, no “Documento Ilustrado do Primeiro Centenário...” (1957, p. 4), encontra-se: “Como indicação dos festejos populares, deve ser mencionado de princípio, o Carnaval, o qual nesta cidade é festejado, á semelhança das capitais mais importantes do país.” (grifo nosso)

¹⁴³ Os estudos acerca de inflação no Brasil passaram a ser feitos na década de 1940.

¹⁴⁴ Estas festividades tornaram-se preocupação para a cidade desde 1955. Mobilização de empresários e políticos se percebe nos jornais e revistas da época. Recursos foram solicitados ao governo federal e estadual. Campanhas foram feitas na cidade. Um estudo sobre estas festas pode ser encontrado em Santos (2006). Com as festas do centenário, outras festas de Caruaru também receberam atenção especial: um exemplo disto é a citação da festa de Santo Antônio ocorrida em junho de 1957, num barracão que havia sido montado para as comemorações da efeméride da cidade. Esta é a primeira menção feita a uma festa junina de Santo Antônio nos semanários de Caruaru. Carnaval e Festa do Comércio de 1957 e 1958 foram bastante badaladas, influenciadas pelo centenário.



Figura 12: “Trio Elétrico” e Carro Alegórico em forma de Navio – Carnaval de 1966, patrocínio da Coca-Cola (Acervo Carlos Sá)

2.2.1.4 A Ressignificação das Festas de Carnaval Caruaruenses: Foliões Saem de Cena em Busca de “Outros Carnavais”

Os anos finais da década de 50, bem como os iniciais da década de 60 trouxeram para a população brasileira (e, no nosso caso específico, a caruaruense) uma realidade de contrastes: se, por um lado, houve crescimento econômico bastante significativo¹⁴⁵, capitaneado pela indústria, por outro, os gastos públicos geraram um índice inflacionário¹⁴⁶ que começou a diminuir o poder aquisitivo da população. Em Caruaru, várias notícias de jornais denunciavam os problemas econômicos. Tanto o Carnaval quanto a Festa do Comércio sofreriam com esta crise: bancadas pelos comerciantes e outros empresários, estas festas diminuíam o seu esplendor posto que estes grupos econômicos não possuíam os recursos ou os interesses necessários para a manutenção das brincadeiras. Sobre isto, falou Severino de Souza Pepeu:

¹⁴⁵ Segundo FAUSTO (2007), o PIB dos anos de 1957 a 1961 cresceu a uma taxa anual de 7%, o que era um índice três vezes maior que o restante da América Latina.

¹⁴⁶ Em 1959, por exemplo, a 39,5% (FAUSTO, 2007, p. 432)

As pessoas não queriam mais fazer carnaval, as pessoas estavam ficando velhas. [...] Os promotores. Porque, oficialmente, o Carnaval de Caruaru tinha participação do executivo, mas, eu já te falei antes que quem faz o carnaval é o povo, como Cacho fazia. Antônio de Barros, não. Ele era o presidente dos Sapateiros e patrocinava. Quem patrocinava Vassourinhas era o Curtume Sousa Irmãos. Exatamente entre a decadência nos anos 70. Vamos pra Motoristas. João Lyra Filho já estava cansado [...] Seu João patrocinava Motoristas. Motoristas não tinha sede. [...] Eu comparo com a mesma coisa do carnaval: as pessoas começaram a comprar apartamentos em Recife, ganhando dinheiro em Caruaru. E, a partir daí, elas foram perdendo um contato que elas já não tinham, porque o contato é cultural. [...] No carnaval, as pessoas foram às praias. No natal e final de ano, as pessoas foram pra Recife e deixaram a cidade. Mas, não foram apenas os estrangeiros, eu os chamo de estrangeiros [os “estrangeiros” eram as pessoas de fora que viviam em Caruaru e tinham empreendimentos econômicos na cidade], foram os caruaruenses também. Agora, só que eles não tinham nada, do ponto de vista cultural, pra saber que Caruaru tinha um festa de final de ano que só em Paris tinha igual. (SEVERINO DE SOUZA PEPEU, informação adquirida em entrevista).

Além disto, o aumento da população da parte urbana do município, que crescia devido ao êxodo rural e às migrações regionais, fazia com que as festas tivessem que aumentar as suas capacidades. Havia, ainda, outro elemento, indicado por França (2007): as praias litorâneas, na transição da década de 1950 para a de 1960, passaram a receber vários caruaruenses, com suas “RuralWillys”, caminhões ou caminhonetes, para o gozo de férias de verão. Depois, era a vez de, no período carnavalesco, o litoral receber estes turistas. Os ricos estavam indo embora de Caruaru nos momentos das festas.

O início da diminuição da importância do Carnaval da cidade pode ser observado no final dos anos 50. No ano de 1958, por exemplo, o “Motoristas” foi o único clube carnavalesco que se apresentou, “por teimosia de Chico Nunes e Ivanildo Florêncio” (VANGUARDA, 09 de fevereiro de 1958). Apesar de desfilar, a escola de samba “Palmeiras” indicou, em nota de jornal, que ficou com um prejuízo de três mil e duzentos cruzeiros, pois, “*diversas firmas* desta cidade se negaram a contribuir alegando o não recebimento de ordens da casa matriz para esse fim” (VANGUARDA, 23 de fevereiro de 1958, grifo nosso).

No ano de 1960, uma atitude denunciadora da dificuldade de conseguir dinheiro: um dos clubes sociais, o “Comércio”, contratou os músicos da “Orquestra Comercial” para animar sete bailes noturnos em sua sede. Esta atitude “salvou” o bloco “Motoristas em Folia”, pois, sem isto, os integrantes da banda procurariam “tocadas” em outras cidades, impedindo a saída do bloco, por falta de animação. Já o clube “Vassourinhas” não conseguiu se apresentar. Entretanto, havia certo esforço da mídia em colocar a situação como normal: “Dos Maiores o Carnaval de Caruaru” foi a manchete estampada no Vanguarda em 14 de fevereiro de 1960.

Apesar da crise, mais uma vez, um visitante ilustre veio abrir a semana pré-carnavalesca: o prefeito do Recife, Miguel Arraes.

Neste carnaval de 1960, um dado encontrado se mostrou bastante singular: iniciou-se, por parte do poder público municipal, a preocupação com os “populares”: o prefeito João Lyra Filho, através da Prefeitura, resolveu realizar quatro bailes no “Mercado de Farinha” (Rua Duque de Caxias, Centro, próxima da Rua da Matriz, espaço onde eram realizados os desfiles de Carnaval). A cidade crescia em termos demográficos: era preciso aumentar os espaços de diversão¹⁴⁷.

Mesmo com esta iniciativa pública, continuava a haver a perda de sentido deste modelo de carnaval em Caruaru, financiado, individualmente, pelos empresários. As tradicionais orquestras da cidade, a Comercial e a Euterpe, perdiam fôlego. Tanto que houve um apelo da sociedade civil para que o poder público tomasse providências “para evitar o colapso dessas tradicionais instituições [...] um patrimônio dos maiores da cidade” (VANGUARDA, 26 de junho de 1960). Nas colunas sociais, reclamações dos foliões, constatações dos colunistas: “Senão dos melhores, também não foi o pior carnaval de rua” (VANGUARDA, 19 de fevereiro de 1961). Nos carnavais destes anos, há um notável revezamento da ausência dos principais blocos da cidade: o “Vassourinhas”, o “Motoristas” e o “Sapateiros”. No carnaval de 1963, somente houve a saída do “Motoristas”. Não houve a famosa “Semana Pré-Carnavalesca” (desde 1961, segundo os jornais, a mesma vinha perdendo o seu “brilhantismo”). Nos anos seguintes, no entanto, outros blocos, troças e escolas de samba de menor destaque começam a aparecer: representando as camadas populares, surgiram as agremiações “Bloco Sou Eu Teu Amor”, “Cambinda Nova”, “Boi Tira Teima”, “Boi Surubim”, etc., bem como os clubes sociais mais populares ou de novos indivíduos abastados: “Caroá”, “Colombo”, “Vera Cruz”, “Onze Unidos” e “Clube dos 60”.

A partir deste período, na passagem da década de 1950 para a seguinte, os veículos de radiofonia da cidade, “Difusora” e “Cultura” (e, depois, a Liberdade), começaram a transmitir as apresentações carnavalescas. Neste sentido, a mídia falada, somada à escrita (a saber, jornais “Vanguarda” e “A Defesa”) passou a exercer um papel substancial: massificar as festas, dando-lhes as proporções necessárias de uma população em crescimento. Outro aspecto relevante percebido é a mudança do patrocínio das festividades: se os comerciantes,

¹⁴⁷ Este período é, também, o do surgimento das festas de fim de ano nos bairros populares, tais como o Riachão e o Salgado. Dois anos depois, começariam as festas juninas de bairro, incentivadas pelas rádios.

em sendo pessoas físicas, começavam a se negar a patrocinar as festas, as empresas, enquanto pessoas jurídicas, ocuparam este lugar¹⁴⁸. Em 1964, por exemplo, a Coca-Cola, através de sua fábrica local em Caruaru, contribuiu com a instalação de infra-estrutura carnavalesca na Rua da Matriz. Dois anos depois, junto com a Coca-Cola, apareceu o Ron Bacardi como patrocinadora da festa.

Em 1966, juntos, Coca-cola, Jornais Vanguarda e A Defesa, Art-Studio e Rádio Cultura organizaram o concurso “Rainha do Carnaval de Caruaru”, disputado pelas representantes do “Central”, “Vassourinhas” e das escolas de samba “13 de Maio” e “ Unidos da Vila”. A vencedora foi Eronildes de Paula, da “13 de Maio”. Já no ano seguinte, novo concurso e, de novo, patrocínios de empresas e poder público: refrigerantes Pepsi-cola e Mirinda (Indústria e Comércio Santo Amaro S/A), Jornal Vanguarda, Rádio Liberdade e Departamento Municipal de Turismo¹⁴⁹. Um dos destaques deste Carnaval foi uma mistura de “carro alegórico” com “trio elétrico” em forma de navio, patrocinado pela Coca-Cola, que desfilou pela Rua da Matriz e Avenida Rio Branco.

A liberdade propiciada no carnaval também tinha seu destaque. Festa de “transgressão”, erabrinçada com diversos produtos, dentre eles “lança-perfume” (proibido em fins da década), talco, goma, tinta e água, jogados para todos os lados, num resquício do velho Entrudo. Batons nas mãos ajudavam a sujar os rostos de vermelho e alegria, sob os olhares cuidadosos do delegado de polícia.

No fim da década, continuaram os investimentos/incentivos da mídia e de empresas privadas no Carnaval. Se havia falta de dinheiro para manter as festas momescas, como em momentos anteriores, inovava-se: em 1968, as empresas Rádio Cultura, Jornal Vanguarda e Jornal A Defesa resolveram realizar o “Carnaval dos Bairros”¹⁵⁰, numa tentativa de levar para as camadas pobres, onde elas moravam, “as alegrias das músicas de Carnaval” (VANGUARDA, 25 de fevereiro de 1968). Vale lembrar que o São João deste período era descentralizado, bem como havia as festas populares de bairro nos moldes da Festa do Comércio. As festas, antes mais centrais, agora tomavam a direção dos bairros populares, nas diversas regiões da cidade. O Carnaval de Caruaru, enquanto um evento que mobilizava a

¹⁴⁸ Isto também pode ser percebido nas outras duas festas da cidade: o São João e a Festa do Comércio.

¹⁴⁹ A partir de 1966, os jornais começam a relatar a existência e ação deste Departamento de Turismo.

¹⁵⁰ A prática carnavalesca, nestes moldes, não teve a mesma repercussão dos festejos juninos pois, nestas, já havia um estímulo de quase uma década de concursos de ruas e quadrilhas, além do fato de que as músicas juninas estarem presentes no cotidiano popular, por causa dos programas de forró. Já as músicas carnavalescas eram veiculadas, basicamente, no período momesco.

cidade, num modelo oficial ou tradicional, um “ritual”, na acepção de Da Matta (2006), estava decaindo.

1969. A administração pública federal propiciava o crescimento da economia brasileira a níveis consideráveis: média de 11% ao ano. O “Bolo crescia”, mas, somente as classes médias e altas estavam sendo beneficiadas. Os costumes sociais sofriam mudanças acompanhando o crescimento econômico e demográfico. De norte a sul, o Brasil vivenciava as transformações urbanas e a integração nacional através da construção e ampliação de estradas federais e estaduais. A televisão ajudava a diminuir as distâncias, através das suas reportagens e novelas. As companhias estaduais e federais de comunicações integravam as populações. O turismo era estimulado no país. Em tempos de crescimento industrial, assim como em outros países, proletário que trabalha também quer descanso e diversão. Os trabalhadores e a classe média estavam em busca de lazer¹⁵¹, e o Carnaval era uma alternativa, não necessariamente o Carnaval caruaruense!

1969. O Carnaval de Caruaru já não despertava os mesmos interesses, devido às já citadas outras possibilidades carnavalescas para os seus “antigos” patrocinadores/organizadores: festas no Recife, Olinda e Vitória de Santo Antão, passeios ao litoral pernambucano, paraibano e alagoano, etc. Foliões pobres, entretanto, ainda havia: era gente demais, espaço de menos, engarrafamentos e aglomeração por falta de verbas para a Comissão Organizadora do Carnaval criar vários espaços de brincadeira. Desde a década anterior, vários habitantes da cidade, de grande poder aquisitivo, estavam mudando seus costumes no período momesco: as praias pernambucanas eram o principal destino. Três anos antes, o Jornal Vanguarda noticiava na sua coluna social: “Caruaru vai à praia: em Boa Viagem, a Princesa do Agreste também é presença e se diverte” (VANGUARDA, 13 de fevereiro de 1966). Em vez de carnavais memoráveis, com foliões famosos, festas em bailes, corsos, blocos, troças, maracatus e muita alegria, a situação era outra:

“Tudo mudaria, no entanto. Já em 1969, numa reportagem do Diário de Pernambuco, o jornalista Antonio Miranda lamentava o fracasso dos carnavais de Caruaru. As festas declinavam. Os desfiles de rua empobreciam. As famílias [ricas] viajavam rumo às praias. Os costumes se modificavam. A cidade se abria para um progresso não inteiramente benfazejo.” (FRANÇA, 2007, p. 69)

¹⁵¹ Moura (1986) faz uma retrospectiva das festas carnavalescas brasileiras entre 1964 e 1985, período da ditadura, e indica que, durante essa era, o Carnaval passou por diversas mudanças: houve radicalização da mercantilização e espetacularização da festa em alguns espaços principais (Rio de Janeiro, Recife, Olinda), bem como o desgaste dos carnavais de outras cidades devido à inflação, além da decadência de algumas manifestações carnavalescas, dentre elas o “rancho”.

Nos clubes sociais, a presença do público tornava-se menor. Mais que isto, em 1970, clubes e escolas de samba ameaçavam não sair no Carnaval. A decoração momesca, feita com “motivos regionais”¹⁵², recebeu diversas críticas: num artigo com o título “O Ocaso do Carnaval”, por exemplo, Fagundes Bezerra escreveu: “O Carnaval mais parece uma noite de São João na Roça do que um reinado de Momo” (VANGUARDA, 08 de fevereiro de 1970). Nos anos seguintes, poucas agremiações, semana pré-carnavalesca cambaleante, a organização do Carnaval foi entregue à Associação Caruaruense da Imprensa - ACI, numa tentativa de movimentar a cidade tal como ocorria nos festejos juninos da época.

A população pobre, percebendo e vivendo o movimento de decadência carnavalesca, também buscava a praia: se não podia fazer veraneio nas férias, como as elites, nem adquirir um imóvel para todo o período carnavalesco, ela se resolia com uma solução simples e barata: a “embaixada” (excursão)¹⁵³. E, geralmente no domingo (ou num feriado, no restante do ano), iam à praia, saindo de Caruaru antes do nascer do sol, chegando ao litoral nas primeiras horas da manhã. Passava-se o dia entre bebidas, banhos de mar, areia e muita insolação (nem todos se preveniam levando protetor solar). Ao fim da tarde do mesmo dia ou dias seguinte (quando levavam barracas ou qualquer outra proteção e cama improvisada), cansados, queimados pelo sol, bêbados, mas, sobretudo, muito satisfeitos, voltavam a Caruaru.

Sobre esta época, um comunicador que trabalhou na Difusora e Liberdade, João Luís do Forrozão, afirmou:

Eu não sou nenhuma autoridade no assunto, mas eu posso lhe dizer o seguinte: eu comecei a sentir, como locutor de rádio, como diretor de emissora de rádio, nós dávamos a cobertura necessária ao Carnaval de Caruaru, troças, escolas de sambas, um cem números de coisas, tudo que você possa imaginar em termos de carnaval, e comecei a sentir a diferença quando o povo começou a se deslocar para as praias, ta certo? E eu comecei a me perguntar: meu Deus, o que está acontecendo com Caruaru? (JOÃO LUÍS DO FORROZÃO, depoimento dado em entrevista).

¹⁵² Ornamentação com “arquétipos nordestinos”: cangaceiros, matutos, caboclos, etc.

¹⁵³ A “embaixada” consistia na locação de um ônibus (ou, até mesmo, um caminhão), cujo valor seria rateado entre os viajantes. O organizador dividia o valor do aluguel do veículo em partes iguais, acrescidas de um valor de “lucro”.

No final do governo municipal de Drayton Nejaim¹⁵⁴, as folias de Momo, perceptivelmente, viviam seus piores momentos com relação à participação, organização e patrocínios. Devido aos poderes públicos terem assumido, a partir dos anos 60, responsabilidades na viabilização do turismo e da cultura, nos níveis municipal, estadual e federal, havia um clamor popular bastante forte no tocante à ação da Prefeitura Municipal de Caruaru na organização das festas da cidade. No São João, como a festa desta época era incentivada pelas rádios e intensamente vivenciada pela população, só se percebia crescimento. Mas, nas festas momescas e de fim de ano, cuja prática de anos anteriores era de ação da prefeitura, o pouco interesse demonstrado pelo gestor municipal gerava a ideia, na população, de que ele era o responsável pela “decadência” das duas festas. O fenômeno, no entanto, era outro: os que antes financiavam não mais o estavam fazendo e os atrativos externos levavam a população a sair da cidade.

O Carnaval de 1979 foi narrado como um fracasso total:

CARUARU VIVEU SEU PIOR CARNAVAL DE RUA

Nas ruas foi de uma tristeza geral, com muita gente esperando nas calçadas pelo que não vinha, pois eram raras as agremiações desfilantes [...] Não desfilaram o “Vassourinhas”, o “Sapateiros” e o “Motoristas”, nem as escolas “Palmeiras” e “Unidos do Morro do Bom Jesus” [...] Na passarela (?) da Rua da Matriz, só dava “boi-tira-teima”, “boi Surubim” e as “bonecas”, “travestis” esses que compraram a fantasia com o seu próprio dinheiro, com sacrifícios [...] Carnaval de Caruaru foi sem crime, sem frevo e sem organização. (VANGUARDA, 04 de março de 1979)

A imprensa, alegando ser porta-voz da população, questionava: “De quem é a culpa? Porque o Carnaval foi fraco? A quem cabe a culpa? [...]. Alguns deixaram transparecer que a pobreza do nosso carnaval foi devido a não importância dada aos festejos pelo prefeito do município [...].” (VANGUARDA, 04 de março de 1979). A decadência carnavalesca era de tal maneira que a festa já não era considerada “turística” pelo Dr. Leite¹⁵⁵, como havia sido nos anos 50 e 60: “As três maiores forças turísticas de nossa cidade estão representadas pela Internacional Feira de Caruaru, Festa do Comércio e São João, acrescida de outros eventos menores [...].” (VANGUARDA, 25 de dezembro de 1981). Nas colunas sociais de um semanário caruaruense, o colaborador Jotta Lagos reclamava:

¹⁵⁴ Seu segundo mandato foi entre 1977 e 1982

¹⁵⁵ Nesta época, o Dr. Emanuel Leite escrevia, semanalmente, sobre turismo em Caruaru. Em 1957, no “Documento Ilustrado do Primeiro Centenário...”, o carnaval era mostrado como a primeira festa popular e a menção à festa junina não possuía destaque.

“Enquanto Recife, Vitória e Olinda tiveram animadíssimos carnavais, Caruaru teve um tríduomesco fraco [...]. Faltou som e uma melhor coordenação por parte da Secretaria de Turismo. Os clubes sociais também não tiveram a mesma animação dos anos anteriores” (VANGUARDA, 25 de fevereiro de 1982).

No ano de 1983, as reclamações continuaram contundentes, vindas de diversos setores da sociedade caruaruense. N'A Defesa, Edvaldo Barros previa a “Morte do Carnaval” caruaruense: enquanto esta festa crescia na capital do estado e em outras cidades, em Caruaru, ela empobrecia vertiginosamente. Os presidentes das agremiações estavam “viciados” com a ajuda da prefeitura: “Se o dinheiro der para 100 figuras, muito bem. Se o dinheiro só der para 20, só sai 20 mesmo”, alegava um presidente de grupo carnavalesco (A DEFESA, 19 de fevereiro de 1983, p. 2). Já o vereador Leonardo Chaves, da oposição¹⁵⁶, em entrevista, teceu pesadas críticas:

CARNAVAL DE RUA DESTE ANO ESTÁ AMEAÇADO

O vereador Leonardo Chaves (PMDB) criticou severamente ao prefeito João Dutra, por não apoiar ao Carnaval de Caruaru, *destruindo* assim nossa tradição [...].

Na sua análise, disse que o Carnaval de Caruaru viveu seus grandes dias em 1957, no Centenário da Cidade, e mesmo depois, através da Associação Caruaruense de Imprensa [...].

Mas, ressalta o vereador Leonardo Chaves: “O Sr. Nejain não gosta da festa do povo e o carnaval é um evento popular. Na sua primeira administração matou o carnaval sendo ressuscitado depois, pelos governos de Anastácio Rodrigues e João Lyra Filho, e agora, novamente, o fato se repete. Neste momento, a cidade vive há cinco anos sem um carnaval digno [...].” (VANGUARDA, 09 de janeiro de 1983, grifo nosso).

Independentemente da questão político-partidária do crítico, podemos perceber uma grave crise na realização da festa momesca enquanto um evento da cidade que não recebia apoio público e, como temos visto, também faltando o apoio privado. Neste mesmo ano, não houve semana pré-carnavalesca, pois, além de ser um “evento cansativo e pouco produtivo”, na opinião de LiezidInteraminense, gerente da Rádio Difusora de Caruaru, a posse do novo prefeito da cidade, José Queiroz de Lima, somente se daria quinze dias antes do Carnaval, o que inviabilizaria a sua melhor organização. E esse Carnaval foi narrado como um tremendo fracasso:

FRACASSOU O CARNAVAL DE CARUARU

¹⁵⁶ No final do mandato, DraytonNejain (PDS) deixou o cargo, que foi assumido por João Dutra.

Cerca de 30 mil pessoas fugindo aos folguedos de Momo, desta cidade, abandonaram Caruaru, desde o sábado de Zé Pereira, procurando as praias de São José da Coroa Grande, Pitimbu, Tamandaré, Itamaracá, Maragogi, Olinda ou lugares sossegados, como Fazenda Nova ou sítios localizados no interior deste ou de outros Estados, para somente retornarem na quarta-feira de cinzas.

A arribada desse contingente da população caruaruense concorreu para o fracasso do Carnaval de Caruaru, que “foi o mais fraco de todos os tempos”, o que levou o consenso dos habitantes desta cidade – dos que daqui não saíram – a admitirem que o “carnaval de Caruaru se acabou e os velhos e saudosos tempos não voltam mais” [...].

O Carnaval de Caruaru não é mais aquele de dez, quinze anos passados, cheio de fantasias, de animação, de empolgação, que arrastava multidões. (VANGUARDA, 20 de fevereiro de 1983).

A partir deste ano de 83, na gestão do prefeito José Queiroz, a diminuição dos interesses públicos e privados pelo Carnaval caruaruense prosseguiu. Este gestor municipal fez, claramente, uma opção pelos festejos juninos, como veremos adiante. O Carnaval, ano a ano, ia se tornando uma prática fragmentada, empobrecida de estímulos e participação, uma festa de alguns. Boa parte da população tomava o caminho das praias.

Ainda foram feitos desfiles carnavalescos em Caruaru até meados dos anos 1990, havendo, inclusive, a participação do Galo da Madrugada, uma semana antes das festas de Carnaval do Recife. Entre 1996 e 2000, parcas ações públicas oficiais e um desânimo total dos membros das agremiações: praticamente não houve Carnaval. Em 2001, o prefeito Antônio Geraldo, recém-empossado, quis fazer renascer as festas momescas da cidade criando o “Carnaval da La Ursa”, tentativa que só durou um ano. Alguns blocos teimaram em sair, mesmo sem condições financeiras favoráveis, como foi o caso do “Vem Comigo”, de Naldinho, do “Bar Mastruz com Leite”, feito que só conseguiu até 2006.

A população da cidade, atualmente, ainda brinca, à sua maneira, o Carnaval:sítios, chácaras, fazendas e clubes de campo são os destinos de alguns. Outros ficam em casa, vendo TV, ouvindo músicas carnavalescas e bebericando com os amigos. Boa parte dos habitantes da cidade viaja para praias do litoral nordestino. Nos três últimos anos houve a saída, no sábado de Carnaval, dos blocos “Mulher de Todos os Dias”, “Acorda Caruaru” e “Pé-de-Galo”, representando, novamente, iniciativas particulares. Grande parte da população, no entanto, vai ao litoral, principalmente, nas regiões fronteiriças de Pernambuco com Paraíba e Alagoas, nas praias em que se instala um clima visto como “mais carnavalesco”. Do antigo Carnaval de Caruaru, somente memórias, registros escritos e fotografias...

CAPÍTULO 3

3 FESTAS JUNINAS EM CARUARU

*Era festa de alegria. São João.
Tinha tanta poesia. São João.
Tinha mais animação, mais amor, mais emoção.*

Eu não sei se eu mudei ou mudou o São João.

Vou passar o mês de Junho nas ribeiras do sertão

*Onde dizem que a fogueira ainda aquece o coração.
Pra dizer com alegria vai chorando de saudade,*

*Não mudei meu São João, quem mudou foi a cidade
(“São João antigo”, Luiz Gonzaga e Zé Dantas)*

3.1 Do São João na Roça à Capital do Forró

Os festejos juninos¹⁵⁷ estão entre os mais tradicionais do país, sendo os de Caruaru, na atualidade, um dos eventos mais conhecidos do Brasil¹⁵⁸. A festa de São João da cidade se constitui importante evento para o lazer e para a movimentação econômica, através do turismo e seus serviços, bem como na divulgação de grandes marcas de produtos e outros bens culturais. Mega-evento, a festa conta, atualmente, com patrocínios de empresas nacionais e multinacionais e verbas públicas municipais, estaduais e nacionais, através de seus órgãos específicos, tais como Fundação de Cultura de Caruaru, EMPETUR, EMBRATUR e Ministério do Turismo. Para chegar a esta grandiosidade, apenas a ação popular, como ocorria

¹⁵⁷ Entendemos esta expressão como Chianca (2007, p. 45) “conjunto de manifestações festivas associadas aos santos católicos Antônio, João e Pedro.” Outras expressões com o mesmo sentido são “Festas de São João” e “Festas do ciclo junino”. Em nosso texto, também reproduzimos expressões utilizadas no século XX, tais como “sanjuanescas” e “sanjoanescas”. Na Europa, segundo folcloristas, suas origens estão ligadas aos rituais que se utilizavam do fogo, nos dias 22 a 24 de junho, na celebração do solstício (BORBA, 2005). Noutra versão, há uma lenda que associa as fogueiras juninas com uma fogueira acesa por Isabel, prima de Maria, mãe de Jesus, no dia do nascimento de João Batista (MELLO MORAES, 1999; BORBA, 2005). As festas juninas, no Brasil, foram trazidas pelos portugueses, em meados do século XVI (LIMA, 2002) e relatos das celebrações juninas são identificadas em diversas regiões, como exemplo Rio de Janeiro, Salvador, Sergipe e Recife, no século XIX. (MELLO MORAES, 1999).

¹⁵⁸ Cf Amaral (2006).

nos anos 1970, não seria suficiente. Centralizada no Pátio de Eventos, localizado no Espaço Cultural Tancredo Neves¹⁵⁹, no Centro, a festa principal recebe, durante um mês inteiro de comemorações¹⁶⁰, em estimativas, quantia superior a um milhão de pessoas¹⁶¹, em busca de lazer e cultura, num cenário de cores, luzes, sorrisos constantes, euforia, e também, brigas, super-aglomeração, pequenos furtos, etc. O local da festa comporta, segundo dados publicados na mídia, cem mil pessoas, que se distribuem entre o palco principal, as barracas de bebidas, os bares e os “forrós pé-de-serra” (barracões com trios de forró).

Mesmo com atrações questionadas como não sendo representantes do que seria um “verdadeiro” forró, tais como as bandas de “forró estilizado”, o discurso sobre a festa é de “tradição”, de evocação às festas de tempos passados. Em 2009, por exemplo, centrou-se a homenagem ao centenário de nascimento do artesão Mestre Vitalino¹⁶², utilizando-se de sua imagem de “artista popular”, portador da tradição cultural de Caruaru. O slogan da festa era “A Tradição do Melhor São João”. A questão da “tradição” pode ser pensada, nesse sentido, como citado anteriormente, a partir de Hobsbawm e Ranger (2006), que entendem que as mesmas podem ser inventadas. Sabemos que a comemoração junina é antiga, não apenas em Caruaru, mas no país inteiro. Porém, essa festa que, hoje, é chamada de tradicional, numa conotação de antiguidade, era pouco comentada nos livros, nos jornais e nas músicas sobre Caruaru de tempos anteriores a 1960. Este formato atual, por exemplo, tem apenas 25 anos e é completamente dependente de patrocínios. Da mesma forma, o formato de rua, que transformou as festas juninas de Caruaru famosas advém, apenas, do final dos anos 1960.

¹⁵⁹ Em 1985, o complexo da Fábrica Caroá, falida em 1978, foi doada pelo Banco do Brasil à Prefeitura Municipal de Caruaru. O espaço foi organizado e, a partir de 1995, comporta os festejos juninos da cidade.

¹⁶⁰ Em 2009 foram 40 dias de festas, devido à comemoração do centenário de nascimento do Mestre Vitalino, no dia 10 de julho. Nesse ano, 32 dias ininterruptos de atrações.

¹⁶¹ Revista “Gol Linhas Aéreas Inteligentes” de junho de 2010 indica que a organização da festa esperaria dois milhões de pessoas o mês inteiro.

¹⁶² Vitalino Pereira ou Mestre Vitalino é das figuras mais conhecidas de Caruaru. Artista do barro e tocador de pífano, nos anos 1950 e 1960 fez muito sucesso no Brasil e no exterior, principalmente, na França. Houve uma grande disputa acerca da personagem Mestre Vitalino entre os intelectuais regionalistas e os nacionalistas no que diz respeito à sua obra: os primeiros diziam que ele era portador da cultura nordestina; os outros afirmavam que ele era representante do folclore nacional. Um bom estudo sobre este tema está em Santos (2006). A figura do Mestre Vitalino é tão forte que existem dezenas de músicas tratando de seu nome e sua obra. Algumas delas são: Caldeirão dos Mitos (Bráulio Tavares), Elba Ramalho; Leão do Norte (Lenine e Paulo César Pinheiro), Lenine; Mestre Vitalino (Eduardo Fittipaldi), Os Mocambos; Vitalino (Onildo Almeida), Marinês; Menino de Barro (Valdir Santos), Valdir Santos; Deus do Barro (Petrúcio Amorim, Marron Brasileiro e Rogério Rangel), Petrúcio Amorim; Barro Cozido (Érisson Porto), Érisson Porto; Cem Anos de Vitalino (Rominho, Kayto e Zé Carlos), Som da Terra; Pai de Barro (Paulo Fernando e Roberto Andrade), Banda de Pau e Corda; Vita, Vitalino (Sandro Dornelles e Luis Pimentel), Sandro Dornelles; A Feira de Caruaru (Onildo Almeida), Luiz Gonzaga; Alto do Moura (Kuarup), Kuarup; O Mundo de Barro do Mestre Vitalino (Samba Enredo da GRES Império da Tijuca, 1977); Sambas enredo da Mocidade de Padre Miguel (1978), Beija-Flor (1982), Unidos da Tijuca (1983). No teatro, Vital Santos criou a peça “Auto das Sete Luas de Barro”, noticiada na revista Veja, nº 608, 30 de abril de 1980..

Mesmo assim, a festa do ciclo junino da cidade continua a ser proclamada como tradicional numa evocação a um passado distante.

A festa de hoje está dentro da lógica das grandes “festas-espétáculo”¹⁶³, motivadas pela movimentação econômica, em especial, do turismo, investimentos capitalistas e “capital político” (todo candidato a prefeito tem que ter um projeto especial, no seu plano de governo, para as festas juninas). Algumas opiniões, vindas da mídia, de políticos, de artistas ou outros setores da população, alegam que é uma “festa para turista ver”: o cenário, o espaço, as atrações e o público formariam um ambiente para a atração turística, descaracterizando uma festa tradicional. O povo da cidade seria um mero figurante, um ser passivo nas comemorações, esperando a ação dos órgãos oficiais. Discordamos desta opinião amparando-nos nas idéias de Michel de Certeau (1994) acerca da recepção e ressignificação dos produtos e bens culturais consumidos pelos anônimos, os “homens ordinários”: o povo participa da festa não como um ser passivo, mas, como um indivíduo que reelabora os seus elementos de acordo com suas vontades, possibilidades e entendimentos. A festa, como um bem cultural, não é recebida e assimilada homogeneamente e passivamente pelos “anônimos”: ela sofre as adaptações a partir da realidade de cada indivíduo que dela participa. Um exemplo disto seria a convivência deste formato de festividade junina espetacularizado com as festas particulares (familiares, escolares, ambientes de trabalho), com as festas em algumas ruas, com as festas das “comidas-gigantes”¹⁶⁴, bem como com as centenárias fogueiras defronte das casas, a soltura de fogos, o consumo de comidas típicas, etc. A própria ida da população à “festa-espétáculo” é motivada pelo lazer, pelo “espírito junino” dos caruaruenses ou pela própria idéia, principalmente, entre os mais jovens, de que este é o festejo junino de Caruaru propriamente dito e, por isto, precisa ser vivenciado.

Em todos os anos da história recente de Caruaru, já nos meses de abril e maio, a espera da festa pela população gera ansiedade e debates acerca da programação, com suas atrações e

¹⁶³ Sobre as “festas-espétáculo”, afirma Farias (2005, p. 7): “compreendem acontecimentos que compõem um circuito de eventos-espétáculo cosmopolitas definidos em razão do forte apelo mercantil das atividades desenvolvidas, as quais estão voltadas para a prestação de serviços de diversão e turismo e situam-se nos fluxos translocalizados dos símbolos pelas redes midiáticas.

¹⁶⁴ Há uma prática festiva em Caruaru, surgida nos anos 1990, que é uma reelaboração das antigas festas de rua: são as comemorações das “Comidas-Gigantes”: nelas, os moradores de uma rua organizam uma festa junina que dura um ou dois dias no qual a atração principal é a confecção de uma iguaria que possa ser degustada por centenas de pessoas. Existem, assim, a “maior pamponha do mundo”, “maior pé-de-moleque do mundo”, “maior arroz-doce do mundo”, “maior cuscuz do mundo”, “maior munguzá do mundo”, “maior quentão do mundo”, dentre outros. Vale salientar que, desde os anos 1970, havia a queima da “Maior Fogueira do Mundo”, no Pátio do Convento, na véspera de São Pedro: a fogueira possuía mais de dez metros de altura. Nos últimos tempos, por questões ecológicas, esta prática vem diminuindo, a ponto de não ocorrer em certos anos.

formatos. “Tradicionalistas” e “progressistas” argumentam, a favor ou contra, cada um à sua maneira, sobre a manutenção ou não dos elementos juninos da cidade¹⁶⁵. Isto ocorre devido ao fato das festas juninas em Caruaru terem sofrido modificações recentes, havendo pessoas que conviveram com formatos anteriores. Foram várias transformações e convivências simultâneas até chegarmos ao atual modelo: até o começo dos anos 1960, a festa de São João seguia um modelo “rural”. De meados da década de 1960 até os anos 1980, criou-se o São João urbano, o São João de rua, nosso tema de maior interesse, que rendeu a Caruaru a fama de “Capital do Forró” ou de “maior” ou “melhor São João do Brasil”. Dos anos 1980 em diante, veio a “festa-espetáculo”, centralizada em algum espaço principal do Centro¹⁶⁶ ou, como hoje, no Pátio de Eventos Luiz Lua Gonzaga.

A intenção deste capítulo não é tratar desta última fase, da festa-espetáculo dos anos 1980 até os dias atuais, mas, sim, mostrar como Caruaru foi construindo o seu nome de “Capital do Forró”, expressão que ostenta desde os anos 1980, fruto de suas festas juninas surgidas na fase da “festa urbana”. Por isto, faremos uma análise de como a cidade, entre as décadas de 1960 e 1980, modificou as suas festas juninas, saindo de um modelo “rural” para um modelo “urbano”, o São João de rua. Vale salientar que diversas outras cidades, inclusive pernambucanas, também faziam festas juninas com estes mesmos elementos caruaruenses. Assim, pretendemos mostrar como a população, empresários e poderes públicos transformaram a festa junina no principal evento da cidade e num dos maiores elementos identitários de Caruaru, exatamente quando as outras festas da cidade estavam desaparecendo. A decadência da Festa do Comércio e do Carnaval e o simultâneo crescimento das festas juninas demonstram como a cidade estava passando por mudanças em sua estrutura social, econômica, política e cultural. Uma cidade que sofria transformações internas e externas, motivadas pelas mudanças na própria história brasileira do período. De uma cidade que possuía suas tradições decenais ou seculares, respectivamente, Carnaval e Festa do Comércio, ligadas às elites patrocinadoras, para uma cidade que escolheu uma manifestação cultural que, apesar de antiga, não ocupava o lugar central nas tradições municipais, porém era mais aberta à participação popular. A mídia escrita é uma prova destas mudanças: em 1960, por exemplo,

¹⁶⁵ Para se perceber como a festa junina gera debates, observemos dois exemplos: Bezerra (1980; 1983) alega que as festas de rua se constituíam de uma descaracterização do folclore junino de Caruaru, o São João da Roça, e que, “o suplicante tem que pagar os olhos da cara para arrastar os pés, balançar o esqueleto num forró [de palhoça de rua] qualquer. Leite Filho (1994), por sua vez, coloca as festas juninas como renovadas graças ao turismo.

¹⁶⁶ Entre meados dos anos 80 e o ano de 1994, a festa ocorria nas adjacências da “Coletoria Estadual” e na Avenida Rui Barbosa. A partir de 1995, foi transferida para o “Pátio de Eventos”, denominado anteriormente de “Pátio do Forró”.

na edição de 26 de junho(apenas dois dias após o dia de São João), o principal jornal da cidade, que era semanal, não fazia nenhuma menção a festas juninas em Caruaru! Já em 1986, o mesmo semanário trazia o seguinte título de matéria no período momesco: “Já é Carnaval na Terra do Forró”¹⁶⁷. O que teria ocorrido nestes 26 anos?

Portanto, para realizar esse intento, delimitamos como período histórico deste capítulo os anos que vão de 1962, onde começaram os concursos de quadrilhas na cidade que ajudaram a transformar as festas juninas em um modelo urbano, até 1985, momento em que as festas passam a ter proporções de mega-espetáculo. No entanto, antes, precisamos citar as festas rurais, o “São João da Roça”, que ocorriam antes dos anos 60. Isto será necessário para que possamos entender que as festas juninas já existiam, já faziam parte das práticas culturais da cidade, mas, não eram citadas com a importância que teriam posteriormente. Elas não eram consideradas tradicionais, pela população, principalmente se comparadas com Festa do Comércio e Carnaval.

Este capítulo começará, então, mostrando como era festejado o ciclo junino de Caruaru antes dos anos 60. Depois, mostraremos como o modelo de São João urbano foi sendo criado e como população, mídia, empresários e poderes públicos foram forjando o modelo junino urbano, o São João que tornou a cidade famosa nacionalmente. A construção desta imagem que relaciona Caruaru aos festejos juninos passou pela música junina, o forró: Caruaru, além de fazer grandiosas festas de São João, tornou-se a cidade mais cantada em termos juninos, tendo este conceito sido massificado através de centenas de forrós cantados por diversos artistas e tocados nas rádios, de Caruaru e outras cidades, chegando-se ao ápice com a música “Capital do Forró”, gravada em 1980. Este título construído para Caruaru foi e é utilizado pela população, meios empresariais e poderes públicos como uma bandeira que representa importante identidade da cidade: Caruaru é a terra do Mestre Vitalino, da Feira de Caruaru cantada por Luiz Gonzaga, mas, também, é a “Capital do Forró”.

¹⁶⁷ Jornal Vanguarda, 9 de fevereiro de 1986.

3.2 São João Antigo: Festas Privadas e Festas Rurais

3.2.1 “Festas Sanjuanescas”

É possível que as pessoas que habitavam a região onde se localiza Caruaru já realizassem as festas juninas desde o início do século XIX: outras festividades também ocorriam no vilarejo, a exemplo da “Festa da Conceição” (ou “Festa de Zé Rodrigues”), além do fato de, como afirmam alguns autores, as celebrações juninas são bastante antigas em todo o Brasil, remontando, no mínimo, àquele período¹⁶⁸. Olímpio Bonald Neto¹⁶⁹ aponta para a presença de bacamarteiros em Caruaru celebrando festas, dentre elas, as juninas, desde o final do século XIX.

Na primeira metade do século XX, nos jornais e revistas caruaruenses, pouco destaque era dado ao ciclo junino: essas festas quase não eram noticiadas, principalmente, se comparadas com as outras festas da cidade, a do Comércio e o Carnaval, o que indica uma preferência da população por essas duas últimas¹⁷⁰. Nesses jornais, as notícias que são encontradas são relativas às comemorações juninas dos membros de clubes sociais, festas essas que ocorriam em algum espaço fechado ou algum sítio ou chácara, nas vésperas e dias de São João e São Pedro¹⁷¹. “Santo Antônio” sequer era noticiado¹⁷², apesar de sua antiga fama de santo casamenteiro. Esses poucos registros encontrados estão, principalmente, nas seções de colunas sociais, tratando de festas particulares.

¹⁶⁸ Conferir Mello Moraes (1999), Cascudo (1999) e Amaral (1999)

¹⁶⁹ No ensaio intitulado Bacamarteiros: Esporte Folclórico Pernambucano, o pesquisador Olímpio Bonald Neto assegura que desde o final do século 19 “apresentam-se em Caruaru grupos regulares de bacamarteiros, acompanhados por zabumbas ou bandas de pífanos, embora a memória de bacamarteiros ‘brincando’ de ‘tomar fogueiras’, anunciando batizados de primogênitos, saudando políticos, seja mais que centenária pelas fazendas do Sertão e do Agreste pernambucanos”. (CONTINENTE documento – Ano I, nº10, junho 2003). O mesmo pesquisador, contudo, em seu livro “Bacamarte, Pólvora e Povo”, reeditado em 2004, não traz esta informação, apenas, coloca Caruaru como o “maior centro de bacamarteiros”.

¹⁷⁰ Pena (2006), teórico e professor na área de comunicação social (jornalismo), aponta que, cotidianamente, diversos fatos acontecem no mundo inteiro, mas, somente uma pequena parte é veiculada ou publicada, ou seja, apenas uma pequena parte vira “notícia”. Citando Wolf, Pena (2006) indica que os critérios para as escolhas (“valores-notícias”) dos jornalistas sobre o que deve ser mostrado nos jornais são os seguintes: “importância dos indivíduos”, “quantidade de pessoas envolvidas”, “interesse nacional” (ou local), etc. Analisamos os relatos sobre os festejos juninos de Caruaru, até os anos 1960, e percebemos que os mesmos não eram tão significativos quanto as outras duas festas da cidade, devido à alta quantidade de informações destas em detrimento daquelas.

¹⁷¹ Sobre os “espaços privados”, como indicado anteriormente, ver Certeau et al (1996, p. 203 a 207).

¹⁷² Dos jornais pesquisados, somente encontramos referências a alguma comemoração da véspera e dia de Santo Antônio em 1957, no Jornal Vanguarda (6 de junho de 1957): o semanário noticia festas organizadas pelos padres capuchinhos, na Igreja do Convento, e por “senhoras, senhorinhas e rapazes”, na “Casa Grande”, montada na Rua da Matriz para a celebração, um mês antes, das festas do centenário da cidade.

Na folha semanal “Vanguarda”, nos números referentes ao mês de junho dos anos de 1932 e 1933, quase nenhuma menção é feita às festas juninas: numa das poucas citações, há uma nota informando sobre a saída antecipada do semanário, na sexta-feira (seus números saíam no domingo), devido às “festas sanjuanescas” (VANGUARDA, 28 de junho de 1933, p. 1). No jornal “A Defesa” (1º de julho de 1934), por sua vez, encontramos alguns textos em prosa e verso¹⁷³ tratando de histórias juninas, trazendo detalhes poéticos do que seria uma festa de São João. Vale salientar que este jornal era católico e, portanto, entendia as festas juninas principalmente como festas religiosas.

Nos livros de memórias de caruaruenses que viveram nesta época, também temos destaque para as festas carnavalescas e de fim de ano e quase nenhuma informação sobre as juninas¹⁷⁴. Ramos Vasconcelos (1992), médico que residiu em Caruaru entre os anos 1935 e 1970, não traz nenhuma descrição pormenorizada das festas juninas no município¹⁷⁵ desse período, mas, dedica algumas páginas ao Carnaval e Festa do Comércio. Entretanto, cita que as festas do ciclo junino já ocorriam desde as primeiras décadas¹⁷⁶, no seu formato “rural”, ou seja, comum a diversas localidades do Nordeste, não havendo nada de especial nas festas caruaruenses. A baixa quantidade de notícias sobre as comemorações do mês de junho nos livros e jornais caruaruenses¹⁷⁷ da primeira metade do século passado nos faz entender, desta forma, que estas festas ainda não ocupavam, para a população, o sentido que passariam a ter nas décadas a partir de 1970, mas que já ocorriam dentro de um significado cultural que era próprio da região desde séculos anteriores: não havia uma “festa junina da cidade”. No “Documento Ilustrado do Primeiro Centenário da Cidade de Caruaru – 1857-1957”, encontra-se pequena menção à festa junina, porém, menos destacada do que o Carnaval:

¹⁷³ Também nesse sentido, a edição do semanário Vanguarda de 28 de junho de 1933 trazia um soneto de Augusto Tabosa, “Noites de S. João”.

¹⁷⁴ Nos vários livros pesquisados, a ausência de menções às festas juninas é percebida nos textos de pessoas que residiram na cidade anteriormente à década de 1970 (TÔRRES, 1976; BEZERRA, 1980, 1983, 1989; VASCONCELOS, 1992; SOUZA, 2005; FRANÇA, 2007; CARMO, 2007; TEJO, 2009). A partir dos anos 70, quando as festas juninas tornam-se famosas, os relatos começam a aparecer, tanto em textos memorialísticos como em produções jornalísticas e acadêmicas: Bezerra (1983); Barreto e Pereira (2002); Júnior e Xavier (2005); Santana(2009).

¹⁷⁵ Por outro lado, Vasconcelos (1992) descreve as festas caruaruenses de Carnaval (p. 40 e 41) e de Fim de Ano (p. 47).

¹⁷⁶ Ramos Vasconcelos (1992, p. 37), médico, nascido em 1907, em Bezerros-PE, relata que, em sua infância, na década de 1910, já havia festejos de São João e São Pedro na cidade: “Conhecia a cidade [Caruaru] desde a infância, quando, uma vez, meu pai levou toda a família para passar uma temporada, na época das festas de São João e São Pedro, famosas até hoje. Nessa viagem aproveitamos bastante o bom clima, o milho verde, as pinhas e outros frutos da terra [...]. A boa lembrança ficou para sempre gravada na minha memória e favoreceu minha decisão de ir clinicar lá.”

¹⁷⁷ Nascimento (1994, p. 334) demonstra que, no editorial de apresentação, o Jornal Vanguarda se comprometia a “enaltecer as suas realizações [de Caruaru]”, o que fortalece nossa ideia de que as festas juninas não eram tão significativas quanto passarão a ser na nas últimas décadas do século XX.

FESTEJOS POPULARES

Como indicação de festejos populares, deve ser mencionado de princípio, o Carnaval, o qual nesta cidade, é festejado à semelhança das capitais mais importantes do país. Em seguida vêm os festejos juaninos realizados com as características regionais atinentes à época. (1957, p. 4)

Apesar da pouca quantidade de relatos, as celebrações do São João eram prática constante, não apenas em Caruaru, mas, também, em outras cidades: Mello Moraes (1999) trata de festas juninas em Pernambuco, Sergipe e Salvador-BA, bem como em outras “regiões do Norte” (p. 127), indicando que este era o “derradeiro refúgio dos nossos costumes e das nossas tradições” (p. 130). Tejo (2009, p. 145) relata suas festas juninas rurais em Caruaru e em regiões do agreste e sertão da Paraíba, nos tempos de sua infância (décadas de 1910 e 1920). Num número de um semanário caruaruense, encontramos o seguinte relato:

FESTAS SANJUANESCAS

Nesta cidade e em suas circunvizinhas, realizaram-se com muita animação as festas sanjuanescas, principalmente em clubes sociais. (A DEFESA, 1º de julho de 1934, p. 1)

As notícias de festas em clubes sociais seguem sendo contadas, ano a ano, com pouco destaque e muita repetição de informações. Sempre o mesmo formato, as mesmas palavras e as mesmas práticas. Entre os anos 1930 e os anos 1950, praticamente nada muda nas narrativas jornalísticas, a não ser os nomes dos clubes sociais que vão sendo criados no período. As notícias, no entanto, tinham sempre o mesmo tom:

Auspiciam-se animadas as festas, em Caruaru, de São João e São Pedro – Grandes festas joaninas nos clubes Comércio e Intermunicipal – Haverá dansas no Vera Cruz, Central e São Paulo – Bailes populares na Sé, dr. Irineu, Fibrasil, Sesi, Flôres, Cedro, Canto do Rio, Palmeiras e outros. (VANGUARDA, 19 de junho de 1955, p. 1)¹⁷⁸

A grande novidade percebida nesta notícia está relacionada à presença de “bailes populares”. Analisando-se momentos anteriores, os clubes sociais narrados eram sempre os “granfinos”, “aristocráticos”, elitistas. A partir desta década, é possível perceber que, com uma população em franco crescimento, em constante migração para o espaço urbano, novos atores sociais começam a surgir e a ocupar os seus espaços. Festas de bairro, em outros períodos do ano também podem ser encontradas neste momento da história da cidade, bem como a presença de bailes de Carnaval para os populares. Este dado nos leva a entender que os “anônimos”, ou seja, os membros dos grupos sociais que não faziam parte das “classes

¹⁷⁸ Nos anos de 1956 a 1960, praticamente repetem-se as notícias, com as festas juninas nos mesmos clubes sociais.

conservadoras” começavam a criar os seus espaços sociais e engendravam suas festividades, da mesma maneira que as elites faziam suas festas. E passavam, também, a ser notícia.

Contudo, nesta época, anos 30 a 60, a maioria da população brasileira vivia nos sítios e fazendas e a prática festiva mais recorrente era de um São João rural, estando Caruaru dentro desta lógica. Mais que as festas de clubes, paralelamente, havia a “festa na roça”, celebrada com intensidade, mas, de forma privada, familiar, comunitária. Em síntese, havia a festa junina, mas não havia a “festa junina de Caruaru”. Faremos, assim, o “caminho da roça”.

3.2.2 São João na Roça

Até os anos 1960, como indicado anteriormente, as notícias dos jornais da cidade (*A Defesa e Vanguarda*), dos meses de junho, faziam menções, apenas, às festas de clubes sociais. Entretanto, na zona rural, já se brincavam, amplamente, os seus festejos juninos¹⁷⁹. Nesta época, a população de Caruaru, bem como do Brasil inteiro, possuía maior quantitativo entre os habitantes do espaço rural. Nos sítios, a população festejava “São João” (Santo Antônio e São Pedro) como um dos eventos mais importantes do ano, como aponta José Almeida:

A gente pequeno, na época junina, a gente via os moradores fazer a fogueirinha, trazia aquele pessoal pra tocar e cantar. Tinha as apanhadoras de café, como nós chamávamos, porque elas tiravam o café do galho pra botar no saco, pra vender, e tal... Isso. E, elas ali, começavam a entoar músicas, assim... improvisadas, mas aquelas músicas de roda, aquelas coisinhas. E, no São João, elas faziam com mais ênfase. Faziam as fogueiras com os gravetos que tinha nos sítios, e começavam a cantar essas músicas improvisadas. Tinha muita coisa inventada assim, algumas mais tradicionais, outras elas criavam. E, a gente, como garoto, foi pegando aquele macete, também. Morávamos na cidade, mas passávamos um tempo nas férias, nos sítios. E, as pontas de rua, como nós chamávamos as casinhas pobres da periferia da cidade¹⁸⁰, também começaram a fazer essa mesma coisa que se fazia nos sítios. (JOSÉ ALMEIDA, informação adquirida em entrevista).

¹⁷⁹ Vale lembrar as indicações neste sentido contidas nos autores citados no início do capítulo sobre as festas juninas na história brasileira e caruaruense.

¹⁸⁰ Provavelmente habitadas pelas populações que estavam migrando da zona rural para o espaço urbano ou vindas de outras cidades e regiões.

Apesar de ser uma festa quase não relatada na mídia escrita, o ciclo junino possuía grande participação da população, do campo e da cidade, ricos e pobres. Barbalho (1981, p. 90-91), tratando das festas de São João antigas de Caruaru¹⁸¹, narra a seguinte situação:

O ano era bom de inverno, havia muita fartura, o povo queria divertir-se com força e para isso nada melhor que as três grandes festas de junho: Santo Antônio, São João e São Pedro [...] Destacavam-se as fogueiras em todas as ruas, os sambas, as *quadrilhas*, os cocos, os arrastapés [...] *Mesmo nos lares menos abastados* havia pamonhas, canjicas, pés-de-moleque, bolos-de-milho ou então milho verde à vontade, para ser assado na hora, sobre as brasas da fogueirinha no terreiro. Era tempo de barriga cheia e de alegria plena e espontânea. [grifo nosso]¹⁸².

Sobre estas festas na roça, Amaro Antônio da Silva¹⁸³ relatou suas memórias de São João sobre os anos 1940. Dentre outros elementos, ele falou dos espaços das festas:

Enquanto tava por aqui, em Caruaru, até 1945, as festas de São João sempre eram nas fazendas aqui das redondezas. E aqueles donos de sítio que tinha possibilidades financeiras, esses bancavam as festas. Mais importantes era quando se podia levar bacamarte e podia atirar. Eu não tinha um, mas alugava¹⁸⁴. (AMARO ANTÔNIO DA SILVA, informação adquirida em entrevista)

Nos sítios de Caruaru, a celebração das festas de São João já se dava com quase todos os elementos conhecidos de um “São João Nordestino” dessa época, como os difundidos nos clubes sociais e outras cidades e regiões: adivinhações¹⁸⁵ e brincadeiras, práticas religiosas populares, culinária, fogueiras, fogos de artifício, bacamartes e ronqueiras, montagem de palhoças/latadas. A música, no entanto, como veremos, ainda não era o forró, posto que este só passa a ser popularizado, a partir de Luiz Gonzaga, no final dos anos 40.

Sobre as adivinhações, Maria Bernadete da Silva¹⁸⁶ fez a seguinte descrição:

¹⁸¹ Neste texto, ele faz referências às festas juninas de 1904.

¹⁸² Não temos esta mesma certeza do autor em indicar a existência de “quadrilhas matutas” neste período, nem, também, a fartura de comidas de milho, pois, nem todos os habitantes do espaço rural eram proprietários de terras que propiciassem estas condições.

¹⁸³ Entrevista realizada em 02 de setembro de 2001. Amaro Antônio da Silva nasceu em 1930 e foi morar na região canavieira de Pernambuco e Alagoas em 1945. Depois disto, foi morar em São Paulo, ficando lá até os anos 1970. Faleceu em setembro de 2007.

¹⁸⁴ Sobre os bacamarteiros em Caruaru, ver Bonald (2004).

¹⁸⁵ Estas práticas juninas, sendo mais características do formato rural, permaneceram, no entanto, nos formatos seguintes, havendo, ainda hoje, quem as pratique.

¹⁸⁶ Entrevista realizada em 21 de outubro de 2001. Maria Bernadete da Silva nasceu em 1943, na cidade de São João do Cariri, na Paraíba, num sítio hoje pertencente à cidade do Congo-PB.

Tinha as quadrilha e adivinhação, ao redor das fogueira, né? [...] E era assim mesmo, as besteiras que o povo fala hoje: enfia a faca na bananeira; fazer adivinhação com aliança, isso aí é antigo. Se escondia atrás da porta, a primeira pessoa que falassem o nome ia ser o mesmo que a pessoa ia arrumar. (Risos). Você fica ali atrás da porta, quando for passando uma pessoa e chamarem, ô João, aí pronto: é o João, o seu [marido] vai ser João. (MARIA BERNADETE DA SILVA, informação adquirida em entrevista).

As adivinhações estão presentes como brincadeiras em diversas narrativas juninas, mas, em algumas delas, possuem um caráter trágico. Destacamos esta de um memorialista caruaruense:

Quando ia alta a noite [...], era hora também de perscrutar o futuro e ai de quem não visse o rosto refletido na água da bacia ao pé do fogo – morreria antes que outra festa de São João nos reunisse. Num ano, Danúzia não se viu naquele espelho fatídico – e seus olhos fixaram os meus, como numa triste despedida. Quando dançamos o “lesou-lesou-ora-vamos-vadiar”, sua pequena mão fria apertava fortemente a minha, suas pálpebras estavam cerradas e havia em seus lábios um rito de choro. Morreu meses depois, vitimada pela espanhola – e eu chorei escondido, noites seguidas, mordendo o travesseiro, pedindo a Deus que a epidemia me levasse também. (TEJO, 2009, p. 181).

Por ser uma celebração trazida ao Brasil pela Igreja Católica, a religiosidade era bastante forte: antes das festas, costumava haver novena em honra dos santos¹⁸⁷ e, somente depois, o “forró”. Amigos ou vizinhos eram “tirados” para serem “padrinhos” ou “madrinhas”, “comadres” ou “comadres de fogueira”¹⁸⁸. Ainda sobre esta religiosidade, uma demonstração de fé era bastante praticada pela população: as pessoas caminhavam sobre brasas espalhadas da fogueira, com os pés descalços, e afirmavam não sentir dor¹⁸⁹. As “recomendações” da Igreja Católica eram tratadas com muita seriedade, em especial de

¹⁸⁷ Santo Antônio era celebrado com uma “trezena” (treze noites de celebrações). O mês de maio, dedicado a Maria, mãe de Jesus, era visto como uma espécie de preparação para as festas do ciclo junino de algumas regiões. (CONTINENTE documento – Ano I, nº10, junho 2003)

¹⁸⁸ Este ritual acontece diante de uma fogueira junina, de preferência a de São João. O “padrinho” e o “afilhado de fogueira”, bem como os “comadres”, repetem, três vezes, alguns versos, dos quais destacamos os seguintes: “São João disse, São Pedro (ou Santo Antônio) confirmou, eu sou seu padrinho, que São João mandou” ou “São João dormiu, São João acordou, vamos ser comadres que São João mandou”.

¹⁸⁹ “Quando ia alta noite, com a fogueira já reduzida a brasas, homens de muita fé a atravessavam de pés descalços, sem se queimarem.” (TEJO, 2009, p. 181). Também Amaro Antônio da Silva falou desta questão: “Tinha também as brincadeiras de pisar na brasa, mas não era todo mundo que tinha coragem, não. Aqueles que diziam que tinha fé em São João, ou em Santo Antônio ou em São Pedro. Eu mesmo pisei muito. Eu e meu irmão [José Antônio da Silva]. Nunca fomos numa festa dessa pra não pisar na brasa, sempre tinha, a gente tinha por obrigação pisar nas brasas. Puxava aquela tuia de brasa bem grande, tirava o tamancos ou, quando a gente não ia calçado, pé no chão! Pisava naquelas brasas, nunca tivemos uma queimadurazinha, de jeito nenhum. Eu e José, meu irmão.” (AMARO ANTÔNIO DA SILVA, informação adquirida em entrevista). Outros relatos sobre o pisar de fogueiras encontramos em Tôrres (1976).

pessoas consideradas “santas” na região Nordeste, tais como o Padre Cícero e Frei Damião, como é o caso da narrativa abaixo:

E, até que um dia, uma vez, mãe disse à gente: “Frei Damião disse que quem vai olhar a dança (e a gente só ia mais pra olhar), Frei Damião disse que quem vai olhar a dança, peca mais do que quem dança”. E, a partir daí, ela não deixou mais a gente ir olhar. Depois que Frei Damião falou isso, ela não deixou mais. Nós nem ia mais olhar, nem dançar, nem nada. (MARIA BERNADETE DA SILVA, informação adquirida em entrevista).

Envolvendo a figura de Frei Damião e a cidade de Caruaru também houve, nos anos 1970, um boato, respondido pelo próprio religioso, numa entrevista na Rádio Jornal do Comércio, Recife-PE: “Declaro pra todo Nordeste que nunca disse que vinha um temporal para Caruaru e que nunca mandei acender fogueiras”. (FREI DAMIÃO, informação transformada em vinheta na Rádio Jornal do Comércio de Pernambuco, década de 1970).

Sobre a culinária junina, as comidas típicas variavam conforme o lugar e as posses dos que queriam festejar São João, mas, geralmente estavam associadas à presença do milho, produto de larga penetração nas regiões Agreste e Sertão do Nordeste, colhidas durante o período de São João¹⁹⁰: as principais guloseimas eram pamonha, angu, canjica, bolo de milho, pé-de-moleque, bolo pé-de-moleque, milho assado e cozido, cuscuz, xerém, etc. Manteiga de garrafa, queijo de coalho e de manteiga, carnes, leite e coalhada, bem como café e cachaça, complementavam o cardápio.

Os que eram agricultores e donos de suas próprias roças retiravam o milho de suas plantações. Os que não eram donos, mas, eram agricultores, retiravam o produto das terras de seus patrões. E os que moravam na cidade, poderiam adquirir o produto na feira livre:

A feira era um mar de fartura. Milho que era um castigo. E gente, gente, gente. Da cidade, dos arredores, de Recife, gente muita. O povo da capital ficava besta com os preços. Mão de milho, do melhor, quatro mil reis. Cada espiga baita. Regateando, arranjava-se por três e quinhentos. Sendo duas, um cento, adquiria-se tudo por seis mangos. Boquiabertos, ficavam os forasteiros. “Não é possível!” Era. E ainda davam “quebra”. Um “agrado”. Cinco, seis espigas. Em fim de feira havia matuto doido para regressar, que abandonava restos de mercadorias e pipocava no mundo, caçuás vazios, deixando a pobreza fartar-se à vontade, de graça. (BARBALHO in JORNAL DE CARUARU, junho de 1949).

¹⁹⁰ Para os nordestinos que praticavam o cultivo do milho e do feijão, havia as simpatias praticadas na noite da véspera de São José (dia 18 para 19 de março): adivinhações eram feitas para tentar perceber se o “inverno” seria bom ou não. E se chovesse no dia de São José era sinal de que o ano seria bom de chuvas. As primeiras plantas eram realizadas, então, neste período, sendo as primeiras colheitas coincidentes com o período dos santos juninos. Podemos afirmar, então, que o dia de São José, para os nordestinos, está muito ligado aos festejos de Santo Antônio, São João e São Pedro.

Para a realização das festas nos sítios, montava-se uma palhoça ou “latada”¹⁹¹. Geralmente era feita de troncos fincados no chão e outros, ligando-os, formando uma estrutura que recebia algumas varas cruzando a parte superior e, sobre elas, um teto feito com capim ou palha de coqueiro. Nestes lugares, colocavam-se compridos bancos de madeira, tamboretes e um candeeiro para iluminação. Em alguns casos, para proteger do frio das noites caruaruenses destes meses do ano, fechavam a latada com “paredes” de capim ou palhas de coqueiro. Havia uma mesa com os produtos da culinária do período. No terreiro, a fogueira junina e os tiros de rojão, bacamarte e ronqueira.

Dentro destas palhoças, havia a dança. O chão varrido durante o dia com “vassouras-de-relógio”¹⁹² era aguado de tempos em tempos, para que a poeira “baixasse” e “assentasse”, devido a constante fricção feita pelas sandálias de couro, tamancos ou o próprio pé descalço na hora das danças. As festas eram animadas com o que se arranjasse: fosse uma “rebeca”¹⁹³, um acordeon ou sanfona, um “pé-de-bode”¹⁹⁴, um violão ou, até mesmo, um improvisado “berimbau de lata” ou o “bater” de palmas. Muito comum era, também, o uso de bandas de pífano, presentes na região desde o século anterior¹⁹⁵, animando festas as mais diversas. Ainda hoje, em alguns espaços da periferia ou zona rural, encontram-se estas bandas em celebrações religiosas¹⁹⁶. Antes do “baião gonzagueano” ser gestado e ficar conhecido no país inteiro, a diversão era feita através das cirandas, “cocos-de-rola”, mazurcas, brincadeiras de roda, etc. Vestígio disso pode ser percebido na canção “Brincar de Ané”, do Coronel Ludugero¹⁹⁷:

“Entra na roda, Maria José, entra na roda vamos brincar de ané [...] São doze moças sentadas e uma garota em pé, entra na roda Maria, vamos brincar de ané [...] Eita brincadeira boa, brinca homem e mulé, um tem que arresponderadonde está o ané [...] Uma fica com o ané, de mão a mão a passar, no que pergunta pra outra o anéadonde está [...] E quem responder errado um bolo tem que levar, aqui nesta brincadeira tão querendo é se casar [...]”

¹⁹¹ Essa prática seria repetida, depois, nas festas de rua dos anos 1960 em diante: os habitantes das ruas a fechavam ao tráfego de veículos e construíam uma palhoça para a realização da festa junina.

¹⁹² Vassoura improvisada com vegetação típica do local.

¹⁹³ Denominação para “rabeca”, instrumento musical aproximado do violino.

¹⁹⁴ Dá-se esse nome à sanfona de oito baixos.

¹⁹⁵ Vide “Festa da Conceição”, início do século XIX.

¹⁹⁶ Destaque para João do Pife e Biu do Pife, líderes de duas “zabumbas”, nome pelo qual também são conhecidas.

¹⁹⁷ Personagem interpretado pelo caruaruense Luiz Jacinto (1929-1970). O Coronel Ludugero foi dos artistas caruaruenses mais famosos na década de 1960, participando de programas de calouros em emissoras de televisão nacionais e programas de rádio. A letra da música “Brincar de Ané” é de Dilson Dória e Hélio Gomes, gravada no álbum “Ludugero Manda Brasa”, CBS, 1967.

Quando necessário trazer um “tocador” de fora, um sanfoneiro, por exemplo, era comum passar alguém, pelo salão da “latada”, recolhendo a “cota” dos cavalheiros, ou seja, a quantia para o rateio dos custos da contratação. Quem não pagasse, não poderia dançar¹⁹⁸. As damas não pagavam a cota, mas, se quisessem dançar, não poderia “cortar” ninguém, ou seja, não poderia negar-se a dançar com nenhum cavalheiro:

Na época era assim. Ia até amanhecer o dia, o povo dançando. E... agora que a gente nunca ia não. Quando ia era pra ficar olhando. E, até que um dia, mãe disse: “Se quisere dançar, pode. Só que é pra dançar com todo mundo. Com ‘gato e cachorro’. Num pode cortar os cavaleiro.” (MARIA BERNADETE DA SILVA, informação adquirida em entrevista)

Aos cavalheiros que não pagassem a cota, que não fossem convidados ou que tivessem problemas de indisciplina de festas anteriores, ficava proibida a presença. Esses, por sua vez, como vingança, usavam do seguinte artifício para acabar com a festa: jogavam, no chão, pô-de-pimenta ou fios de cabelo ou de calda de cavalo cortados em tamanhos minúsculos. O atrito dos passos dos dançarinos no chão fazia com que estes materiais subissem e atingissem as partes íntimas das damas, que dançavam de saia ou vestido, e as pernas, olhos e narizes de todos os indivíduos, impossibilitando, nessas condições, a dança de continuar. Quando descobertos, era comum aos artífices serem linchados pelos homens da festa.

As festas costumavam ir mesmo até o raiar do dia, tanto pela disposição dos brincantes quanto pelo fato de as mesmas serem um evento temporário, anual, precisando ser vivenciadas o máximo possível. Além disto, na zona rural, para se chegar às festas, caminhavam-se longas distâncias, havendo perigos noturnos da região, tanto os reais quanto os “sobrenaturais”: lobos-guarás, serpentes, raposas e outros animais povoavam a região. Povoavam a mente das pessoas, entretanto, as fantasias dos “malassombros”: “mulas-sem-cabeça”, “tochas”, “comadres-fulorzinhas” e um tal “carro santo”, um caminhão iluminado, pegando fogo, sem motorista, que circulava, à noite, amedrontando os caminhantes.

¹⁹⁸ Exemplo disto está na música “Karolina com K” (Luiz Gonzaga, “Chá Cutuba”, RCA, 1977): “[...] Ai, o Zé de Bahia gritou de lá: É cinco mirréi, cinco mirréi, tá na hora da cota! Quem num pagá num dança!”

3.3 Capital do Forró

3.3.1 As Festas Urbanas de Caruaru: Forró, Quadrilhas Matutas e São João de Rua

A partir dos anos 60, as festas juninas de Caruaru, seguindo a tendência de outras cidades¹⁹⁹, começaram a ser realizadas, de forma mais frequente, no espaço urbano, abrangendo um número cada vez maior de indivíduos. População em crescimento, migrações, êxodo rural, ampliação dos espaços habitacionais, as festas de São João saíam da roça para a rua. Como já indicado, antes dos anos 50, estas festas ainda não possuíam todos os elementos que hoje são considerados “característicos”: já existia culinária derivada do milho, fogueira, fogos de artifício, bacamartes e ronqueiras, balões, adivinhações, festas familiares e particulares. Faltavam, no entanto, duas de suas principais marcas: a marcação das quadrilhas matutas e o gênero musical forró, que passou a ser considerado o ritmo junino por excelência. Em Caruaru, a ausência destes dois elementos, bem como o seu aparecimento podem ser percebidos entre as décadas de 1930 e 1950, como observaremos a seguir. Mas, mais que isto, o surgimento de concursos de quadrilhas e a construção de uma estreita relação entre forró e a cidade modificará de forma contundente, como perceberemos, a história de Caruaru em termos festivos e identitários.

No espaço urbano, em Caruaru, a partir dos relatos jornalísticos e de outras fontes encontradas na década de 1930 e nas duas décadas seguintes, percebe-se que o principal lugar das festas se dava nos ambientes organizados pelos clubes sociais ou nos terreiros das casas²⁰⁰. As festas de clubes eram bastante comuns nessa época em diversas cidades e períodos do ano²⁰¹. Em Caruaru, os clubes sociais “Central”, “Casino” e “Esporte” costumavam receber as elites econômicas e políticas para as “dansas”, que ocorriam animadas pelas orquestras “Nova Euterpe” e “Central Jazz” (VANGUARDA, 17 de junho de 1934, p. 1). Por ser uma cidade de grande importância econômica para o interior de Pernambuco, a mesma era disputada no plano político (SANTOS, 2006) e, também, no social, o que transformava estas

¹⁹⁹ As pesquisas apontam para o Recife, Natal, Campina Grande, dentre outras (LIMA, 2002; CHIANCA, 2006; DIÁRIO DE PERNAMBUCO; JORNAL DO COMMÉRCIO).

²⁰⁰ Cf. Tejo (2009, p. 145 e 181); Barbalho (1981).

²⁰¹ Chianca (2006) e Lima (2002) tratam destas mesmas reuniões juninas de clubes sociais nos festejos de Natal, RN e Campina Grande, PB, respectivamente. Da Matta (2006) e Araújo (2008) falam de festas momescas em clubes fechados.

reuniões de clubes, em um espaço de demonstração de status. Esses clubes eram identificados pelos seus nomes próprios, mas, também, por denominações demonstrativas desse “prestígio social”: o Intermunicipal era o “*granfino*”, o Comércio era o “*aristocrático*”, o Vera Cruz era o “*tradicional*”, etc. Empresários do setor comercial, bancário, industrial, bem como profissionais liberais, produtores agropecuaristas e políticos faziam parte desses clubes.

Sobre uma dessas festas, temos a seguinte nota, de 1933:

CENTRAL

Esta conceituada sociedade esportiva comemorou os dias de S. João e S. Pedro com muito esplendor [...]. Ali [na sede] notava-se o que Caruarú tem de seleto em seu meio social. Senhoras, senhorinhas e cavalheiros, todos brincavam prasenteiros ao som do ‘Central Jazz’ [...]. No dia 24, o snr José Victor ofereceu um opíparo almoço aos jogadores [de futebol] do Central [...]. Após o almoço, tiveram início as danças ao som da ‘Batucada’ que, a convite da Diretoria, tocou até as 18 horas, quando chegaram os componentes do mavioso ‘Central Jazz’, prosseguindo assim as danças até as primeiras horas do dia seguinte. (VANGUARDA, 2 de julho de 1933, p. 1).

O relato da presença desta “*Batucada*” e da orquestra “*Central Jazz*” propicia elementos para a seguinte constatação: ainda não havia, nesta época, na cidade, um ritmo musical identificado com os festejos juninos, sendo as celebrações animadas com estilos variados, usados também em outros momentos do ano. Sobre o elemento musical hoje considerado junino, Chianca (2006) faz uma análise bastante esclarecedora, indicando que em Natal, RN, assim como em outras regiões do país, nos anos 1930 e 1940, ainda não havia uma música junina, sendo reproduzidos, desta forma, códigos musicais “*globais*” e “*ocidentais*”, por orquestras e “*jazz bands*”: “*fox-trots*”, “*marchas*”, “*valsas*”, bem como “[...] outras contra-danças do estilo passadista” (CHIANCA, 2006, p. 63). Em Caruaru, nos bailes sociais, como visto na nota social supracitada, se dava da mesma forma: orquestras animavam as danças, fossem elas durante o dia ou a noite. Nas festas da zona rural, como vimos, as celebrações juninas tinham rabecas²⁰², violas, bandas de pífanos e “*berimbau de lata*” para animar as danças de coco e de mazurca, as cirandas e as brincadeiras de roda.

²⁰² Nascimento (2005) aponta que há vários indícios de forrós (festas) animados por rabecas na região da Mata Norte de Pernambuco. Segundo esta autora, “João Salustiano”, um dos indivíduos tratados em seu livro, afirmava ter tocado em vários forrós com sua rabeca, além de “Cavalo-Marinho” e “Coco”. Em Caruaru, dois dos entrevistados, Amaro Antônio da Silva e Severino Antônio da Silva afirmam que havia festas juninas animadas por tocadores de rabecas.

Mas, tanto em Caruaru quanto no restante do Nordeste e certas outras regiões do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro, a partir da passagem da década de 40 para a de 50, consolidou-se um ritmo que foi adotado como genuinamente junino: o forró, popularizado a partir do baião criado por Luiz Gonzaga. Este ritmo foi associado ao período junino e visto como marca de “nordestinidade” e, com o passar das décadas, foi transformado em um dos mais importantes elementos da cultura caruaruense, principalmente, dos anos 70 em diante. É importante fazer uma análise da música considerada junina pelo fato de que Caruaru passou a ser associada ao forró e objeto de inspiração para centenas de compositores e cantores, sendo dita e propagada, musicalmente, como “Capital do Forró e do São João”, o que ajudou na criação de uma marca bastante forte em termos culturais e turísticos. Caruaru foi sendo transformada num lugar de consumo e exportação de forró, como será mostrado adiante. Num momento em que, nacionalmente, havia um esforço em se encontrar os ritmos genuínos da cultura brasileira (NAPOLITANO, 2002), as músicas “regionais”, de raiz, o forró (com seus estilos) foi transformado em “música nordestina”, tendo em Caruaru um de seus principais redutos.

Além destes elementos, a música junina, o forró, é de suma importância para a fundamentação dos festejos juninos no espaço urbano: em todos os arraiais de todas as cidades, onde quer que haja uma comemoração junina, os brincantes esperarão que se toque forró. Mais que a culinária, as adivinhações, as fogueiras, etc., que são mais específicas do período junino, o forró, com seus estilos, tornou-se uma atividade econômica bastante importante: compositores, músicos, cantores, gravadoras, casas de shows, empresários: são diversos os profissionais ligados a este conjunto de ritmos popularizados como característicos das festas juninas. Nas festas juninas de Caruaru da atualidade, por exemplo, pode não haver comidas típicas ou outras das práticas juninas, mas, se não vier forró, a população não vai ficar satisfeita. Assim, trataremos da música junina e de sua relação com Caruaru, a partir de Luiz Gonzaga e da mídia local.

O surgimento de uma música (estilo ou ritmo) para a festa junina localiza-se entre os anos 1940 e 1950²⁰³. O acordeonista Luiz Gonzaga do Nascimento, natural de Exu, Pernambuco, artista de rádio radicado, à época, no Rio de Janeiro, é visto como o

²⁰³ Alguns defendem que os ritmos que Luiz Gonzaga popularizou (baião, xote, xaxado, arrasta-pé) já existiam anteriormente (TELES, 2008; ECHEVERRIA, 2006). Cascudo (2001, p. 41) indica que o baião já existia desde o século XIX, mas, que a partir de meados do século XX, Luiz Gonzaga o modificou e o popularizou, utilizando-se de influências de sambas e de congas cubanas. Não é, no entanto, nossa intenção tratar desta questão, mas, sim, raciocinar a partir da divulgação destes ritmos e sua associação aos festejos juninos.

desencadeador desta música junina, tendo inventado alguns dos seus ritmos e propagado outros, tornando-se uma das maiores atrações musicais nacionais nos anos 40 e 50 (CHIANCA, 2006; TELES, 2008; ECHEVERRIA, 2006; MUNIZ, 1994). Nestes idos, Gonzaga passou a fazer sucesso e ter recordes de vendagens de discos, tornando-se um dos ícones da música brasileira do século XX e o iniciador de uma obra que passaria a ser identificada, juntamente com a dos seus seguidores ou influenciados, como “música nordestina”²⁰⁴.

Ele, através das emissoras de rádio e gravações em discos, cantava para o habitante das grandes e pequenas cidades²⁰⁵ de diversas regiões, para o nordestino que migrou para São Paulo e Rio de Janeiro²⁰⁶ e para o nordestino que ficou. Um de seus principais temas era o festejo junino, tão forte para a população da região Nordeste e para o migrante saudoso da terra natal. Para Muniz (1994), esta prática musical de Gonzaga delineava imageticamente as suas fronteiras de “Nordeste”. O Nordeste de Gonzaga era um “Nordeste de saudades”, o Sertão, ambientado num lugar seco, sofrido, controlado por “coronéis-fazendeiros”, que festejava imensamente o período junino, associando-o às colheitas. Uma “festa de ação de graças sertaneja”.

Apesar de não cantar apenas ritmos “nordestinos”, nem somente temáticas rurais²⁰⁷, Gonzaga passou a ocupar este espaço de “embaixador” e “divulgador” do Nordeste. Segundo Muniz (1994,p. 84), a música gonzagueana retrata a saudade do Nordeste do passado, da memória, um Nordeste “evocado como o espaço para o qual se quer voltar”. “Asa Branca”,

²⁰⁴Napolitano (2002) aponta que este período, anos 40 e 50, foi de “criação” ou defesa de uma música brasileira “auténtica” e “legítima”, por parte de “intelectuais nacionalistas”, através do surgimento de vários “mitos”, sendo Luiz Gonzaga um destes. Estes mitos cantariam as “músicas de raiz”, que, na mentalidade destes intelectuais, seriam o samba e os gêneros “folclóricos” rurais (no nosso caso, o forró), os mais antigos do país, portanto, os mais verdadeiros.

²⁰⁵ Teles (2008) afirma que o “baião”, apesar de ter origens rurais, tornou-se conhecido, com Luiz Gonzaga, como um ritmo urbano.

²⁰⁶Cf Napolitano (2002), p. 39 a 49.

²⁰⁷ Suas primeiras gravações, entre 1941 e 1945, são todas instrumentais. Depois disto, com suas gravações cantadas, ele tratou de temas como urbanos como “Cortando o Pano” (Luiz Gonzaga, Miguel Lima e J. Portela) em 1945, “Mangaratiba” (Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga), em 1949, “Chofer de Praça” (Evaldo Rui e Fernando Lobo) em 1950, “Conversa de Barbeiro” (David Nasser e Luiz Gonzaga) e “Baião da Penha” (Guio de Moraes e David Nasser) em 1951, para citar algumas. Acompanhando o restante da sua discografia (SILVA, 1997; BARBOSA, 2007), nos momentos iniciais, podemos perceber que, entre 1941, ano de sua primeira gravação, “Vira e Mexe” (instrumental), de sua autoria, e 1949, momento de gravação de seus primeiros baiões, “Juazeiro” e “Baião”, ambos frutos da sua parceria com Humberto Teixeira, todas as suas gravações tinham sido de valsas, chamegos, mazurcas, polcas, choros, chorinhos, marchas, sambas e frevos, ou seja, ainda não havia uma “obra gonzagueana” identificada com “nordestinidade” e com o São João. Mas, a partir da gravação, em 1947, de “Asa Branca”, juntamente com o xote “No Meu Pé de Serra”, ambas também compostas em parceria com Humberto Teixeira, esta relação com o “Nordeste” se torna mais patente.

uma toada²⁰⁸, é considerada a sua música mais importante, porém, o que identificou Luiz Gonzaga como “cantor nordestino de música junina” foi o ritmo “baião”²⁰⁹: sendo uma música dançante, caiu no gosto popular, fosse no “sul” ou no “norte”. A base da música gonzagueana era organizada com o trio de instrumentos “sanfona-triângulo-zabumba”. Fazendo baiões com diversas temáticas, mas, principalmente, as juninas, uma de suas preferências, Gonzaga solidificava uma música “nordestina” para os nordestinos e para pessoas de outras regiões do país. Assim, neste final de década de 1940, passou-se a identificar um ritmo, o baião, a uma festa, o São João (CHIANCA, 2006). Depois disto, apareceram cada vez mais músicas de Luiz Gonzaga e de outros artistas voltadas para esse período, o junino, e essa região, a Nordeste, principalmente em ritmo de baiões, xotes, xaxados, arrasta-pés, forrós, estes também ritmos que passaram a ter uma “conotação nordestina”²¹⁰.

O próprio Luiz Gonzaga cantava, em 1950, o baião “A Dança da Moda”, com os seguintes versos: “No Rio tá tudo mudado / na noite de São João / Em vez de polca e rancheira / o povo só dança só pede o *baião*” (Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1950, RCA/Victor, grifo nosso). Caruaru seguia essa moda: já em 1955 encontram-se registros, por exemplo, nas festividades de São João do Clube Intermunicipal, da presença do “Conjunto Regional de Zé Tatu”, sanfoneiro caruaruense citado em algumas músicas cantadas pelo próprio Luiz Gonzaga²¹¹, que tocava os ritmos que se tornavam “moda”²¹² àquele momento. Podemos, ainda, dar dois exemplos de como o forró foi transformado no ritmo junino por excelência a partir das duas notas abaixo, escritas na coluna “Sociais”, pela articulista “Françoise”:

No dia 23, no Intermunicipal, os freqüentadores não se conformavam com a orquestra que não se acomodou ao ritmo junino. O resultado foi a substituição por uma bandinha que deu mais calor ao ambiente. (VANGUARDA, 5/7/1970, p. 4).

O [clube social] Comércio contou com a presença dos Brasilians Tropical, conjunto maviosíssimo, excelente sob todos os aspectos, porém não apropriado para festas juninas. A presença da bandinha deu um toque de S.

²⁰⁸ Informação obtida disco de 78 RPM, através do site “Luiz Luiz Gonzaga”.

²⁰⁹ Teles (2008) aponta que, em 1946, o grupo “4 Ases e 1 Curinga” já havia gravado o baião “Baião”, da dupla Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira.

²¹⁰ Em Natal, Segundo Chianca (2006, p. 64) “Só em 1953, ocorreu a esperada ‘revolução musical’ junina, quando a sonoridade abundante e harmoniosa da sanfona recebeu os aplausos dos bailes dos clubes e se tornou mais um símbolo da festa”.

²¹¹ “Forró de Zé Tatu” (Zé Ramos e Jorge Castro), em 1955 e “Sanfoneiro Zé Tatu” (Onildo Almeida), em 1962.

²¹² Entre 1950 e 1952, por exemplo, das suas 53 gravações, 45 são de ritmos associados aos festejos juninos. (SILVA, 1997). Vale salientar que, em 1951, Caruaru teve a inauguração da sua primeira emissora de radiodifusão, a “Rádio Difusora de Caruaru”, o que contribuía para a recepção de novidades musicais nacionais.

João, mas, não aquela vibração que deve ser sentida dentro da época.
(VANGUARDA, 4/7/1971, p. 4)

Nelas, percebe-se o questionamento pela falta de uma música “junina”, ou seja, por estes tempos, falta do forró, já existente e popularizado. Na década de 1930, essas orquestras não seriam questionadas por tocarem outros ritmos numa festa junina, como no exemplo mostrado com a “Batuca” e a “Central Jazz”, nas celebrações de 1933, até mesmo pelo fato de o “forró” não existir.

A popularização do forró seguiu um ritmo ascendente de sucesso, entre 1945 e 1955, e decadente nos anos posteriores, em nível nacional, mas continuou fazendo sucesso no Nordeste. Seu principal mentor, Luiz Gonzaga, viveu estes dois processos de forma intensa. E no momento em que o baião/forró começava a perder espaço na mídia nacional, Caruaru passou a ocupar um papel importante neste ritmo musical, papel este construído aos poucos devido aos artistas, às emissoras de rádio e à população. Uma ligação maior de Caruaru com Luiz Gonzaga e os ritmos que ele executava, bem como com seus seguidores, se deu a partir da sua amizade com Onildo Almeida²¹³, que se tornou um de seus compositores mais próximos. O cantor de forró passou a visitar Caruaru em momentos cada vez mais frequentes, aumentando sua presença, paulatinamente nas décadas seguintes. Caruaru, por sua vez, adotou as músicas de Luiz Gonzaga e de outros forrozeiros.

A criação da Rádio Difusora, no começo da década de 1950, se constituía de importante veículo de transmissão de uma programação caruaruense. Devido ao crescimento econômico brasileiro desse momento, as pessoas passaram a ter maior poder de consumo, adquirindo, por exemplo, aparelhos de rádio, fazendo desse veículo o maior meio de comunicação²¹⁴ da época. Ter uma emissora de rádio na cidade era um fator que possibilitava o crescimento das atividades econômicas, pela propaganda, mas, também, de divulgação cultural. Vale salientar que, nestes tempos, havia poucas emissoras de rádio em Pernambuco, sendo Caruaru privilegiada neste quesito: entre 1951 e 1965, cidade ganhou as rádios Difusora, Cultura e Liberdade. Caruaru passava a enviar para uma vasta região²¹⁵, o Nordeste, uma programação específica que, mesmo tocando ritmos de sucesso nacional tais como o

²¹³Onildo Almeida era radialista da Rádio Difusora de Caruaru, fundada em 1951 e, depois, tornou-se um dos proprietários da Rádio Cultura do Nordeste, fundada em 1958. Foi ele que compôs, por exemplo, “A Feira de Caruaru”, gravada por Gonzaga em 1957 e, nesse mesmo ano, as festas do centenário da cidade foram premiadas com a composição “Capital do Agreste – Caruaru”, de Onildo Almeida e Nelson Barbalho, que também recebeu gravação por parte do sanfoneiro.

²¹⁴Sobre a importância do rádio para o período, ver Santana (2009) e Napolitano (2002).

²¹⁵Um dos slogans da emissora era “Rádio Difusora: Caruaru falando para o Nordeste!” (SANTANA, 2009)

bolero e o samba, começava a construir, através do forró, um espaço de “nordestinidade”²¹⁶, sendo Luiz Gonzaga o principal dos forrozeiros.

Gonzaga, como será visto adiante, utilizava-se das possibilidades oferecidas por Caruaru, para continuar a divulgar seus trabalhos, mas, colocava a cidade, através de suas músicas, no cenário cultural do país inteiro. Depois dele, uma grande legião de forrozeiros passou a adotar Caruaru como sua “cidade-mãe artística”. Com as três emissoras de rádio em Caruaru, o espaço de divulgação cultural da cidade ganhou em diversidade e em concorrência. E, principalmente, a concorrência entre as emissoras ajudou a associar Caruaru aos festejos juninos, como trataremos no próximo tópico.

Para completar os elementos denominados como juninos, nos anos 1950, chegaram a Caruaru as “quadrilhas matutas”²¹⁷. As quadrilhas tiveram importância singular no início das transformações do modelo junino de roça, em Caruaru, devido aos concursos de quadrilhas organizados a partir do início dos anos 1960. Nos jornais e textos de memórias, encontramos citações sobre as mesmas a partir de 1956: as festas dos clubes sociais eram animadas com “côco, *quadrilhas*, ornamentações e pratos regionais, fogos de artifício e outros entretenimentos”. (VANGUARDA, 3 de junho de 1956, grifo nosso). Noutro relato, o “Clube dos 60” fez sua festa com “casamento matuto”, “carro de boi”, “quadrilha”, palhoças matutas, comidas de milho, etc.

A partir do final dos anos 1950, então, podemos afirmar que, em Caruaru, as celebrações de São João já possuíam seus elementos mais significativos: o “arraial matuto” e as palhoças/latadas, nos sítios ou clubes sociais; as comidas típicas de milho; as fogueiras, os fogos de artifício, o bacamarte, a ronqueira; as adivinhações, simpatias e práticas religiosas; a música de Luiz Gonzaga e seus seguidores (o baião e seus estilos próximos) como ritmo junino; as quadrilhas, etc. Mesmo assim, nos anos 1950, as festas juninas ainda não ocupavam o lugar de destaque, para a cidade, que passariam a ocupar nas décadas seguintes: as festas de Carnaval e do Comércio, eram, como vimos, inegavelmente, as mais importantes. Até mesmo as festas do centenário da cidade, celebradas em 18 de maio de 1957, foram amplamente

²¹⁶ Para Napolitano (2002), o baião e os outros ritmos de forró representavam a “nordestinidade”.

²¹⁷ Chianca (2006) também as localiza como elemento da festa junina natalense desse período, tendo sido Luís da Câmara Cascudo um dos seus primeiros incentivadores. Nos anos 1970, as quadrilhas eram amplamente marcadas em diversas cidades pernambucanas, como se pode ver nas edições do Diário de Pernambuco e Jornal do Comércio entre 1975 e 1980 (jornais consultados na Biblioteca Pública Estadual). As quadrilhas, de origem européia, chegaram ao Brasil como danças da corte no século XIX (CASCUDO, 1999), mas, foram incorporadas como elemento junino somente a partir do segundo quartel do século seguinte.

noticiadas²¹⁸. Porém, sobre as festas juninas, apesar de serem populares e fazerem parte do calendário festivo da cidade, não mereciam a atenção que teriam posteriormente. Mudanças sociais, econômicas e culturais da década de 1960, assinaladas anteriormente, iniciaram o processo de transformação das festas de Caruaru, levando o São João ao posto de evento mais importante do município.

3.3.2 O São João Como Festa Urbana: As Festas Juninas de Rua (1962 – 1985) – “Não Mudei Meu São João, Quem Mudou foi a Cidade”²¹⁹

A partir dos anos 1960, podemos perceber que tanto as festas juninas de clubes sociais quanto as rurais oudos bairros populares de Caruaru passaram a ser mais citadas nos jornais, demonstrando uma mudança de interesse da população: se a notícia era dada, era sinal de que alguém tinha interesse em dá-la ou recebê-la. Músicas eram feitas em homenagem a Caruaru, associando a cidade aos festejos juninos e ao forró. A mídia escrita e falada passou a investir numa maior divulgação dessa festa, que já estava arraigada na população, mas, que, em momentos anteriores, não tinha destaque. O São João, paulatinamente, torna-se uma “festa da cidade”.

Em contrapartida, a partir deste período, as festas carnavalescas e de fim de ano começaram a ser narradas como decadentes, desorganizadas, sem “brilhantismo”. Nos livros de memórias, encontram-se lamentações e saudosismo destas festas de carnaval e fim de ano dos tempos antigos. Percebe-se, assim, um movimento que passou a elevar os festejos do ciclo junino como os mais importantes da cidade ao mesmo tempo em que as outras duas festas parecem perder, gradativamente, o seu significado tradicional. Não é a presença do festejo que indica sua importância, mas, sim, o significado que o mesmo tem para a população: a forma como tratam das festas demonstra a sua significação. Se, antes, as duas primeiras festas eram bastante exploradas nos jornais, as mesmas parecem não despertar o mesmo interesse que as juninas.

²¹⁸ O semanário “Vanguarda” traz informações sobre as festividades do centenário de Caruaru entre abril de 1955 e dezembro de 1957.

²¹⁹ Fragmento da canção “São João antigo” (Luiz Gonzaga/Zé Dantas).

Os festejos juninos já existiam antes da década de 1960, com formato diferente. A Festa do Comércio existiu até 1995, porém, já não trazia o mesmo simbolismo social²²⁰: foi substituída socialmente por encontros reservados de amigos, familiares e companheiros de trabalho. No período carnavalesco, a população viaja para outros espaços onde há uma festa oficial ou atrações midiáticas (festa-espetáculo) ou ainda é celebrado de maneira espontânea por grande parte da população, contudo, em nada lembrando a grandiosidade dos festejos feitos até os anos 1960. Em síntese: é nossa ideia de que Caruaru passa a fazer uma escolha pelas festas juninas, num processo que se inicia, timidamente, em meados dos anos 1960, fortalece-se nas duas décadas seguintes e torna-se o mega-evento dos anos 1990 e 2000, havendo movimento inverso com relação às outras duas festas.

3.3.2.1 São João de Rua: Festa do Povo, Festa de Todos

Dentre os elementos mais importantes da construção dos festejos juninos urbanos de Caruaru, nos anos 60 e 70, merece destaque a ação das emissoras de rádio da cidade: Difusora, Cultura e Liberdade²²¹. As mesmas foram fundadas em um momento no qual havia certa concentração das capitais sobre a veiculação das ondas radiofônicas, e serviram de base para um início de interiorização da programação²²²: não apenas o que era enviado do Recife ou Sul/Sudeste do país seria mostrado, mas, também, daqui, seria enviada a programação pensada na cidade. Assim, as três emissoras caruaruenses tinham significativa importância, não apenas para o município, mas, também, para Pernambuco e para o Nordeste, posto que suas potências davam esta possibilidade: o que era transmitido de Caruaru era ouvido por uma enorme região: Caruaru passava, pouco a pouco, a “aparecer” para o Nordeste, tornando-se porta de entrada e saída cultural.

Nos anos 1960, as emissoras da região traziam uma programação que buscava contemplar a música tida como nordestina, o forró (baião, xote, xaxado, toadas, arrasta-pé,

²²⁰ A Festa religiosa de Nossa Senhora da Conceição, no entanto, continua a ser celebrada anualmente.

²²¹ Rádio Difusora de Caruaru (1951), Rádio Cultura do Nordeste (1958), Rádio Liberdade de Caruaru (1965) (LACERDA et al, 2005; SANTANA, 2009)

²²² Somente no final dos anos 80, com a concessão de diversas emissoras de radiodifusão FM, pelo então presidente José Sarney, é que houve uma interiorização massiva das programações.

etc)²²³. Em Caruaru, as rádios abriram espaço para a cultura local e nordestina e criaram programas que dessem visibilidade aos elementos da cidade: o Carnaval, a Festa do Comércio, eventos religiosos, programas esportivos, etc., tudo era noticiado, transmitido. Porém, foi com os festejos juninos e o forró que houve a maior mobilização: comunicadores das três emissoras, em seus programas, criaram espaços para os forrozeiros, que aumentavam a audiência no período junino, dadas as promoções e campanhas que eram realizadas. Apesar de terem sido diversos profissionais, os mais destacados nessa divulgação de Caruaru enquanto cidade de forró e festa junina foram: Ivan Bulhões, pela Rádio Difusora; Lídio Cavalcanti, pela Rádio Liberdade; e os irmãos Onildo e José Almeida, na Rádio Cultura. Estas ações, no entanto, não foram repentinhas: gradativamente, durante esta década, o espaço foi sendo criado nas rádios caruaruenses, ajudando a transformar o panorama junino durante a década. Além das rádios, os jornais, os comerciantes, o poder público instituído e a população passaram a construir as festas juninas que transformaram Caruaru num lugar de forró.

A população se constitui como outro elemento singular na feitura das festas juninas. A cidade crescia, recebia migrantes da zona rural e de outras cidades do Nordeste. Estes novos atores sociais que passaram a habitar Caruaru, em seus diversos espaços urbanos, trouxeram experiências e simbolismos culturais diferentes dos que já moravam na cidade. Apesar de identificar quem eram os ricos e os pobres de Caruaru, esta população que crescia buscava ocupar os seus espaços sociais, sendo as festas um destes elementos. Diferentemente da tradicional “Festa do Comércio”, onde havia as barracas dos clubes sociais “granfinos”, onde havia os espaços dos ricos e dos pobres, ou dos bailes carnavalescos destes mesmos clubes sociais, na festa junina o protagonismo era de todos. Qualquer indivíduo podia fazer sua fogueira defronte de casa, comprar ou plantar milho e produzir iguarias, comprar fogos, dançar ciranda, forró ou marcar uma quadrilha. Moradores de quaisquer das ruas e bairros da cidade podiam adquirir palhas de coqueiro, construir uma palhoça e organizar a vizinhança para as danças²²⁴. Estes mesmos moradores poderiam fazer cotas para comprar bandeirolas, balões, barbantes e enfeites e ornamentar as ruas para os concursos organizados pelas emissoras de rádio.

²²³ Santana (2009) mostra alguns folhetos/panfletos com as programações das rádios pernambucanas nas quais constam horários voltados para a música nordestina.

²²⁴ Um estudo sobre os bairros está no trabalho de Certeau (1996) produzido por Pierre Mayol, p. 37 a 45. Sobre o “bairro”, Mayol escreveu: “Diante do conjunto da cidade, atravancado por códigos que o usuário não domina mas que deve assimilar para poder viver aí, em face de uma configuração dos lugares impostos pelo urbanismo, diante dos desniveis sociais internos ao espaço urbano, o usuário sempre consegue criar para si algum lugar de aconchego, itinerários para o seu uso ou seu prazer, que são as marcas que ele soube, por si mesmo, impor ao espaço urbano.”

Mais que a Festa do Comércio e os blocos, ranchos e clubes carnavalescos, que eram patrocinados pelas “classes conservadôras”, a festa junina era de todos. Já havia, como vimos, iniciativas populares para celebrar estes outros dois eventos²²⁵, mas, as festas juninas tinham um apelo diferente: emissoras fazendo campanhas, músicas incentivando as festas, tradição arraigada na população e investimentos públicos e privados. Mais que a Festa do Comércio, que se dava na praça Coronel João Guilherme, e que o Carnaval, que se dava na rua da Matriz, a festa junina se dava na cidade inteira, durante um mês inteiro²²⁶.

A união de todos estes elementos da festa junina de rua caruaruense foi fortalecida a partir de uma iniciativa que era prática também em outras cidades: realização de um concurso de quadrilhas. Cidades como Natal, Recife, Campina Grande e Garanhuns, por exemplo, realizavam estes concursos incentivados por meios públicos e privados. Em Caruaru, os concursos de quadrilhas conseguiram agregar diversas forças, fazendo com que a festa junina começasse a fincar raízes como uma festa da cidade e não uma festa privada, particular, familiar. SESI, SESC, rádios, jornais, prefeitura, empresários e população construíram o “São João de rua” de Caruaru.

3.3.2.2 Os Concursos de Quadrilhas e a “Rua de São João”

Os anos 60 se iniciam para Caruaru, em termos juninos, sem muitas modificações com relação às décadas anteriores. Nos jornais, por exemplo, as festas continuavam a ser pouco noticiadas: os clubes sociais faziam suas festas matutas e as comunidades populares organizavam suas latadas²²⁷. Milho, fogos, fogueiras, adivinhações e brincadeiras aconteciam. Noutras cidades nordestinas, dava-se da mesma forma²²⁸.

²²⁵ Já existiam, por exemplo, bailes populares no Carnaval de 1958/59 e as festas de rua do Riachão/Guararapes, Festa das Flores, Festa do Bairro São Francisco, Festa da Rua Tupy.

²²⁶ A programação oficial da prefeitura começava, geralmente, no dia de Santo Antônio, 13 de junho, e ia até o dia de São Pedro, 29 de junho, mas a ação das emissoras de rádio e o funcionamento das palhoças de rua se dava no mês de junho por completo.

²²⁷ Estas festas de clubes sociais e comunitários são encontradas no Comércio, São Paulo, Petrópolis, Vera Cruz, Colombo, Palmeiras do Salgado, União Beneficente, Palhoça de João Coveiro, Caroá, etc.

²²⁸ Como defendemos anteriormente, a prática dos festejos juninos é comum a diversas cidades brasileiras. Ainda hoje, inclusive, é possível perceber, principalmente nas cidades interioranas, as comemorações do ciclo de São João.

Em 1962, uma iniciativa do setor empresarial, depois abraçada pelos poderes públicos e repetida nos anos seguintes, unindo a mídia (rádio, jornal, TV), fábricas, lojas, juntamente com o Serviço Social da Indústria (SESI), modificou o ritmo das festas de São João de Caruaru: foi organizado um Concurso de Quadrilhas²²⁹. Esta iniciativa teve repercussões significativas para a história das festividades de Caruaru, pois, a partir de então, anualmente, as festas juninas passaram a ser organizadas não apenas no ambiente privado, mas, também, no espaço público, de forma profissional, com promoções comerciais, propagandas, coberturas de TV, rádio e jornal, patrocínio de empresas do setor privado e ação do poder público institucionalizado. É possível constatar, inclusive, através das fontes, que o interesse despertado por este novo formato de festas juninas movimentava grande parcela da população, fazendo com que houvesse um misto de comemorações: continuavam a existir as festas de clubes sociais, as festas de sítio, as latadas, as “festas familiares nas ruas” da cidade, mas, surgiam, neste ínterim, as “festas das ruas”²³⁰, que, somadas, transformaram-se numa festa da cidade. As populações viam nessas festividades uma forma de atuar como protagonistas: eram elas que faziam/patrocinavam fogueiras, latadas/palhoças, quadrilhas, trios de forró, numa simulação de um arraial, como de praxe nas festas na roça. Nos jornais²³¹, as notícias juninas passaram, desde então, a ser tão constantes quanto as das outras duas festas caruaruenses (Festa do Comércio e Carnaval), como na nota abaixo, de 1963:

OS FESTEJOS JUNINOS, EM CARUARU

Os festejos juninos, êste ano, em Caruaru, serão realizados de maneira diferente dos que vinham acontecendo nas anteriores. Desta vez, além do II Campeonato de Quadrilhas na Roça, com a participação de várias cidades do interior, haverá o folguedo denominado “Rua de São João”, que se desenrolará em diversas ruas e bairros da cidade [...]. (VANGUARDA, 9 de junho de 1963, p. 1)

²²⁹ O Concurso de Quadrilhas foi organizado, inicialmente, pelo SESI, Rádio Difusora, Jornal Vanguarda e representante da Coca-Cola em Caruaru. No ano de 1963, foi chamado de “II Campeonato de Quadrilhas na Roça” e divulgado, também, pelo jornal A Defesa. Era prática comum estes concursos de quadrilhas: localizamos os mesmos no Recife, Campina Grande-PB e em Natal-RN, em períodos similares (LIMA, 2002; CHIANCA, 2006; Jornal do Comércio de Pernambuco e Diário de Pernambuco, 1975 a 1980).

²³⁰ A diferença entre festas familiares de rua e festas de rua, para nossa nomenclatura, reside no fato de que nas primeiras, apesar do espaço público, o convívio e a organização eram privados. No segundo caso, as festas de rua abrem espaço para todo e qualquer forrozeiro que queira participar daquele ambiente, inclusive com a existência de movimentação econômica: comércio de bebidas, cobrança de ingressos nas palhoças, patrocínios, presença da mídia, etc.

²³¹ Edições de Vanguarda: “Caruaru Assiste Entusiasmada: Festa Folclórica de São João”; “Festas Juninas”; “Casamento Matuto” (23 de junho de 1963); “Festas Juninas Encerradas com Sucesso”; “Recepção em Tarde Junina” (30 de junho de 1963); “São João Universitário” (28 de junho de 1964); “São João em Caruaru: Povo Festejou Como Pôde” (27 de junho de 1965).

Esses dois eventos, “Campeonato de Quadrilhas” e “Rua de São João”, tornaram-se possíveis graças a um elemento que deve ser destacado: a união de empresas privadas agindo como patrocinadoras profissionais. Em vez de um patrocínio individual, como visto nas décadas anteriores, feito pelos donos das empresas, membros das chamadas “classes conservadôras”, ou do patrocínio da prefeitura, como eram os casos do Carnaval e da Festa do Comércio, as festas passaram a ter um patrocínio “profissional”²³², com a associação da marca da empresa a um artista ou evento. No folguedo “Rua de São João”, havia apresentações noturnas de artistas²³³ em diversas ruas e bairros da cidade, com despesas custeadas pelos patrocinadores. Luiz Gonzaga, por exemplo, apresentou-se nas festas juninas de 1971, em praça pública, patrocinado pela empresa “Eveready”, fabricante de pilhas e baterias²³⁴. Assim, além das comemorações já citadas (clubes, famílias, etc), a realização dos eventos “Rua de São João”²³⁵ e “Concurso de Quadrilhas”²³⁶ transformou a cidade em um grande parque de festividades juninas²³⁷, que poderiam ser em espaços centralizados (Praça Coronel João Guilherme, Centro) ou descentralizados (promoções das rádios feitas nas ruas), públicos (festas de rua) ou privados (festas fechadas em clubes ou festas familiares).

A ação dos poderes públicos instituídos ainda não era tão efetiva quanto nas outras festas da cidade, até que, em meados da década de 1960, a organização do evento “Rua de São João” contou com a participação dos departamentos públicos de educação (esfera estadual e municipal): em várias edições, ambos estiveram presentes enquanto financiadores, organizadores ou, simplesmente, incentivadores. Basta observar que, dentre os participantes

²³² Chamamos de “patrocínio profissional” àquele feito por empresas públicas ou privadas cujos recursos são utilizados na organização, estruturação, divulgação e contratação de artistas bem como custeio de despesas. A intenção destes investimentos é a massificação da marca da empresa bem como o consumo de seus produtos. Num exemplo disto, os patrocínios das empresas ligadas aos refrigerantes “Coca-Cola” tinham por função associar esta marca ao cotidiano popular. Esta prática não se dava apenas nas festas juninas, mas, foram nelas que houve a maior repercussão em termos de sucesso.

²³³ Dentre os artistas que passaram a se apresentar nas ruas, a maioria delas eram influenciadas pela música nordestina de Luiz Gonzaga: Déo do Baião, Jacinto Silva, Rosinha do Xaxado, Camarão e sua banda, coquistas, repentistas, etc.

²³⁴ Outros exemplos de patrocinadores: Lídio Cavalcanti levou sua caravana de artistas tendo patrocínio do MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). A gravadora CBS divulgava seus artistas através da coletânea “Pau de Sebo”, transformada em caravana, que se apresentava em espaços públicos. Dentre os artistas do “Pau de Sêbo”, destaque para Jacinto Silva, Marinês, Ludugero, Trio Nordestino, todos com passagens constantes por Caruaru.

²³⁵ As ruas e bairros contemplados inicialmente foram: 13 de Maio, Indianópolis (WilfridShorto), Vassoural (Escola Artezanal), Rua São Salvador (Bairro dos Guararapes), Convento, Rua Porto Alegre, Círculo Operário, Rua Frei Caneca e povoado de Gonçalves Ferreira, todos com organização, também, da Diretoria Municipal de Educação.

²³⁶ Locais das apresentações: Sesi, Comércio Futebol Clube, Caroá, Sesc, Frei Caneca. Houve, também, participação de quadrilhas de cidades vizinhas.

²³⁷ Houve festa em diversos dias de junho de 1963: dias 12, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 29.

das quadrilhas, boa parte dos grupos eram originários de escolas públicas e privadas: Escola Artezanal de Caruaru, Colégio Estadual, Colégio Sete de Setembro, Colégio Pe. Zacarias Tavares, e outras. A intervenção dos departamentos de ensino foi de fundamental importância para a massificação das quadrilhas, pois os membros das mesmas eram indivíduos que moravam nas mais diversas ruas e bairros da cidade, tornando-se irradiadores desta prática.

Ainda sobre a influência do setor público, além da ação dos departamentos de educação, seguindo a política nacional de preocupação com o lazer e o turismo (ALMEIDA e GUTIERREZ, 2005; ORTIZ, 2006), em 1966, em Caruaru, criou-se um “Departamento Municipal de Turismo”. Para a movimentação turística, Caruaru resolveu promover o produto “cultural”²³⁸, ou seja, as produções artísticas, aproveitando-se, para isto, de alguns artistas locais de renome, dentre eles, Vitalino (já falecido) e sua obra artística e a Banda de Pífanos de Caruaru bem como a exploração da Feira Livre da cidade, já famosa por causa da música de Onildo Almeida, e de todos os seus elementos culturais. A Festa do Comércio e o Carnaval também eram divulgados, porém, o São João foi conquistando esse espaço de principal evento da cidade, devido à mobilização social e investimentos da Prefeitura Municipal e do órgão estadual de turismo, EMPETUR.

A divulgação das festividades juninas dava-se, também, através da mídia televisiva:

FORRÓ EM CARUARU

É pensamento dos diretores da TV Canal 2 [TV Jornal Recife], juntamente com os clubes de serviço de Caruaru fazer esta promoção, que tem a finalidade de atrair para a cidade, turistas para as comemorações de São João e São Pedro [de 1968]. A promoção constará de barracas nas principais ruas, iluminação, música e entretenimento [...] (VANGUARDA, 7 de abril de 1968),

e de campanhas organizadas pelo CDL (Clube de Diretores Lojistas):

SÃO JOÃO DE CARUARU

As [...] firmas já estão distribuindo o “BÔNUS MILIONÁRIO”, que dará direito a milionários prêmios [...]. Compre em Caruaru e exija o BÔNUS MILIONÁRIO E GANHE MILIONÁRIOS PRÊMIOS. (VANGUARDA, 9 de junho de 1968).

²³⁸ Caruaru começava a criar uma imagem ligada uma “cultura popular” nordestina. Até mesmo em outras com simbolismos já pré-definidos, como era o caso do período natalino, houve a introdução de motivos nordestinos: na decoração da Festa do Comércio, por exemplo, alguns dos adereços mostravam “personagens nordestinos”. E em 1967, houve, na mesma festa, uma barraca com a exposição de bonecos de barro e outros produtos oriundos do Alto do Moura, inclusive de filhos do Mestre Vitalino. Em 1970, a decoração carnavalesca teve “motivos regionais” (Vanguarda, 1/2/1970, p. 1). Um estudo sobre a relação entre “cultura popular” e Caruaru, nos anos 1960, encontra-se em Maria do Rosário Silva (2008).

A maior divulgação, contudo, se dava pelas emissoras de rádio e promoções realizadas por seus comunicadores.

3.3.2.3 “As Rádios de Lá Saem Pelas Ruas”²³⁹

Como afirmado anteriormente, a mídia foi extremamente importante para a criação de uma prática junina festiva em Caruaru. Os jornais e as emissoras de rádio da cidade abraçaram a festa junina com bastante afinco: os incentivos à participação popular ajudavam a continuar e ampliar a celebração desta prática já bastante tradicional no Brasil. Os festejos juninos, como sabemos, eram parte do calendário comemorativo popular, juntamente com Carnaval, Páscoa e Natal. Mas, com este ambiente de divulgação da mídia, associado às promoções comerciais e à produção musical, favorecia-se a criação de um “espírito junino” em Caruaru. Além disto, há que se salientar o crescimento populacional do município, em especial de sua parte urbana²⁴⁰, que, com as migrações para a cidade, traziam pessoas com tradições ligadas aos festejos de São João, mas não ligadas ao Carnaval do município e, muito menos, à Festa do Comércio.

Dentro da mídia radiofônica, a presença de aparelhos de rádio na maioria das residências caruaruenses, algo bem comum ao Brasil da época, abria espaço para uma programação que privilegiasse uma cultura musical local, de forte influência gonzagueana. Na história recente da cidade, diariamente²⁴¹, as emissoras de rádio passaram a exibir programas cujo estilo musical a ser tocado era o “forró”, visto aqui como um misto que agrupa diversos ritmos: baião, xote, xaxado, arrasta-pé, coco-de-roda, mazurca, polca, marchas, rojão, chamego, toada-baião, etc. O forró, apesar de não lidar unicamente com a temática junina, era (e é) considerado o ritmo propriamente dito das festas de São João no Nordeste. A reprodução desse estilo formava uma prática que tinha seu ápice durante o mês de junho, mas era vivenciada continuadamente durante o ano.

Nos períodos pré-junino e junino, a ação das emissoras tornava-se mais efetiva, com a realização de caravanas de artistas-forrozeiros, declamadores, violeiros, e os concursos de

²³⁹ Fragmento da música “Capital do Forró” (Jorge de Altinho e Lindu).

²⁴⁰ Lembramos que a população caruaruense era de 102.887 em 1950 e de 142.653 em 1973 (IBGE-Caruaru).

²⁴¹ Entre as 4h e 6h; entre as 10h e 11h30min; entre as 16h às 18h. Nos anos 1970, até mesmo no sábado à noite, a programação oferecia como música o repertório do forró.

ruas melhor ornamentadas, animadas, quadrilhas melhor marcadas, etc. Os principais artífices destes eventos eram os comunicadores Ivan Bulhões, Lídio Cavalcanti e os irmãos Almeida, bem como algumas lideranças de bairros.

A população atendia aos apelos das emissoras de rádio e organizava suas festas nas ruas de todos os bairros da cidade: através da realização de coleta de recursos, fossem em dinheiro ou produtos, os logradouros eram enfeitados com bandeirolas, balões, palhas de coqueiros, fogueiras eram preparadas, palhoças (latadas) eram construídas, e os “trios de forró” (também chamados de “regionais”) eram contratados: “Caruaru todo era um forró só, tinha palhoção na Rua Bahia, tinha palhoção no bairro Petrópolis, tinha palhoção no Vassoural, tinha palhoção... todo lugar tinha palhoção, Caruaru era realmente um grande São João [...].” (IVAN FERNANDES DE BULHÕES, informação adquirida em entrevista). Diversos eram os logradouros, fossem bairros ou ruas: Riachão, Salgado, Cohab I e II, 3 de Maio, Alto de Santa Rosa, Alto do Vassoural, São Francisco, 27 de Janeiro, Capitão Dé, Cedro, etc. A população organizava a festa, as emissoras transmitiam ao vivo e divulgavam a mensagem para várias regiões nordestinas. A fama junina da cidade aumentava: “As rádios de lá saem pelas ruas, não deixam o baião um minuto só...”²⁴² e seus comunicadores animavam cada lugar que solicitasse presença. Destes comunicadores, um dos mais importantes, na época, foi Ivan Bulhões.

Ivan Fernandes de Bulhões²⁴³, alagoano, nascido em 1930, na Usina Utinga Leão, próximo a Maceió, teve sua presença no rádio caruaruense iniciada em 1962. Antes, ele havia trabalhado na mídia como correspondente de futebol da Rádio Jornal do Comércio do Recife. Em Caruaru, na Rádio Difusora, pertencente ao Sistema Jornal do Comércio do Recife, Ivan Bulhões, tornou-se um dos grandes mitos da mídia falada da cidade, pelos programas que apresentava (e ainda apresenta), principalmente os que eram ligados ao forró. Sempre abriu espaços para artistas, fossem conhecidos ou principiantes. Sua caravana de artistas, a “Caravana do Ivan Bulhões”, atuava em diversos períodos do ano, principalmente o junino, não somente em Caruaru como também nas cidades vizinhas e até em outros estados, tornando ampliada a área de abrangência dos elementos culturais construídos em Caruaru, marcadamente o forró:

²⁴² Trecho da música “Capital do Forró”, de Jorge de Altinho, cantada, inicialmente, pelo Trio Nordestino (1980).

²⁴³ Fotografia de Ivan Bulhões no Anexo A

[...] antigamente eu dava um espirro aqui em Caruaru e todo o Nordeste ouvia, olha Ivan Bulhões espirrou, ouvia em Sumé na Paraíba. Eu cansei de fazer show perto de Sumé, em Sumé, Camalaú, Serra Branca, toda aquela região Coxixola eu conheço demais, eu cansei de fazer show por ali porque aqui só dava Rádio Difusora. Na época então o que falava daqui todo mundo ouvia, hoje você saindo daqui pra onde você for qualquer cidade que por menor que seja tem uma estação de rádio, tem cidade até que tem duas três FMs, então aquilo de qualquer maneira foi tirando a audiência da gente, qualquer maneira foi tirando a audiência da gente, então eu graças a Deus naquele tempo eu era meio vivo, esperto, inclusive eu cheguei a passar férias em Sumé alugar uma casa pra passar 30 dias fazendo show na região, por que quando diziam Ivan Bulhões ta aí, modéstia à parte, fazia um sucesso [...]. (IVAN FERNANDES DE BULHÕES, informação adquirida em entrevista)

Ivan Bulhões chegou a Caruaru no momento em que o SESI estava organizando os primeiros concursos de quadrilhas, que contavam com ampla divulgação das emissoras de rádio. Era tempo, também, do evento “Rua de São João”, que ocorria em várias partes da cidade. Rádios Difusora e Cultura, inicialmente, depois a Liberdade, mandavam suas equipes para os locais das festas, para narrarem os acontecimentos, mas, também, atuavam como vetores da organização popular: havia incentivos através de concursos de ruas melhor ornamentadas, concursos de quadrilhas de bairro, etc:

[...] O São João era nosso, era da rádio, era o povo que fazia. Eu ficava de um lado fazendo forró e do outro lado Lídio Cavalcante. Eu fazia o “São João Sem Limites” que começava com “O forró daqui é melhor que o seu” [trecho da música “É proibido cochilar”, de autoria de Antônio Barros, cantada pelo conjunto “Os Três do Nordeste”] e Lídio Cavalcanti fazia na Liberdade o “Agreste em Festa”. Era um São João gostoso e muito bom, a gente fazia inclusive concursos de ruas e havia uma afinidade muito grande entre eu, na rádio Difusora, e o pessoal da Liberdade. Por exemplo, amanhã vou fazer um show no Salgado. Pronto, a Liberdade já não ia praquele lado, já fazia um show no bairro Petrópolis, amanhã vou fazer um show na Santa Rosa, ele ia pra COHAB pra poder ta longe um do outro né, mas era um São João bom e eu tenho muita saudade daquele tempo por que era um São João gostoso viu. [...] E as irmãs Lira, que beleza o São João que elas faziam, e o que acontece a gente fazia show em cima de um caminhão, a gente ficava bem junto do povo do povão, fazendo show ali no caminhão e tal, e era uma coisa gostosa [...]. (IVAN FERNANDES DE BULHÕES, informação adquirida em entrevista)

Com ação parecida com a de Ivan Bulhões, Lídio Cavalcanti é outro personagem desta construção junina: nascido em Garanhuns, veio para Caruaru nos anos 1950. Trabalhou como vendedor em lojas de tecido da cidade e, devido à sua habilidade no trato com os clientes e no uso do microfone interno da loja, para divulgação de produtos, tornou-se comunicador nas rádios Cultura e Liberdade de Caruaru. Participou de uma caravana patrocinada pelo MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), na qual visitou várias cidades do Nordeste, apresentando artistas populares para as classes trabalhadoras. Criou diversos

programas, dentre eles o “Brasil Caboclo”, e organizou caravanas de artistas em Caruaru, ficando mais conhecido, no entanto, com o seu programa “Agreste em Festa”, no qual, durante o período junino, assim como Ivan Bulhões, saía de bairro em bairro, em caminhões, apresentando atrações culturais, fazendo jogos e brincadeiras e contribuindo com os festejos juninos. Nas apresentações, estavam presentes forrozeiros, violeiros, emboladores, cordelistas, bandas de pífano. Também como Ivan Bulhões, Lídio Cavalcanti abria espaço, em seus programas, para artistas novatos, o que ajudou a trazer para Caruaru uma grande quantidade de forrozeiros, que passaram compor e a cantar a cidade. Por diversos anos, realizou os concursos de ruas melhor ornamentadas. Durante os seus programas cotidianos, divulgava as mesmas manifestações artísticas do “Agreste em Festa”, que eram denominadas de elementos da cultura nordestina.

Apesar de menos famoso que Ivan Bulhões, era mais dinâmico na mobilização social, conseguindo a adesão de diversas pessoas para os eventos: em 1970, foi o grande incentivador da festa junina de Caruaru: “O São João nos bairros e nas ruas teve colorido especial e grande animação graças à iniciativa da Rádio Liberdade que, através da sua caravana junina [de Lídio Cavalcanti], incentivou e deu total cobertura aos festejos”. (VANGUARDA, 28 de junho de 1970).

Outro radialista que contribuiu com as festas juninas caruaruenses, através de suas ações na Rádio Cultura do Nordeste, foi José Almeida. Ele é um dos proprietários e fundadores da Rádio Cultura do Nordeste, criada em 31 de agosto de 1958. O outro proprietário e fundador é seu irmão, Onildo Almeida²⁴⁴. Nascido em Caruaru, na rua dos Guararapes, Centro, José Almeida tem sua história profissional inteiramente ligada à Rádio Cultura, tendo sido, também, produtor de eventos culturais na cidade. Por ser um dos fundadores da emissora e criador de uma série dos seus programas, ainda hoje ele defende uma programação que privilegie os elementos da cidade ou do que considera tradição da cultura nordestina.

A programação da emissora tem uma enorme contribuição prestada a Caruaru no que diz respeito aos festejos juninos e à massificação de uma “música nordestina”, principalmente

²⁴⁴Cantor e compositor bastante conhecido por ter escrito músicas que foram cantadas por diversos artistas de reconhecimento nacional, tais como “Feira de Caruaru” (Luiz Gonzaga), “Carne de Sol”, “Siriri-Sirirá” (Marinês), “Eu vi passar” (Coronel Ludugero), “Marinheiro Só” (adaptação – Caetano Veloso), etc.

por seu programa “Feira de Caruaru”, criado na década de 1960, no qual a bandeira é a veiculação de elementos “nordestinos”: forró, repente, emboladores, banda de pífano, etc. Sobre a ideia do programa, José Almeida afirmou:

[O programa “Feira de Caruaru”] Era de dez às dez e meia da manhã, só música. Eu achei que o nome era bom, mas, a maneira de fazer não era o que eu achava. Então eu botei na cabeça de fazer um programa ‘Feira de Caruaru’ no dia da feira de Caruaru [sábado]. Fui a Recife consultar um amigo meu que tinha uma agência de propaganda, e dizendo da idéia a ele, ele disse: A idéia é boa, rapaz. Eu disse: - Agora tem uma coisa maluca que eu quero fazer, que é que tu achas? Eu vi uma dupla de emboladores na feira, improvisando e convidei pra eles irem no programa, eles disseram que vão. Ele disse: - Eita, rapaz é pra arrebentar. Pode botar que vai agradar. Aí, por coincidência, logo que o cara estreou, na outra semana, em frente à própria Rádio Cultura, [...] tinha um barzinho, perto da esquina, aí eu vi uma bandinha de pífanos, tocando. Eu fui pra janela, olhei, disse: - Oxe! Que negocinho gostoso. Aí, desci e disse: - Olha, essa bandinha, de quem é? Ele disse: - É nossa. Quem é que manda aqui? – Sebastião Biano. Aí, me apresentou: - É esse aí. - Como é o nome da banda? – A Bandinha do Miralvo. O Miralvo era um funcionário público que gostava da bandinha, e saia com eles, bebendo nos bares e pagando pra eles, de graça, só bebendo. Aí, eu digo: Olha, tô com o programa Feira de Caruaru, tô lançando aí, já chamei os emboladores e queria botar as coisas mais regionais. Topa ir fazer, também? Ele disse: - Topo. Aí, chamou os outros e disse: - Olha ele tá chamando pra tocar na rádio, bora, bora? – Mas, hoje não que tá muito em cima, vamos pra semana. Na outra semana eles apareceram. Aí, Zé do Estado, que era um funcionário do Estado, ouviu o programa e disse: - Eita, rapaz, que a rádio tá com um programa agora que tá arrebentando. Vamos lá, pra vê se a gente dá uma falazinha, também. Aí, chegou lá e disse: - Olha, eu toco oito baixos, eu queria vê se podia... eu disse: - Pois não. Abri as portas pra ele também. Aí, ficaram: emboladores, bandinha de pífanos, Zé do Estado. Aí, eu conheci um violeiro, Antônio Gonçalves, parece-me o nome dele, que disse: - Olha está faltando uma coisa. Eu disse: - O que é? – Tá faltando uma dupla de violeiros. – E você tem? – Tenho, é meu compadre. Eu disse: - Venha pra cá. Quando foi no sábado, baixou lá. Aí, completou a festa. Os cabras diziam: - Mas, rapaz tá bom demais. Aí, eu ainda criei um negócio. Peguei um repórter, foi aí onde esse amigo meu disse: - Isso é que é bom. Onildo tinha feito a música Feira de Caruaru, onde Luiz Gonzaga diz naquela hora: ... “o mulher, quanto é essa galinha? Quanto é a galinha, mulher? Tá muito caro. Então, eu disse: - Vou botar um repórter pra fazer isso, fazer cotação de preços. O meu amigo disse: - Rapaz, aí é muito melhor, ainda, botasse pra lascar, agora. (JOSÉ ALMEIDA, informação adquirida em entrevista).

Durante o período junino, a emissora também participava das transmissões dos festejos de rua, tendo concorrência, como já foi visto, da Rádio Difusora e, mais tarde, da Rádio Liberdade:

Aí, eu comecei pensando o que fazer pra rádio ter mais popularidade. Foi chegando a época junina, e então, eu me lembrei de uma coisa que a gente podia fazer: era uma caravana pra tocar nessas festas de ponta de rua que tem por aí. Nós fizemos uma. Compramos um jipe, levávamos o

equipamento nele e, numa caminhonete, o pessoal. O sanfoneiro, zabumba, triângulo, etc. Chegava na festa, a Rádio transmitia e todo povo da rua achava arretado: - Eita, coisa boa! E, eu observei que nas pontas de rua era mais animado. Não tinha ainda as grandes ruas, não. Era ponta de rua, mesmo. E, a gente levava o show da gente, todo mundo sabia que a Rádio ia transmitir, então ficava aquele povo se aglomerando. Isso foi na Rua Preta, no Salgado, no Alto Vassoural, Alto de Santa Rosa, Rua Bahia, e foi pegando. (JOSÉ ALMEIDA, informação adquirida em entrevista)

Além dessa sua colaboração, a amizade entre Luiz Gonzaga e os irmãos Almeida facilitou, sempre, a vinda do cantor a Caruaru, bem como outros artistas forrozeiros, que José Almeida contratava para as festas dos clubes sociais ou para os espaços públicos abertos, como foi o caso das festas de 1970.

Neste ano de 1970, a festa junina de Caruaru já estava praticamente consolidada e possuía, além dos seus elementos tradicionais (culinária, música, fogueira, fogos, etc), o incentivo das rádios, através dos concursos de ruas, o incentivo dos empresários e dos órgãos de educação, através dos concursos de quadrilhas, e o financiamento da Prefeitura e de empresas privadas para as apresentações artísticas nas ruas da cidade. Os clubes sociais, acostumados a fazer suas festas juninas desde tempos distantes, buscavam contratar atrações que cantassem/tocassem músicas juninas, fossem elas famosas ou anônimas. Passados quase dez anos desde a criação do primeiro concurso de quadrilhas, os festejos juninos de Caruaru chamavam a atenção das populações de outras cidades, atraindo turistas e artistas.



Figura 13: Rua 3 de Maio, anos 70: arraial junino organizado pelas irmãs Lira (Acervo pessoal da família Lira)

Das festas ocorridas nas ruas de Caruaru, incentivadas pelas rádios e pelos poderes públicos, já nos anos 1970, as que mais movimentavam a população eram as da rua 3 de Maio, no Centro, principalmente devido à forma como algumas moradoras encaravam a missão de fazer as festas. Inspiradas nas festas juninas dos anos 60, as “Irmãs Lira” – Adélia, Laurinda, Juraci, Odília, Eulina e Marinete – organizavam a rua coletando doações de empresários e moradores da vizinhança, o que as transformou em personalidades grandemente conhecidas na cidade: “A Rua 3 de Maio é a mais famosa e animada deste período, com típica decoração que transforma aquela artéria numa autêntica fazenda, com casarão e igrejinha”²⁴⁵. Os 400 metros de extensão da rua eram enfeitados com bandeirolas e balões, peças artesanais, réplica de uma fazenda, além das fogueiras nas vésperas e dias dos santos Antônio, João e Pedro, bem como palhoça e venda de comidas típicas. Fogos de artifício, apresentações artísticas completavam o cenário. A rua era inscrita nos “concursos de ruas melhor ornamentadas e mais animadas” organizados pelas rádios da cidade, sendo grande vencedora na maioria dos anos, havendo necessidade de se criar um “prêmio especial”, para que a mesma não concorresse com as outras ruas. As irmãs Lira lideraram as festas nessa rua entre 1972 e 1993.

Seguindo o exemplo desse logradouro, moradores de diversos outros bairros da cidade se empenhavam em enfeitar suas ruas e casas, mesmo que não fosse para concorrer ao prêmio: a grande intenção era participar das celebrações juninas²⁴⁶. Algumas outras ruas também se destacavam: São Roque, Av. Rio de Janeiro, Capitão Zezé, 27 de Janeiro, Av. Rui Barbosa. Esta última, inclusive, tornou-se, de meados dos anos 80 até 1995, o Pátio do Forró de Caruaru.

Algumas ruas, contudo, passaram a ser organizadas já com intenções econômicas: nelas, eram construídas as “palhoças” para as danças do forró, bem como a armação de barracas de bebidas e comidas que seriam comercializadas. A maioria dessas palhoças era de pequeno porte, mas, uma parte significativa delas foi pensada de forma empresarial, tornando-se espaços disputados para as danças de forró por habitantes de Caruaru e por turistas, destacando-se “Palhoção do Petrópolis”, “Beira-Rio”, “Palhoção do Vassoural”, “Palhoção da Rua Bahia” e “Clube dos 60”, algumas destas com capacidade para quatro mil pessoas. Sobre a primeira destas citadas, foi escrito:

²⁴⁵Jotta Lagos, Diário de Pernambuco, p. B-9, dia 21 de junho de 1980.

²⁴⁶Jornal Vanguarda, 12 de junho de 2010.

“Quem mandou brasa nesse São João foi o Bairro Petrópolis. A palhoça armada na Av. João de Barros esteve ideal para esse gênero de festas. Coberta de lona, ladeado por esteiras e palhas de coqueiro, piso de cimento, bandeiras e balões e acima de tudo um serviço de alto falante muito bom com sanfoneiro sabendo animar de fato.” (VANGUARDA, 4 de julho de 1971).

Essas palhoças traziam artistas forrozeiros de renome nacional: além de Luiz Gonzaga, destaque para Marinês, Pedro Sertanejo, José Calixto, Oswaldinho do Acordeon, Jackson do Pandeiro, os Três do Nordeste, dentre outros. Um dos empresários que investiu neste ramo foi o radialista João Luís, que organizou a “Casa do Forró”, nome novo para a antiga palhoça “Beira Rio”:

A Casa do Forró (Palhoção Beira Rio) ficava ali onde é o estacionamento da feira de artesanato, finzinho da Casa dos Pobres São Francisco de Assis. Ficamos por ali e tal, e trabalhamos ali três anos com Zé Lucia, ele nos arrendando pra que a gente fizesse o São João, dali tive a idéia de construir o Forrozão [...]. São João de verdade mesmo já tínhamos o do Marrone, o palhoção do Marrone [...]. Nós fizemos a Casa do Forró e então nós começamos a trazer os grandes nomes pra Caruaru, começamos com Elba, depois veio Fagner, depois veio Trio Nordestino e Luiz Gonzaga [...]. Depois, em 1984, inauguramos o Forrozão. (JOÃO LUÍS DO FORROZÃO, informação adquirida em entrevista).



Figura 14: Palhoção do Petrópolis, uma das primeiras casas de shows a explorar as festas no período junino caruaruense, na década de 1970. Tinha capacidade para quatro mil pessoas. (Acervo pessoal de Carlos Sá).

Na passagem dos anos 60 para os 70²⁴⁷, percebemos, pelas narrativas jornalísticas, mas também, pelas composições musicais, que o São João de Caruaru estava mudado, diferente do que era no início do decênio: as ruas eram transformadas em arraiais juninos, havia danças de coco de roda, quadrilhas, danças de roda, o forró era o ritmo junino por excelência, casamentos matutos, cirandas, bacamarteiros, apresentações de cantadores, repentistas, emboladores, barracas de comidas típicas, etc. Era a ação de uma população inteira. Festas em palhoças, palhoções, arraiais nas ruas. O turista passava a aparecer como visitante freqüente: jornais da capital do estado, por exemplo, noticiavam a vinda de recifenses para Caruaru. A mídia falada da cidade estava envolvida completamente. Além destas iniciativas das emissoras de rádio, em conjunto, outros meios de comunicação passaram a colaborar com divulgação através de reportagens e propagandas, tais como os jornais Vanguarda e A Defesa e as emissoras de TV Jornal e Tupi²⁴⁸, ambas da capital do estado. O comércio, através de seus órgãos representantes de classe, realizava promoções de marketing por parte das lojas (“Bônus Milionário”).

O cenário junino já estava formado em Caruaru. Porém, a consolidação da festa junina do município, como prática e como discurso, se deu nos anos 1970 e 1980 a partir de um dos elementos da festa junina: a sua música, o forró. Como citamos anteriormente, a relação de Caruaru com o forró tornou-se bastante próxima, sendo esta cidade proclamada como “Capital do Forró” e cidade do “Melhor e Maior São João do Mundo”. Traremos, agora, um pequeno percurso das músicas sobre Caruaru, entre os anos de 1950 e 1980. Percebe-se que, nos anos 50, as músicas não tratam da cidade como lugar de forró. À medida que se passam as décadas seguintes, contudo, o discurso de Caruaru como lugar de forró passa a ser repetido em centenas de composições, tornando a cidade uma das mais cantadas do país. Mesmo que outras cidades também realizem grandes festas juninas na atualidade, principalmente Campina Grande, Paraíba, a citação de Caruaru, nas músicas, como cidade junina, tornou-se uma forte criadora de imaginário.

²⁴⁷ Entre os anos de 1965 e 1968, as festas juninas não tiveram o mesmo destaque na mídia escrita que conseguiram entre 1962 e 1964, em parte pela falta de incentivos gerada pela crise econômica pela qual passava o país. Outro elemento que contribuiu para isto foi a ausência de uma política pública voltada para os festejos juninos. Algo mais efetivo, neste sentido, pode ser percebido no governo do prefeito Anastácio Rodrigues (1969-1973). De qualquer forma, é preciso afirmar que as práticas juninas continuavam a sofrer modificações na direção de um evento de rua, que será a grande característica dos anos 1970.

²⁴⁸ Diário de Pernambuco, 21 de junho de 1980, p. C-8.



Figura 15: Arraial na Rua 3 de Maio, no Centro, organizada pelas irmãs Lira. (Acervo pessoal da família Lira)



Figura 16: Troféus conquistados pelas irmãs Lira nos concursos de “rua melhor ornamentada” organizados pelas emissoras de Rádio e Prefeitura Municipal de Caruaru. (Foto: José Daniel da Silva)

3.3.3 “Forró em Caruaru”²⁴⁹: “É Por Isso Que Caruaru é a Capital do Forró”²⁵⁰

A música se constitui de um elemento bastante significativo para a compreensão das mudanças pelas quais estava passando a cidade de Caruaru, entre os anos 1960 a 1990, no que diz respeito aos festejos juninos. Caruaru passou a ter seu nome associado ao ciclo junino e ao forró, sendo esta mensagem levada a diversas regiões brasileiras, marcadamente o Nordeste e o eixo Rio-São Paulo, através de composições que afirmavam ser a cidade um espaço junino e de forró: a cidade era feita e era dita como tal. Assim, a música se constituiu de um “lugar”²⁵¹ privilegiado de propaganda e de construção desse imaginário sobre a cidade. Apesar de não serem, unicamente, músicas com temática junina, podemos observar o aumento gradativo de canções alusivas a Caruaru e ao binômio “Forró-São João” à medida que se passam as décadas de 1970 e 1980. Nos anos 1990, a cidade já era uma das mais cantadas do Brasil²⁵², sendo o forró o principal ritmo destas músicas. A primeira música sobre Caruaru foi um forró (baião) e este estilo era visto, nos anos 1950, como um dos ritmos “regionais” brasileiros representantes da tradição, do folclore, da cultura “autêntica” e “legítima” do Brasil (NAPOLITANO, 2002). Assim, desde o início de sua fama musical, Caruaru possuía músicas associando seu nome aos festejos do ciclo junino e ao ritmo “legítimo e autêntico” do forró. Emissoras do país inteiro veiculavam essa mensagem, principalmente as da cidade, através de seus programas diários e das suas caravanas no período junino. Essa construção

²⁴⁹ A expressão “forró” é utilizada como um espaço onde acontece uma festa (Ex.: “Forró de Mané Vito”) e, também, como um estilo musical que é composto por diversos ritmos: xote, xaxado, baião, arrasta-pé, etc. No sentido utilizado em nosso texto, Caruaru é um espaço onde ocorrem os festejos e se produzem músicas de forró. O título desta seção é inspirado no programa “Forró em Caruaru”, da Rádio Liberdade de Caruaru e na música de Jackson do Pandeiro.

²⁵⁰ Título de música do Trio Nordestino, composta por Jorge de Altinho e Lindú.

²⁵¹ Utilizamos a expressão “lugar” a partir de Certeau (1994; 2007), fundado por relações e estratégias de poder específicas, que sempre precede acriação de espaços (CERTEAU, 1994; 2007).

²⁵² Não existem números divulgados e precisos sobre a quantidade de músicas que cantavam Caruaru nos anos 1970 e 1980. Uma estimativa que interessa a esse objetivo pode ser encontrada num trabalho lançado em 1992: trata-se do LP “Caruaru que todos cantam”, produzido por Onildo Almeida, Rádio Cultura do Nordeste e Ed/Som Gravações, com financiamento da Fundação de Cultura, Turismo e Esportes da Prefeitura Municipal de Caruaru. No encarte desse trabalho, o radialista MacDowell Holanda afirma existirem “[...] mais de duzentas músicas que decantam ou fazem referência à nossa querida Caruaru [...]. Mais recentemente, no entanto, o caruaruense Emmanuel Leite afirmou existirem 1.020 músicas alusivas à cidade. Emmanuel Leite pesquisa esses dados há mais de quarenta anos e tem propósito de colocar Caruaru no “Guiness Book” como a cidade mais cantada do mundo. Para isto, possui, em caixas lacradas, aproximadamente 1.100 discos (entre CDs e LPs). Sua pesquisa dará como resultado, ainda esse ano, o lançamento de um livro denominado “Caruaru: a cidade mais cantada do planeta – 1.020 músicas (recorde mundial)”, de sua autoria. (VANGUARDA, 22/05/2010, caderno 2, p. 1). Dessas músicas todas, no entanto, as mais conhecidas são as que associam a cidade ao forró e ao período junino.

torna-se mais perceptível a partir dos anos 1970, mas, já nas décadas anteriores, a cidade começava a ser cantada, o que ajudou a criar um imaginário sobre a mesma.

Entre 1951 e 1965, Caruaru veio a ter três emissoras de rádio: Difusora, Cultura e Liberdade²⁵³. A partir dessas emissoras, Caruaru passou a receber e enviar músicas para diversas regiões. As músicas em sua homenagem passaram a repercutir positivamente na construção da sua imagem de cidade cultural e líder do interior de Pernambuco. E, como ritmo musical de maior sucesso do período, a música de Luiz Gonzaga e de seus seguidores também buscava homenagear Caruaru.

Forrós que fizeram sucesso em Caruaru e outras regiões, de artistas famosos ou não, eram tocados à exaustão durante o período junino, mas, também, durante o restante do ano, nos vários programas de forró nas rádios caruaruenses. Artistas que queriam o sucesso tinham que se apresentar no São João de Caruaru ou divulgar seus discos nos programas diários de Ivan Bulhões, Lídio Cavalcanti ou dos irmãos Almeida. Mandadas para todo o Nordeste, as músicas de forró sobre Caruaru eram uma mensagem aos caruaruenses e aos ouvintes de outras cidades de que a melhor, maior ou mais bonita festa de São João estava em Caruaru²⁵⁴. Entre os anos 1940 e 1970, já havia várias composições falando da cidade. Mas, nos anos 1970 e 1980, a produção aumentou consideravelmente, chegando, nos dias atuais, a mais de mil composições.

A primeira canção de que se tem notícia falando de Caruaru é “*Sacudindo Flores*”, marchinha carnavalesca sem autoria identificada, cantada no Carnaval do início do século XX²⁵⁵. Além das várias canções que existiam sobre Caruaru, compostas pelos habitantes da cidade e região, geralmente repentistas ou seresteiros, a partir dos anos 1950, começaram a surgir músicas²⁵⁶ sobre a cidade, cantadas por artistas que possuíam maior divulgação (local e nacional), impulsionadas pela popularização das emissoras de rádio e da presença de aparelhos receptores em boa parte das residências. Como música de destaque do período²⁵⁷, o

²⁵³ Em 1951, surgiu a Rádio Difusora de Caruaru, pertencente ao grupo ligado ao Jornal do Comércio de Pernambuco, que já possuía sua emissora no Recife desde 1948 e outras cidades do interior (Garanhuns, Limoeiro, Pesqueira); em 1958, foi fundada a Rádio Cultura do Nordeste e em 1965 a Rádio Liberdade de Caruaru (SANTANA, 2009).

²⁵⁴ Nessa mesma época, entre as décadas de 1970 e 1980, surgiu a “disputa” de quem faria a melhor ou maior festa junina entre “Caruaru” e “Campina Grande-PB” (LIMA, 2002)

²⁵⁵ Citada na revista “Caruaru Hoje”, p. 07, ano 9, nº 52, 2009.

²⁵⁶ Uma dessas músicas foi “*Salve Caruaru*”, composta por Jaime Mendonça e cantada por Paulo Tito, em programas de auditório no Recife. Essa informação foi transmitida por e-mail pelo radialista José Torres.

²⁵⁷ “*Caruaru*” trata-se de um baião gravado em 1953 por Cauby Peixoto, sendo gravado, depois disto, em 1958, por Dalva de Oliveira. O sucesso do ritmo “baião” fazia com que o mesmo fosse gravado por “nordestinos” e

“baião gonzagueano” fazia sucesso pelo país inteiro e compô-lo tornou-se prática frequente na passagem da década de 1940 à seguinte e, nesta esteira, surgiu “*Caruaru*”²⁵⁸, baião composto por Belmiro Barrella, primeira música sobre esta cidade a ter repercussão nacional, devido aos seus famosos intérpretes:

CARUARU

Foi num belo dia de verão Que eu perdi meu coração
 Foi numa cidade do sertão Que guardo na recordação
 Caruaru, caruaru A princesinha do Norte és tu.

Em 1955, mais duas músicas de repercussão nacional²⁵⁹, dois forrós, citando a cidade, foram gravados: “*Forró em Caruaru*”, de Zé Dantas e “*Forró do Zé Tatu*”, de Zé Ramos e Jorge de Castro, cantadas por Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga, respectivamente. A música de Luiz Gonzaga, inclusive, é uma “resposta” à gravada pelo paraibano Jackson do Pandeiro, tendo este, depois, feito sua tréplica²⁶⁰:

FORRÓ EM CARUARU (cantada por Jackson do Pandeiro)

No forró de Sá Joaninha

Em Caruarú
 Cumpade Mané Bento
 Só fartava tu
 Eu nunca vi meu cumpade
 Forgansa tão boa
 tão cheia de brinquedo,
 de animação
 Bebendo na função

artistas de outras regiões: “Em suas gravações iniciais, Cauby [Peixoto] chegou a tentar emplacar com baião [...]. Afinal de contas, mesmo cantores que não eram do Nordeste estavam incluindo baiões em seus discos, como Dalva de Oliveira (“Kalu”) e Emilinha Borba (“Paraíba”)” (FAOUR, 2001, p. 55). Outros baiões também foram gravados nesse começo de década: “Vai meu baião” (Nelson Gonçalves e Denis Brean), gravado por Nelson Gonçalves; Isaura Garcia gravou “Baião no Braz” (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira); “Quando eu era pequenino” (Francisco Alves e David Nasser), gravado por Carlos Galhardo (TELES, 2008).

²⁵⁸ Ainda hoje é usada como vinheta na programação diária da Rádio Cultura do Nordeste.

²⁵⁹ No “Documento Ilustrado do Primeiro Centenário da Cidade de Caruaru – 1857-1957”, há um pequeno texto intitulado “Caruaru e a Música Brasileira” no qual se relatam três músicas que maior sucesso tiveram e, portanto, maior divulgação da cidade, à época, causaram: “Forró em Caruaru”, Forró de Zé Tatu” e “Feira de Caruaru”.

²⁶⁰ Em 1970, Jackson do Pandeiro ainda gravou a tréplica “Festa do Arraiá” (composição de Jackson do Pandeiro e Noca): “Hoje tem festa no Arraiá / Compadre Mané Bento / Não vou lá, / Você se lembra de Caruaru / Quando o pau comeu / Naquele grande sururu / É, por causa disto eu não vou lá [...]”

Nós dansemo sem pará
 Num galope de matá
 Mas arta madrugada
 Pro mode uma danada
 Que vei de Tacaratú
 Matemo dois sordado
 Quato cabo e um sargento
 Cumpade Mané Bento
 Só fartava tu

Meu irmão Jisuino
 Grudô numa nega
 Chamego dum sujeito
 Valente e brigão
 Eu vi qui a confusão
 Não tardava cumeçá
 Pois o cabra de punhá
 Cum cara de assassino
 Partiu práJisuino
 Estava feito o sururú
 Matemo dois sordado
 Quato cabo e um sargento
 Cumpade Mané Bento
 Só fartava tu

Ao Dotô Delegado
 Que é veio e trombudo
 Eu diche que naquela
 grande confusão
 Só hove uns arranhão
 Mas o cabra morredô
 Nesse tempo de calô
 Tem a carne reimosa
 O véizombô da prosa
 Fugi do Caruarú
 Matemo dois sordado
 Quato cabo e um sargento
 Cumpademané Bento
 Só fartava tu

FORRÓ DE ZÉ TATU

(cantada por Luiz Gonzaga)

(Matemo dois sordado,
 Quatro cabo e um sargento!
 - Danou-se! Mas, rapaz,
 tu queres acabar com a polícia
 de Pernambuco?)

Tu andas te gabando
 Que matasse dois sordado,
 Quatro cabo e um sargento
 Em Caruaru.
 Mas eu me alembro bem
 No Forró de Zé Tatu
 Quando o pau comeu
 Só quem correu foi tu
 Eu também sou de Caruaru
 Te conheço pra chuchu,
 Tu não és de brigar
 Esse negócio de matar quatro sargentos
 Compadre eu não agüento
 Venha devagar
 Largue esta mania de ser valentão
 Que até de cinturão eu vi tu apanhar
 Naquela pisa que Mané te deu
 Se não fosse eu tu ia te acabar.

Ambas associam “Caruaru” a “Forró”, tendo essa expressão, neste sentido, uma conotação de lugar ou festa, até mesmo porque ainda não havia os festejos juninos que tornariam a cidade famosa. Outras expressões também eram utilizadas, nas músicas, com o mesmo significado de lugar de festa tais como “pagode” e “samba”²⁶¹. Depois dessas músicas, uma delas teve maior sucesso e repercussão, lançando o nome da cidade para todo o país, dando-lhe maior visibilidade: trata-se de “A Feira de Caruaru”, de Onildo Almeida, gravada em 1957 por Luiz Gonzaga²⁶². No mesmo ano de 1957, com as comemorações do centenário

²⁶¹ “Hoje eu sonhei que estava em Moscou, dançando o pagode russo na boate Cossaco” (“Pagode Russo”, Luiz Gonzaga); “Carolina foi pro samba, Carolina, pra dançar o xenhenhém” (“O Cheiro da Carolina”, Luiz Gonzaga).

²⁶² A música já havia sido gravada pelo próprio Onildo Almeida, mas, com Gonzaga, tornou-se uma das bandeiras de divulgação caruaruense. Mesmo não sendo uma música que liga Caruaru a Forró enquanto ritmo, era uma música gravada pelo “rei do baião”, se tornando uma das músicas mais conhecidas sobre a cidade. Seus versos narram a feira livre que funcionava nos arredores da Capela da Conceição, no Centro da cidade (letra em

de Caruaru, Luiz Gonzaga também gravou “*Capital do Agreste – Caruaru*”, de Onildo Almeida e Nelson Barbalho. Nessa, Caruaru era narrada como a cidade-líder do interior pernambucano, cidade de progresso e de empreendimentos (letra em anexo). Mesmo assim, como não havia uma festa junina da cidade, não havia músicas fazendo esta relação “*Caruaru X Forró X São João*”. Isto somente começou a ocorrer nos anos 60, quando os concursos de ruas e quadrilhas foram organizados, bem como com a relação de Luiz Gonzaga e outros artistas forrozeiros com Caruaru.

Luiz Gonzaga²⁶³ passou a ser presença constante em Caruaru, por causa da diminuição do sucesso do baião no Sudeste do país, inclusive em períodos não relacionados com o ciclo junino (no qual sua música era mais consumida) como no caso da “Festa do Comércio” de 1957 e 1961, nesta última supervisionando a apresentação de cantores e comediantes do rádio e da televisão. Em 1962, gravou mais uma música falando de Caruaru: “*O Sanfoneiro Zé Tatu*”, composição de Onildo Almeida. Caruaru era, dessa maneira, promovida pelo principal artista de forró de todos os tempos e maior sucesso musical nordestino. Estas músicas tornavam Caruaru conhecida nacionalmente, porém, ainda não como a cidade que fazia festejos juninos, mas, sim, como uma “cidade essencialmente pitoresca”, cidade da feira e de Vitalino²⁶⁴.

Na década de 1960, a relação de Luiz Gonzaga com Caruaru foi tornando-se mais próxima, o que favorecia a divulgação cultural da cidade. O sanfoneiro estava perdendo espaço na mídia e nas vendagens de discos nas capitais²⁶⁵. Gonzaga, então, passou a fazer a maioria de suas apresentações pelos interiores do Nordeste. Em vários momentos, ele pensou em encerrar a carreira, mas, mesmo com este ostracismo, manteve-se como “Rei do Baião” pelo Nordeste, em divulgação de seus vários trabalhos. E, neste momento, Caruaru passou a ocupar um lugar central na sua carreira: nessa cidade, ele encontrava espaço artístico, grande receptividade dos fãs e divulgação para as suas músicas, através das três emissoras de rádio. Gonzaga retribuía divulgando Caruaru por onde fazia apresentações musicais. Outros artistas

anexo). Segundo Onildo Almeida, compositor da canção, “a música hoje tem mais de cem gravações, em 43 países. Já fizeram em ritmo de rumba, dobrado, [...].” (Onildo Almeida em entrevista a José Teles, em 2008, disponível no portal “Nordeste Web”)

²⁶³ As informações sobre Luiz Gonzaga foram pesquisadas em Silva (1997), Oliveira (2000), Chianca (2006), Echeverria (2006), Teles (2008).

²⁶⁴ Ver “Documento Ilustrado do Primeiro Centenário da Cidade de Caruaru” (1957, p. 6).

²⁶⁵ O “baião” estava sofrendo a concorrência de novos ritmos/estilos musicais: primeiro a “Bossa Nova” e, depois, a “Jovem Guarda”. Outro elemento a ser citado para a diminuição de seu sucesso era o fato de Luiz Gonzaga, com posturas políticas de direita, ser mal visto pela “esquerda”, em pleno regime ditatorial militar. (ECHEVERRIA, 2006; SÁ, 1986; BARBOSA, 2007; OLIVEIRA, 2000).

de forró também passaram a seguir os caminhos de Gonzaga e compuseram/cantaram músicas tratando de Caruaru.

Essa maior aproximação de Luiz Gonzaga com a cidade deu-se, também, num momento bastante significativo: nessa década de 1960, começavam a ser delineados, em Caruaru, os festejos juninos destacados pela mídia e construídos pela população, cujo ritmo musical que estava se tornando característico era o propagado por Gonzaga. É a partir desse momento que se passa a construir uma associação mais forte entre festas de “São João” e “Caruaru”. Devido a essa relação entre Luiz Gonzaga e Caruaru, de benefícios recíprocos, em 1969, o vereador José Florêncio de Souza enviou à Câmara Municipal caruaruense um projeto para concessão do título de “Cidadão de Caruaru” ao sanfoneiro. O argumento utilizado pelo edil foi o de que o mesmo havia prestado “relevantes serviços [...] à capital do agreste, pelo artista sertanejo, tendo em vista a divulgação das músicas que vêm contribuindo para a projeção de Caruaru no território nacional” (VANGUARDA, 22 de julho de 1969). A entrega do título somente se deu em 1º de julho de 1972, ocasião na qual já estava composta a música “Cidadão de Caruaru”, mais uma homenagem ao município, gravada por Luiz Gonzaga, apenas, em 1973²⁶⁶:

CIDADÃO DE CARUARU

Caruaru, obrigado Caruaru
Se tou no Norte, se tou no Sul
Nunca me esqueço de Caruaru

Sou pernambucano
Do sertão, cabra da peste
Já cantei por todo agreste
Fiz o mundo baionar
Mas quando canto
No recanto deste canto
O meu canto é quase um pranto
Dá vontade de ficar
Me dá lembranças
Das andanças e das danças
Que brincar por estas bandas
A saudade é de matar

Eu voltei pra ver Caruaru
Essa terra da gente
É gente da gente

²⁶⁶ LP “Luiz Gonzaga”, 1973, Odeon. A música “Cidadão de Caruaru” era de JanduhyFinizola e Onildo Almeida.

Isso tudo é o país de Caruaru
Eu voltei pra ver Caruaru

Prá cum povo ser também povo
Ser cidadão de Caruaru

Sobre Luiz Gonzaga, há, ainda, mais um elemento a ser indicado: o seu afastamento da grande mídia escrita e falada de abrangência nacional teve fim na passagem dos anos 60 aos 70, com duas ajudas substanciais. A primeira foi de Carlos Imperial, apresentador de programas de rádio e TV, que afirmou que os Beatles gravariam “Asa Branca”. A outra foi dos mentores do Movimento Tropicalista: na época, grande importância intelectual foi dada à dupla Caetano Veloso²⁶⁷ e Gilberto Gil e os mesmos colocavam Luiz Gonzaga como uma de suas grandes influências. Graças a isto, Luiz Gonzaga pode, no início dos anos 1970, voltar ao cenário musical das capitais brasileiras, principalmente, Rio de Janeiro e São Paulo, como pode ser verificado, por exemplo, em duas temporadas de shows: a primeira no Teatro Thereza Raquel e a segunda no “Projeto Seis e Meia”, dos quais saíram dois LPs. No primeiro, grande destaque é dado, por Luiz Gonzaga, à música “Feira de Caruaru”, que recebe, além dos versos comuns, uma narrativa de outros elementos da feira, tais como um diálogo entre uma turista e o Mestre Vitalino e outra com o “Dr. Raiz”, um feirante que negociava com plantas e outros produtos medicinais naturais. Assim, esse “retorno” de Gonzaga à mídia possibilitou, também, grande divulgação para Caruaru que, na década de 1970²⁶⁸, já estava com suas festas juninas de rua em fase de consolidação, sendo o “Velho Lua” presença constante nestas festas de clubes, casas de shows ou em espaços públicos abertos na cidade de Caruaru.

Juntamente com Luiz Gonzaga, outros cantores de forró de sucesso nacional ou nordestino tinham participações permanentes nos eventos caruaruenses, bem como na composição e divulgação de músicas sobre o município: Marinês (“Carne de Sol” e “Feira de Caruaru nº 2”), Abdias dos 8 Baixos, Jackson do Pandeiro (“Forró em Caruaru” e “Festa no Arraiá”), Coronel Ludugero²⁶⁹, Trio Nordestino, Genival Lacerda, Jacinto Silva, dentre

²⁶⁷ Caetano Veloso gravou “Asa Branca” (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira) no seu LP “Caetano Veloso”, pela gravadora Philips, em 1971. Outro informação: na música “Bicho vou eu voltar”, Luiz Gonzaga canta sobre esta situação.

²⁶⁸ Essa década, para Caruaru, é de grande divulgação cultural: a Revista Veja, como exemplo, coloca a cidade, juntamente com Recife e Olinda, como membro da “Trindade [cultural] Pernambucana”. Noutro caso, o escritor Olímpio Bonald Neto, em reportagem na revista Veja, afirma que ir a Caruaru seria o mesmo que ir a Paris, pelo significado cultural que a primeira estava tomando. Dentre os elementos mais destacados de Caruaru estavam a Banda de Pífanos de Caruaru, a obra do Mestre Vitalino e seus seguidores, a Feira de Caruaru e o escritor José Condé.

²⁶⁹ O Coronel Ludugero (Luiz Jacinto) era caruaruense e funcionário da Empresa de Correios e Telégrafos, agência de Caruaru. Tornou-se humorista e cantor de forró, tendo destacada contribuição para a divulgação do

outros. Jacinto Silva, inclusive, que morava no Rio e São Paulo, mudou-se para Caruaru nos anos 1970 e passou a ter diversas de suas composições falando da cidade ou narrando suas festas²⁷⁰, além de ser uma das figuras mais presentes na caravana de Ivan Bulhões, apresentando-se na Rádio Difusora.

As festas juninas de Caruaru ainda não eram tão destacadas fora da região Agreste de Pernambuco, mas, já se constituíam de um grande espaço para atuação artística. Por isso, além dos cantores já citados, diversos artistas de forró menos conhecidos²⁷¹ tratavam de buscar um espaço na cidade, pois, além de apresentações nos períodos juninos, seria possível fazer divulgação de seus trabalhos nas três rádios AM, durante o restante do ano, abrindo espaços em outras cidades e estados. E, para “abrir espaços” em Caruaru, uma estratégia sempre válida era compor e cantar músicas sobre esse lugar.

A partir dos anos 1970, então, a relação de Caruaru com o forró aumentou consideravelmente, não apenas em número, mas, também, em divulgação. Nos programas de forró apresentados nas rádios caruaruenses, crescia, gradativamente, o número de forrozeiros que ambicionavam que passaram a ocupar um espaço artístico, fossem eles da cidade ou de outras regiões, tendo, a partir das rádios de Caruaru, abertura nas emissoras de outras cidades²⁷². Além disto, compositores caruaruenses ou radicados na cidade tornavam-se figuras solicitadas no meio artístico ligado ao forró: além de Onildo Almeida, Juarez Santiago e JanduhyFinizola, num primeiro momento, Petrúcio Amorim e Jorge de Altinho, num segundo, produziram uma grande quantidade de forrós, gravados por nomes de sucesso na época, tais como o Trio Nordestino, os Três do Nordeste, Bandinha do Camarão, Francisco Azulão, Walmir Silva e Jacinto Silva, bem como Luiz Gonzaga²⁷³. Esses artistas, que, em muitos casos, moravam no Rio de Janeiro ou São Paulo, recorriam aos caruaruenses citados para suas composições.

nome da cidade. Nos seus LPs, tanto cantava quanto fazia textos de humor, aos moldes das apresentações de humor em rádios e auditórios. Neles, o cenário de muitos enredos se dava em Caruaru. Faleceu, num acidente de avião, em 14 de março de 1970.

²⁷⁰ “Só no Arraiá” (Jacinto Silva), “Sanfoneiro Contratado” (Jacinto Silva) e “Caruaru minha terra” (compositor não identificado), todas nos anos 1970.

²⁷¹ Alguns exemplos: Walmir Silva, Francisco Azulão, Bäu dos 8 Baixos, Heleno dos 8 Baixos, Elifas Júnior, Ezequias Rodrigues, Lulica dos Palmares, Savinho do Acordeon, Bode Preto, entre outros.

²⁷² Diversos comunicadores faziam programas de forró nas capitais nordestinas e tinham contato direto com os radialistas de Caruaru. Citamos Ivan Ferraz, Ubiracy Lira, Elias Lourenço, Clemilda, Josa Vaqueiro, etc. (Citados em entrevista por Ivan Bulhões). Além disto, havia os comunicadores das rádios com “programação nordestina” no Sudeste do País.

²⁷³ Alguns exemplos de músicas tratando de Caruaru na década de 1970: “O Trem” (poema de Luiz Queiroga); “Feira de Caruaru nº 2” (Onildo Almeida) e “Carne de Sol” (Onildo Almeida), cantadas por Marinês; “São João, amor e palhoça” (Francisco Azulão/Genésio Guedes), cantada por Azulão; “Caruaru minha terra” (Juarez Santiago/Adolfo da Modinha), cantada por Jacinto Silva; “Caruaru em festa” (Cezar);

Assim, ano a ano, entre o que era feito como festa (mídia, população, poderes públicos) e o que era dito sobre a mesma (músicas e mídia), os eventos juninos caruaruenses consolidavam-se. Surgiam palhoças em diversas ruas. As quadrilhas eram organizadas em bairros, escolas, clubes. As rádios continuavam a promover as festas juninas durante o mês inteiro. Músicas sobre as festas juninas de Caruaru eram criadas para narrar a alegria presente na cidade. Turistas vinham do Recife e outras cidades²⁷⁴ para ver e viver o São João do interior. A festa junina era uma festa de uma cidade inteira. Numa nota na coluna “Sociais” do Jornal Vanguarda, a colaboradora Françoise, pseudônimo da professora Gladys Cardin, escreveu:

NOSSAS FESTAS JUNINAS

Cada ano que passa, sentimos a valorização do folclore apresentado nas festas dos santos Antônio, João e Pedro, que pudemos apontar como uma das suas principais manifestações. De onde saiu tanta gente em Caruaru? Perguntamos nós. Só vendo para se ter uma idéia de como se processaram as danças em nossos clubes sociais, palhoças e até na sede privada do Rotary, onde a animação foi total. A paisagem urbanística da cidade metamorfoseou-se. Praças e ruas de aspecto naturalmente tranquilo, de um dia para outro sorriam de contentamento através das palmas de coqueiro, as bandeirinhas tremulantes, os milhos despidos de palha recebendo o calor dos fogareiros de carvão. E onde se pode colocar uma fogueirinha, ela era erguida e, ao seu redor (em muitas), presenciamos as adivinhações com bacias dágua, brincadeiras de comadre e compadre, madrinhas e padrinhos surgindo espontaneamente numa evocação ao passado. Apesar da restrição ao uso dos fogos, as noites juninas continuaram com o seu sabor lendário, repassada de uma beleza envolvente e aconchegante. As nossas emissoras, Rádio Difusora, Cultura e Liberdade, muito contribuíram para a animação com rimos musicais característicos, estimulando o forró, o coco, a ciranda, e, notadamente, a quadrilha, marco principal dessas festas. (VANGUARDA, 4/7/1976)

Esta movimentação popular e consequente atração turística fizeram com que, na metade da década, as festas juninas da cidade passassem a constar no calendário turístico da EMPETUR²⁷⁵. Em 1978, com auxílio da Empetur, foi criado o “Dia do Bacamarteiro” (24 de junho) e publicado um informativo turístico de Caruaru, custeado pela Fundação de Cultura de Caruaru, divulgando seu Carnaval, Festas Juninas e Festa do Comércio²⁷⁶.

²⁷⁴ Com o título “Festejos juninos aumentam turismo”, o Vanguarda publicou a seguinte notícia: “Festejos juninos de Caruaru foram, este ano, os maiores do Estado, segundo pesquisas efetuadas por entidades competentes, prevalecendo a maior taxa de visitantes aqui, tanto do Recife, Grande Recife e cidades circunvizinhas, estabelecendo uma população flutuante nesse período de mais de 20 mil pessoas de fora [...].” (VANGUARDA, 1º de julho de 1979, p. 1)

²⁷⁵ “EMPETUR lança campanha ‘Vamos festejar juntos’, incluindo no seu roteiro turístico Caruaru, Pesqueira e Belo Jardim. A EMPETUR ajuda na promoção do concurso de rua melhor ornamentada, bem como no concurso de melhor sanfoneiro da região [em Caruaru]”. (Vanguarda, junho de 1976).

²⁷⁶ Informação adquirida em Carmo (2078)

É importante salientar que não apenas Caruaru fazia suas festas juninas nessa época, posto que esta era uma prática tradicional no Nordeste inteiro. Diversas outras cidades pernambucanas, nos anos 1970, eram narradas, nos jornais, como realizadoras de festas de São João, desde a capital, Recife, maior concentração populacional urbana do estado, até o interior. No Recife, a programação junina se dava, principalmente, na Praça da Torre, no Sítio da Trindade, no Pátio de São Pedro e Praça de Boa Viagem²⁷⁷. Nesses lugares, ocorriam apresentações e concursos de quadrilhas, cirandas²⁷⁸, coco-de-roda, etc. O Clube Português, no Recife, se proclamava como “Maior São João do Brasil”, por causa da sua defesa das “tradições juninas”, mistura das culturas portuguesa e brasileira²⁷⁹. O “Diário de Pernambuco”, por sua vez, reivindicava para o Recife, em 23 de junho de 1980, o título de “o melhor São João de Pernambuco”.

Contudo, apesar das comemorações na capital, as festas juninas eram vistas como festas interioranas²⁸⁰. Em 1975, por exemplo, cerca de 20 mil recifenses, nativos ou habitantes da região metropolitana nascidos em outras cidades, migraram para cidades do interior, em busca de festas juninas “autênticas”: numa reportagem, a festa junina recifense era tratada como “festa junina descaracterizada”, colocando o interior, em especial Caruaru, como um exemplo que deveria ser seguido:

“[...] Pelo que se sabe, a cidade [de Caruaru] inteira virou festa, engalanada a caráter, nas ruas, nos trajes dos sanfoneiros e na representação de práticas sociais de outros tempos, temperadas pela imaginação contemporânea [...]” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 27 de junho de 1977).

Das outras cidades narradas, podemos perceber que havia comemorações em Pernambuco inteiro. Os jornais pesquisados²⁸¹ mostram as festividades em diversas cidades do interior e da região metropolitana: Palmares, Gravatá, Limoeiro, Macaparana, Cabo, Vitória, Moreno, Jaboatão, Arcoverde, Goiana, São Lourenço, Bom Conselho, Surubim, Amaragi, Paulista, Catende, etc, também eram “cidades juninas”. Nas cidades citadas, as festas se davam com quadrilhas, danças, casamento matuto, comidas típicas, ruas enfeitadas com bandeirolas e balões, fogueiras e fogos de artifício, etc. Em diversas edições, inclusive, a

²⁷⁷ M. Nascimento (2005) indica que Manoel Salustiano, o “Mestre Salu” brincava no Pátio de São Pedro e no Sítio da Trindade na segunda metade dos anos 1970.

²⁷⁸ Sobre a Ciranda no Recife, uma pesquisadora afirma: “Seguindo a trilha da ascendência da Ciranda nas festas pernambucanas, nos deparamos com junho de 1969: os jornais da época enfatizam que a Ciranda tornou-se o ritmo predileto dos festejos juninos (T. VICENTE, 2008, p. 81).

²⁷⁹ Diário de Pernambuco, 22 de junho de 1980.

²⁸⁰ No Jornal do Comércio do dia 24 de junho de 1977, afirma-se que 45 mil pessoas foram ao Terminal Rodoviário de Santa Rita, no Recife, chegando e, principalmente, saindo da cidade, para os festejos juninos.

²⁸¹ Na Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco, no Recife, pesquisamos todos os exemplares dos mês de junho dos anos de 1975 a 1980 do “Diário de Pernambuco” e do “Jornal do Comércio”.

cidade de Garanhuns era narrada com muito mais detalhes que qualquer outra do interior, fazendo-nos questionar tanto o porque de suas festas juninas não terem ficado mais famosas em anos anteriores, quanto a ausência de uma maior narrativa sobre Caruaru, na qual a festa de rua já estava consolidada. Percebemos, então, que as práticas de celebração junina dessas cidades eram as mesmas formas de festejos de Caruaru. Sendo assim, o que essa cidade teria, então, diferente das outras, para que sua festa junina fosse destacada? O que havia em Caruaru, para que lá se formasse um conjunto de festas juninas que passou a ser noticiado e proclamado como dos melhores, tornando-se, nos anos 1980, a festa-espetáculo que se conhece atualmente?

A resposta está na união de diversos elementos: organização popular de um evento já arraigado e tradicional: o povo festejava São João desde muito tempo, inclusive os novos moradores da zona urbana advindos dos sítios ou de outras cidades; ação dos poderes públicos (órgãos de educação, turismo e administração); ação dos empresários (promoções, marketing, patrocínio); ação das emissoras (caravanas organizadas pelos comunicadores, promoções e concursos nas ruas da cidade, veiculação da mensagem que relacionava Caruaru com festas juninas e forró); e a música. Nenhuma outra cidade teve este conjunto de elementos. Campina Grande, com sua importante e famosa festa junina, não era tão mostrada nas músicas quanto Caruaru.

E, no final da década de 1980, uma música em especial veio coroar a cidade como espaço junino:

CAPITAL DO FORRÓ

(Jorge de Altinho e Lindú)

Quem nunca foi já ouviu falar

Se você for vai gostar

Quem já foi volta sempre lá
Pra dançar forró no arraiá

Trinta dias antes do São João
As ruas já estão enfeitadas
Já tem milho verde na feira
A terra é de brejo é molhada
O velho carrega o bacamarte
O menino conserta a ronqueira
A moça faz um vestido novo
A velha atiça a fogueira
As rádios de lá saem pelas ruas
Não deixam o baião um minuto só

É por isso que Caruaru, é a capital do forró
 É a capital do forró, é a capital do forró
 É por isso que Caruaru, é a capital do forró
 É a capital do forró, é a capital do forró
 É por isso que Caruaru, é a capital do forró

Bonito pra você ver é na noite de São João
 Quem vem pra Caruaru, de longe vê o clarão
 O céu fica colorido, de tantos foguetes e balões
 Se você quiser dançar forró
 Lá tem pra mais de quinze palhoções
 A dança termina de manhã
 Bigode dá nó em cocó

É por isso que Caruaru, é a capital do forró
 É a capital do forró, é a capital do forró
 É por isso que Caruaru, é a capital do forró
 É a capital do forró, é a capital do forró
 É por isso que Caruaru, é a capital do forró

Nenhuma outra música teve mensagem tão forte quanto esta na associação do nome “Caruaru” com os festejos do ciclo junino: atualmente, por exemplo, no prédio do Espaço Cultural Tancredo Neves, que fica ao lado do Pátio de Eventos Luiz Lua Gonzaga encontra-se escrito com letreiro luminoso: “Caruaru – Capital do Forró”. Essa música foi gravada, em 1980, pelo Trio Nordestino que era composto por Lindú(Lindolfo Mendes Barbosa), Cobrinha (José Pedro Cerqueira) e Coroné (Evaldo dos Santos Lima). Eles faziam, à época, parte do seletivo grupo de artistas-forrozeiros de maior preferência popular, juntamente com Luiz Gonzaga, Marinêz e Jackson do Pandeiro. Formado em 1959, o trio contava com diversos sucessos na carreira, que foi celebrada, em 1980, com o LP “Corte o Bolo”²⁸², de grande vendagem, no qual foi gravada esta música que melhor agiu como divulgadora do São João Caruaruense da época. Já em junho de 1980, os jornais utilizavam essa expressão para aludir a Caruaru: a manchete de capa de uma edição do principal semanário da cidade, por exemplo, trazia: “A partir de hoje, Caruaru será a ‘Capital do Forró’”²⁸³. Noutro jornal, nas colunas sociais dedicadas às cidades do interior, diante de tantos anúncios de festas juninas, estava o título de matéria “Caruaru, a Capital do Forró”, que trazia no começo do texto: “A partir deste sábado, Caruaru é a ‘Capital do Forró’, com festas nas ruas, clubes e palhoças, com grande

²⁸² “Corte o Bolo”, Trio Nordestino, Copacabana, 1980. Vale salientar que, além do sucesso do Trio Nordestino, pela sua carreira artística, esse LP, em especial, também emplacou vários sucessos, numa época em que as gravadoras estavam investindo no forró como uma música com grandes possibilidades econômicas (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, “Forró, a arma nordestina contra as discotecas”, Caderno Viver, 19 de junho de 1980, p. 1).

²⁸³ Vanguarda, 22 de junho de 1980, p. 1.

animação”, repetindo a expressão “capital do forró” nas suas “*Telenotícias*”²⁸⁴. Bastante veiculada ainda nos dias atuais, a música do Trio Nordestino tornou-se um ícone sonoro da cidade de Caruaru.

Observando sua letra, podemos perceber que, mais que nas outras músicas já citadas, tais como “Forró em Caruaru”, “Forró de Zé Tatu”, “Sanfoneiro Zé Tatu”, etc, e noutras que seriam gravadas depois, a ênfase da cidade como lugar de forró (no sentido de grande festa junina) é percebida em vários dos versos, com um refrão de mensagem e memorização fáceis. Outras músicas surgiram na década de 1980²⁸⁵, também de artistas famosos, mas, com essa do Trio Nordestino, estava massificada e gravada a ideia de Caruaru como cidade junina. Para a própria cidade já existiam outros codinomes utilizados pelos próprios habitantes, tais como “Princesa do Sertão”, “Princesa do Agreste”, “Terra dos Avelozes Esmeraldinos”, “Capital do Agreste”²⁸⁶, “Cidade-Luz”²⁸⁷, etc. Nenhuma dessas expressões, contudo, ultrapassou fronteiras regionais, estaduais e nacionais e tornou-se tão forte como a expressão “Capital do Forró”. Abaixo, como exemplo, segunda capa interna do CD “Caruaru – Capital do Forró”, gravado em 1995²⁸⁸, em Paris, na França:

²⁸⁴ Jotta Lagos, correspondente do Diário de Pernambuco, 21 de junho de 1980, página B-9 e C-8.

²⁸⁵ A supracitada pesquisa de Emmanuel Leite, preparada para lançamento em 2010, se constituirá de uma fonte consistente desta afirmativa.

²⁸⁶ Expressões popularizadas a partir dos textos de Nelson Barbalho em livros e jornais, muito utilizadas entre os anos 50 e 70 (SANTOS, 2006).

²⁸⁷ Conferir a canção “Night Clube” (Geraldo Amaral e Carlos Fernando) in: “Crônicas Musicais de Caruaru”.

²⁸⁸ Produzido e comercializado apenas na França pela Toukouleur do Brasil, em Nancy, França. Este CD é fruto de uma turnê realizada em 1995 por Jacinto Silva, banda de pífanos “Dois Irmãos de Caruarú” e músicos acompanhantes: Caxiado (acordeon), Sebastião Feliciano, José Feliciano, José Araújo, Manuel Antônio, Aragão e Abdias Campos.



Figura 17: segunda capa interna do CD “Caruaru – Capital do Forró” (Paris, França, 1995)

No encarte, textos em francês e português, com destaque para os seguintes fragmentos:

“Caruarú, Pernambuco, Nordeste do Brasil é mundialmente conhecida pelo seu artesanato e *pela sua música, 'o forró'*, tão importante nessa região como o samba na região do Rio de Janeiro” (destaque nosso)

“Se você procura uma das *originalidades da Música Popular Brasileira*, o endereço é fácil: vá a Caruarú!” (destaque nosso).

Seguindo ideia semelhante à deste encarte temos Onildo Almeida: “Caruaru é, na realidade, a Capital do Forró no Brasil [...], nenhuma cidade brasileira ostenta esta glória, pois o forró encontrou em Caruaru o seu berço, sendo esta música acolhida pelos habitantes caruaruenses”²⁸⁹. Criou-se uma relação muito forte entre esta música e a cidade de Caruaru: o forró como “tradição” nordestina²⁹⁰ e Caruaru como seu principal lugar²⁹¹. Por ser uma

²⁸⁹ Diário de Pernambuco, 28 de junho de 1980, p. B-5.

²⁹⁰ Lembramos as preocupações do encontro de uma “música legítima” brasileira indicadas por Napolitano (2002).

²⁹¹ Não é nossa intenção defender que há predominância de Caruaru sobre outras cidades como construtora de forró e cidade junina, mas, sim, indicar a construção de uma marca profundamente forte. Campina Grande, como já citado, também aspira a este espaço de força junina. Em 1985, o cantor Capilé foi incumbido da missão de gravar uma música oficial para o “São João de Campina Grande”: o resultado foi a canção “Campina Grande Capital Mundial do Forró”, dos quais extraímos os seguintes versos: “Grande Festa Nordestina / Forró a cada

referência de forró, constantemente, artistas caruaruenses de forró são convidados para apresentações em festivais de folclore no Brasil inteiro e, também, na França, Alemanha e demais países da Europa, bem como nos Estados Unidos da América. Alguns dos nomes mais recentes destas empreitadas têm sido Jacinto Silva, Valdir Santos, Herbert Lucena e Héleno dos 8 Baixos, todos cantores de forró.

Depois da canção gravada pelo Trio Nordestino até os dias atuais, diversas músicas seguiram com a mesma mensagem de associar Caruaru aos festejos juninos e ao forró²⁹². Alguns exemplos são: “Acenda uma fogueira no seu coração” (Juarez Santiago/Marrom – anexo B), “Quando Chega Junho” (João Falcão/Sérgio Kyrillos – anexo C), “Caruaru é Roma Pegando Fogo” (Carlos Fernando), “O Mundo Encantado do Forró” (Jacinto Silva – Anexo D). Prosseguiram, a partir dos anos 80, as migrações de “artistas-forrozeiros-estrangeiros” para Caruaru, em busca de espaço e aprendizado. Muitos artistas de cidades e estados próximos passaram a frequentar o ambiente caruaruense, mesmo residindo em suas cidades: Lulica dos Palmares, Savinho do Acordeon (Brejo da Madre de Deus), Gláucio Costa (Garanhuns), Alcymar Monteiro (sertão pernambucano), Jorge de Altinho (olindense radicado em Altinho, próximo a Caruaru), Santanna o Cantador (Juazeiro do Norte, Ceará), Josere (Agrestina), Assisão, Novinho da Paraíba, Elba Ramalho (Conceição do Piancó, PB), dentre outros. Artistas caruaruenses surgiram e consolidaram suas imagens de forrozeiros, com ajuda das rádios e de “padrinhos fortes”, dentre eles, Luiz Gonzaga: Elifas Júnior, Ezequias, Azulão, Héleno dos 8 Baixos, Bau dos 8 Baixos, Bibiu de Caruaru, Israel Filho.

3.3.4 Capital do Forró X Capital do São João

A festa junina caruaruense, nos anos 80, estava consolidada como prática cultural da população e como discurso a partir das músicas e atuação das emissoras e poderes públicos. Antes de ser transformada no atual formato de mega-evento, que não é o nosso foco de

segundo / Nós fazemos em Campina / O Maior São João do Mundo” (Capilé e Nino; Continental/Chantecler, 1985, compacto simples). Mesmo sendo um evento, hoje, nos mesmos moldes caruaruenses, ou seja, voltado para o espetáculo, o slogan criado por Capilé não rendeu para Campina Grande os mesmos frutos que a música do Trio Nordestino para Caruaru. No ano 2000, a gravadora BMG gravou, ao vivo, o CD “O melhor forró no Maior São João do Mundo”, em Campina Grande, tendo artistas como Zé Ramalho, Elba Ramalho, Fagner, Os 3 do Nordeste, Dominguinhos e Nando Cordel. Como já indicado, um estudo sobre esta construção discursiva de Campina Grande está em Lima (2002).

²⁹² Como já citamos, a pesquisa de Emanuel Leite sobre as músicas que tratam de Caruaru somam mais de 1.000 unidades, sendo a maioria delas forró.

pesquisa, a estrutura das comemorações juninas se dava nos moldes criados a partir dos anos 60 e consolidados nos anos 70: ruas enfeitadas, construção de palhoças para danças, marcação de quadrilhas e concursos organizados pelas emissoras de rádio; casas de shows (principalmente palhoções) com apresentações de forrozeiros de renome regional e nacional em alguns dias principais (dia dos namorados, vésperas e dias dos santos, etc); shows em espaços abertos patrocinados pelo poder público municipal, em alguns ambientes já conhecidos (Av. Rui Barbosa, Pátio da Coletoria Estadual, Alto do Moura); comemoração do Dia do Bacamarteiro e criação do Festival de Fogueteiros e Baloeiros (em 1986); manutenção dos elementos tidos como característicos de uma festa junina: fogueira, fogos, culinária, etc; grande movimentação turística; discurso, pelos poderes públicos, mídia, artistas e população, de que Caruaru seria o “maior e melhor São João do Brasil ou do Mundo” e de “Capital do Forró”.

Para completar este cenário, o prefeito José Queiroz de Lima (1983-1988) fez diversos investimentos públicos em propaganda nas emissoras de TV, rádio, nos jornais e revistas, além do convite de uma comitiva de jornalistas de diversas cidades brasileiras durante as festas de 1984. Sobre esta iniciativa, o articulista “Dr. Leite” escreveu na coluna “Turismo”:

O MAIOR SÃO JOÃO DO BRASIL

O nosso São João do Povo – Caruaru sempre teve tradição em seus festejos juninos, vivido pela alegria de seu povo, que sempre procurou realizar com seus próprios recursos grandes festividades populares ornamentando as ruas, fazendo concursos de quadrilhas, soltando balões, imensas fogueiras e todo o folclore riquíssimo na música. Tudo sempre foi regado com as casas cheias de suas famílias, ao redor da mesa, o pé de moleque, a pamponha, a canjica, o milho assado, o churrasco e tantas outras comidas e bebidas.

Uma conquista de José Queiroz – era preciso fazer mais, divulgar, incentivar, dar apoio financeiro e moral ampliando o que era uma simples festa numa atração turística de primeira grandeza, gerando recursos para a comunidade. Com esse pensamento o Governo atual desde os primeiros momentos começou o seu trabalho, hoje consolidado em todo o Brasil, vencendo as etapas e barreiras daqueles que não desejavam que fossemos O MELHOR DO BRASIL, bloqueando e tirando proveito para outras cidades, *procurando encobrir toda uma verdade existente*[grifo nosso]. O trabalho continuou e hoje realmente já não existem mais vozes que se levantem quanto a realidade de sermos realmente o melhor São João do Brasil. Bem

que houve uma última tentativa de cidade²⁹³ bem juntinha a nossa de ostentar este título.

Roteiro Turístico Nacional – é necessário agora com fatos comprovados ir à luta para que o Guia Nacional de Turismo, edição oficial da EMBRATUR com circulação grátis em todo território Nacional e no Mundo saia constando a nossa cidade como sendo realizado o “Maior São João do Brasil”. Luta essa através de contato travado pelos nossos parlamentares, pela própria municipalidade, EMPETUR, ou outros órgãos. Esforço para oficializar este evento, esta conquista real, em documento oficial, lido por turistas do Brasil e do Mundo e que serve de roteiro para as centenas de agências de viagens deste país. Temos certeza que isto será isto, pois o trabalho desenvolvido é sério pelo Exmo. Sr. Prefeito do Município de zelar pelo que é nosso.

Deste momento em diante, passando pelos anos 90 e chegando à primeira década do novo século, a festa junina de Caruaru continuou a crescer e, também, a sofrer mudanças (há que se salientar que Festa do Comércio e Carnaval desaparecem nesta década de 1990): o modelo de festa junina de rua entrou em decadência e praticamente desapareceu entre 1992 e 1995, ressurgindo, com outro formato, a partir das chamadas “Comidas Gigantes”. Consolidava-se a festa junina, porém, através do espetáculo. Este é, no entanto, um capítulo de uma nova história a ser construída.

²⁹³ Este texto do dr. Leite é de 1984. A gravação da música de Capilé sobre o São João de Campina Grande (nota 263) é de 1985: Campina Grande também buscava construir a sua identidade forrozeira e junina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas também têm história e, através delas, podemos compreender um pouco mais de quem as fez e faz. Das diversas festas de Caruaru, nossa pesquisa contemplou três delas, as suas principais, procurando compreender, a partir disto, as mudanças pelas quais passou a sociedade caruaruense entre os anos 50 e 80. Se, num primeiro momento, duas delas, Festa do Comércio e Carnaval, eram consideradas as mais tradicionais e importantes, narradas com riqueza de detalhes, empolgação e saudosismo, em textos jornalísticos e memorialísticos, num segundo momento, uma nova tradição festiva foi inventada: a festa junina no espaço urbano. Defendemos que foi inventada, pois, a celebração junina já era uma prática antiga não somente na cidade, mas, também, no Nordeste e, até mesmo, no Brasil e no entanto, não era uma “festa de Caruaru”, no sentido de movimentação, de mobilização, de união de esforços. Não era uma festa “oficial”. Festa do Comércio (Festa da Conceição) e Carnaval eram festejos oitocentistas em Caruaru, vivendo seus melhores momentos entre 1930 e 1960, principalmente nos anos 50, por causa dos financiamentos dos empresários do setor comercial. O festejo de São João passou a ser tomado por todos como “identidade” caruaruense somente a partir dos anos 60 e 70.

Questionamos, então: o que teria levado à diminuição da importância das festas tradicionais mais antigas? E, mais que isto, o que levou a cidade a construir outra festa, transformada em seu mais importante atrativo, seu mais importante “cartão de visitas”?

Festa do Comércio e Carnaval representavam uma Caruaru que, apesar de importante regionalmente, vivia outra realidade histórica, dentro das condições do Brasil anteriores aos anos 60. Uma Caruaru interiorana, menos aberta a influências externas, com uma população que sofria mudanças de forma mais lenta. Cidade de importantes atividades econômicas (algodão, couro, sinal, fibra de caroá, comércio, etc), concentradas nas mãos de poucos indivíduos, que através de seus recursos materiais e influências sociais, controlavam as festas da cidade em nível simbólico, como também controlavam a política. Cidade com poucas possibilidades de transporte até os anos 1950, ligada ao Recife e ao sertão pela estrada de ferro e por rodovias de difícil acesso, construídas simplesmente pela vontade dos transeuntes, sem ação do Estado.

Ao acompanhar as transformações brasileiras da época, a cidade mudou. Entre os anos 50 e 80, o Brasil passou por modificações históricas que, somadas às questões locais da cidade, fizeram com que a história de Caruaru fosse reordenada, inclusive nas suas práticas festivas. Destas mudanças nacionais e locais, houve a transformação das celebrações caruaruenses.

Em nível nacional, ocorria a modernização econômica capitalista, de Vargas até o “milagre econômico” dos militares. Indústrias e ampliação dos empregos formais, crescimento populacional, concentração urbana eram as tónicas daquele momento. A busca de emprego redesenhou o mapa das várias regiões: migrações internas e êxodo rural levavam e traziam contingentes de indivíduos que constituiriam suas novas histórias a partir de novas relações sociais e culturais firmadas nos destinos finais de suas viagens. Investimentos em rodovias e transportes automotivos facilitavam a integração das regiões já beneficiadas pela interação via rádio e TV: era preciso mostrar o Brasil como um todo, conhecê-lo de perto. Trabalhadores amparados na legislação trabalhista começavam a desfrutar do direito de férias remuneradas, incentivados a conhecer o Brasil através do turismo, principalmente o cultural. Na esteira do desenvolvimento dessa atividade econômica, órgãos e agências públicas e privadas de turismo apareciam, investindo nos filões que mostravam viabilidade.

Empresas multinacionais, nacionais ou regionais mudavam a lógica dos patrocínios e interessavam-se pela associação de suas marcas a bens culturais: surgiam, em maior escala, os patrocínios profissionais de pessoas jurídicas nas atividades esportivas e de lazer. Associadas à mídia radiofônica e televisiva, esta última em franco crescimento nos anos 60, os patrocinadores mandavam informações, por exemplo, sobre as festas e eventos que financiavam, mas esperavam receber retornos através da visibilidade do seu produto. Publicidade e propaganda tornavam-se essenciais em uma sociedade que via e vivia o crescimento do capitalismo. Esta sociedade capitalista passava a presenciar a mercantilização da vida, a espetacularização da vida: toda relação social deveria gerar renda e emprego. Artesanato, culinária, danças, músicas, enfim, bens culturais de forma geral, deveriam servir como fonte de investimento e crescimento do capitalismo. E as festas não ficariam fora disto. A festa, antes para rememorar o passado, evocado através da tradição, agora deveria focalizar a diversão, o lazer, o entretenimento, propiciando lucros. A festa deveria ser um espetáculo!

Em nível local, Caruaru reordenava seus elementos sócio-culturais e econômicos, dadas as influências nacionais, mas, também, as internas. Em termos econômicos, a

decadência das atividades ligadas à área agropastoril fazia com que as “classes conservadôras” perdessem parte do seu poder. Vários indivíduos das elites da cidade estavam chegando à velhice (ou mesmo já haviam falecido), não tendo interesses ou possibilidades de investirem no patrocínio das festas tradicionais, como o faziam anteriormente. Seus herdeiros e os novos ricos de outras atividades, sendo os possíveis substitutos da tradição, não demonstravam interesses ou percebiam que a lógica das festas havia mudado, trazendo a necessidade de mudanças, também, nas suas organizações. Não era mais o “empresário-pessoa física” que bancava a festa como forma de ostentação e ocupação de lugar social, mas, sim, a “empresa-pessoa jurídica”, interessada nos retornos possibilitados pela vinculação da marca de seu produto às comemorações.

Além disto, a população da cidade crescia em número de habitantes, tanto os filhos dos caruaruenses como dos migrantes, fazendo com que estes novos indivíduos não conhecessem as “fronteiras sociais” demarcadas pelas “classes conservadôras”. Assim como no cotidiano, nas festas, os anônimos passaram a circular pelos lugares próprios das elites, fazendo “invasões”: os moradores dos bairros pobres começaram a aparecer e ocupar os espaços que, antes, eram privilégios dos ricos. Surgiam clubes sociais populares e, também, de “novos ricos”, no final dos anos 50, que passaram a organizar bailes carnavalescos, festas juninas e encontros natalinos nos mesmos moldes dos clubes “granfinos”. Festas de bairro, nos moldes da Festa do Comércio, porém em menor porte e com menores recursos, eram um recado claro e preciso: o povo também pode/sabe festejar com pastoril, carrosséis e concursos de calouros. As multidões de anônimos que circulavam nas festas de fim de ano não se preocupavam em passear junto às barracas dos clubes sociais ou participar do “footing” das senhorinhas: o povão também sabia brincar de “quem-me-quer” e encontrar seus pares românticos.

Questões estruturais viabilizavam a chegada e a partida de indivíduos a Caruaru. As rodovias federais construídas no período, a facilitação do transporte terrestre (compras de automóveis e viagens regulares de ônibus) e os incentivos ao lazer, através das viagens, passavam a levar os caruaruenses ricos e de classe média a conhecerem outras histórias: as férias de janeiro eram emendadas com o Carnaval, que passava a ser festejado no litoral pernambucano, alagoano e paraibano, representando o novo eldorado da ostentação social: possuir/frequentar uma “casa de praia”. Quem ia veranear na praia, não ficava para o Carnaval e, por conseguinte, não deixava dinheiro em Caruaru. Outros Carnavais eram mostrados e brincados, sem a necessidade de tanto ônus: Recife, Olinda, Vitória de Santo

Antão estavam há poucos quilômetros de Caruaru. Agremiações carnavalescas populares caruaruenses perdiam seus “padrinhos” e não encontravam na prefeitura os recursos aos quais estavam acostumados para “por o bloco na rua”. Foliões famosos e patrocinadores “mão aberta” estavam em falta: alguns haviam morrido; outros não tinham interesses; uma parte deles ia embora de Caruaru, ver o Carnaval noutras praças. No fim do ano, outras práticas se formavam para a celebração natalina: ceia de Natal em família, comemorações nos ambientes de trabalho ou visita a parentes em cidades com outros atrativos, tais como praias, centros comerciais ou quaisquer outras possibilidades. A Festa do Comércio ainda recebia muita gente, sim, mas começava a carecer de sentido: não era mais vista pela população como a festa religiosa da Conceição dos tempos antigos, nem era mais vista (e bancada!) como Festa do Comércio. A população passava a preferir as celebrações natalinas particulares, tais como os famosos “amigos-secretos” e as ceias natalinas. As festas tradicionais da cidade, pouco a pouco, perdiam o seu “brilhantismo”. Este movimento de desaparecimento da festa começou no final dos anos 50 e início dos 60 e se estendeu até meados dos anos 90, quando se localizam as últimas festas carnavalescas oficiais e a última Festa do Comércio. Permaneceu, contudo, a celebração religiosa da Conceição.

A partir dos anos 60, no entanto, outras festas da cidade começavam a aparecer: as festas juninas. Estas festas estavam ganhando o espaço urbano em diversas cidades, seguindo o ritmo do crescimento populacional dos municípios: Recife, Natal e Campina Grande, só para citar alguns exemplos, começavam a vivenciar esta celebração a partir das camadas populares e da ação do Estado. Festejar São João já era uma tradição popular nordestina (e brasileira) desde tempos remotos. Não era, contudo, uma “festa caruaruense”, abraçada, em conjunto, pela população: estas festas, como vimos, eram familiares ou particulares, restritas a pequenas comunidades ou clubes sociais, em honra dos três santos. Entretanto, se as mudanças sócio-econômicas e culturais transformaram as outras festas de Caruaru, fazendo com que as mesmas diminuíssem em importância, fizeram com que o São João fosse transformado na mais forte festa de Caruaru, em seu maior fator de divulgação.

Para isto, contribuíram diversos fatores: em primeiro lugar, apontaríamos para o protagonismo popular, aliado à prática de celebração junina tão cara ao nordestino: festejar os santos João, Pedro e Antônio já era prática impregnada na população, sendo comum o uso dos diversos “caracteres” juninos (culinária, fogos, fogueira, forró, etc). Na festa junina, a população se via presente em cada fogueira, rua enfeitada e quadrilha que organizava.

A ação do Estado também se tornava mais presente na elaboração dos mecanismos de lazer: surgiram, na época, pastas públicas de educação, cultura e turismo, tendo como uma das função o estímulo das práticas lúdicas e a atividade turística: na década de 1960, encontramos os Departamentos municipais caruaruenses de Educação, Cultura e Turismo, ligados aos órgãos responsáveis por estas áreas nos níveis estadual e federal. A partir deles, houve grande incentivo, por exemplo, aos concursos de quadrilhas de bairros e escolas e à organização das festanças de rua.

A mídia também ocupou papel significativo. Os jornais Vanguarda e A Defesa, por exemplo, durante o período junino, faziam parcerias e divulgavam as programações, incentivando a celebração e ajudando a construir um espírito junino na cidade. Mas, foi a partir das emissoras de rádio que veio a maior contribuição: a cidade possuía três rádios AM, com vários comunicadores ocupando o espaço de divulgadores da cultura local. Programas de forró, estilo que passou a ser visto como música nordestina e próprio das festas juninas, eram realizados diariamente, durante o ano inteiro. No período junino, as rádios organizavam festas nos bairros ou simplesmente transmitiam as que já existiam: comunicadores levavam suas trupes, as “caravanas”, com repentistas, cordelistas, declamadores, emboladores e, principalmente, forrozeiros. Esta ação das emissoras ocorreu, ininterruptamente, entre 1962 e 1993, estimulando o surgimento de arraiais juninos por toda a cidade. Ruas eram premiadas por sua ornamentação, animação e organização. Quadrilhas matutas eram marcadas e casamentos matutos eram encenados. Para tais práticas, a própria população fazia arrecadação de dinheiro entre os moradores do logradouro, mas, também, entre empresários e políticos, interessados em casar seus produtos às suas contribuições.

A festa junina foi se tornando forte. A divulgação das três emissoras, para boa parte do Nordeste, consolidava Caruaru como cidade da festa de São João. Emissoras de televisão pernambucanas faziam transmissões dos folguedos juninos. Num momento em que o folclore era bastante debatido e defendido por certos intelectuais, Caruaru passava a ser vista como “cidade do folclore junino”. A EMPETUR, a partir de 1975, abraçou a festa. Alguém afirmou que ir a Caruaru era o mesmo que ir a Paris, devido às forças de sua cultura: Caruaru tinha Vitalino e seus seguidores, tinha os irmãos Condé, tinha a Feira e, a partir dali, o São João. Junto com Recife e Olinda, Caruaru formava a “trindade pernambucana” da cultura.

A festa junina de Caruaru começava a atrair turistas: a festa, vista como “folclórica”, virava um espetáculo. Atraía, também, artistas forrozeiros: com o espaço que estava sendo

criado, diversos cantores e compositores de forró vinham para Caruaru, não apenas no período junino, mas, durante o ano inteiro. Luiz Gonzaga era o principal deles, desde os anos 50: criador do “baião”, divulgador do forró e seus diversos ritmos, amigo de radialistas caruaruenses, tinha suas músicas tocadas diariamente nos programas de forró. A relação de Gonzaga com a cidade era manifestada por ele a partir da gravação de músicas que tratavam do lugar, ajudando na sua divulgação. Na voz do “rei do baião”, diversas músicas sobre Caruaru foram cantadas: “Forró de Zé Tatu”, “Sanfoneiro Zé Tatu”, “Feira de Caruaru”, “Aboio”, “Cidadão de Caruaru”. Seus seguidores forrozeiros prosseguiram esta prática e tática: Marinêz, Jackson do Pandeiro, Jacinto Silva, Azulão, Trio Nordestino, Três do Nordeste. No Brasil inteiro, músicas associando Caruaru ao Forró e ao ciclo junino passaram a ser ouvidas. Nos bairros fluminenses e paulistas habitados por nordestinos e descendentes, por exemplo, o forró era a música e Caruaru tinha um espaço especial: Forró era em Caruaru. São João, Forró e Caruaru eram prática, mas, também, discurso.

No final dos anos 70, veio a música que se transformou no principal discurso musical sobre o forró caruaruense: a canção gravada pelo Trio Nordestino, “Capital do Forró”, tornou-se a síntese do que era o festejo junino da época, um hino da cidade, cuja força permanece até nossos dias: a letra já não é atual, pois as festas de hoje têm outro formato, porém, o refrão é um *slogan* que faz Caruaru ser reconhecida nacional e, até, internacionalmente.

Casas de shows (palhoções), palhoças, quadrilhas, culinária, fogos de artifício, fogueiras, bacamarteiros, bandas de pífano e muito forró: era este o cenário das festas juninas caruaruenses em meados dos anos 80, quando a festa passou a ser organizada, basicamente, pelo poder público municipal: tornou-se festa do turista, festa do povo, festa do espetáculo.

E o Carnaval? E a Festa do Comércio? Sucumbiram, perderam o “brilhantismo”, perderam o lugar cultural em Caruaru: prefeitura e empresários as relegaram a segundo plano. Carnavais havia em outros lugares mais sedutores; outras práticas natalinas eram mais fortes que os passeios nos carrosséis que, afinal de contas, podiam ser vistos em qualquer lugar e em qualquer momento do ano. Carnaval e carrosséis há em qualquer lugar, mas, forró, só em Caruaru: Caruaru é a “Capital do Forró”!

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A – Fontes

1. Fontes Impressas

1.1 Periódicos

Jornal Vanguarda, Caruaru, 1932-1935; 1948-1949; 1955-1985

Jornal do Agreste, Caruaru, 1949.

Jornal A Defesa, Caruaru, 1934; 1935; 1965; 1966; 1982; 1984

Diário de Pernambuco, Recife, 1975-1980; 2009.

Jornal do Commércio, Recife, 1975-1980; 2009.

O ditador, Caruaru, 1949.

1.2 Revistas

Revista do Agreste, Caruaru, 1949-1953.

Revista Aru, Caruaru, 1949.

Revista Caruaru Hoje, 2000-2010.

Revista Veja (pesquisa online), 1970-1982, disponível em:
<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>

Revista Continente Multicultural, 2003; 2007; 2009.

Revista Gol Linhas Aéreas Inteligentes, junho de 2010

1.3 Documentos oficiais

Documentário Ilustrado do Primeiro Centenário da Cidade de Caruaru. Caruaru, Maio de

1957. Biblioteca do Colégio Diocesano de Caruaru, Rua Dep. Henrique Pinto, s/n, Centro, Caruaru.

2. Iconografia

- 2.1 Arquivo Particular Carlos Sá, Av. Rio Branco, s/n, Centro, Caruaru, Pernambuco.**
- 2.2 Arquivo Particular da família Lira, Rua 3 de Maio, s/n, Centro, Caruaru, Pernambuco.**
- 2.3 Arquivo Particular José Torres Bezerra, informações repassadas por e-mail.**
- 2.4 Arquivo Particular José Daniel da Silva, Rua Antônio Calu, 30, Riachão, Caruaru, Pernambuco.**

3. Discografia

- 3.1 Luiz Gonzaga**
- 3.2 Onildo Almeida**
- 3.3 Jackson do Pandeiro**
- 3.4 Jacinto Silva**
- 3.5 Trio Nordestino**
- 3.6 Acervo musical particular José Daniel da Silva, Rua Antônio Calu, 30, Riachão, Caruaru, Pernambuco.**
- 3.7 Acervo musical particular Hélder Cavalcanti**
- 3.8 Acervo musical particular Hérlon Cavalcanti**
- 3.9 “Caruaru – Capital do Forró”, coletânea, 1995.**
- 3.10 “Crônicas Musicais de Caruaru”, Carlos Fernando, 2007.**
- 3.11 “Campina Grande Capital Mundial do Forró”, Capilé, 1985.**

4. Fontes Orais (entrevistas)

- 4.1 Amaro Antônio da Silva**
- 4.2 Bernadete Maria da Silva**
- 4.3 Helena Vasconcelos**
- 4.4 Ivan Bulhões**
- 4.5 José Almeida**
- 4.6 João Luís**
- 4.7 Severino Antônio da Silva**
- 4.8 Severino de Souza Pepeu**

B - Bibliografia Específica

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes.** Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortês, 1999.

ALMEIDA, Marco Antônio Bettine; GUTIERREZ, Gustavo Luis. **O lazer no Brasil:** do Nacional-Desenvolvimentismo à Globalização. In Revista Conexões, v. 3, n. 1, 2005.

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira:** sentidos do festejar no país que "não é sério". Tese. USP, 1998. Disponível em www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html. acesso em 27/04/2006

ANDRADE, Manoel Correia de. **Geografia do Nordeste.** Recife: Atlas, 1987

_____. **A Terra e o Homem do Nordeste:** contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 6. Ed., Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Folganças populares:** festeos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no Século XIX. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; Fapemig; FCC, 2008.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas: máscaras do tempo:** entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996.

BAKHTIN. Mikhail Mikhaïlovitch. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2008.

BARBALHO, Nelson. **Caruaru do Cel. Neco Porto:** visão histórico e social, 1901-1904. Recife: CEPE, 1981.

_____. **Cronologia Pernambucana:** subsídios para a história do Agreste e do Sertão. – de 1776 a 1800. Vol. 9. Recife, Centro de Estudos de História Municipal/FIAM. 1983.

_____. **Cronologia Pernambucana:** subsídios para a história do Agreste e do Sertão. – de 1801 a 1810. Vol. 10. Recife, Centro de Estudos de História Municipal/FIAM. 1983.

_____. **Cronologia Pernambucana:** subsídios para a história do Agreste e do Sertão. – de 1811 a 1817. Vol. 11. Recife, Centro de Estudos de História Municipal/FIAM. 1983.

_____. **Cronologia Pernambucana:** subsídios para a história do Agreste e do Sertão. – de 1818 a 1821. Vol. 12. Recife, Centro de Estudos de História Municipal/FIAM. 1983.

_____. **Cronologia Pernambucana:** subsídios para a história do Agreste e do Sertão. – 1824. Vol. 14. Recife, Centro de Estudos de História Municipal/FIAM. 1983.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa.** Brasil – 1900 – 2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBOSA, José Marcelo Leal. **Luiz Gonzaga:** suas canções e seguidores. Teresina: Halley, 2007.

BARRETO, José Ricardo Paes (org), PEREIRA, Margarida Maria de Souza (org). **Festejos juninos:** uma tradição nordestina. Recife: Nova Presença, 2002.

BEZERRA, Agnaldo Fagundes. **Caminhantes de Caruaru.** Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 1980.

_____. **História de Caruaru.** Recife, Fundação Antônio dos Santos Abranches, 1983.

_____. **Universo do Rosário:** mundo de Zé Baé. Recife: o autor, 1989.

BEZERRA, Maria Luzinete de Lemos. **Sagradas Mulheres: mistérios, rezas e bênçãos histórias de benzação em Caruaru.** Recife: UFPE, 2005 (Dissertação de Mestrado em

BONALD NETO, Olímpio. **Bacamarte, pólvora e povo.** 3 ed. Recife: Bagaço, 2004.

BORBA FILHO, Hermilo. **Espetáculos populares no Nordeste**. 2 ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2007.

BORNHEIM, Gerd A. et al. **Cultura Brasileira: Tradição / Contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1987.

BOTAFOGO, Judite et al. **Os múltiplos caminhos dos festejos juninos**. Recife: Baraúna, 2005.

BRASIL, Decreto-lei 55, 18 nov. 1966. Define a Política Nacional do Turismo, cria o Conselho Nacional do Turismo e a Empresa Brasileira de Turismo.

BRASIL, Decreto-lei 74, 21 nov. 1966^a. Cria o Conselho Federal de Cultura.

CAMPOS, Renato Carneiro. **Bandas de Pífanos**. In SUASSUNA, Ariano. O Nordeste e sua música. Estudos Avançados. n 11, 1997.

CANNADINE, David. **Contexto, Execução e Significado do Ritual**: a Monarquia Britânica e a “Invenção da Tradição”, c. 1820 a 1977. In HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CANCLINI, Nestor García. **As Culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense. 1983.

CANO, Wilson. **Ensaios sobre a formação econômica regional do Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

CARMO, José Severino. **Pelos meus olhos**. Uma visão da vida, do tempo e dos fatos: vividos, ouvidos, narrados. Recife: o autor, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.

CASTRO, Celso Antonio Pinheiro de. **Sociologia Aplicada ao Turismo**. São Paulo: Atlas, 2002.

CHAVES, Christine de Alencar. **Festas da Política**: uma etnografia da modernidade no sertão (Buritis-MG). Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2003.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A festa do interior**: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal: EDUFRN, 2006.

_____. **Quando o campo está na cidade**: migração, identidade e festa. Revista Sociedade e Cultura, v. 10, jan./jun. 2007, p. 45 a 59.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do Turismo**. Política e Desenvolvimento do Turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2003.

ECHEVERRIA, Regina. **Gonzaguinha e Gonzagão**. São Paulo: Ediouro, 2006.

FARIAS, Edson. **Faces de uma festa-espetáculo**: redes e diversidades na montagem do ciclo junino em Caruaru. XI Encontro Nacional da Anpur. Revista Sociedade e Cultura, v.8, n. 1, jan/jul, 2005, p. 7 a 28.

FAOUR, Rodrigo. **Bastidores: Cauby Peixoto**: 50 anos do mito. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2007.

FERNANDES, Ivan Pereira; COELHO, Marcio Ferreira. **Economia do Turismo teoria & prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

FERREIRA, Josué Euzébio. **Ocupação Humana do Agreste Pernambucano**: uma abordagem antropológica para a História de Caruaru. Caruaru: Idéia, 2001.

_____. **Caruaru nos anos 60**: aspectos histórico-econômicos e educacionais in CALADO, Alder Júlio Ferreira (Org.) et al., Educação e Protagonismo: relatos e análises de experiências do cotidiano escolar e de outros espaços formativos. João Pessoa: Idéia, 2002.

FONSECA, Mário. **História da Diocese de Caruaru**. Caruaru, s/e, 1973.

FRANÇA, Humberto. **A Cidade e A Feira**. Caruaru: s/e, 2007.

FURTADO, Milton Braga. **Síntese da Economia Brasileira**. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

GIAMBIAGI, Fábio et al. **Economia Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

GREMAUD, Amaury Patrick. **Economia brasileira contemporânea**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **A Era dos Extremos e o Breve Século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LACERDA, Luiz; CASTELO BRANCO, Angelo; LIMA, Ana Cristina. **Trajetória de vitorioso**: a história de um homem que fez das adversidades um estímulo para a vida. Caruaru: os autores, 2005.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A Fábrica dos Sonhos**. A invenção da festa junina no espaço urbano. João Pessoa: Idéia, 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer**: uma introdução. 4^a ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MARQUES, Josabel Barreto. **Rua Preta e sua história**. Caruaru: o autor, 2006.

MELLO MORAES FILHO, **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1999.

MOURA, Roberto M. **Carnaval**: da redentora à praça do Apocalipse. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda. 1986

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco** (1921-1954), vol. 11 Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1986-1994.

NASCIMENTO, Mariana Cunha Mesquita do. **João, Manoel, Maciel Salustiano**: três gerações de artistas populares recriando os folguedos de Pernambuco. Recife: Ed. Associação Reviva, 2005.

OLIVEIRA, Gildson. **Luiz Gonzaga**: o matuto que conquistou o mundo. Brasília: Letraviva, 2000.

PRADO JR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RAMOS VASCONCELOS. **Crônicas de outros tempos**. Recife: o autor, 1992.

SANTOS, José Veridiano dos. **Falas da Cidade**: um estudo sobre as estratégias discursivas que constituíram historicamente a cidade de Caruaru-PE (1950-1970). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. Dissertação de Mestrado.

_____. FERREIRA, Josué Euzébio. **Caruaru, 150 anos**: produção histórico-literária e seus escritores. Caruaru: Edições FAFICA, 2008.

SILVA, Jailson Pereira da. FILHO, José Adilson. **Memórias da Tabosa**. Recife: Ed. COMUNIGRAF, 2006.

SILVA, Severino Vicente da. **Maracatu Estrela de Ouro de Aliança**: a saga de uma tradição. Recife: Editora Reviva, 2008.

SILVA, Uéliton Mendes da. **Luiz Gonzaga**: discografia do rei do baião. Salvador: BDA. 1997.

SOUZA, Odete Melo de. **Retalhos do Cotidiano**. Caruaru: Gráfica Estudantil, 2005.

TEJO, Aurélio Limeira. **Enéias**: memórias de uma geração ressentida. Porto Alegre: Ed. Globo, 1956.

TELES, José. **O baião no mundo**. Prefeitura do Recife. Secretaria de Cultura. Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2008.

_____. **Música**: a velha guarda do forró de Caruaru. Disponível em <www.nordesteweb.com/index.htm>. Acesso em 08/11/2009.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

TÔRRES, João Luiz. **Minha Vida**: Recife: o autor, 1976.

VICENTE, Ana Valéria. **Maracatu Rural** – o espetáculo como espaço social: um estudo sobre a valorização do popular através da imprensa e da mídia. Recife: Ed. Associação Reviva, 2005.

VICENTE, Tamisa Ramos. **Vamos Cirandar** – Políticas Públicas de Turismo e Cultura Popular: Festivais de Ciranda em Pernambuco 1960 – 1980.

C – Bibliografia Geral

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. PINSKY, Carla Basanezi. Fontes H. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BRUCKNER, Pascal. **A euforia perpétua**: ensaios sobre o dever de felicidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

BURKE, Peter (org). **A Escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Editora UNESP, 1992.

_____. **Variedades de história cultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CARDOSO, Ciro Flamarión. **História e Imagem:** os Exemplos da Fotografia e do Cinema. In _____ e VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano – Artes de fazer.** 9 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do Cotidiano 2: morar, cozinhar.** Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **A Escrita da História.** 2 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2007.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre dos Gatos, e outros episódios da história cultural francesa.** Rio de Janeiro: Graal, 1996.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos de História Oral.** São Paulo: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LUCA, Tania Regina. **Fontes Impressas:** história dos, nos e por meio dos periódicos. IR PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2006.

GINZBURG, Carlo. “**Sinais: raízes de um paradigma indiciário**” In _____. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História.** 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. 3.ed., São Paulo: Contexto, 2007.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jascques. A História Nova. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**: ensaios sobre a sociedade do hiperconsumo. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

MAYOL, Pierre. **O Bairro**. In A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música**: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. **Fontes audiovisuais: a História depois do papel**. In PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2006.

PESAVENTO. Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntic 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) et al. **Fontes Históricas**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. **História das Mentalidades e História Cultural.** In CARDOSO, Ciro Flamarion e _____ (orgs.) Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ANEXOS

ANEXO A – Ivan Bulhões, 80 anos, há 48 trabalha como comunicador nas rádios caruaruenses. Foi um dos responsáveis pela construção dos festejos juninos de rua nos anos 60 e 70.



Foto: José Daniel da Silva

ANEXO B – Letra da música “Acenda uma fogueira no seu coração” (Juarez Santiago/Marrom) – Músicas que tratam de São João e Forró em Caruaru

Acenda uma fogueira dentro do seu coração

Venha pra Caruaru brincar o melhor São João

Vem ver em Caruaru o que você nunca viu

Brincando em Caruaru, o melhor forró do Brasil

Tem forró lá no Palladium

Forró na Coletoria

Em todo canto forró

Vai até amanhecer o dia

Tem forró no meio da rua,

Nas palhoças e Palhoção

É Caruaru aceso dentro do seu coração

ANEXO C – Letra da música “Quando Chega Junho” (João Falcão/Sérgio Kyrillos) –
Músicas que tratam de São João e Forró em Caruaru

Quando chega junho em Caruaru
Acenda uma fogueira no seu coração
Quando chega junho em Caruaru
Todo dia é dia de São João
O que vira brincadeira vira a noite inteira
É que acende uma fogueira em cada coração
É forró pra todo lado e a gente rodando
O céu derramando estrelas
É São João em Caruaru
Acenda uma fogueira no seu coração

ANEXO D – Letra da música “O Mundo Encantado do Forró” (Jacinto Silva – gravação em Paris, França, no CD “Caruaru – Capital do Forró”, 1995) – Músicas que tratam de São João e Forró em Caruaru

Mineiro pau, mineiro pau

Conheça Caruaru

Mineiro pau, mineiro pau

O mundo encantado do forró

Mineiro pau, mineiro pau

É mesmo o mundo encantado

Mineiro pau, mineiro pau

Porque o forró lá é melhor

Mineiro pau, mineiro pau

Forró sem Caruaru

Mineiro pau, mineiro pau

Nunca pode ser forró

Mineiro pau, mineiro pau

Caruaru sem forró

Mineiro pau, mineiro pau

Também não é Caruaru

No mês de junho o forró na Coletoria

Começa cedo da tarde vai até o outro dia

No Forrozão, toda noite uma atração

É o mundo encantado do forró no São João

Mineiro pau, mineiro pau

Toda rua tem palhoça

Mineiro pau, mineiro pau

Toda casa tem fogueira

Mineiro pau, mineiro pau

O forró lá em Cíbiu

Mineiro pau, mineiro pau

Você dança a noite inteira

Mineiro pau, mineiro pau

No Espaço Cultural

Mineiro pau, mineiro pau

É cinco mulher pra um homem só

Mineiro pau, mineiro pau

Conheça Caruaru

Mineiro pau, mineiro pau

O mundo encantado do forró

Tem sanfoneiro, violeiro, forrozeiro

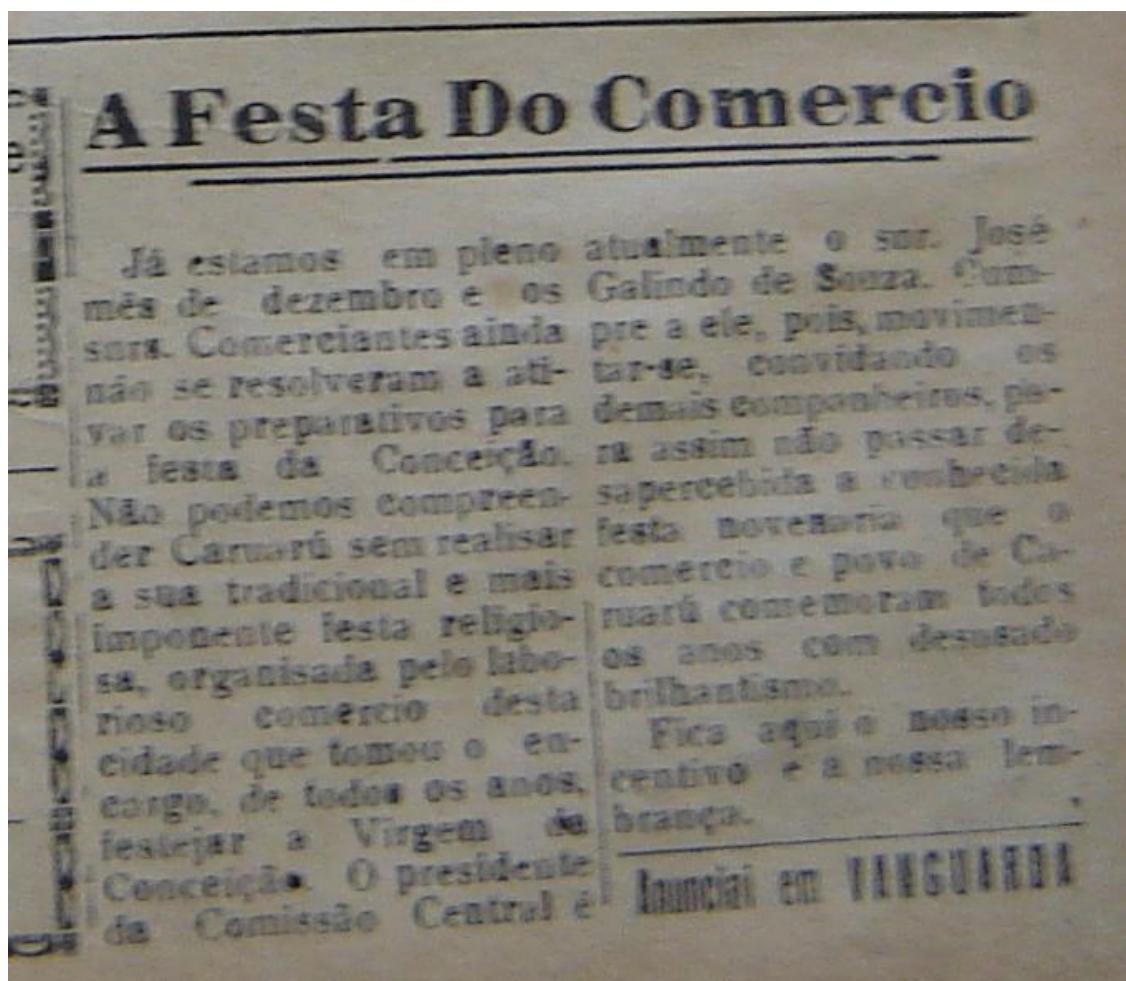
Também tem bacamarteiro festejando o São João

Tem coco de roda, tem quadrilha e tem forró

A noite num instante passa

E é grande a animação

ANEXO E – Detalhe da primeira menção da Festa de Nossa Senhora da Conceição com o nome de Festa do Comércio (VANGUARDA, 10 de dezembro de 1933).



ANEXO F – Detalhe da segunda menção à Festa de Nossa Senhora da Conceição como Festa do Comércio (VANGUARDA, 17 de dezembro de 1933).

